

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Editores: FRANCISCO ALVES & C.

Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro.

Rua Libero Badaró, 129 — S. Paulo.

Rua da Bahia, 1055 — Bello Horizonte.

ASSIGNATURAS :

Para o Brasil. um anno 7\$000
União Postal. " " 10\$000

REDACÇÃO : — RUA DO CATTETE, 39

SUMMARIO

A Paz	A. M.
Meninas e Meninos	Escragnolle Doria
O maior problema	Diniz Junior
O ensino primario	Clementina Trilho da Sil- va
Conceitos de um Jeca Tatú.	Mozart Lago
Girl Guides	—
Outr'ora	Escragnolle Doria
Prophylaxia das febres eru- ptivas	Leonel Gonzaga

Ruy Barbosa	Barbosa Rodrigues
Um appello	Anatole France
Cartas Serranas	Maria Stella
Através das Revistas	Helena
Breves considerações sobre o ensino da Geographia na Escola Primaria	Esmeralda M. de Azevedo
A Linguagem e a Gramma- tica	Afranio Peixoto

LIÇÕES E EXERCÍCIOS

A PAZ

Acaba de ser voltada a mais negra pagina, da Historia dos nossos tempos!

Pagina sinistra, escripta com o sangue de milhões de homens e em que as blasphemias, os estertores, as maldições, o desespero indescrivivel, ficaram gravados indelevelmente, deixando em todos a impressão dolorosa de um horrivel peza-dello!

A Paz foi assignada!

E' o esplendor de um dia claro, de sol fulgente, succedendo á negridão apavorante de uma noite tempestuosa! E' o sorriso suave, volvendo aos labios, hontem contrahidos pelo rictus feroz do odio, do desespero, do terror!

E' a primavera na sua louçania virente, succedendo ás tristezas profundas dos infindaveis dias hibernaes; dias de pavor em que a morte campeava dominadora, arrastando no seu perpasso as vidas preciosas que se offereciam em prolocausto á victoria!...

Volvem aos lares os lutadores heroicos, riso nos labios, satisfeitos pelo dever cumprido, em busca do trabalho tranquillo, compensador de que a luta os afastára!

Voltam á vida, aos labores dos campos, revolvidos pelas granadas, cortados pelas trincheiras, regados pelo sangue precioso dos que cahiram fulminados pela morte, sem a consolação suprema de lançarem o olhar agonizante para os seres queridos de quem se haviam separado!...

E' a Paz, a doce e sacrosanta Paz que chega, após tantos annos de martyrisante viver!

Canções suaves se fazem ouvir, hymnos vibrantes estragem pelos ares, numa demonstração forte de alegria infinda!...

E nos lares vasio, de onde o consolo das carinhosas demonstrações de affecto partiu para senpre, onde o luto deixou indelevel a mancha negra dos desesperos experimentados, nestes mesmos, ella é recebida com a calma resignação dos que curtem as amarguras do soffrimento quando elles dos desesperos experimentados, nestes mesmos, ouvem os hymnos alegres dos vencedores; dos seus olhos rolam lagrimas amargas da mais acerba saudade, dos seus labios, porém, não partem as maldições, as blasphemias!...E esta Paz tão almejada, exigida pela intensidade dos soffrimentos que irradiaram pelo mundo inteiro, esta Paz necessita ser mantida a todo transe para que se possa restabelecer o equilibrio social tão profundamente abalado.

Grandes foram os ensinamentos fornecidos por esse desencadear de paixões intensas. Aproveital-os, dirigindo-os convenientemente, eis o fim para onde todos os esforços devem convergir.

A' escola cabe o mais elevado papel neste trabalho formidavel de regeneração. Do seu seio devem sahir os futuros heróes de tão sacrosanta cruzada, e aos mestres, conscios das suas graves responsabilidades, incumbe para tal, preparal-os convenientemente.

A illusoria percepção de um mundo em absoluto perfeito desvaira os opprimidos da vida.

Na sua dolorosa obsessão procuram transformar o sonho em realidade, e para isso erguem-se nas impetuosidades violentas de loucos, para firmar na mais desenfreada anarchia o mundo de felicidades idealizado!

E' preciso educal-os, instruil-os, mostrar-lhes a vida nas suas dolorosas realidades, preparando-os para supportal-a com a resignação heica dos fortes! E a Paz, a suave quietação que succede ás terriveis e dolorosas agitações da guerra vem facilitar o cumprimento desta missão grandiosa embora difficil no momento que atravessamos.

Não lhes tolham, porém, os passos os escolhos da longa estrada a percorrer; e se o desanimo, nas suas tristes consequencias, ameaçar empolgal-os, lembrem-se de que dos seus esforços, somente delles, depende o futuro grandioso da Patria.

Compete-lhes o maior e o mais elevado papel no momento actual.

A crise formidavel por que acaba de passar o mundo deixou grandes sulcos na organização da sociedade.

E' preciso fazel-os desaparecer.

E' preciso cicatrizar as dolorosas chagas abertas, estancar as lagrimas que a morte fez derramar, e acima de tudo pregar a confraternisação, fazendo com que no coração dos pequeninos o odio não tenha guarida e nelle não se abrigue desejos ardentes de atrozes vinganças!

E', pois, ardua e difficil a missão imposta aos mestres.

Só elles na sua dedicação, na coragem que os distingue, na extraordinaria comprehensão das suas graves responsabilidades poderão rigorosamente cumpril-a!

Só delles depende o futuro do mundo.

O seu trabalho silencioso nas salas da escola irradiar-se-á por toda parte, fazendo esquecer dores passadas, martyrios soffridos!...

E sob o pallio grandioso da Paz os povos proseguirão na sua marcha triumphante para os seus destinos gloriosos de progresso e civilisação!

Abençoada Paz! . . .

A. M.

I — IDEAS E FACTOS

MENINAS E MENINOS

E' costume, sobretudo muito nosso, detrahir o passado sem exame ou consideração. O imperito acanha facilmente a vida e o esforço alheios. Quantas vezes se affirma, a golpes de lingua e de penna, que todos os nossos maiores existiram e morreram em ignorancia crassa, mesmo na capital do Imperio.

Vejamos, por exemplo, como se instruíam e educavam meninas e meninos no meio do segundo reinado, no Rio de Janeiro.

Numerosas senhoras encarregavam-se do myster de tornar moças prendadas meninas analphabetas ou bisonhas.

Não faltavam bons collegios para o sexo feminino, o sexo que os homens chamam fraco e tanto com elles caçoa.

Havia collegios da moda, como hoje, onde as meninas não só recebiam licções das professoras como formavam entre si amizades valiosas para o futuro convivio social.

Ensinavam-lhes linguas estrangeiras, bellas artes e sciencias. Aperfeiçoada a lingua, tão bella e sentimentalmente chamada materna, amestravam as discipulas no francez, idioma caro a todo o brasileiro, criterioso ou pateta, para effeitos differentes, de estudo ou macaqueação.

Lá uma outra alumna embrenhava-se pelo inglez, pelo allemão ou pelo italiano, a lingua italiana e a sua aprendizagem pagas a parte.

Nas bellas artes as meninas estudavam desenho, musica, dança e canto, materias tambem pagas em separado, e nas sciencias, historia, geographia, arithmetica, geometria, historia natural, principio de physica, tornando-se peritas na costura e no bordado, costura de diversas qualidades, bordados em lã, a branco, a matiz e a ouro.

Eram assim atrazadas as collegiaes de outr'ora. Com cincoenta a sessenta mil reis mensaes, de internato, habilitavam-se para o exercicio da mais seria das profissões arriscadas: a vida.

Objectarão, talvez, que tudo era ensinado e aprendido pela rama, mas, não ha negar, toda a nossa gente do passado formou uma sociedade caracteristica, com a qual frequentes vezes não nos ousamos medir e comparar.

Do collegio a menina passava outra vez para a familia, de onde só sahia para entrar em outra familia, pelo casamento, moça resplandecida, em geral por exemplos e virtudes. Algumas ainda existem, velhinhas, desejando a morte para não vêrem as netas e as bisnetas em tanto cinema, fallando de tantas fitas,

de torticolis no regresso dos campos de football...

Será isso o que se chamava na velha lingua-gem dos atrazados: "as prendas que aperfeiçoã a educação de uma menina"?

O menino sempre foi criado mais livre, mais solto, embora os rapazolas de outr'ora não fossem para o collegio senão acompanhados por um criado da casa e de mór confiança.

Os chamados "ramos de ensino" eram então mais copiosos que actualmente. Mesmo nos collegios dirigidos por ecclesiasticos figuravam no programma da educação masculina a musica, o desenho, a dança, a esgrima, a gymnastica.

O adolescente terminando as humanidades conhecia de tudo um pouco. Tanto podia não confundir a philosophia de Aristoteles com a de Platão conio tirar uma senhora para dançar, tanto empregar uma figura de rhetorica como distinguir o bemol do sustenido.

Verdadeiro espelho da instrucção secundaria, a grande instrucção substancial, era o Collegio de Pedro II, ao qual todos os estabelecimentos congeneres buscavam equiparar-se, no sentido nobre e desinteressado da palavra, depois tão deturpada.

"Collegio Escolha da Mocidade, Lyceu de Minerva, Collegio da Boa União", embora não muito logica a junção d'este substantivo áquelle adjectivo, uma porção de casas de ensino só aspiravam ser da sequella do "Pedro II", sabendo quanto o imperador o estimava, reitor honorario do collegio durante longo reinado, começado pela orphandade e findo pelo exilio.

De todos os collegios de outr'ora, máo grado a tenebrosa palmatoria e talvez por ella, levantou-se uma geração em honra da patria, que nos seus annaes escreveu numes e fastos inapagaveis.

Quem sabe se por isso, meninas e meninos do passado, sois de nenhum tomo na pouquidade do maximalissimo mundo moderno.

ESCRAIGNOLLE DORIA.

O MAIOR PROBLEMA

O Sr. Epitacio Pessoa, que se nos apresenta com a vantagem de ser um chefe de Estado que fala — isto é, que abre a bocca e diz o que pensa e o que quer — pronunciou, na Liga de Defesa Nacional, por occasião da festa de 7 de setembro, um pequeno discurso, em que a sóbria eloquencia deixou claro o pensamento do illustre orador.

Recebido, como seu presidente de honra, por aquelle conspicuo gremio, S. Ex. não perdeu a hora que passou num ambiente tão grato: — occupou-se da nacionalisação do ensino, medida salutar, de character urgentissimo, que, até hoje, não ha sido mais que uma vaga expressão com que se tem querido significar a necessidade de extinguir as escolas allemãs do sul do Brasil — só ellas! — como se igualmente perigosas não fossem todas as outras, cujo ensino deixasse de corresponder aos dictames e carencias da nossa soberania.

Póde dizer-se que o presidente da Republica seguiu a occasião pelos cabellos: o local era optimo para o discurso, excellente a oportunidade.

S. Ex. traçou o verdadeiro programma da Liga de Defesa Nacional, — porque, é preciso confessal-o, se algum fim possue essa nobre instituição, se motivos ha para a sua existencia, convenhamos em que esse fim, esses motivos põem a Liga na vanguarda dos que fazem a campanha pela educação.

Abordando, em seu feliz discurso, esse problema, digressando sobre ensino, o Sr. Epitacio Pessoa quiz — bem se vê — collocar as cousas nos seus devidos logares, lembrando que, em materia de defesa nacional, o que se deve fazer, inicialmente, é a escola, que precisa ser *brasileira*, e que o resto — o bom patriota, o bom cidadão, o bom soldado, como tudo mais que devamos ser no interesse da nação — é consequencia disso mesmo.

Sejámos francos: não ha instincto patriotico, mas consciencia patriotica. Pelo simples facto de haver brasileiros incultos, que, enquadados numa unidade do Exercito, se arrojem para a frente, em meio das batalhas, não se queira ver nisto o valor patriotico — digamos antes: convicções patrioticas — mas outras razões, que a physiologia e as condições rudimentares do individuo explicarão mais plausivelmente. Somos bravos por natureza. Mas, patriotismo é cultura. O tempo das guerras, em que se ia *brigar* para garantir o que era nosso, já se passou. Esse *o que é nosso* tem um nome, é uma expressão complexa, é a patria, que ninguém a possue, quando não a conhece, quando não a comprehende, não sabe explical-a, nem amal-a. O soldado moderno é um ser consciente, o cidadão que interrompe, por um determinado tempo, a sua vida civil, e faz, num quartel, sua educação militar, — dizemos educação militar, e não civica, porque se nos afigura que a presença de um qualquer cidadão numa caserna é já função de um estado de civismo anterior, consequencia da educação a que o sujeitaram, e que, segundo o conceito de

Anatole, o transformou com maiores poderes que o alimento e o proprio ar. Hoje, não se *briga* mais nas batalhas: combate-se. O soldado deixou de ser a expressão inconsciente. Elle mesmo carêce de pensar sempre, guiar-se sempre, ter *iniciativa tactica*.

O brasileiro é corajoso, pundonoroso, leal, com uma capacidade de affecto illimitada, pantheista: ama a sua terra, como ama o amigo, a familia. Quando digo brasileiro, certo é que me não refiro a essa inglória e infecunda geração de *almofadinhas*, que intoxica a vida urbana. Repórto-me ao homem do Brasil, a essa póbree victima de mil e uma endemias, de impostos e analphabetismo, que definha e enlanguesce nos sertões e a que Monteiro Lobato, o joven e illustre escriptor paulista, allude nos *Urupês*. Curem-no, dêem-lhe escolas — ponham um raio de luz no seu amor á terra, transfundam o seu *paysagismo* em véro patriotismo: ninguém será melhor cidadão, patria nenhuma terá melhores filhos.

Sem essa consciencia patriotica, sem esse estado de constante lucidez civica, nenhum povo sabe ao certo porque tenha deveres para com o fisco, porque deva pegar em armas em defesa do sólo patrio, porque deva julgar melhor que todas a sua lingua. De que nos serve o fugaz serviço militar — esse rapido convivio de um ou dois annos com a caserna — quando o soldado não esteja forrado das virtudes de um perfeito cidadão? Prêgar, apenas, a necessidade de sermos soldados seria, em qualquer lugar, um absurdo. No Brasil, com os 85% de analphabétos, que por ahi fóra se deperecem, e com as péssimas escolas, que unicamente instruem e não educam, é erro gravissimo.

Bilac, o excelso propugnador da formação da Liga de Defesa Nacional e do serviço militar obrigatorio, que, nessa glória campanha, teve sempre o nosso vivo applauso e a nossa mais leal assistencia, pronunciou, num dos seus inesqueciveis discursos daquelle tempo, estas incisivas palavras, que valem, até certo ponto, por uma synthese do programma da Liga:

"E não queremos sómente o quartel. Queremos que dentro de cada quartel haja uma aula primaria; e que ao lado de cada quartel haja uma aula profissional."

Nesse mesmo discurso, o grande apostolo disséra:

"Em materia de analphabetismo, isto é: em materia de incapacidade civica e moral, de inconsciencia, de animalidade vergonhosa, a nossa patria está superior a quase todas as nações da Europa e da America. Se é que póde haver alguma superioridade na vergonha e na ignominia."

Para que mais? Ligue-se a verdade tremenda destes conceitos á questão do serviço militar — qual fez o proprio Bilac — e reflecta-se um momento sobre a significação verdadeira das palavras do presidente da Republica.

Aquella escola primaria dentro de cada quartel, aquella escola profissional ao lado de cada quartel não é solução, mas contemporização; não é a cura, mas o palliativo. Não ha de ser para a criação dessas aulas, cuja necessidade se refere, apenas, aos brasileiros que, até hoje, não frequentaram escola alguma, e que não de acabar a vida sem olhos para ver e sem habitos arraigados de operosidade, sem esperanças, nem luz, que ahi vive a Liga de Defesa Nacional. A missão desta é a de preparar o futuro: pleitear a criação de escolas primarias, em que o ensino seja brasileiro, em que haja um ideal brasileiro dentro dos ideaes humanos, em que os methodos conduzam ao trabalho, e propagar o escotismo, cujos fins, cuja utilidade já se não ha mister de encarecer.

O que se nos impõe é vencer, conquistar o futuro.

Por hoje, contentemo-nos em ter, máu grado o esforço, a intelligencia e entusiasmo da moderna officialidade, máus soldados, como temos máus cidadãos.

Naquelle estado de incapacidade civica e moral, de inconsciencia, de animalidade vergonhosa e ignominia, a que attribuiu Bilac os nossos males e as nossas inferioridades, não ha existencia de cidadãos, mas vida de acampamento.

Não ha soldados, sem educação.

Uma simples praça moderna necessita comprehender um grande numero de normas de conducta, uma série complexa de deveres, além dos conhecimentos technicos, que requerem adeantada instrucção, cultura regular.

Uma das primeiras coisas que se explica a um soldado, num quartel moderno, é a noção do tiro. Dizem-lhe que se chama trajectoria o caminho que o projectil percorre no ar e, depois, entram em detalhes, como estes: ramos da trajectoria, vertice da trajectoria, ordenada maxima, linhas de tiro, de mira, de projecção e de visada, pontos de impacto, queda e chegada, angulos de projecção, de queda e outros, abscissas, phenomeno do tiro, movimentos de translação e rotação, velocidade, zona perigosa, espaço rasado, influencia do tempo em relação ao tiro de alça, rendimento do tiro, ordenadas das trajectorias em metros, acima e abaixo da linha de visada horizontal, precisão do fuzil ás distancias em metros, profundidade do espaço rasado, dispersão das balas no fogo colectivo... e que outras cousas, santo Deus, julgadas in-

dispensaveis, mas que, fatalmente, não de entrar por uma orelha e sair por outra, se o recruta não andar por um estado de desenvolvimento intellectual correspondente á difficuldade desses conhecimentos.

O serviço militar varia entre um e dois annos. Quando chegará o analphabeto a aprender a ler, quando chegará o soldado a ser soldado? Dadas as necessidades actuaes de um soldado de verdade, não ha tempo que lhe baste para cingir-se, exclusivamente, á technica da sua arma.

E de que servirá a simples desanalphabetização do pobre bisonho a quem o sorteio contemplou? Só com isto, conquista a patria um patriota e o Estado um cidadão?

Considerem-se essas difficuldades, essas necessidades, esses problemas. Ver-se-á que tudo isto se resume numa unica necessidade, num unico problema: — escola, educação.

Ninguem dirá que haja exercito, sem cidadania. Ninguem dirá que está não se faça na escola, e que será boa ou má, conforme a escola seja, boa ou má.

Ahi tem a Liga de Defesa Nacional o seu verdadeiro programma, cujo espirito afigurase-nos estar bem vivo nas palavras que o Sr. Epitacio Pessoa pronunciou no dia 7.

Eduquemos os que ainda estão em tempo de educar-se, o mais, inclusive o perfeito Exercito, expressão do vigor e da soberania da patria perfeita, virá naturalmente, suavemente, logicamente, mui especialmente se se fizer a nacionalização do ensino dentro dos moldes e com a extensão a que se reportou o presidente da Republica.

DINIZ JUNIOR.

O ENSINO PRIMARIO

O ensino primario, mantido pela Municipalidade, apesar de dispendioso, attende mui soffrivelmente ás necessidades da população.

Nem se diga que ha aqui o menor exaggero, que somos vencidos por um pessimismo louco. Para isso basta reflectirmos a cavalleiro de qualquer paixão ou interesse.

Calculando, sem receio de errar, que a população do Districto Federal orça por mais de um milhão de almas, e que dez por cento, pelo menos, formam o grupo dos que estão em condições de receber a primeira instrucção, temos que, para o numero avultado de cem mil creanças, são por demais deficientes as escolas que possuímos.

Força é, pois, que lhes augmentemos o numero, afim de que toda essa infancia que ahi está mergulhada em trévas e que será fatalmente a nossa mocidade de amanhã, possa

ser — instruida e educada — uma geração de homens cultos e virtuosas mães de familia.

Mas indagarão, por certo, os pessimistas — como poderemos crear novas escolas si, para manter as existentes, já não é pequena a despesa qu pesa sobre o orçamento municipal, consumindo-lhe grande parte da receita?

E quem não estiver familiarizado com o assumpto ou não se der ao trabalho de verificar quanto de verdade vae nesta pergunta, sentir-se-á plenamente convencido.

Pouco custa, porém, uma ligeira observação. E veremos que para chegar ao resultado que, no caso, é a diffusão do ensino, dois unicos factores bastam: a revisão das jubilações concedidas desde dez annos a esta parte e o aproveitamento do pessoal docente posto em disponibilidade.

Tanto no numero destes, como no daqueles, em maioria, ha elementos sadios, jovens e capazes que, conscienciosamente aproveitados, muito poderiam fazer ainda pela augusta causa da instrucção.

Dar-nos-ia esse trabalho um bom nucleo de competentes professores e teriamos resolvido, assim, sem augmento de despesa, apenas com o estorno de verbas, o difficil problema do pessoal docente.

Desse modo, augmentado o pessoal effectivo do magisterio e feita a sua distribuição de accordo com as necessidades da população escolar, adaptando-se melhormente os programas de ensino, sob um ponto de vista mais pratico do que o actual, facil seria attender com efficiencia ao analphabetismo reinante.

Verdade é que para completar tão magna obra teriamos necessidade de predios para a localização das novas escolas; e ahi, nos apontaram despesa de vulto, dada a escassez de proprios municipaes.

Mas esta objecção, com patriotica boa vontade, poderia ser demovida, tomando-se predios de aluguel até que as finanças municipaes pudessem tomar a incumbencia das construcções.

Realmente, até que isso se realizasse, sobre-carregaríamos o orçamento de elevada quantia; e esta não seria inferior a 360:000\$000 annuaes, sendo o augmento de 100 escolas á razão de 300\$000 mensaes.

Para o equilibrio orçamentario, entretanto, não seria absurda a criação de uma nova licença para a venda de bebidas alcoolicas nos dias de domingo, augmentando-se tambem a que pagam as suppostas casas de diversões em que se faz mercancia do jogo. O que deveria ser feito sob um criterio extremamente severo, de modo a diminuir o numero dos que usam e abusam do alcool e do jogo.

Certo, innumeras vozes clamariam contra as novas taxações: uma — difficultando a aquisição do alcool pelos menos favorecidos; e outra — diminuindo o numero dos que, sob o rotulo de casas de divertimentos, constróem bancas de jogo, alimentando o Vicio e corrompendo a Virtude.

E é aqui que está justamente o merito da medida: atacar violentamente as fontes da degradação social, dos maiores desvarios da especie humana, e abrir as portas de novos templos de luz aos filhos dos que lutam pela obtenção do pão quotidiano.

Era a conversão do vicio em virtude, da ignorancia em saber!

CLEMENTINA TRILHO DA SILVA.

CONCEITOS DE UM JÉCA TATU'...

Falar, no Brasil, é vicio. O brasileiro fala sobre tudo, discute sobre tudo tal qualmente fôsse o "Je sais tout" da Humanidade.

Tambem, em nenhum outro paiz do mundo, como no Brasil, as competencias se fazem tão improvisadamente; em nenhuma outra nação as reputações se desfazem tão rapidas e céleres.

Muito curioso seria o estudo das determinantes desse estado de coisas. Mas não é a isso que vimos. Queremos, apenas, perguntar: — será um mal esse vicio de falar?

Para nós, não. No fundo, a parlapatice dos brasileiros, em que pése ao brocardo de que "o silencio é de ouro" — representa algo que nos honra, denota a intelligencia do nosso povo.

Pena só é que se fale tanto e se faça tão pouco, até porque, no dia em que os brasileiros começarem a agir mais, certo falarão muito menos.

Ignoramos, por exemplo, se Emilio Faguet algum dia esteve no Brasil.

Estamos propensos a crêr, porém, que nunca. Acreditamos firmemente que se o feliz escriptor do "O terror das responsabilidades" houvesse vivido entre nós algum tempo, em nos vendo falar como falamos, pelo menos para nós não teria escripto esse seu lindissimo livro...

E' uma convicção que temos ao considerar o vicio de falar dos brasileiros, mas nem por isso nos julgamos contradictorios em nossa asserção: — é uma prova da nossa intelligencia essa facilidade dos brasileiros de discorrerem sobre todos os assumptos com desembaraço tal que nós seriamos já o povo mais poderoso do mundo se o factor utilidade entrasse sempre em nossas discussões, em nossas criticas, em nossas falções.

Viria aqui, a pello, definir o que entendemos por essa utilidade. Precisamos, no entanto, não ser cacetes. Prosigamos.

Como poderíamos, do nosso vicio de falar, extrair o grande bem que produz toda intelligencia ao serviço de uma alma sã?

A nosso vêr, de um modo muito simples. Temperando esse vicio com um defeito. "Dentada de cão cura-se com o pello do proprio cão". De resto, o exemplo dos outros povos é significativo.

Para o norte-americano, só existem os Estados Unidos; nada existe para os francezes melhor que a França; para os allemães a Alemanha ainda continua *über alles*; para os inglezes Deus nasceu na Inglaterra. Por que sómente o Brasil, para os brasileiros, nada tem que preste e de nada vale?

Não. Isto não é sincero. Precisamos incutir no animo do nosso povo o sentimento do orgulho, um conceito mais elevado de nós proprios, o sentimento de dignidade pessoal em dóse formidavel, sufficiente para que o possuamos, nós que não temos nenhum, na justa média em que reside a virtude, a efficiencia das coisas; precisamos ter mais orgulho, mais orgulho do que é nosso, do que é dos brasileiros, do que é do Brasil; precisamos ter mais orgulho da nossa nacionalidade para termos mais valôr no consenso das Nações!

Fale o brasileiro quanto queira, mas não abra a bocca contra o que é seu; discuta o brasileiro o mais que possa, mas não desdenhe das coisas que lhe pertencem; grite o brasileiro com todos os pulmões, mas para conseguir que o seu paiz se aperfeiçoe animado pela coragem de todos, confiante nas suas proprias forças e na capacidade de nossa gente.

Precisamos ter sempre em mente que somos ainda um povo que começa e que, sem fé, não ha remedio que salve os doentes desse immenso hospital que o Dr. Miguel Pereira disse ser o Brasil. A nossa crise é, sobretudo, de fé. Nós somos um paiz de scepticos *a priori*. Ahi está o nosso mal.

O adiantamento, a civilização, a grandeza dos povos estrangeiros passaram pelas mesmas etapas que vamos vencendo. Apenas, já-mais algum povo, como o brasileiro parece desejar, conseguiu elevar-se aos olhos do mundo, rebaixando-se perante si mesmo.

Reparae, por exemplo, que nós não possuímos nem ao menos o orgulho da nossa lingua. Vivemos aqui a estudar e a copiar a dos outros, descurados da nossa, enxertando-a estupidamente de termos e de expressões pedantes inteiramente dispensaveis.

Iniciae uma campanha, professores e mestres brasileiros; fundae uma Liga do Orgu-

lho Nacional, para mostrardes o Brasil aos brasileiros.

MOZART LAGO.

"GIRL GUIDES"

Procura-se crear na Capital da Republica a Obra das "Girl Guides", de accordo com a organização que lhe deu Lady Baden Powel, esposa de Sir Robert Baden Powel, fundador da Obra dos Boy Scouts, tão sympathicamente acceita na Inglaterra e em quasi todos os paizes do mundo. No Brasil, principalmente em S. Paulo, e nos ultimos annos aqui no Rio, graças á iniciativa do Insp. Escolar Elysio de Araujo e depois á acção da Liga da Defesa Nacional, que encontrou no Dr. Cicero Peregrino e no actual Director de Instrucção o mais franco, decidido e effizaz apoio, graças a elle, graças aos esforços do Capitão Freire de Vasconcellos, superintendente do escotismo nas escolas municipaes, e a um grupo de inspectores escolares, grande temido o desenvolvimento do escotismo entre nós, em Cascadura e no Meyer.

Foi agora lançada a idéa da criação das "Girl Guides".

Senhoras da alta sociedade sentem-se entusiasmadas pela obra e pretendem inicial-a e leval-a a cabo com muito brilho e proveito.

E' effectivamente um bello movimento este, porque se trata de uma obra social digna de toda a sympathia.

Visa a educação das meninas, preparando-as physica, intellectual e moralmente para vida activa e pratica.

Quem se lembrará hoje de negar a necessidade de dar á educação da mulher uma orientação mais seria, que lhe não tire as graças e os encantos do sexo, mas que a faça — filha, irmã, esposa ou mãe — honesta, laboriosa, forte e abnegada, sem contar exclusivamente com o apoio moral e material de um pae, irmão, esposo ou filho?

E quem lhe poderá negar o direito de aspirar a uma situação melhor do que a que lhe reserva um pae extremoso, que julga completa a sua missão si não a deixa analphabeta ou mesmo si consegue preparal-a sómente para brilhar na sociedade, capaz de se fazer comprehender em varios idiomas, tendo como unico ideal um bom casamento, um casamento que lhe permita despreoccupar-se da sua casa, dos filhos e das cousas praticas da vida? Quem lhe negará o direito de desejar levar para o lar que fúnda, um espirito capaz de fazer a felicidade do marido no desempenho de seus deveres de esposa e de mãe, um coração em condições de comprehender e bem apreciar um marido intelligente, que nella possa ver mais de que a dona de sua casa e a

mãe de seus filhos, uma companheira, uma confidente, uma conselheira, collaboradora sensata e criteriosa. que lhe torne agradável a vida e suaves as lutas de cada dia? Quem lhe negará o direito de levar para esse mesmo lar, que talvez não precise hoje mais do que o seu amor de esposa e de mãe, os elementos indispensaveis para educação dos filhos na prosperidade ou nos máos dias, quando a necessidade lhe vier bater á porta, permittindo-lhe com o seu trabalho honesto garantir a manutenção dos seus? Quem, sem fazer sorrir, poderá affirmar e tentar provar a inferioridade intellectual da mulher? E como duvidar de sua capacidade physica e moral depois das exuberantes provas que a grande guerra lhe permittiu revelar?

Mas tambem como negar a necessidade de se preparar para a situação nova que lhe foi creada?

E' urgente comprehender a obra da educação da mulher, dando-se-lhe pela hygiene e cultura physica uma saude vigorosa, condição basica de felicidade sua e dos seus, uma intelligencia esclarecida por meio de conhecimentos solidos e uteis, um coração varonil para sustentar as lutas da vida sem se lhe roubar thesouros de ternura, amor, dedicação e abnegação, que são os seus maiores encantos, e, com o amor á virtude, o respeito sagrado á sua dignidade uma alma capaz de amar e fazer amar a Patria com um amor ardente, incutindo pelo exemplo e pela palavra nos corações que a rodeiam, aspirações nobres e ideaes elevados.

E' obra sympathica, não ha duvida, a das Girl Guides, mas uma obra que exige para seu bom exito, além de muito boa vontade e dedicação e devotamento, além dos conhecimentos naturaes e da pratica quotidiana que a maternidade dá ás suas intelligentes emprehendedores aqui, uma comprehensão exacta do que é educação, a *pratica que só se adquire praticando*, o conhecimento da alma de nossas crianças e, finalmente, as condições que inspiram confiança e que dão esperança de bom exito — aquella aproximação que a escola dá ou já deu e que une, por laços muito estreitos, alumnas e mestras, sejam estas casadas ou solteiras, afastando preoccupações de raças, religiões, nacionalidades, castas e posição social. Não é obra de protecção directa e sensível, no sentido de separar em grupos distinctos protectores e protegidas. E' antes um complemento da obra da escola, que affirmar a superioridade da educação sobre a instrucção. E por isso afasta

em absoluto preoccupações politicas e religiosas, desejando acolher todos sem distincção de especie alguma. E' obra de aproximação: facilita o convívio, a troca de idéas, desenvolve o espirito de colleguismo, de associação e de solidariedade e ainda o espirito de abnegação e devotamento ao proximo.

Visa a formação do character, o preparo da intelligencia, o gosto e habilidade na execução dos trabalhos manuaes, tão desprezados pelas intellectuaes, os cuidados que na familia e na sociedade cabem de preferencia á mulher, ensinando-lhe o necessario para não julgar indispensavel o serviço de alguém, fazendo-a capaz de ser util em qualquer emergencia. Prepara, em summa a mulher para o lar e para a sociedade, não para a sociedade futil, que exhibe luxo e elegancia e despreza os deveres relativos á familia, prepara para vida social intensa, util a todos, velhos e moços, pobres e ricos.

São pontos de maior importancia, na obra, as obrigações relativas a Deus e á Patria, a dedicação no serviço do proximo e a fidelidade na observancia dos artigos do seu Codigo, que respira pureza, dá noção elevada dos principios de honra, valor inestimavel á palavra, salientando a belleza da lealdade e da sinceridade. Encerra o codigo um conjunto de deveres sagrados com relação ao proximo, um punhado de obrigações que levam a tornar forte a alma para as lutas mundanas, sorrir e cantar, mesmo quando em meio de dificuldades e revezes na vida, ensinando respeito ao bem alheio, pureza de pensamento, palavras e acções — amor e pratica da virtude.

Que não seja esta, entre nós, mais uma obra destinada, como tantas outras, a viver triste e pallidamente, á custa de pequeno grupo de devotados; que se não transformem e se não deturpem os seus fins, por falta de energia e capacidade. Mas, si entre nós não lograr o exito que esperam suas emprehendedoras, ficar-nos-ha alguma cousa; mais uma lição para as nossas educadoras. Será mais uma affirmação de que em logar de se pleitear direito de voto para a mulher, deve-se procurar imprimir á sua educação um character mais pratico, mais util e mais de accordo com as necessidades da epoca: saude e vigor physico, intelligencia esclarecida, perfeição moral, aquella belleza interior que eleva e ennobrece os menores actos da vida.

E não é da belleza e da perfeição da alma da mulher que depende a felicidade da familia, a tranquillidade da sociedade futura?

OUTR'ORA

Como em todas as épocas havia, em 1889, no Rio de Janeiro, ao findar do Imperio, numerosa classe de professores particulares. Entrava em concorrência ás vezes mais feliz, não raro mais desafortunada, com o magisterio official, escapo, pedagogicamente, á lei economica da offerta e da procura.

Professores de linguas, de sciencias, de musica, de pintura, de desenho, de natação, de esgrima, de dansa e de hippologia ensinavam, grandes e pequenos, mercê de grandes ou pequenas pagas, segundo o merecimento ou a simples fama do docente ou da bolsa dos paes do discipulo.

Os explicadores particulares davam lições na propria casa ou no domicilio do alumno. Existia quem as pagasse, excepcionalmente é verdade, a trezentos mil reis mensaes, entrando os professores officiaes, com mingua de numero e de lealdade, na caça das explicações de vulto. O medo do Imperador obrigava a cautelas.

No centro da cidade, nos suburbios, já muito desenvolvidos, o professor particular exercia a missão de padeiro espirital, admittida, como phrase feita, "o pão do espirito", isto é, o saber.

Dezenas e dezenas de pessoas, dos dous sexos, haviam subsistencia do magisterio particular, sob diversas fórmas, mais frequente, na classe, a diffusão do ensino secundario.

Os professores de mais geito ou de mais nomeada obtinham maiores proventos, reunindo os alumnos em cursos, para distribuírem "o pão do espirito", a tanto por fatia.

Os mestre mais obscuros ou menos espertos ficavam sujeitos ao espantallo das profissões liberaes, o calote, instituição universal muito veneravel talvez para os creadores, mas pouco do agrado das creaturas.

No fim do segundo reinado appareciam ás vezes duas inscrições annuaes para exames de preparatorios, providencia que os professores particulares acolhiam com prazer opposto á magua do calote. Os proprios estudantes maltratavam-o, cortando a syllaba final, reduzindo a deshonestidade á parceria com o conhecido supplicio dos dedos dos pés, nos tempos inclinados á chuva. O calo pedagogico tambem provocava contorsões e furores, como se nascido nas plantas.

Feito o tirocinio no magisterio particular, quão arduo, quão sujeito a toda a especie de vicissitudes, o professor privado entrava a leccionar em collegios de mór fama ou ascendia a cathedras officiaes, com proveito para todos, experiente o mestre sobre douto e, muitas vezes, doutor.

Luminosissimo exemplo, eis o Barão de Tautphoeus.

Em 1889, Amaro Cavalcanti leccionava latim, traduzindo eglogas antes de lidar, trinta annos depois, com as cifras da Prefeitura Municipal.

Arthur Azevedo, n'um sobrado da rua da Uruguayana, accitava discipulos de mathematicas elementares, talvez alguns d'elles espectadores das peças do mestre, talvez, porque no tempo o moço de familia ia ao theatro por excepção.

Hans Heilborn, na Republica, professor do Pedro II, director da Escola Normal, explicava linguas, bem como Hilario Peixoto, depois docente of-

ficial com saber e modestia, ambos raros e a ultima exaggerada.

O grande explicador de historia e geographia da época era Malheiros, Joaquim Mendes Malheiros. Azevedo Coimbra, João Pedro de Aquino, João José Luiz Vianna, na mathematica, não tinham mãos a medir.

Tambem davam cartas pedagogicas o Hevitt e o Jasper, no afamado curso commercial da rua do Rosario depois Eternato Gabalda, defronte da rua de Gonçalves Dias, predio demolido para o apparecimento da praça do mesmo nome.

Azevedo Pinheiro, para sempre o Pinheirinho, Maximino Maciel, Raul Guedes, estes dous na brecha até hoje, são tambem nomes inolvidaveis do tempo.

Entre os professores da pintura e desenho, de renome e alumnos, um puxa os outros, havia Souza Lobo, João Maximiano Mafra, Teixeira da Rocha, Pereira Netto, como entre os professores particulares de gymnastica tinham nome Higgins e Gonçalves Corrêa.

Fertin de Vasconcelos, Achilles Arnaud, Cavalier Darbilly, Pinzarrone, Henrique de Mesquita, Leopoldo Miguez, Oscar Guanabario e outros e outros lidavam com exito e notabilidade no ensino musical, nem sempre do agrado dos visinhos do alumno.

No mencionado ensino uma figura destacava-se, acompanhada pela sombra de grande saudade. Uma viuva, entre outras, ensinava piano para viver, mourejando em busca do pão de cada dia que, todas as manhãs, tanto requeremos ao Padre Nosso.

A viuva professora usava a alliança de casamento de Antonio Gonçalves Dias...

Escragnolle Doria.

PROPHYLAXIA DAS FEBRES ERUPTIVAS

Afastamento de alumnos e professores

Quando a doença contagiosa é produzida por microbios conhecidos, como a diptheria, a meningite cerebro-espinal, a febre typhoide, o afastamento dos alumnos ou professores pôde ser scientifica e rigorosamente determinado, pois que é facil saber pelo exame bacteriologico quando o individuo deixa de ser portador de germens.

No caso, porém, das doenças de germens desconhecidos, como o sarampo, a escarlatina, a variola, a varicella, etc., a questão se complica e tem-se que distinguir si se trata de doenças de germens resistentes ou frageis.

Entre as primeiras temos a variola e a escarlatina, por exemplo, cujos microorganismos productores resistem nas crostas da variola e nas escamas da escarlatina ás aggressões do meio exterior e conservam a virulencia por prazo bastante dilatado.

Quanto ao sarampo, rubeola, "quarta doença", varicella, caxumba e outras, os microbios não são bastante fortes para se conservar virulentos por muito tempo nem para ser transmitidos facilmente por contagio indirecto. isto é, por terceiras pessoas. Exceptuando os casos em que estas tenham contacto com o individuo doente e o são immediatamente, como é a situação, por exemplo, de uma mãe que cuida simultaneamente de dois filhos, um doente e outro não, em regra o contagio indirecto é limitado nos seus efeitos.

Mostra a observação clinica que muitos casos capitulados com resultantes do contagio por terceiras pessoas, não o são de facto: o contagio se fez directamente no tempo da incubação da doença, isto é, no periodo em que esta aparentemente não existia e em que entretanto já era contagiosa.

Como resolver, pois, a questão para essas infecções de microbios incognitos?

Não padece duvida que o individuo doente deve ser afastado do meio escolar por um tempo sufficiente para que cesse o perigo da contaminação, e esse prazo é em regra computado de accordo com o tempo de duração da doença mais o prazo que se julga necessario para que o individuo deixe de ser portador de germens. Assim, para a escarlatina e variola, esse prazo é de 40 dias, emquanto que para a varicella, sarampo e congeneres se estipula, em 16 dias, o periodo do afastamento.

Isso, portanto, é questão resolvida e passada em julgado.

Não se dá o mesmo, porém, em relação ás pessoas moradoras no mesmo domicilio do doente (irmãos, parentes, etc.).

Em hygiene escolar se consagrou como regra afastar essas pessoas por um prazo mais ou menos igual ao da incubação da doença, servindo para isso de base o principio de que durante esse tempo o individuo são aparentemente, pôde estar já affectado da infecção e portanto em condições de transmitir o virus.

Acho que o que não está ainda regrado scientificamente é o momento a partir do qual se começa a contar o tempo.

Seria preciso com rigor iniciar a contagem do periodo de afastamento das pessoas que cohabitam com o doente, no momento em que a doença deixa de ser contagiosa.

Tal exigencia, porém, não poderá ser attendida, visto como nada de positivo se sabe a esse respeito.

Não se conhece, por exemplo, o momento preciso em que um sarampo deixa de transmitir o virus infectuoso.

Por isso, na falta de dados mais seguros, o prazo de afastamento em geral é contado do periodo de invasão das infecções, periodo em que a doença parece ser mais contagiosa e em que em regra é a mesma descoberta.

O meu modo de vêr em relação ao sarampo, rubeola, quarta molestia, varicella e outras doenças contagiosas de germens frageis é que não é necessario o afastamento das pessoas que moram juntas com os doentes e que tenham já tido a doença.

Para essas pessoas basta, segundo penso,

A ESCOLA PRIMARIA

que tenham os cuidados usuaes de asseio corporal e mudança do vestuario no momento da ida para escola.

O mesmo não direi em relação á variola, escarlatina e outras de germens resistentes, na vigencia das quaes urge o afastamento de todos, doentes e visinhos.

Quanto á rubeola e "quarta doença", não especificadas no regulamento primitivo da Inspeção Medica Escolar do Districto, convém resolver si esses moradores devem ser afastados e porquanto tempo. O regulamento actual apenas resa que essas pessoas serão afastadas quando houver perigo de contagio.

Em relação á rubeola os tratadistas estrangeiros a equiparam ao sarampo.

Nada dizem relativamente ao tempo de afastamento para a quarta doença.

Como esta tem um periodo de incubação de 9 a 21 dias, de accordo com a regra atraz estipulada, deverá ser o afastamento das ditas pessoas por 21 dias, isto é, por um periodo maior do que o estipulado para o sarampo, o que é um absurdo, visto como se sabe ser a quarta doença de contagio menos duradouro do que o sarampo.

Ora, sendo o periodo de contagio da quarta doença mais curto e sendo esta, de facto, doença muito mais benigna do que sarampo e não havendo determinação regulamentar quanto ao afastamento das pessoas moradoras com os doentes, penso que se poderia decidir não ser necessario afastar essas pessoas do meio escolar.

E' um caso omisso e que comporta, a meu juizo, decisão nova.

DR. LEONEL GONZAGA.

RUY BARBOSA

"APOLOGIA"

Dos jornaes que promoveram as festas jubilaes de Ruy Barbosa ainda não se disse todo o bem que merecem. Não só porque a feliz lembrança assignalou o inicio do resgate de uma grande dívida, como ainda pelo que trouxe de alento numa hora que se carregava de sombras inquietadoras. Assim, quando, á força de uma tradição que é um opprobrio, já tanta gente se agitava na ancia de rebaixar a uns para agradar a outros, buscando recomendar-se a graças futuras pelo despalante na negação de favores que já se não podiam renovar — soou com um brado de castigo e um alerta de entusiasmo regenerador o movimento de applauso á excelsa figura do lidador indefesso. Era a voz de reunir moços e velhos, mulheres e crianças, magistrados e operarios, artistas e soldados, em torno de um velhinho sem bafejo de poder nem aura de commando, tão sómente para honrarem nelle o que o Brasil já teve de mais puro na riqueza de sua lingua, de mais solemne nos rumores de seu Forum e de mais variado na amplitude de seu saber, de mais

fulgurante nas pugnas da sua imprensa. Todos fomos assim chamados a unificar-nos num pensamento alto, a integrar-nos na idéa de que nem tudo se exgota e consome na trama em que nos enleia a miséria de todos os dias, procurando cada qual reaver, no applauso áquelles cincoenta annos de apostolado, um pouco de fé na grandeza de espirito, um pouco de amor ao trabalho que se paga nas alegrias da consciencia.

Em que pese aos scepticos tranquilos e aos ironistas amáveis, não vejo como melhor estimular o progresso intellectual dos moços senão mostrando-lhes, no esplendor da sua immensidade solitaria, a cabeça de Ruy Barbosa. O alcançar daquelle saber profundo e vasto, alcapremado pelas proprias forças, e dentro nas linhas apertadas do torrão natal — só não produz o alvoroço communicativo de uma ambição ardente nas almas que nasceram amortalhadas na frieza dos cynicos ou no marasmo dos imbecis.

Na só circumstancia do primor da sua prosa pôde firmar-se o prestigio de uma formosa lição. No culto da lingua como que se espiritualiza o patriotismo, subtrahindo á influencia das suas manifestações aggressivas a idéa de Patria, a irradiar num ambiente de glórias sympathicas e de orgulho tolerante. Os que levantam a nobreza da sua terra na sonoridade das letras ou na magia das artes, a ninguém, em parte nenhuma, suscitam prevenções nem despertam ciúmes, pois todos se integram numa só familia, numa só unidade, numa só força, que é a suprema grandeza do Universo.

Mas o que dizer, então, de quem, sem o interesse profissional, sem o dever tecnico da fórma, lhe empresta todas as seducções e todos os relevos, num anseio febril de perfeição? Num paiz de grandes grammaticos, de grandes romancistas, de grandes poetas, o que mais bem escreve, o que mais pura, mais rica e cantante e magestosa tem a lingua, não é grammatico, não é romancista, não é poeta!

Bem fez Ruy Barbosa em reinvidicar que fossem da sua propaganda, da sua evangelização, do seu apostolado civico, e não dos seus meritos litterarios, as festas com que o Brasil acordou em pulsos fatigados um latejar mais forte e quente. Dobra-se-lhe o valor, e mais ainda, quando se accentúa que nada assentaria melhor á substancia do seu apostolado do que as galas pagãs do seu estylo. Para alicerçar a grandeza e a prosperidade do Brasil nas festas vivas da instrucção integral; para propugnar pela nossa emancipação social mediante o respeito da lei; para conter nas linhas severas da responsabilidade legal as demasias do poder — que se fazia mais preciso do que o milagre do seu estylo, as pompas da sua linguagem? Aquillo que se reputa essencial á obra de arte, que, afinal, não dilata o circulo, sempre estreito, de seus iniciados — Ruy quill-o applicado, e triumphalmente o applicou, á sua correspondencia com a alma popular de seu paiz. Fez-se evangelista de propositos politicos, fez-se jornalista de ideaes politicos, fez-se tribuno de liberdades

politicas, com a graça, a variedade e o esplendor dos mestres da lingua nas sua creações immortaes. Ainda bem que assim actuou o evangelista singular. Nenhuma fórma duradoura de arte, nenhum cunho de perfeição indelevel mais necessarios que a fórma e o cunho da lei, que representa alguma cousa de imperecível e de eterno (revogada, faz-se historia), na fatal instabilidade das cousas humanas. Por isso Ruy a quiz harmoniosa e impecavel. Para isso lega-nos na *Replica* o seu mais vibrante cantico de guerra...

E do homem que assim tratou o Direito, se disse que tinha mais causas do que idéas, por ser mais advogado do que jurista! Foi isto num tempo em que o poder publico, enfeixado em mãos illetradas, era particularmente grato aos que hostilizavam o Embaixador do Brasil em Haya. Mais causas não teve Ruy, porque mais não lhe offereceram os destinos do Brasil nos cincoenta annos de seu reinado. A causa da Instrucção Publica, a da Abolição, a da Federação, a da Republica, a da Justiça na democracia, a das pequenas soberanias do mundo... Quem não vê logo que o requisito maximo do patrono de taes pleitos é a ausencia de idéas? E é por isso, porque Ruy Barbosa encara o direito pelo prisma estreito da advocacia, que elle se fez no Brasil, e talvez, na America, toda, o maior sabedor de Direito Publico e Constitucional. Ninguem ignora o que representa de renda certa nas lides do Pretorio essa especie de saber juridico, como ainda patente é o interesse do causidico em aprofundar-se no ramo do Direito em que Ruy foi sagrado mestre pelos mestres que com elle disputaram em Haya... O que, porém, tira, insophismavelmente, a limpo que as preoccupações juridicas de Ruy Barbosa cabem inteiras na salinha de seu escriptorio, é o facto de elle se haver especializado em Direito Publico Norte Americano, nos annos tranquilos do Imperio, isto é, onde e quando nenhuma probabilidade se lhe poderia deparar da mais leve referencia ao incomparavel thesouro accumulado...

E' tempo de parar: na massa immensa daquella frente, ha palavras para todas as idéas e idéas para todos os factos. Uma curiosidade inquieta e ardente debruçou sobre todas as realidades e exaltou á vertigem de todos os mysterios aquella alma *aux mille voix que Dieu mit au centre de tout comme un écho sonore*. E aos setenta annos, quando parecia que a combalira o choque da ingratição nacional, eis-a que, do alto de uma cathedra universitaria estrangeira, flagella, em accents biblicos de uma paixão poderosa, o povo-réo e o rei monstruoso. O fragor das armas não impede que chegue ao coração da Europa o acho da palavra magnifica. E a França e Belgica, com as mãos piedosas, tintas no sangue de seu martyrio divino, lançam o pequenino nome extranho, como gemma preciosa, nas paginas augustas da sua nobreza immortal.

Rio, 1919.

BARBOSA RODRIGUES.

UM APPELLO DE ANATOLE FRANCE AOS PROFESSORES

“Para reorganização do ensino primario contaes sómente comvosco.”

No congresso dos Syndicatos de professores, inaugurado em Tours, proferiu Anatole France as seguintes palavras:

“Cidadãos, caros amigos:

Volta para junto de vós, um velho camara-da, um amigo que esteve ao vosso lado, com o grande Jaurès, em 1906, quando iniciastes a lucta pelo direito syndical. Obtido esse direito, compete-vos hoje regular o seu uso. Eis o motivo da reunião de vossos syndicatos.

Tem ainda este Congresso outro fim, de capital importancia: a reorganização do ensino primario.

Para realizal-o, contaes sómente comvosco E' conselho da prudencia.

Com verdadeira alegrfa soube hontem, pela leitura de um jornal, o que pensa a este respeito o nosso amigo Glay:

“A guerra, disse elle, mostrou claramente que a educação popular de amanhã deve ser completamente differente da de outr'ora.”

Desejava ardentemente abrir-vos o meu coração, vejo com alegria que os vossos correspondem perfeitamente aos meus sentimentos.

Professoras, professores, caros amigos, dirijo-me a vós com ardente emoção, falo-vos hoje tremulo de inquietação e de esperanza.

E como não me sentir commovido ao pensar que em vossas mãos está o futuro, que o futuro será para a grande maioria o resultado do vosso espirito e dos vossos cuidados?

Formando a criança, determinareis os tempos futuros. Que grandiosa tarefa, na hora em que estamos, nesta grande derrocada de coisas, quando as velhas sociedades abatem sob o peso de suas faltas, quando vencedores e vencidos se abysmam, lado a lado, numa miseria commum, trocando olhares de odio!

Tendes tudo que fazer, tudo que reconstruir, na desordem social e moral criada pela guerra e consagrada pela paz que se lhe seguiu.

Levantae a coragem, elevae o vosso espirito!

Criae uma humanidade nova, despertae intelligencias, si não quizerdes que a Europa caia na imbecillidade, na barbaria.

Dir-vos-hão talvez: Para que serve tanto esforço? O homem não muda.”

Não! O homem tem mudado; mudou desde a idade das cavernas; ora melhor ora peor, muda com os meios, e é a educação que o transforma, tanto ou mais, talvez, que o ar e o alimento.

Sim; porque certamente não se pôde deixar subsistir, um momento sequer, a educação (quasi a mesma em todos os povos que se chamavam civilizados) esta educação que tornou possivel e favoreceu a horrivel catastrophe sob a qual meio submersos ainda nos achamos.

E' preciso, em primeiro logar, banir da escola tudo aquillo que possa fazer amar a guerra, e isto exigirá longos e constantes esforços, si todas as panoplias não forem, num dia proximo, arrancadas pela rajada da revolução universal.

Em nossa burguezia, e até mesmo em nosso proletariado, cultivam-se cuidadosamente os instinctos destruidores justamente assacados aos allemães.

Ha alguns dias e encantadora La Fouchardière pediu, numa livraria, livros para uma pequenita. Apresentaram-lhe apenas descrições e pinturas de montes, chacinas, massacres e exterminações. Ver-se-hão no proximo carnaval, em Paris e nos campos Elyseos e nos boulevards, milhares e milhares de rapasitos vestidos, pelo cuidado inepto das mães, de generaes e marechaes.

Mostrar-lhes-ha o cinema as bellezas da guerra e, assim, serão preparados para o officio militar. E enquanto houver soldados haverá guerras, porque os vossos diplomatas deixaram o fermento nos allemães para a poderem manter entre vós. Preparam-se, desde o berço, militares.

E' preciso, meus amigos, acabar com estes habitos perigosos.

Faça o professor a criança amar a paz e seus trabalhos, ensine-lhe a detestar a guerra. Procure banir do ensino tudo aquillo que excita odio pelo estrangeiro, odio mesmo pelo inimigo de hontem. Não que se deva ser indulgente para o crime e absolver todos os culpados, mas porque um povo, qualquer que seja elle, em qualquer época, é formado mais por victimas do que por criminosos, porque se não deve executar o castigo, que mereceram os máos, sobre gerações innocentes, e porque, finalmente, todos os povos têm muito que perder uns aos outros.

Num bello livro que acaba de sahir e cuja leitura vos aconselho, “Les mairs propres”,

um ensaio de educação sem dogma, pronunciou Miguel Corday, estas bellas palavras, que cito em auxilio das minhas: "Odeio aquelle que deprime o homem até ao nível da besta, obrigando-o a atirar-se sobre quem se não lhe assemelhe".

Oh! Desejo com todas as minhas forças a sua desaparição da superficie da terra. Só experimento odio pelo odio!

Tornae, meus amigos, odioso o odio. E' o mais necessario, é o mais simples de vossa tarefa.

O estado em que uma guerra devastadora collocou a França e o mundo inteiro, impõe-vos deveres de extrema complexidade e, por conseguinte, mais difficeis de cumprir. Perdoae-me a repetição: é o grande ponto de que tudo depende. Deveis, sem esperança de auxilio e de apoio, sem mesmo consentimento, mudar completamente o ensino primario afim de formar operarios.

Em nossa sociedade só ha hoje lugar para os operarios: o resto será arrastado pela tormenta.

Formae operarios intelligentes, instruidos nas artes que executam, sabendo o que devem á comunidade nacional e á comunidade humana.

Queimae, destrui todos os livros que ensinam o odio!

Exaltae o trabalho e o amor!

Formae homens conscientes, capazes de calcar aos pés os vãos esplendores das glorias barbaras, capazes de resistir ás ambições sanguinarias dos nacionalismos e dos imperialismos que lhes assassinaram os paes.

Jámais rivalidades industriaes, jamais guerras: o trabalho e a paz!

Queiram ou não, chegou a hora de ser cidadão do mundo ou de vêr morrer toda a civilização.

Permitti, meus amigos que formule um voto bem ardente, expresso de forma muito breve e muito incompleta, mas cuja idéa principal afigura-se-me de natureza a penetrar todos os espiritos generosos.

Desejo de todo o coração que bem depressa á Internacional operaria se venha juntar a delegação dos professores de todas as nações para preparar em commum um ensino universal e tratar dos meios de semear em todas as jovens intelligencias as idéas de onde sahirão a paz do mundo e a união dos povos.

Razão, sabedoria, intelligencia, forças de espirito e do coração, vós, que eu sempre piedosamente invoquei, vinde a mim, sustentae a minha fraca voz, transportae-a, si possível fôr, e espalhae-a por toda a parte onde se encontrarem homens de boa vontade para ouvir a Verdade benefica.

Nasceu uma nova ordem de coisas. Morrem as potencias do mal envenenadas pelo proprio crime.

Os cupidos e os cruéis, os devoradores de povos rebentam uma indigestão de sangue. No emtanto, duramente attingidos por senhores cegos e scelerados; mobilisados, dirimidos, ficam os operarios de pé, vão-se unir para formar um proletariado unico, universal.

E veremos realizar-se a grande prophecia socialista: "A união dos operarios fará a paz do mundo".

II. — A ESCOLA

CARTAS SERRANAS

IX

Bondosa Collega:

O seu gosto pela Mathematica é conhecido por min desde o tempo em que, viva e estudiosa, a sua figurinha gentil se salientava entre as demais nos bancos da escola primaria.

E a velha mestra sente os olhos humidos ao recordar esse bando alacre e promettedor que a cercava e que, dividido agora, são como que pedaços de sua alma esparsos pelo mundo.

Felizes as mestras que podem ver nos discipulos compensado o seu labor e justificadas as suas esperanças.

Assim, a minha intelligente alumna de outr'ora, hoje prezadissima Collega, traz-me, com as suas bondosas cartas, um hausto novo de vida, que é como que a transfusão da propria actividade cerebral, através das palavras escriptas, que me vêm sacudir da triste nostalgia em que me sinto ás vezes, nos momentos de recordações e saudades.

Mas a minha insinuante missivista deixou de ser a soffrega collegial, attenta ás aulas para tornar-se a professora que discute e transmite criterios e impressões.

E Você me confessa, na ultima carta, a alegria que sente em ver desenvolver-se nos discipulos o gosto pelo calculo e o prazer pelos exercicios arithmeticos.

Realmente, a Mathematica é um elemento valiosissimo de educação cerebral, porque methodiza o pensamento, desenvolve o raciocinio e fortalece, principalmente, a personalidade infantil pela energia proveniente da certeza das conclusões e da confiança nos resultados.

O seu estudo e as suas applicações são, assim, uma verdadeira gymnastica cerebral, concorrendo efficazmente para o desenvolvimento das faculdades psychicas da criança.

Os problemas que obrigam a selecção entre dados diversos e levam a deducções e conclusões, são poderoso elemento educativo, de consequencias inestimaveis.

As primeiras noções de calculo e o estudo da taboada devem ser, entretanto, ministrados com o maximo cuidado, para que não degenerem em meio deprimente das forças mentaes, falhando assim completamente ao escopo pedagogico.

E' facto já commummente sabido que a instrucção só póde produzir bom proveito empregada como meio e não como fim.

Quando damos á criança as primeiras noções scientificas, não podemos ter como pre-

ocupação principal, conseguir que ella se apodere dessas noções, mas sim que por meio delias tenhamos concorrido para o desenvolvimento gradual e harmonico de suas forças cerebraes, para a formação da sua mentalidade.

Assim, conhecimentos que poderiam, ás vezes, ser ministrados em poucas horas, occupam-nos vasto tempo, porque com elles procuramos, acordar as actividades latentes dos cerebros em formação. E de tal sorte, que as noções devem penetrar-lhes a comprehensão e tornarem-se patrimonio proprio, quasi inconscientemente, sem que percebam que estão aprendendo.

Com a taboada devemos agir com a mesma cautela. Os exercicios serão empregados gradualmente, sem esforço, antes como um recreio ao espirito, ou como prazer de estudo.

Fórmr esse estudo obrigação estafante da attenção seria o mesmo que, com os exercicios physicos de gymnastica, procurar cansar os membros ou desenvolver, como os atletas, certos orgãos, em detrimento de outros.

Infelizmente, porém, isso não se verifica raramente em nossas escolas primarias. Muitas professoras, esquecendo-se do seu mistér de educadoras e preocupadas apenas em tornar os alumnos fortes em taboada, condemnam os probrezinhos a uma tarefa que lhes mortifica as forças acquisitivas, além de roubar-lhes o estímulo ao estudo.

Não ha duvida que a criança deve ter o conhecimento da taboada e que essa materia, sendo ensinada concretamente, com a concepção exacta das quantidades, só vae, entretanto, servir realmente ao calculo quando, deixando o dominio do consciente, passa para o inconsciente. Isso, aliás, se dá com todas as leis scientificas que só são nossas realmente quando inconscientemente as sabemos. *L'éducation est l'art de faire passer le conscient dans l'inconscient.* (Gustavo Le Bon).

Mas para que o alumno tenha como patrimonio proprio esse conhecimento, para que inconscientemente saiba a taboada, é imprescindivel a repetição de exercicios, dados, porém, com o cuidado necessario de molde que possa o discipulo aproveitar-se de todo o esforço despendido, o que não se verifica quando se lhe exige mais do que póde dar.

Desde que as contas comecem a fatigar o estudante, estão sendo demais para a intelligencia e só poderão produzir máos fructos.

E' preciso, minha prezada Collega, não se entusiasmar muito com as victorias alcançadas no ensino, que o entusiasmo leva muitas

vezes a professora a excessos prejudicialismos.

A nossa missão não é só *construir*, mas também *corrigir*, *aprimorar* e principalmente *evitar*. E' em saber *evitar*, é na applicação da *hygiene educativa* que vamos empregar mais proficuamente o nosso tacto pedagogico, com uma responsabilidade inestimavel.

Edificar sem destruir, corrigir sem deprimir e evitar sem cercear o espirito, antes suprimindo-lhe as falhas e amparando-lhe as tendencias, sem prejuizo de outras faculdades — eis a missão da educadora.

Si soubessemos bem medir a responsabilidade que nos cabe, talvez não tivéssemos coragem para tão difficil tarefa.

Ensinar é quasi nada, educar é tudo, e só educando é que se comprehende o ensino, porque ensinar é carrear materiaes e educar é aproveitá-los e conjugal-los nas suas utilidades suggestivas e productivas.

Não é demais citar aqui palavras de Manoel Momfim, um dos maiores, senão o maior, dos nossos pedagogos, o qual diz textualmente: "A função essencial do professor é methodizar activamente a intelligencia do alumno, e isso se obtém quando se considera o ensino como parte integrante da educação mental. Só desse modo se realiza a instrução racional e fecunda". (Lições de Pedagogia).

Cuidado, minha boa Amiga, com as manifestações mentaes dos seus discipulos!

São forças novas que anceiam expandir-se e para isso precisam de alimento ás energias, ao invés de sobrecarga ás possibilidades.

Com estas impertinencias receba as saudades de

MARIA STELLA.

Mendes, 5 — 1919.

ATRAVÉS DAS REVISTAS

Obediencia

A obediencia entre os alumnos. Vantagens e necessidade della para a educação e para a vida.

Todo professor exige a obediencia dos alumnos que lhe são confiados. Esta obediencia póde ser uma submissão servil, machinal, ou forçada e contrafeita, então será uma obediencia mediocre. Ella deve consistir numa docilidade empenhada na execução daquillo que lhes é ordenado: queremol-a immediata, inteira e voluntaria.

Valor da obediencia — condição de toda educação — Sob o ponto de vista individual, não é mister, para instruir-se que a criança se submetta incondicionalmente aos metho-

dos, aos processos do professor: a obediencia se revela pela attenção, pela observação escrupulosa de suas lições.

Para a educação propriamente dita, não póde sosinha conduzir-se a criança, falta-lhe a experiencia, a reflexão e a vontade.

Ella necessita de um guia que por ella pense e reflecta, que lhe aponte os erros e as inconveniencias. E' obedecendo ao que lhe prescrever o professor que ella adquire excellentes habitos (ordem, applicação, polidez, etc.), que são uma garantia de moralidade para o presente e para o futuro.

Sob o ponto de vista collectivo, não é menos necessaria a obediencia; toda a desobediencia em realidade prejudica a ordem indispensavel ao trabalho e á harmonia de uma classe. O professor não póde tolerar a sem ferir a sua autoridade, e sem risco de ver o máo exemplo imitado por outros alumnos, o que traria pouco a pouco a indisciplina habitual e a anarchia. O habito da obediencia torna a disciplina mais facil para o mestre e mais agradavelmente praticada pelos alumnos.

A obediencia na vida — Obedecer é um dever que não escolhe idade. O menino que se habituou a seguir as instrucções do seu preceptor, quando aprendiz, será docil aos conselhos de seu guia; quando soldado, cumprirá prompta e escrupulosamente as ordens dos seus commandantes. O cidadão tambem se deve curvar diante da autoridade e sobretudo diante da lei (temos necessidade de alguns progressos nesse sentido).

No presupposto de que a criança se torne um chefe, um preceptor, o espirito de obediencia educado na escola, ser-lhe-á salutar: para saber mandar é preciso primeiro saber obedecer.

Mas espiritos tocados de liberalismo integral nos observarão que arrastando a criança á obediencia, habitual-a-emos á submissão, á subordinação absoluta, compromettendo a formação da sua personalidade e da sua vontade.

Não. A obediencia que queremos obter dos alumnos e que, nas crianças, deve ser inteira e immediata, sem discussão, faz-se tanto mais esclarecida e reflectida quanto mais em idade crescem os alumnos. Quando elles puderem comprehender, dar-lhe-emos os motivos das nossas exigencias, faremos um apello á sua reflexão, não cahiremos no excesso, entretanto, lembrando-nos que a verdadeira liberdade não é o triumpho do capricho individual, mas a pratica voluntaria do dever.

Meios de obter a obediencia — Devemos desde logo reconhecer que a missão do professor torna-se menos ardua, si a criança, na familia, se habituou a obedecer aos paes.

Então, passa para as mãos do mestre, do cil e submissa. Si, ao contrario, os paes deixam o filho fazer todas as vontades, quando alumno, soffrerá os castigos que lhe impuzer o preceptor, resistirá á sua influencia, oppondo-lhe a sua inercia, a sua má vontade ou mesmo a sua hostilidade, occulta ou manifesta.

E' preciso attender á idade dos alumnos — A's crianças, deve-se exigir obediencia immediata e absoluta e "sem retorção", pode-se dizer.

Seria absurdo querer fazer comprehender a alumnos de seis ou mesmo de oito annos, as razões de tudo que delles se exige (applicação, silencio em aula, etc.). As crianças, além do mais, ao lado da sua ignorancia e do sentimento da propria fraqueza, tem uma malleabilidade natural que as leva a aceitar instinctivamente os exemplos dos pais e do professor. Cumpre-nos sempre que pudermos, juntar a estes sentimentos, o affecto, tão fecundo em bons resultados. O desejo de agradar ao professor, de obter delle uma boa nota basta para determinar na criança os esforços compatíveis com a sua idade.

Nos cursos medio e complementar podemos dar as razões das nossas exigencias e das nossas prohibições, proceder pela persuasão e exigir que os alumnos adhiram voluntariamente ao regimen escolar.

Mas evitemos os longos discursos: que as nossas explicações sejam sobrias, nitidas e claras. Todavia, não nos devemos tornar massudos; seria dar ensejo á malignidade de certos alumnos, de espirito ponderado e chocarreiro.

Existe, para todas as idades, uma arte de se fazer obedecer. Certos professores parecem ignorar essa verdade: suas ordens não encontram senão indifferença entre os alumnos, quando não provocam o ridiculo ou o repudio. Pobres mestres que se desmoralizam e cuja influencia é nulla!

Para fazer-se obedecer, é preciso ordenar com calma, mas com firmeza e segurança, não ordenar senão cousas justas, velar, com perseverança benevola, mas incansavel, á execução das ordens dadas, impellir com branda tenacidade os desobedientes á observancia das prescrições dictadas.

Acontece que alguns alumnos resistem á autoridade do professor, accidentalmente, ou pelo regimen de sua terra. Um unico meio existe para convencel-os: as punições, o castigo material. Isso não quer dizer que seja preciso recorrer á violencia, mas é necessario que a indisciplina seja vencida por uma energia paciente da parte do professor, que opporá a sua vontade ao conluio dos indocéis.

Sua vantagem será tanto mais consideravel

quanto maior fôr o numero de alumnos ordeiros que tiver na sua classe.

Conclusão — A obediencia é necessaria: a ella habituaremos nossos alumnos. Si algumas vezes impomos a nossa autoridade, as mais das vezes, assentamol-a no affecto dos alumnos para o mestre, fazendo-os comprehender o seu valor, para fazel-os acceital-a de bom grado. Esta obediencia activa, voluntaria, trará progressivamente os alumnos, a esta autoridade da vontade que nós consideramos o fim da educação.

As ideias de Montaigne

Montaigne rebellou-se muitas vezes contra a instrução livresca dos pedagogos de seu tempo, que não pensam, diz elle, senão em mobiliar a cabeça de scienciã, deixando a intelligencia e a consciencia vasias. Censura a sciencia decorada que não é senão uma vã sciencia de palavras: "Os nossos pedantes, diz elle, ainda vão catando a sciencia nos livros, para só alojal-a nos labios, para vomital-a aos ventos".

Aos olhos de Montaigne, é a cultura do entendimento o fim da educação. Que valeria a sciencia sem a judiciosidade? A instrução não é senão um meio de aperfeiçoar-se e illustrar-se. E' a judiciosidade que domina e reina, mas para formal-a, é preciso exercital-a.

O cuidado do mestre deve ser deixar que o alumno pense e não pensar por elle. Não quero que invente e fale sosinho, quero que escute o discipulo por sua vez fallar. Não devemos pois, impôr nossas opiniões. E' impossivel formar o raciocinio sem experimentalo. E Montaigne explica detalhadamente como a historia, a moral, as leituras, tudo emfim offerece occasião de exercitar o raciocinio.

Tinha razão Montaigne de proclamar a importância da educação do entendimento. Da nitidez, da rectidão, da força desta faculdade é que essencialmente depende o valor da nossa actividade intellectual e da nossa vida moral. E' ella que faz o espirito justo, o juizo recto e ponderado.

O systema de autoridade merece tambem a condemnação fulminada por Montaigne; elle torna o espirito servil e preguiçoso. A criança, com a sua credulidade excessiva, sua inexperiencia e mobilidade de espirito, acceita facil e cegamente o que o mestre lhe ensina. Urge levantar seu espirito, ao contrario, que ella examine, que ella diga o que entende, aprecia, numa palavra, que ella pense por si. Pensamos como Montaigne, que é mais util julgar os personagens da historia que aprender chronologicamente os seus actos,

porque os principios moraes são inefficazes, si o alumno não os perfilha por sua reflexão.

A pedagogia moderna apparece mesmo mais ambiciosa que o nosso autor: ella não procura formar o espirito critico da criança, isto é, este cuidado de suspender o juizo até que se lhe dê provas bastantes, ou de se não pronunciar senão deante da evidencia ou do testemunho d'outrem, de não adherir a uma ideia senão quando mediu a sua relativa exactidão.

Deve-se habituar a criança a não se contentar com juizos irreflectidos, a examinar as questões que lhe apparecem, a procurar sempre as razões que pode ter para crer ou duvidar, a se elevar sempre o mais possível, por um esforço de voluntaria reflexão, acima dos preconceitos que a rotina e a paixão impõem ao pensamento. (Baucher, *Psychologia*.)

Libertar o espirito infantil de todas as tutelas e submissões, que bella ambição! Mas não será uma utopia? E' possível, deve-se discutir todas as opiniões presentes á criança?

Nossos alumnos, mesmo os mais velhos, não são philosophos: sua razão e seu raciocinio mal se vão abrindo. Sua experiencia muito limitada não attinge senão alguns factos da sua vida diaria, seu espirito, mesmo grandemente dotado, não tem elementos para apreciar certas ideias superiores ao seu alcance. Podem apreciar as relações dos factos materiaes; mas os phenomenos da vida social e moral são mais difficeis para analysarem e apreciarem.

Uma criança de dez annos, por exemplo, poderá julgar da legitimidade do patrio poder? será preciso esperar que chegue á idade de comprehendel-o para exigir que ella obedeça seu pai?

E demais, não é uma necessidade fazer sentir a uma criança que ella não póde sozinha descobrir a verdade, toda a verdade, que a sua nascente razão não lograria encontrar por seus unicos esforços?

Ao professor incumbe esclarecer á criança e esta deve, confiante, aceitar o que o mestre lhe diz, quando a sua fraca razão a impede de resolver por si propria.

Mas, mesmo ainda nesse caso, o mestre não deve senão discretamente intervir, obrigando-se a não servir senão á verdade e á razão, deixando á criança, por sua educação liberal, o direito e possibilidade de rever as noções que ella tão docilmente recebeu.

Em summa, é necessario cultivar a intelligencia dos alumnos, desenvolver o seu juizo critico, mas, em mais de uma circumstancia, a criança deve, mesmo em nome da ra-

zão, inclinar-se diante da opinião de seu mestre, servo desinteressado da verdade.

Educação attrahente

A attenção é a condição indispensavel para os estudos fructuosos. Sem attenção não ha educação possível, e o valor de um mestre se póde, precisamente, medir por sua aptidão, natural ou adquirida, para estimular e manter a attenção dos seus alumnos.

Mas qual é a causa da attenção? Uns dizem que é o interesse; outros só vêem nella o esforço. Dest'arte, duas escolas pedagogicas se formaram. Vamos confrontar, antes de tentar conciliar-as.

O interesse, dizem seus partidarios, é a melhor garantia da attenção; seu unico move, que a guia com segurança e amplitude. Nada se obtem do que constrangidamente se estuda. Para ser efficaz, o trabalho escolar deve agradar á criança. A curiosidade natural e o amor proprio habilmente dirigidos, farão despertar os apathicos, farão moverem-se os preguiçosos.

Aproveitemos ainda as seducções industriais da nossa moderna pedagogia: salas de aula confortaveis, livros abundantemente illustrados, collecções scientificas, gravuras em profusão, cinemas, etc.

Nossas escolas tornaram-se *Thélèmes*; reduzimos quasi a nada o ensino de algumas disciplinas, como a instrucção moral e a civica, consideradas demasiado abstractas ou prematuras; substituímos e variamos infinitamente os nossos methodos e nossos processos a pretexto de nos accommodarmos ás instabilidades infantis, "tapiamos o trabalho", afastamos cada vez mais das nossas licções as difficuldades cognominadas "subtilezas impertinentes", perto de nós falamos do "grego sem lagrimas" e do "latim sem prantos" e nós nos deixamos arrastar ás delicias do francez sem trabalho, do desenho sem aprendido, do inglez ou do allemão sem fadiga, da physica e da arithmetica divertidas, etc. A theoria da educação attrahente parece tempera do mais precioso succo das ideias de Rabelais, Montaigne, Fénelon, Rousseau; invocamol-a e diffundimol-a por toda parte, que o prazer faz tudo.

A vida não é nenhum jogo, nenhuma partida de prazer, dizem os adversarios; é uma cadeia de esforços e cumpre para ella preparar os nossos filhos. Para evitar o enfado da escola, banistes o esforço. Quereis seguir a natureza, mas as aspirações e as tendensua vantagem: um progresso na disciplina das faculdades do espirito, na clareza, a precisão, a organização das ideias, no habito da reflexão attenta e demorada.

Trabalhar com esforço, é sem duvida satisfazer uma necessidade e cumprir um dever, mas é tambem fazer-se a si proprio. Collocae o vosso alumno diante de difficuldades e deixae-o resolvel-as; que elle invente e fale sosinho, que seja, na medida do possível, o artista da sua propria educação. Nada de resumos, nada de simplificações excessivas, não desempenhe o mestre a funcção de deleitante de creanças, ensinae seriamente a vossos alumnos o seu "metier" de homens, isto é, de luctadores, levae-os ao esforço desinteressado, até, segundo o preceito de W. James, manter viva a faculdade do esforço, submettendo-a cada dia a um pequeno exercicio sem utilidade directa.

Amar o esforço pelo esforço, é sacrificar-se a um ascetismo pedagogico que poderia levar ao esgotamento; este culto ou esta vida de esforço (strenuous life dos Americanos) accommoda-se mal com o bom senso. Seria preciso provar que o habito do esforço produz com certeza o gosto pelo mesmo?

Si se acredita que em grande numero de casos, por meio do exercicio regrado e methodico, adquire-se aptidão para o esforço não faltarão estudiosos que no caminho da sciencia, estacarão de repente, uma vez adquiridos os diplomas, levando o resto da vida a descansar de uma mocidade laboriosa. Pode-se desgostar um alumno, obrigando-o a estudar materias transcendentales ou exigindo-lhe resultados do que é incapaz. Já o dissemos: o esforço não é necessariamente uma condição da attenção e, assim como o interesse nascido ou despertado pelo amor proprio, não leva ao verdadeiro gosto pelo estudo, tambem o habito de se applicar não prova que se ama o estudo, nem que se traga a chama da curiosidade que não se deve extinguir.

Partidarios do interesse ou partidarios do esforço estão errados, uns e outros, no sentido de que exageram as suas theorias, pervertendo-as e falseando-as. O interesse é um move precioso, mas quando se sabe escolher entre os diversos interesses que se nos deparam; o esforço é altamente educativo, mas é preciso saber dirigil-o bem. Assim é que convém usar com prudencia interesses extrinsecos (emulação, recompensa, exames etc.), que nascem de considerações extranhas ao proprio estudo e, sem jamais desdenhal-os ou desprezal-os, porque convém fazer flexa de toda madeira, procuremos favorecer o nascimento, o desenvolvimento dos moveis e interesses intrinsecos: curiosidade ou desejo de saber, instincto de imitação e de criação e, mais tarde, o amor pelo verdadeiro.

O real interesse está no proprio alumno, nos seus gostos espontaneos, nos seus im-

pulsos innatos. E' destes instinctos naturaes que nos cumpre tirar partido. Não deve o mestre cogitar de aproveitá-los ou segui-los cegamente; seu fim é, ao contrario, tirá-los do seu estado rudimentar, fortificá-los e discipliná-los. Do ardor para colorir e descolorir, encaminha-se o alumno para as primeiras noções de desenho; da necessidade de construir, desmontar e reconstruir, é elle docemente impellido ao trabalho manual, e assim por diante, estabelecendo-se inteira conformidade entre as nossas licções e as verdadeiras tendencias da criança. Tal educação leva o alumno fatalmente á noção da sua personalidade. Puro ideal! dir-se-á, mas ideal que o professor terá sempre diante dos olhos para concentrar nelle todos os esforços.

No estudo não ha verdadeiro interesse senão quando a criança a elle se entrega voluntariamente, quando não procura uma recompensa externa, mas a encontra na realização do proprio dever.

Esta educação, attrahente não pelos artificios e subterfugios, mas no seu fundo, não dispensa o esforço, ao contrario, prepara-o e a elle conduz. O esforço, diante do fim collimado, multiplica-se e quanto mais alegremente empregado, mais efficaz nos seus efeitos, não será mais um soffrimento, ao contrario, será uma exaltação acremente doce.

Devemos entretanto ter em vista não esperar dos alumnos, aquillo que não podem dar; não se lhes deve exigir o que ultrapassa as suas forças. A vida escolar não é uma corrida de obstaculos, é um certamen progressivo, é uma gradação ponderada de difficuldades.

A sciencia dos limites, o gosto da moderação e da medida, eis o alicerce da pedagogia do bom senso, que é a que nos convém.

A preguiça é um instincto como a gula e o orgulho. Educar é dar direcção a tendencias innatas, mas é, ao mesmo tempo, estimular, corrigir, e reprimir. O trabalho intellectual só agrada aos alumnos de *élite* em quem arde a paixão de saber; a maior parte dos homens o repugnam; quasi todas as crianças procuram evital-o e a attenção não passa de uma conquista precaria e tardia da vontade. Tendes razão de recorrer pouco ao terror, ao medo, a todas as punições que deprimem e corrompem, mas a seducção das recompensas e das distincções, o appello aos sentimentos emprestam á vossa educação attrahente certa dóse de hypocrisia.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAPHIA NA ESCOLA PRIMARIA

(Conferencia realizada na Bibliotheca Nacional)

Afastada das lides do magisterio, guardei e guardo ainda o mesmo entusiasmo, a mesma dedicação, o mesmo amor a tudo o que se refere á educação da creança, acompanhado com interesse a distribuição das disciplinas nos programas de ensino, comparando a instrucção actual com a que se ministrava outr'ora e convencendo-me da necessidade de modificações que venham contribuir para facilitar o estudo, para que as noções recebidas na escola primaria formem a base granítica, essencial ao edificio a construir-se, com os conhecimentos obtidos na vida pratica.

Não ouçaria, entretanto, lembrar-me de expandir publicamente o meu modo de pensar, se não fosse provocada pela gentileza de D. Esther Pedreira de Mello, Inspectoria Escolar do 2.º districto que, injustamente, me faz honrar com a pleiade brilhantes de conferencistas que têm occupado esta tribuna.

Perdoai-me, se os conceitos por mim formulados não satisfizerem a vossa expectativa, lembrando-vos de que ouvis uma humilde mestra-escola, cujas palavras são apenas reflexos ou conclusões de factos observados durante o seu tirocinio escolar.

Mereceu-me sempre especial attenção o estudo da Geographia, dessa sciencia ingrata de que Voltaire, o grande genio francez, já dizia: *A Geographia é uma sciencia que sempre exige aperfeiçoamento.*

O aperfeiçoamento num ramo de conhecimentos que teve origem quasi com a creação do mundo, visto como Moysés, determinando a divisão das raças, pôde ser considerado o primeiro geographo, segue uma gamma ascendente e traz ao estudo muitas surpresas.

O mundo, após a grande guerra contra o povo germanico que, considerado diligente, gentil, poderoso na industria e exemplar no commercio, se revclou entretanto, traidor, sedento de sangue, selvagem, bestial, o mundo, dizíamos nós, assiste actualmente a uma das grandes phases da evolução social. Patrias que haviam desaparecido ha longos annos, e que, pela força, cederam a sua autonomia, resurgem após a tormenta, mais ufanas da sua nacionalidade do que talvez fossem outr'ora, chelas de, esperança num futuro calmo e prospero.

A desagregação desses territorios que conquistaram independencia, a annexação de outros que se incorporaram a patrias maternas, modificam sobre maneira a carta geographica e requerem do professor muito cuidado na consulta dos compendios existentes, para não secundarem um erro ou um engano, admissivel em publicações anteriores á guerra.

Na escola, além da palavra do mestre, os unicos auxiliares que o alumno deve ter são: o globo e o mappa.

Convém, porém, attender que, em certos mappas, a representação dos accidentes physicos é tão observada que esses se convertem num conjunto de hieroglyphos indecifráveis. A creança sente fadiga visual, quando ahi procura a confirmação do que

lhe disse o professor, e o tempo desperdiçado nesse trabalho, traz-lhe o enfado natural á idade infantil, cuja attenção não é muito aturada.

Só podem comprehender taes mappas, depois de terem estudado em cartas especiaes a hydrographia, a orographia, e todas as partes physicas da geographia.

Optamos pela pratica do mappa porque achamos que o estudante, desde o principio, precisa localizar tudo o que se lhe for ensinando, em relação a esta disciplina. Quando, porém, a lição não puder ser facilmente comprehendida, ou por outras palavras, quando o mappa não for sufficiente para suscitar uma idéa clara do accidente physico em questão, o professor, que terá sempre ao seu alcance barro ou areia de modelagem, retratará com este material a sua lição. E' certo, também, que o menino, sem avalliar o tamanho de um paiz, sem conhecer a relação de grandeza do seu solo com a de outros paizes figurados em diferentes mappas ou cartas, não comprehenderá facilmente o que vae estudar; receberá, pois, como primicia, noções sobre a escala e assim, ao ser-lhe apresentado um novo mappa, não julgará erroneamente os paizes aqui contornados maiores ou menores do que realmente são. E', portanto, capital o conhecimento da escala. Se esta é, por exem-

plo, de $\frac{1}{1000000}$, o alumno immediatamente conclu-

irá que cada comprimento de 1.000.000 de metros é representado por um metro ou, como o metro tem 100 centímetros, cada centimetro representa extensão 100 vezes menor ou de 10.000 metros ou antes 10 kilometros. Com um compasso, toma a distancia entre duas cidades, entre dois pontos quaesquer; transporta esta distancia para uma regua graduada e assim determina a quantos centímetros corresponde. Achando 6 centímetros, affirma que a distancia entre os dois lugares é de 60 kilometros; se achar 8 centímetros, a distancia será de 80 kilometros e assim em todos os outros casos, fazendo, porém, omissão das elevações e de outros obstaculos existentes entre os extremos das distancias avaliadas.

Tratando-se do Brasil, ensina-se o que se refere a qualquer Estado. Escolhemos o Estado de Minas Geraes.

Na escola ha sempre mappas de Levasseur, Olavo Freire e outros cartographos. Comparemos o tamanho de Minas em duas ou tres cartas de escalas diferentes e, manifestando a nossa surpresa porque aparentemente encontramos áreas desiguaes, provoquemos no alumno a resposta relativa á escala.

O mappa não é a imagem do paiz; é um symbolo que desperta a curiosidade e que, por consequencia, prende a attenção do estudante, torna mais attrahente a aula e traz maior confiança ás palavras do mestre.

Mas, para conhecer o mappa, é necessario ter noção nitida de circumferencia, de circulo e de grau. Lembrar-se de que toda a circumferencia, qualquer que seja o seu tamanho, tem 360 graus, é de extrema necessidade para a creança, affim de que não julgue maior o numero de partes em que se dividem as grandes circumferencias, isto é, as que limitam os circulos maximos do globo.

Recordo-me perfeitamente de um dia de exame de admissão á matricula no Gymnasio Nacional. O distinctissimo professor Dr. Coelho Lisboa interrogava constantemente os examinandos de geographia sobre taes prelliminares: Que differença ha entre circulo e circumferencia? Indique no

quadro negro um circulo e uma circumferencia — dizia o professor.

As respostas da maior parte dos examinandos não satisfazião ao interrogatorio.

A grande importancia dessa distincção apparece quando, indicando o valor e a posição dos circulos meridianos, se destacam no globo os paizes da mesma longitude, para investigar o que nelles de mais notavel tem occorrido. Também quando se observam os circulos paralelos e consequentemente as zonas terrestres, não se pôde desconhecer o valor da circumferencia para a medida da latitude entre dois paizes. E, com taes conhecimentos, tira-se a conversão dos graus em horas, dos graus em metros, isto é, tem-se margem para exercicios de grande alcance e para lições muito interessantes.

As denominações de latitude e longitude, creio, se originaram da disposição das terras occupadas pelos antigos. Floresciam os paizes situados ao longo do littoral do Mediterraneo; é de presumir, por isso que a palavra longitude fosse empregada para determinar o sentido mais longo do territorio conhecido; a latitude era a largura desse territorio.

Determinam-se as coordenadas, conhecendo bem o Equador e os meridianos. Pela disposição dada ás figuras delineadas em papel branco (1), para exemplificar o que explicamos, e que podem ser reproduzidas pelos professores em aula, os alumnos comprehenderão, sem esforço o valor da longitude e da latitude. Para explicar a longitude, façamos o circulo do Equador, tracemos neste circulo raios que comprehendam arcos de 10 graus, representemos o meridiano principal ou o meridiano de origem por uma perpendicular ao Equador, passando pelos polos, e facilmente toda a aula verá o que se chama longitude occidental e longitude oriental. Pondo em pratica este conhecimento, procuramos o circulo do Equador nas cartas geographicas onde poderemos medir os graus de longitude, á direita e á esquerda da sua intersecção com o meridiano de origem. Com a mesma intuição, para determinar a latitude, traçaremos o circulo meridiano perpendicular do Equador, faremos a divisão desse circulo em 360 partes eguaes e, marcando as divisões de 10 em 10 graus, teremos uma noção da latitude meridional e da latitude septentrional. Com essas noções, abrimos um mappa qualquer: por exemplo, o mappa de Lavasseur ou a Geographia Atlas do Brasil, do Barão Homem de Mello, muito conhecida nas escolas primarias. Notamos na carta do Pará, a cidade equatorial de Macapá, com a longitude occidental de 8º, a contar do meridiano de origem, isto é, do meridiano do Rio de Janeiro. Verifica-se, deste modo que entre essa cidade e o Rio de Janeiro ha 8º de longitude occidental, visto como os graus vão decrescendo do Pará para o Rio ou, por outras palavras Macapá fica á esquerda do meridiano que passa pela Capital da Republica.

No mappa da Bahía, Porto Seguro está a 4º, á direita do meridiano do Rio; affirmamos que Porto Seguro fica a 4º de longitude oriental. Com esses conhecimentos, a creança determina a differença de horas entre duas cidades, entre dois pontos quaesquer, por meio de um problema facilimo, que está no dominio de todos os professores e que, applicado aos exemplos dados nesta palestra, depende do seguinte raciocinio: Si a Terra faz uma rotação completa em 24 horas, isto é, se nesse tempo apresenta ao sol os 360º da sua circumferencia, percorre em 1 hora 24 vezes menos graus ou $360 \div 24 = 15^\circ$. Um grau corresponde a

4 minutos porque $60' \div 15 = 4'$. Conclusão: Macapá está situada a $4 \times 8 = 32$ minutos e Porto Seguro a $4 \times 4 = 16$ minutos do Rio de Janeiro.

O sol se levanta no oriente e vae deitar-se no occidente; logo passa pela cidade de Macapá depois de ter passado pelo Rio de Janeiro e, por isso quando forem 12 horas no Rio serão 12^h—32^m = 11^h 28^m em Macapá. Pela mesma razão, quando forem 12^h no Rio, serão 12^h e 16^m em Porto Seguro, que fica ao oriente do Rio de Janeiro.

A propria definição de longitude — distancia em graus entre o meridiano principal e o meridiano do lugar, contada sobre o Equador — ensina que todas as terras situadas sobre a mesma metade do meridiano tem a mesma hora. Abrindo o mappa da America do Sul, achamos Buenos Aires, Assumpção, Cuyabá e Georgetown cuja longitude é quasi a mesma; no mappa da França, Paris, Dunquerque e Argelia ficam todas no mesmo meridiano e no mesmo lado do meridiano principal.

A longitude provoca o conhecimento da differença de horas entre dois lugares; a latitude levamos a verificar a distancia em metros ou num dos seus multiplos, entre dois pontos do globo terrestre.

Medida a circumferencia da Terra, no sentido do Equador, achou-se uma extensão igual a 40.000.000 de metros. Estes 40.000.000 correspondem a 360º e 1º terá o comprimento de..... $40.000.000 \div 360 = 111.111$ metros ou cerca de 111 kilometros.

A latitude de um lugar é a distancia em graus entre o Equador e o mesmo lugar, contada sobre o meridiano que passa pelo ponto em questão.

No mesmo Atlas do Barão Homem de Mello, vemos, por exemplo, a cidade de S. Salvador a 13º de latitude meridional; diz-se então que a distancia de S. Salvador ao Equador é de 111.111 metros $\times 13 = 1.444.443$ metros ou cerca de 1.445 kilometros. Procura-se também a distancia entre dois pontos determinados; por exemplo, S. Salvador e Fortaleza. S. Salvador a 13º de latitude meridional, Fortaleza a pouco mais de 3º; a differença entre as duas cidades brasileiras é de $13 - 3 = 10^\circ$ de latitude meridional e, como cada grau corresponde a 111 kilometros, a distancia entre as duas cidades é de 1.110 kilometros aproximadamente.

A rotação da Terra, dando lugar á differença de horas entre os diversos paizes, faz com que muitas vezes essa differença seja representada por um numero complexo, o que traz difficuldades na conversão do tempo. Dahi o estabelecimento da hora legal e dos fusos horarios.

Sobre este assumpto, as palavras do Illmo. Sr. Dr. H. Morize, dignissimo director do Observatorio Nacional, auxiliam extraordinariamente o professor que procurar ensinar aos seus alumnos a differença de horas entre diversos pontos da Terra e, especialmente entre dois estados brasileiros.

Diz o illustre engenheiro, numa noticia sobre a hora legal, escripta anteriormente á adopção, no Brasil, dos fusos horarios em relação ao observatorio de Greenwich, na Inglaterra: — "Todos os pontos de uma metade de meridiano têm simultaneamente a mesma hora, mas cada meio meridiano tem a sua hora propria, e a differença entre essas horas, em dado momento physico, varia entre doze horas de avanço e doze horas de atrazo.

Si, pois, precisamos caracterizar a hora de um acontecimento que interessa simultaneamente os habitantes de uma grande zona, haverá necessidade de declarar a qual meridiano se refere á hora de sua produção. Esta necessidade, pouco urgente quando as rdes telegraphicas e de vias ferreas eram pouco extensas, e raras as grandes viagens maritimas, tornou-se inadiavel quando se multi-

(1) Mappa das coordenadas.

plicaram por todo o globo terrestre as vias de comunicação.

Assim, por exemplo, um telegramma, enviado de Londres ao meio dia de tempo civil local, chega ao Rio de Janeiro ás 9^h,7^m da manhã do mesmo dia, o que certamente deixará perplexo o destinatário do telegramma que não estiver ao par do modo de contar essas horas”.

A multiplicidade de horas pôde ainda ocasionar outros inconvenientes, quando applicada ás partidas de trens e vapores. Assim, as estradas de ferro paulistas se regulam pelo tempo de S. Paulo, enquanto que a Repartição dos Telegraphos e a Estrada de Ferro Central do Brasil adoptam a hora do Observatorio Nacional do Rio, cuja differença com a primeira é de cerca de 14 minutos, intervalo de que o relógio de S. Paulo está atrasado em relação ao do Rio. Resulta dahi que um viajante vindo do interior do Estado com destino ao Rio, com o seu relógio regulado pela hora paulista, terá toda a probabilidade de perder o trem da Central, julgando entretanto estar adiantado em relação ao horario.

Para evitar taes inconvenientes, todos os paizes civilizados adoptaram horas legaes que geralmente são as dos meridianos passando por seu principal observatorio astronomico. Na Inglaterra, por exemplo, a hora legal é a do Observatorio de Greenwich, em Portugal, até época recente, era a do Observatorio de Lisboa, da mesma forma que em França era a do Observatorio de Paris e assim por diante.

Emquanto a área do paiz não se estende consideravelmente em longitude, ou não se trata de relações internacionaes, a adopção da mesma hora em todo o territorio nacional evita as confusões dantes alludidas. Mas, em se tratando de paizes que, como os Estados Unidos, abrangem em longitude a extensão de muitas horas, a adopção de uma hora legal unica causaria sérias perturbações, porquanto se, como é evidente, a presença do sol regula as horas de trabalho, não seria possível admittir tão grande differença como cinco horas (differença approximadamente entre os extremos oriental e occidental dos Estados Unidos), porque dada essa differença, quando fossem realmente sete horas numa cidade os relógios deveriam officialmente marcar meio dia, e isto gravemente perturbaria a marcha dos negocios e as relações sociaes. Será então forçoso dividir o paiz em zonas, ou fusos, em cada um dos quaes a hora seja a mesma, e, de um fuso para o seguinte, diffira de um numero exacto de minutos, convenientemente escolhido.

E' justamente o que foi feito nos Estados Unidos e no Canadá, desde muitos annos, sob a influencia das necessidades ferroviarias, o que se trata agora de estender a todo o universo.

De um paiz para outro, havendo horas legaes, e conhecida a differença das longitudes entre os dois observatorios nacionaes, é sempre facil conhecer a hora de um delles correspondente a certa hora do outro.

Para conhecer, por exemplo, a hora ingleza legal correspondente a qualquer hora do Rio, basta adicionar a esta 2^h 52^m 41^s,4. Reciprocamente, para conhecer a hora do Rio correspondente a certa hora ingleza, basta subtrahir della aquelle numero.

Assim fazendo o recebedor do telegramma a que já fiz referencia, verificaria que não houve engano na hora de apresentação e que as 9^h,7^m da manhã do Rio correspondem realmente ao meio dia de Greenwich.

Esse calculo da concordancia das horas dos diversos paizes tem de ser feito muitas vezes, tratando-se de questões telegraphicas, geographicas, de navegação ou ferroviarias. Seria elle muito mais facil e seguro se as horas legaes dos diversos paizes

diffirrissem umas das outras sempre por um numero exacto, ou inteiro, de horas, porquanto a somma ou a subtracção de um numero complexo como 2^h 52^m 41^s,4, ou outro analogo, é evidentemente muito sujeita a enganos.

Tão sensível é essa necessidade, que, por diversas vezes, Congressos Scientificos tentaram impor o systema dos fusos equidistantes e partindo de um unico meridiano fundamental. (Este systema foi adoptado pela primeira vez, nas estradas de ferro americanas, tomando como meridiano inicial o do Observatorio de Greenwich.)

“A superficie inteira da Terra é, dessa forma, coberta por 24 fusos. Em toda a extensão de um fuso a hora é a mesma e, de um fuso para outro qualquer, a differença é sempre de um numero exacto de horas, de modo que todos os relógios bem regulados, da Terra inteira, simultaneamente, marcarão os mesmos minutos e segundos.

A escolha da posição do fuso inicial foi a causa da demora havida na generalização internacional desse systema commodo e engenhoso. Lutavam frente a frente os meridianos de Paris e de Greenwich. O primeiro, mais antigo, e o segundo, mais usado pelos maritimos de todas as nações. (Em 1883 o systema inaugurado pelas companhias americanas tomou como base o meridiano de Greenwich, já anteriormente aconselhado pelo Congresso de Roma. Em 1884, outro Congresso Internacional, reunido em Washington, tambem o adoptou com esmagadora maioria, apenas discordando a França e o Brasil, que propuzeram a escolha de um primeiro meridiano neutro e internacional. O systema se tornou desde então official nos paizes da lingua ingleza, na Suecia e na Noruega, na Italia, na Alemanha, Austria-Hungria, no Mexico, no Perú, etc.)”

“Apresentando o Brasil grande extensão em longitude, diversos fusos foram necessários. Para alcançar desde a Ilha da Trindade (2^h 16^m a W de Greenwich) até á fronteira peruana no Ucayale (5^h 00^m a W de Gr) são indispensaveis quatro: os de — 2^h, —3^h—4^h—5^h, dos quaes os dous extremos serão utilizados apenas em parte.”

Pouco tempo depois da publicação destas palavras, o Congresso Nacional decretou a divisão do territorio da Republica em fusos distinctos, para marcação da hora legal, conforme havia indicado o illustre director do nosso observatorio.

No mappa que ora apresentamos, nitidamente se destacam as terras brasileiras que ficam comprehendidas em cada um dos quatro fusos horarios (1).

Estes fusos assignaram a hora legal nos diferentes Estados do Brasil, de accordo com a do observatorio de Greenwich, diminuida de 2 horas para o primeiro fuso, de 3 horas para o segundo, de 4 horas para o terceiro e de 5 horas para o quarto. Deste modo, quando forem 12 horas do dia em Londres, serão 10 horas em Fernando de Noronha, 9 horas no Rio de Janeiro, 8 horas na fronteira do Amazonas com o Perú e, finalmente, 7 horas no Acre.

Julgo que uma lição singela sobre os fusos horarios, muito agradará ás creanças que immediatamente se occuparão de procurar no mappa quaes os Estados que ficam dentro de cada fuso para proclamar-lhes a hora legal.

(1) Mappa dos fusos.

Um autor inglez já confessou: As lendas e os contos são as nebulosas da realidade.

Fallando no Estado de Minas, por exemplo, pode e deve o professor transmittir á sua aula algumas das muitas lendas ou historias suggeridas pelas auríferas terras desse Estado e que, por vezes vêm envoltas em mysterios, em verdadeiras phantasias, como as que se applicam ás minas de prata de Roberio Dias. A creança guarda um desses contos (o que lhe pareceu mais interessante), e todas as vezes que se lhe apresentar a carta do Estado, aos seus olhos se desenhão as scenas descriptas, que para ella jámais se podem separar do mappa que simultaneamente veio a conhecer.

Os contos figuram, desta arte, como poderoso auxiliar para trazer á mente o retrato do Estado, isto é, para gravar o aspecto da região que se tiver estudado.

Na mesma lição, o nome de Minas Geraes provoca a enumeração das riquezas desse solo; localisal-as nos pontos em que mais commumente se encontram é objecto que attrae o discipulo e que mais o familiarisa com a carta geographica.

A importancia physica e politica desses logares, a sua comunicação com o centro onde residem as principaes autoridades, as informações sobre esse centro, a sua posição topographica, o seu desenvolvimento industrial e commercial são noções necessarias e consequentes dos primeiros estudos.

Nas classes elementares, o estudo da geographia é propriamente uma das modalidades das lições de Cousas. Ahi convém iniciar tal estudo fallando no modo de viajar dos diversos povos, isto é, fazendo a creança travar conhecimento com a locomotiva, os navios de vela e vapor, os vehiculos para as estradas de rodagem, as liteiras que se usavam outr'ora, os trens das regiões glaciaes, os carros, os automoveis, os aeroplanos.

Com semelhante intuição, faz-se mais facilmente o desenvolvimento intellectual do alumno que muito augmenta o seu vocabulario e, embora de modo muito vago, fica sabendo os costumes dos diferentes povos. Segue-se naturalmente uma lição geral sobre esses povos, o seu grau de adiantamento, seus usos e costumes principaes. Taes lições, illustradas com boas estampas, excitam o entusiasmo da creança sempre investigadora, sempre prompta á assimillar o que a sua vista observa. E' logo após, vêm os rudimentos da escola, porque o menino tendo visto o retrato de tantos povos, a figura de tantos meios de transporte, pôde ser levado o fazer tambem o retrato da sua casa ou antes da casa onde recebe as lições — da escola — e particularmente da sua sala de aula, com os pertences mais notaveis. Este retrato poderá constituir a planta da sala, mal delineada a principio, nas ardosias, depois no papel quadriculado e, por fim, mais cuidadosamente no papel tiso.

Progressivamente, o alumno representará toda a escola, dispondo com regularidade as diversas plantas parciais de fôrma a retratar todo o interior do predio.

Alternando as aulas praticas com as oraes e as escriptas, o professor indagará da residencia do alumno, da situação desta, do facto de estar em rua principal ou transversal e assim irá arranjando dados, para o menino fôrmar mentalmente a planta do quarteirão onde mora de maneira a retratal-a no papel. Essas lições, para despertar o interesse, devem ser intercortadas de allusões referentes ao local, ao nome das ruas, aos predios principaes que ahi se encontram.

E do quarteirão se passa para o bairro, deste para a villa ou cidade onde ministramos as nossas lições. Chegando a conhecer a villa, a cidade

etc., teremos assumpto para uma lição patriótica, sobre o amor que a nossa patria deve despertar em todos os seus filhos, e poderemos repetir os conceitos apresentados pela distincta escriptora portugueza D. Anna de Castro Ozorio, no seu livro — Minha Patria — quando falla ao menino Jorge: — Desejavamos saber se o nosso Jorge trocaria o seu amado cantinho, pela gloria da mais vasta propriedade. Quizemos provar-te que não é o tamanho nem a riqueza que torna querida ao nosso coração a casa, a familia, a patria.

E que orgulho encherá a alma dos nossos alumnos, reconhecendo o tamanho do Brasil em relação aos outros paizes da America do Sul. Tambem a admiração pelos estrangeiros que nos vêm ajudar a cultivar o solo deste immenso paiz se fará sentir immediatamente, quando soubeam avaliar a deficiencia de população para tão grande territorio.

E, nesse ponto, poderemos repetir a lição que por meio de circumstancias tangentes nos offerece o Altas do Barão Homem de Mello, lição utilissima porque produz o facil conhecimento do tamanho e da população relativa dos Estados brasileiros e dos paizes mais importantes de todas as partes do mundo.

O curso escolar é feito em tempo restricto, attendendo á luta pela vida. Uma menina, aos 15 annos, já aneia para deixar a escola; a casa, a familia requerem o seu auxilio e, na maioria dos casos, ella almeja a matricula na Escola Normal ou o trabalho no atelier.

Ao terminar o seu curso primario, guardará noções geraes, conhecerá com firmeza, embora sem grandes detalhes o mundo, a civilização dos diversos povos, a sua importancia relativa, o papel que cada um representa no convivio das nações ou, por outras palavras, no intercambio dos seus productos naturaes, das riquezas proprias do seu solo e da sua industria.

Como introdução, receberá idéas geraes sobre o globo, terá a comprehensão verdadeira do que é a Terra, como se move, que logar occupa no systema planetario; conhecerá as linhas convencionaes de latitude e longitude e a utilidade dessas linhas para a orientação das cartas geographicas.

Que cuidado, que trabalho requerem essas noções para o mestre! dosal-as convenientemente, ministras-as de fôrma a prender a curiosidade do alumno, são deveres que exigem vocações privilegiadas e, se essas se não contam por centenas, aponta-se entretanto na nossa Instrucção Publica Municipal, uma verdadeira coorte de professores distinctos e abnegados, que fazem do magisterio um verdadeiro sacerdocio, consumindo a mocidade na escola, no estudo dos meios de mais facilmente transmittir conhecimentos aos seus alumnos.

* * *

Ao ensinar a formação do systema planetario, o mestre terá forçosamente de dizer que, de uma enorme massa ignea, em rotação — o Sol — desprenderam-se anneis que, antes de se resfriarem e possuidos do mesmo movimento constituiram os planetas, os quaes, de modo identico, deram origem aos satellites. Dirá tambem que alguns desses anneis se resfriaram antes da rotação e vagueiam no espaço, apparecendo longinquamente em pontos diferentes.

Ora, esta explicação, arida de mais para os cerebros infantis, não produzirá o desejado effeito e a prelecção se tornará inutil e monotona.

Convém, pois, ao tratar do assumpto, fazer uma experiencia adequada ao facto, podendo ser esta a das bolhas que se formam numa bacia, contendo agua e sabão. O phenomeno se revela quando, com o braço, se dá á agua um movimento de rotação.

Considerar a primeira bolha como o Sol e as outras que della se despreendem como os planetas que, por sua vez têm origem a outras menores — os estellites — é exercicio que interessa a creança, fornecendo-lhe uma noção vaga, é certo, mas exacta da formação do systema solar ou planetario, na sua generalidade.

A posição dos planetas e satellites, as diversas orbitas por elles descriptas, podem ser imaginadas pela aula do modo seguinte:

Reunem-se os alumnos num pateo ou, melhor ainda, num jardim (somos apologistas das aulas ao ar livre, principalmente no nosso clima). Dispondo 8 creanças em distancias relativas as que guardam entre si os planetas, dando ordenadamente a cada um desses astros á sua verdadeira designação é mandando que todas as creanças executam simultaneamente rotações sobre si mesmas a uma rotação completa em redor de uma nona collega que representa o Sol ou eixo das trajetórias por ellas descriptas, jamais esquecerão o que tiverem apprendido sobre os planetas e a distancia que guardam entre si e em relação ao Sol.

Faz-se, em seguida, traçar no papel ou nas ardozias, ou ainda na areia do jardim, os diversos percursos, figurando em cada um o movel, com o seu respectivo nome para ter-se um schema da lição estudada.

E' um exercicio que frequentemente provoca o riso na aula, a qual applaude ruidosamente as collegas que fazem a trajetória, sem tontear, denunciam as que executam a volta, correndo, em vez de gyrar; e acodem as que tonteiam com as successivas rotações.

Ainda o mesmo exercicio servirá para distinguir a rotação da translação e mesmo a desigualdade de fórma entre o círculo e a ellipse.

Dizer seccamente ao alumno que o systema planetario se formou pela desagregação de moléculas do Sol, as quaes possuidas do mesmo movimento, desprenderam os planetas, cometas etc., é perder tempo porque o exemplo, antes de tudo, é um incentivo da comprehensão.

Conhecida a revolução dos planetas em torno do Sol, é de utilidade indicar: primeiro — que a Terra é inclinada sobre o eixo; segundo — que os planetas descrevem ellipses e não círculos, em redor do Sol; terceiro — que, não sendo eguaes os dois eixos da ellipse, ha diferentes estações e, d'ahi, clima mais brando para o outono e a primavera.

E não nos esqueçamos de apresentar as provas sobre a redondeza da Terra. Destas, porém, a que mais agrada aos estudantes é a viagem de circumnavegação, emprehendida por Fernando de Magalhães.

Acompanhando esta viagem num bom mappa mundi, o professor tem ensejo de desdobral-a em muitas lições agradaveis e utilissimas, quer sobre a situação dos diversos pontos em que Magalhães fez escala, quer sobre o estado de adiantamento dessas terras, quer tambem sobre as peripecias da viagem e, nesse particular, pedirá argumentos á Historia.

Os compendios de geographia figuram na superficie da Terra tres grandes continentes. Em

1859 teve inicio a abertura do canal de Suez e em 1915 foi inaugurado o canal do Panamá. Estabeleceram-se as communicações directas entre o Mediterraneo e o mar Vermelho ou entre o Mediterraneo e o Indico, assim como entre os dois oceanos: Atlantico e Pacifico.

O alumno ficará sabendo que a Europa e a Asia constituiram um bloco com a denominação de Eurasia; A Africa, não tendo continuidade com este bloco, formou o Continente Africano isolado das outras partes do Antigo Continente.

Tambem as duas Americas são hoje dois Continentes porquanto, com a abertura do Panamá desapareceu a continuidade de terras que não permitiam a junção das aguas dos dois oceanos e as costas americanas, batidas em todas as direcções pelas aguas do mar, ostentam-se, separadas, distinctas, representando o Continente Americano do Norte e o Continente Americano do Sul.

Não ha, pois, motivo para, nas nossas lições, empregarmos as denominações: Antigo Continente, Novo Continente e Novissimo Continente.

Ha vantagem frisante em elucidar o espirito da creança sobre esses acontecimentos, que poderá verificar em mappas modernos onde estejam patentes taes factos de importancia capital, já porque trouxeram a subdivisão dos tres grandes Continentes em outros cinco, tambem de grande valor, já porque facilitaram as communicações e, consequentemente, o augmento da actividade de muitos pontos, pelo impulso commercial e industrial.

Falla-se no Canal de Suez e, nessa occasião, conta-se á creança que foi um trabalho assombroso a abertura desse Canal, em um terreno sem as condições necessarias para o grande numero de operarios que ahi deveriam estabelecer-se durante um tempo relativamente longo.

Os engenheiros viam-se a braços com innumeras obrigações: procurar o material para o trabalho, abrigo e viveres para os trabalhadores, não descurando as cautelas precisas para que houvesse verdadeira hygiene e para que, longe do meio civilisado, os operarios não deixassem de cumprir os seus deveres religiosos. Foram 10 annos de verdadeira luta, para que contribuiu a attitudo dos inglezes que oppunham obstaculos á realisção dos designios da Companhia Franceza. Salientar os recursos fornecidos pelas cidades de Cairo e Alexandria, para iniciar o trabalho e tambem não esquecer a grande importancia de Port Said que se tornou uma cidade poderosissima — é de absoluta necessidade.

Concluir essa lição, dizendo que a 17 de Novembro de 1869, cerca de 80 embarcações, e entre ellas 50 navios de guerra de todas as nações, fizeram a inauguração do Canal. As embarcações ancoraram em Port Said, surgiram depois no lago Temsah, lançaram ancora no lago Amers e só no dia 20 foram apparecer no mar Vermelha. Estava inaugurado o Canal de Suez.

Passamos depois a tratar do Canal do Panamá, ligando o Atlantico ao Pacifico. Este Canal tem principio em Colon, no mar das Antilhas passa pelas planicies do rio Chagres, atravessa a collina de Colebra e vae terminar na cidade de Panamá na costa do Pacifico. Tiram-se deste assumpto varias lições sobre a differença do nivel dos mares, a utilidade das represas, o resultado do transbordamento immediato das aguas do Pacifico sobre as do Atlantico, se não se tivesse sciencia da altura dos dois oceanos, isto é, se não se soubesse que o nivel medio da enseada do Panamá no pacifico é mais elevado do que o da bahia de Limon, no Atlantico.

Viagens interessantes se fazem pelos mappas

e, ampliando-as com noticias relativas á abertura dos dois canaes, prende-se a attenção da creança, mostrando-se os obstaculos que os dois isthmos oppunham á navegação: o Suez, obrigando os navegantes a contornarem o Cabo da Boa Esperança para passarem do Atlantico para o Indico; o do Panamá, exigindo a escala pelo Estreito de Magalhães ou pelo Cabo Horn para attingir o Pacifico. Como complemento, falla-se na estrada de ferro de New-York a S. Francisco da California, atravessando do oriente para o occidente os Estados Unidos, e a do Panamá a Colon, ligando as duas margens do Canal do Panamá. Ainda o trabalho difficilimo da abertura dos canaes, cujas dimensões se podem avaliar, a despesa colossal feita pelos emprehendedores dessas grandes obras, a iniciativa do francez e a tenacidade do americano, na abertura do Panamá — são motivos para muitas prelecções que satisfazem a curiosidade do estudante, sempre prompto a receber novos conhecimentos.

* * *

Poderemos estender a nossa palestra, dizendo que, na Europa, como traço de união entre o mar do Norte e o mar Baltico, existe hoje o canal de Kiel construido pelos allemães, que ahi puderam abrigar toda a sua esquadra de combate, mostrando-se orgulhosos desse reducto, onde difficilmente o inimigo ousaria penetrar.

Como o canal rasga somente terras allemães, é privativo da Allemanha que, por elle, encurta a viagem do Baltico ao mar do Norte, não tendo assim necessidade de contornar a Dinamarca, numa longa rota, bastante escabrosa.

No poderoso refugio de Kiel, conservou-se intacta durante dois annos de guerra, a esquadra allemã que, após esse tempo, deixou o canal para sulcar o mar do Norte, indo ao encontro da frota ingleza. Foi nessa occasião que se feriu a memoravel batalha da Jutlandia, em 31 de Maio de 1916, cujos detalhes representam paginas de heroismo dos dois adversarios e soberba victoria para a marinha ingleza.

Deixemos, porem, este assumpto que mais se prende á Historia e esboçemos algumas considerações sobre outros pontos da materia em questão.

Os canaes são os traços de união entre as grandes aguas do Globo; rios pequenos estabelecem a communicação entre grandes bacias fluvias do territorio brasileiro.

Observamos que, em épocas determinadas do anno, as grandes correntes de rios de planicie, isto é, do Amazonas, do Paraguay e do Paraná se unem, pondo em communicação os dois estuarios: o do Amazonas e o do Prata.

E os alumnos acham prazer em seguir no mappa a corrente dos pequenos rios Jahu e Alegre; o primeiro, affluente do Paraguay; o ultimo, um dos galhos do alto Guaporé, deste importante tributario do Mamoré que, como sabemos, é uma das origens do Madeira, do mais notavel affluente da margem direita do Amazonas.

Dir-lhes-á então o professor que, nas épocas das grandes chuvas, as planicies onde têm as suas cabeceiras os dois pequenos rios de que fallamos (Jahú e Alegre) ficam completamente coberta pelas aguas que, desse modo, estabelecem a união entre o Paraguay e o Amazonas.

Em seguida, ver-se-á, no mesmo mappa, que o S. Francisco e o Uruguay, por serem rios de planalto, não podem dar lugar ao mesmo phenomeno e, desdobrando-se o estudo, falla-se nas correntes dos outros rios brasileiros, vindo d'ahi

o ensejo de lembrar as cataractas do Rio S. Francisco e as do rio Iguassú e apontar o grande numero de cachoeiras que interrompem a navegação do mesmo S. Francisco, do Tocantins e de outros rios de planalto.

Comparar ás tres grandes cachoeiras: — Iguassú, Niagara e Paulo Affonso, avaliar a energia electrica de cada uma dessas grandes quedas d'agua, palestrar sobre as differenças que apresentam, resaltar a superioridade da Iguassú pela altura e pela extensão, notar que Paulo Affonso e Iguassú não possuem as obras d'arte que augmentam a belleza da Niagara e exaltar a magnificencia da natureza nas paragens, em que se ostentam os immensos lenções d'agua das cachoeiras brasileiras — é ter assumpto para conquistar na aula a predilecção pelo estudo da geographia.

Então convém lembrar as palavras do nosso illustre patricio Santos Dumond quando, em 1916, visitou a Iguassú. "Estava em Buenos-Ayres, falla Santos Dumond quando me deram a idéa de ir admirar as cataractas do Iguassú; Conhecia-lhes já a fama e não me podia furtar ao prazer desta visita.

Embarquei em Buenos-Ayres, segui até ás margens do Paraguay, tomei ahi uma barca que me levou a um ponto, donde era facil attingir ás quedas do grande rio. Segui para lá de carro. Proximo ás cataractas existem já dois pequenos hotéis, um do lado argentino, outro do brasileiro, ambos insignificantes mas que permitem a visita áquellas longinquas paragens.

A impressão que tive quando me encontrei em frente ás quedas do Iguassú, não se pôde transmitir em palavras; e é difficil dar-se uma idéa approximada sequer do que aquillo é. Não ha poder descriptivo que reproduza a grandeza d'aquella visão. Um assombro!

A quem já tenha visto a cataracta do Niagara, tão famosa no mundo inteiro, não escapa ao confronto; entretanto é impossivel equiparar-se a do Niagara á do Iguassú, pelo plano superior em que se acha a cataracta brasileira em relação á norte americana.

A cataracta do Niagara despenha-se bruscamente numa queda só, de uns 45 metros de alturas. O volume das aguas é grande, a queda é bella, mas uma vez vista, está vista, é a mesma sempre, igual, rigida, disciplinada...

As quedas do Iguassú, não: que aspectos diferentes se encontram ahi! como variam as quedas d'agua; como é irregular o despenhar do volumoso rio por aquelles grandes rochedos; que turbilhão de sensações para uma alma de pantheista! não ha um só aspecto que se repita em toda a extensão do rolar d'aquellas massas d'agua. Mil nuances se observam, cada qual mais caprichosa, mais cheia de encantos para o olhar fascinado do espectador. Fica-se em extase horas e horas, deante da magnitude do espectáculo!"

Ha minudencias, pequeninos factos que escapam muitas vezes á perspicacia do mestre. Entre estes, resaltam: a coloração dos diversos paizes na mesma carta geographica, guia importante para ahi se conhecer, com facilidade, as suas colonias, as suas possessões; o tom mais ou menos azulado das aguas, indicando a profundidade dos accidentes hydrographicos; e os signaes de convenção, assignalando cidades, villas, estradas de ferro e outras particularidades. Convem transmitir taes minucias á aula que se diverte, verificando as diferentes notações.

Assim muitas lições constituem verdadeiros recreos para as creanças; nesse numero contam-se ainda: seguir a linha de navegação entre portos notaveis, determinar quaes os paizes que ficam sob o Equador e que, por isso, têm clima

mais pronunciado, deduzir que a temperatura das aguas do Oceano Arctico é mais elevada do que a do Oceano Antártico, attendendo que a Groenlandia é as terras Arcticas do Dominio do Canadá, na America, as regiões continentaes da Suecia, da Noruega e da Rússia, na Europa, assim como a Sibéria, na Asia, se approximam do polo boreal.

O cabo Horn, ponta terminal da America do Sul, o cabo da Boa Esperança na Africa e a Tasmania na Oceania, muito distam do polo austral.

Muitos exploradores têm pretendido attingir a este polo. O primeiro que ali chegou foi Amundsem a 14 de Dezembro de 1911.

Pelo mappa do polo vê-se que as terras que ficam na sua proximidade são: Ao sul da America a Terra de Alexandria I, a Terra de Graham e a Terra de Luiz Philippe; ao sul da Africa, a Terra d'Enderby e as pequenas ilhas Marion, Crozet e Kerguelen; a osul da Australia, a Terra Terminação, a Terra Adelia, a Terra Victoria e a Terra do Rei Eduardo VII.

O polo sul apparece como um vasto continente montanhoso, coberto de gelos, em cujas proximidades vêm-se dois vulcões: Erebus e Terror, pertencentes á cadeia do Pacifica; o polo norte, como um mar profundo e gelado, cingido por uma coroa de terras que acompanham o circulo polar boreal, apenas interrompidas, ao occidente, pelo estreito de Bhering; no oriente, pelo Atlantico.

Innumeros exploradores têm procurado determinar o verdadeiro caminho para o polo, buscando ao mesmo tempo uma communicação directa entre o Pacifico e o Atlantico, pelo norte destes oceanos.

Estabeleceram-se duas passagens: a do noroeste, fanqueada em 1906, pelo norueguez Amundsem, consiste em contornar pela parte septentrional a America do Norte; a do nordeste, effectuada pelo sueco Nordenskjöld, representa o caminho seguido por este explorador que contornou a parte septentrional da Russia Européa e da Sibéria, hibernou ao norte das terras siberianas, passou pelo estreito de Bhering e d'ahi ao Pacifico; voltou a Europa, fazendo escala pelo Oceano Indico, canal de Suez e Mediterraneo.

Essas perigosas viagens vizaram dois fins: um commercial e outro scientifico; o 1.º, como já vimos, não foi attingido; o scientifico se resumia na busca do polo, descoberto em Abril de 1909, pelo celebre explorador americano Peary, após muitas e frequentes viagens ás circumvisinhanças polares (1).

A affirmativa de que seja um continente a região polar austral, é baseada nos seguintes argumentos: 1.º — os gelos do polo sul são mais extensos, approximam-se do Equador numa distancia superior a 400 kilometros; em relação aos do polo boreal; 2.º — os Icebergs (montanhas de gelo), têm dimensões muito mais consideraveis no oceano glacial antartico; 3.º — os fragmentos que as sondagens têm tirado do fundo do mar representam granitos e outras substancias calcareas recentemente quebradas ou lascadas e que, por isso, só podem pertencer a um todo da mesma materia, 4.º — notam os exploradores que, á proporção que se approximam do polo, o solo parece mais firme, o que se não observa no polo norte.

Nessa região, não se encontram vestígios de habitantes humanos; os cetaceos e os pingüins são os povoadores desses gelos eternos.

(1) Mappa do polo norte.

A vegetação é quasi nulla e o explorador, solitario nessas paragens, procura descobrir o que ainda está sepultado no mysterio.

Dos habitantes das terras polares boreaes, os que mais se impõem á admiração, são os lapões, do norte da Russia, e os esquimós ou esquimaus da Groenlandia.

O Dr. Kook, celebre explorador, forneceu aos jornaes europeus e americanos innumeros episodios, sobre a sua viagem ao polo norte, principalmente no que se refere aos esquimós que, como fetichistas, crêm no espirito do rangifer, no grande urso branco, nos arpões enfeitados e em outras bruxarias. Comem abundantemente, para equilibrar a temperatura frígida e toda a sua fortuna consiste em facas para cortar a neve, arpões de ferro, lampadas de pedra e caldeirões de estanho, objectos estes obtidos principalmente por intermedio dos dinamarquezes, que habitam o sudoeste da Groenlandia.

E, para avaliar o organismo dos esquimós, pode-se contar que, como caçadores, quando pretendem obter uma phoca passam muitas vezes 15 ou 20 horas, immoveis no gelo, esperando que o animal immergindo dos blocos de neve, chegue á superficie para respirar. Nessa occasião, a phoca é arpoada e conduzida á habitação do caçador, que por ella supportou a temperatura frígida de mais de 30º, abaixo de zero. Não são muitos numerosos os esquimós; todas as suas tribus reunidas não excedem á somma de 30.000 almas.

Notou o Dr. Kook que, de facto, só ha duas estações nos polos: O inverno de 8 para 9 mezes, o verão de 3 mezes. Nessas regiões, a primavera são os dias de sol no nascente e o outomno os dias de sol no poente.

A direcção que tomaram as diversas expedições, porquanto desde 1497, se procura conquistar o polo, o effeito de uma aurora polar, o aspecto do polo, e muitas outras particularidades, constítuem assumpto para lições interessantes, que farão o alumno investigador ampliar os seus conhecimentos geographicos, ao sahir da escola.

Fallamos no mappa e na escala; não devemos esquecer a orientação que precisam ter este mappa e esta escola, assim como todos os objectos figurados numa planta.

Orientar é marcar a posição de um individuo, de um local ou de um objecto, de accordo com os pontos cardeaes.

Ora, para dizer o que sejam pontos cardeaes, é necessario: 1.º — explicar o que se chama horizonte — um grande circulo, de que o observador occupa o centro e cuja circumferencia é a linha em que o céu parece encontrar-se com a Terra.

O circulo do horizonte é dividido em quatro partes eguaes e estas quatro direcções constituem os quatro pontos cardeaes. Como a circumferencia do circulo tem 360 graus, tira-se facilmente que cada direcção occupa um arco de 90 graus. Nesses arcos passam as direcções intermediarias de noroeste, nordeste, sueste e sudoeste, formando os pontos collateraes, assim como todos os outros que concorrem para a formação da Rosa dos Ventos, isto é, do conjuncto de direcções que podem tomar as correntes aereas.

Firme nessas idéas, far-se-á o estudo dos diversos meios de orientação, começando pelo systema natural ou espontaneo que, como sabem, consiste em estender o braço direito para o lado em que o sol apparece pela manhã e chamar a esse lado leste ou levante; ter-se-á então o occidente ou o oeste á esquerda, o norte de frente e o sul á retaguarda.

Para exemplificar, faz-se, no papel, uma cruz indicando essas direcções e junta-se uma flecha ao extrema da linha que marcar o lado de leste. Obedecendo a essa disposição, o alumno traçará a sala de aula, indicará os objectos existentes ali em relação aos pontos cardeaes e fará exercicios oraes sobre o mesmo assumpto, dando orientação á casa, aos moveis, ás ruas por onde tiver de transitar, para ir de um ponto a outro.

Conhecida a orientação espontanea, convém apresentar ao estudante a bussola, mostrando-lhe a direcção da agulha; tambem se ensinará a orientação pela estrella polar, pelo cruzeiro do sul e pela musgosidade das arvores, não esquecendo, porém, que este ultimo processo é muito fallivel no nosso clima, em que as estações não são francamente pronunciadas.

E' vulgar ver-se a creança procurar na folhinha os dias em que cahem o Carnaval, a Sexta-Feira da Paixão, a Paschoa e outras festas annuaes. Chega muitas vezes á mocidade e mesmo á maturidade sem saber que os dias de Carnaval estão em relação com a Paschoa, sem ter noção do phenomeno astronomico que determina a fixação desses dias, sem ouvir fallar na importancia dos equinoxios.

Diz a Historia Sagrada que Jesus Christo resuscitou em um domingo, depois de uma lua cheia, após o equinoxio da primavera.

Cumpra explicar que, para a Asia Menor, e portanto para a Judéa, onde se desenrolou todo o martyrio de Christo, o equinoxio da primavera coincide com o nosso equinoxio de outomno, isto é, tem sempre lugar depois de 20 de Março.

O intervalo entre a lua nova ecclesiastica e a lua cheia é de 13 dias; sendo o equinoxio a 21. e numa lua cheia, houve lua nova a 8 de Março, porque 21—13=8. O domingo de Paschoa não pôde cahir antes de 22 de Março. Admittindo-se que a lua cheia comece a 20 de Março (antes do equinoxio que tem lugar a 21) esta lua não será a da Paschoa; é preciso decorrer uma lunação completa ou o periodo de 29 1/2 dias. Tem-se, desse modo, o dia 18 de Abril, principio de outra lua cheia. Acontecendo cahir em Domingo, a Paschoa só poderá ser celebrada no Domingo seguinte, no dia 25 de Abril, em respeito á tradição já conhecida.

Conclusão: O Domingo de Paschoa não poderá cahir antes de 22 d Março, nem depois de 25 de Abril.

Tivemos occasião de notar em aulas da nossa escola o interesse que as creanças manifestam por esta lição a qual, por vezes, iam transmittir ás pessoas da familia, sentindo grande prazer em fallar no assumpto.

Dissemos alguma cousa sobre o satellite da Terra — a lua; ainda accrescentaremos que este astro não tem atmosphaera, possui montanhas de mais de 7.000 metros de altitude, que não terminam em picos ou cumes, como as montanhas terrestres e sim em largas aberturas, meio arredondadas, lembrando-as crateras dos vulcões e conhecidas pelo nome de circos. Taes montanhas não formam cordilheira, e sim amontoados de terras. As partes planas da lua têm nomes interessantes, como o Mar da Tranquillidade, o Mar dos Humores e o Lago dos Sonhos. A palavra mar é empregada impropriamente, visto como, não existindo atmosphaera, não ha agua e, sem ar, nem agua, a vegetação é nulla e a vida impossivel.

Outro phenomeno que tem relação com este astro é o que se intitula maré. E' provocado pela

atração da lua para as aguas do Oceano. Essas aguas não permanecem tranquillias, estão em continuo movimento pela acção das correntes aereas que passam pela sua superficie. As correntes aereas produzem as vagas ou ondas que, impetuosas, vêm bater ás praias, onde se desdobram em um manto de espuma. Quando o vento é forte, o mar se torna agitado, as ondas se encapellam, elevam-se a alturas por vezes superiores a 12 metros e espalham o terror nas costas circumvizinhas. Normalmente, porém, as aguas sobem durante o periodo de 12 horas e vão baixando em tempo relativamente igual. O movimento que as faz levantar e baixar tem o nome de maré.

Quando as aguas se elevam, a maré é cheia, prea-mar ou plena-mar; quando baixam a maré é vasante ou baixa-mar. A differença de nível da prea-mar e da baixa-mar constitue a plenitude das marés, a qual só se pôde observar perfeitamente junto ás costas continentaes.

Ensinar o que seja fluxo e refluxo, maré viva e maré morta, dizer que, sem a maré, portos pouco profundos não poderiam receber navios de grande calado, como acontece ao porto do Rio Grande do Sul e acontecia ao porto do Recife, em Pernambuco — é completamente indispensavel ao estudo das marés.

Ainda convém adiantar que a maré de rio — o mascaret dos francezes — entre nós se denomina pororóca. Esse phenomeno foi observado no rio Mearim e depois no Amazonas. Naturalmente lembra o professor que, no littoral, ha sempre duas forças oppostas: a terra que resiste e o mar que procura avassallar-a. Disto temos a prova aqui mesmo no Rio de Janeiro, onde o cães de Gloria e do Flamengo e principalmente a Avenida Atlantica, soffrem os embates das ondas arrebatadas no furor da resaca.

Ha costas que se estendem pela impetuosidade da maré que, num vae-vem agitado, repelle os seixos e os vegetaes do littoral, para depositar-os num ponto menos profundo das suas aguas e então a areia se encarrega de formar lagunas e restingas.

Essas lagunas, com o tempo, tendem a desaparecer e se verifica a continuidade entre a costa antiga e a que foi accrescentada pela maré.

Concorre poderosamente para o phenomeno, a foz ou a embocadura dos rios que vão desaguar no mar. Temos verificado que ha rios cuja foz é simples, outros que desaguard por muitas bocas, formando deltas, outros enfim cuja foz ampla, profunda, franqueia o encontro do mar com as aguas fluviaes e constituem magnificos estuarios.

Contam-se nesse numero os nossos Paraná e Parnahyba e o importante rio Ganges, da Asia, com o maior delta do mundo, medindo cerca de 300.000 metros de extensão.

Os deltas são repositórios dos materiaes trazidos pela corrente do rio que, nas differentes partes do seu curso, procura successivamente destruir, transportar e construir. A corrente que irrompe do solo destróe, para poder libertar-se das rochas e dos vegetaes que a cobriam; transporta para outros pontos tudo que encontra no seu caminho e nas proximidades das suas margens; chegando á foz, deposita no mar o que trouxe na sua corrente e que vae concorrer para a formação do delta, se o embate das ondas não supplantar este elemento, para tragal-o ou afugental-o da praia e ahí formar um estuario, como acontece no rio Amazonas, assim como no S. Francisco e em muitos outros do littoral brasileiro.

Em contradicção, muitas vezes, as costas, recusam pela acção do mar que invade as praias, desagregam as areias e toma posse de grande parte do littoral.

Caprichoso é o oceano! incompreensível essa massa líquida considerável que nos inspira admiração e terror e cuja superfície sempre em movimento, indica a actividade das suas aguas que abrigam um verdadeiro mundo, quer na flora, quer na fauna marinha.

Como ligeiras plumas enfloram as aguas do oceano as embarcações mensageiras das relações commerciaes dos povos, affrontando as intempéries das vagas, conscientes da sua mediocridade, ante o poderoso gigante que as embala nas suas ondas.

O oceano é um factor importante da vida da humanidade, já porque representa a grande estrada que liga os continentes, já porque é um enorme reservatorio de alimentos e principalmente pela influencia que exerce sobre o clima a evaporação das suas aguas, condensando-se em nuvens, para cahirem sobre a terra como chuva fertilizadora.

E, em palestra, poderemos contar aos nossos alumnos: — a Atlantide, região imaginaria que por muitos annos occupou a attenção dos geographos e dos poetas e cuja localisacão deveria coincidir com o immenso territorio que, descoberto mais tarde foi chamado Brasil a Atlantide, repetimos, deveria dar origem á palavra Atlantico, que designa a immensa massa líquida marginada, no levante, pela Europa e pela Asia e, no occidente, pelas duas Americas.

Ha quem diga que o Monte Atlas, na Africa, cedeu a sua denominação, para formar a palavra Atlantico, com que foi baptisado o Oceano que corre no seu littoral.

Fallemos vagamente sobre estas denominações e percorramos, no mappa, o grande caminho do Atlantico junto ás costas da nossa patria, acarescendo com as suas vagas uma extensão de 8 mil kilometros, — comprehendida entre o cabo Orange e a barra de Chuy.

E' no Pará que as arelas brasileiras começam a conhecer a humidade das aguas maritimas. O cabo Orange, como sentinella, franqueia o littoral ao Atlantico que, pouco mais ao sul lucha com o Amazonas, o qual não lhe permite grande accesso nas concavidades da costa paraense, oppondo-lhe a resistencia de um enorme grupo insular, chefiado pela poderosa Joannes ou Marajó, cuja superfície é superior á de muitos paizes importantes, como a Belgica, a Hollanda, ou ainda a Suissa, na Europa.

O rio Pará, defensor da costa oriental da extensa Marajó, recebe o embate das aguas oceanicas que formam a bella Guajará, protectora da capital paraense.

Mas o oceano despresas esses impecilhos e, acoitando os cabos e pontas que bordam as praias, vae formar as bahias de S. Marcos e de S. José, flancos da ilha em que se ostenta a capital da Athenas brasileira, do decantado Maranhão venturosa patria de Gonçalves Dias.

Ha, porém, um Estado brasileiro que, vão vasto como a Inglaterra, amplo de riquezas naturaes, não possui um littoral digno das aguas do Atlantico; apenas da barra do Parnahyba ao porto da Amarracão, numa verdadeira nesga de terra, o Piauh, rende vassallagem ao mar.

Para compensar tal mesquinhez, a costa cearense é immensa, ostenta-se em toda a extensão do Estado e recebe livremente o impulso das vagas que, em vertiginosa carreira, percorrem todo o oriente do solo brasileiro, em que os bancos de coral, isto é, as muralhas submarinas acompanham a costa, obrigando a sérias precauções o palinuro de qualquer embarcação.

No Rio Grande do Norte, um tufo de arbustos sobre um monte arenoso forma o cabo de S. Roque, que se adeanta pelo mar, cuja corrente de-

para, um pouco além, a ponta mais oriental do Brasil — a Ponta das Pedras — no Estado de Pernambuco.

Pernambuco confia ao oceano a ilha de Fernando de Noronha, distante 97 milhas da cidade do Recife, e a pittoresca Itamaracá, fronteira ao Estado, verdadeiro pomar cujos fructos devem o sabor á influencia das aguas marinhas.

Levadas pela corrente equatorial, de leste para o oeste, as aguas vão bater á ilha da Trindade, na altura do Estado do Espirito Santo, e mais ao sul formam a bellissima Guanabara, tão invejada pelos estrangeiros, pela sua belleza natural, pela riqueza que encerra em seu seio. Ainda recebem o preito do mar os Estados de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, á região dos pampas, o florescente Estado cuja série de lagôas vem trazer o seu tributo ao Atlantico.

Continúa o mar a sua faina, protegendo o territorio americano, até unir-se ao seu irmão do occidente, para constituir um unico lençol d'agua, que se converterá em gelos, nas proximidades do polo.

O aspecto das cinco partes do mundo desperta o interesse; é preciso observá-lo detidamente no mappa-mundi, ressaltando as suas particularidades.

A Europa — verdadeira península da Asia, porquanto o mar a cinge por todos os lados, excepto ao nordeste, em que os montes Uraes e o Caucaso estabelecem a sua junção com a Asia, é franjada de mares e de recortes, onde magnificos estuários, soberbos portos, facilitam o seu desenvolvimento, favorecendo a navegação e, por conseguinte as communicações com as outras partes do mundo, isto é, dando impulso ao commercio e á industria.

A Asia — immensa, continua, massiça, ligeiramente contornada ao norte, leste e sul por mares profundos e importantes, possui no oriente magnificos archipelagos. Destes, o mais notavel, constitue o poderoso Imperio Japonês.

A Africa — falha de reentrancias, destituída de penínsulas, sem os elementos que activam a civilisacão e movimentam a troca de productos de um para outro paiz.

A America — o colosso da actualidade, representada por dois continentes, cujo littoral, cheio de recortes, simula uma bordadura magnifica, em cujas concavidades abrigam-se as embarcações de todas as outras partes do mundo.

A Oceania — mais pobre do que as outras partes do universo, representada, como indica o seu nome, por innumerables terras insulares, que populam no oceano, em todas as direcções. Dentre ellas, destaca-se a Australia que, como continente, possui portos bem amplos, naturaes abrigos para os navegantes.

Trataremos cuidadosamente das bacias fluviaes do nosso paiz, salientando as rédes mais importantes, assim como as quedas d'agua que são frequentes em todo o territorio brasileiro.

O mesmo carinho, o mesmo cuidado nos acompanhará, quando mostrarmos no mappa a disposicão das montanhas que orná o littoral e o interior do Brasil, dizendo convictamente: Continente algum possui mais bella disposicão orographica do que a America do Sul, cujo littoral é guardado, no Pacifico, pela Cadeia Andina; no Atlantico, pela Serra do Mar, que percorre toda

a costa brasileira. Não possuímos serranias que se comparem ao Himalaya, ou ainda aos Andes, ou mesmo ás cadeias africanas, que ostentam o Kilimandjáro. Não temos altitudes identicas á do Monte Blanco ou á dos montes mexicanos. Entretanto, se as extensas cordilheiras que se ramificam em todos os sentidos, percorrendo o nosso paiz, são mais modestas em altura, supplantam todas as outras pela hospitalidade que offerecem. Não soffrem as agruras dos gelos do Monte Branco e das regiões alpinas, nem as erupções vulcanicas da Cordilheira do Pacifico. Em grande parte, acolhem os indigenas, que pouco a pouco vão sendo chamados aos aldeamentos, pela sabia e culta iniciativa do prestimoso brasileiro general Candido Rondon.

Quem olhar para o Atlas do Brasil, conclue facilmente que duas grandes cordilheiras avassallam esse territorio:

Ao norte, simulando grandes festões de vegetação exuberante, as montanhas da serra Parimá formam o limite do Amazonas e do Pará, com as possessões europeas e tambem com as terras da Venezuela e da Colombia.

Ahi nascem os innumerables tributarios da margem esquerda do Amazonas, o qual separa por completo taes montanhas de todas as outras que avultam no Brasil e que se enfeixam num unico systema orographico — systema brasileiro.

Abrange este systema duas grandes séries de montanhas: uma é a extensa trincheira cyclopica que acompanha a costa do Brasil, com o nome de Serra do Mar; outra constitue as margens de caudalosos rios e se intromette nos Estados centraes, com a denominação de Cadeia Central ou Goyana.

Do Rio Grande do Sul ao do Norte, penetrando em todos os Estados maritimos que separam estes dois pontos, a Serra do Mar apresenta configurações diversas: Como larga faixa, percorre a terra dos pampas, de S. Borja até á costa do mar, e, em rumo de norte, atravessa Santa Catharina e bifurca-se ao entrar no Paraná.

Paralelamente, os dois ramos penetram em plagas paulistas e, emquanto a Serra do Mar propriamente dita, margina o oceano, o outro ramo vae formar no sul de Minas, a Serra da Mantiqueira, tão fertil, com tantos campos de pastagem e onde se divulga o Pico do Itatiaia, o mais soberbeiro da nossa terra.

Nova bifurcação vem dividir a Serra da Mantiqueira nas proximidades da saudavel cidade mineira de Barbacena; o braço oriental, com o nome de Serra da Chibata, vae unir-se á serra fronteira ao Estado do Espirito Santo, onde outr'ora encontraram refugio os heroicos Aymorés, representantes da terrivel tribu que deu o nome á serra.

O outro ramo — a Serra do Espinhaço, com as denominações locais de Serra de Ouro Preto, Itacambira, Grão Mogol e Almas, em Minas, costeia a margem do rio S. Francisco para formar a Chapada Diamantina na Bahia, occupando consideravel extensão.

A Serra do Mar, no territorio bahiano, não apresenta a mesma continuidade nas suas montanhas, as quaes apparecem ora, formando os pequenos montes como o Monte Paschoal, tão conhecido na nossa Historia; ora, as serras de Monte Santo, salientes nas lutas de Antonio Conselheiro, e, finalmente, a Serra de Muribeca, donde se precipita o rio S. Francisco, formando a soberba cachoeira de Paulo Affonso, um dos orgulhos do Brasil.

Como traço de união entre as duas serras do systema brasileiro, constituindo ao mesmo tempo a divisa das planicies do Paraná e do S. Francisco, fica a Serra da Canastra, berço deste ultimo rio.

Desta cadeia, parte uma das grandes divisões da Cadeia Central ou Goyana — a Serra da Matta da Corda, que acompanha a margem occidental do S. Francisco, até ás aguas do seu affluente Paracatu.

A outra divisão parte de Goyaz, separa a corrente do Araguaya da do Tocantins e manda um grande ramo formar a fronteira com Minas Geraes e Bahia, sob as seguintes denominações: Estrondo, Chavantes, Arrepellidos, S. Domingos, Taguatinga, Duro e Mangabeira. Envia tambem uma ramificação para Matto Grosso, onde Amambahy e Maracajú lembram importantes feitos da Guerra do Paraguay. Desta ultima serra, precipita-se o rio Paraná, dando origem ao famoso Salto das Sete Quedas.

Muitas outras montanhas pertencem á Cadeia Central; como extensa série, ressaltam as que formam a fronteira meridional e oriental do Estado do Piauh e que tem as denominações locais de Serra de Tabatinga, Gorgueia, Piauh, Dois Irmãos, Vermelha, Cariris Novos e Ibiapaba.

Muitas são as montanhas pertencentes ao systema brasileira e onde se abrigam os indigenas que, pelas noticias enviadas pelo general Candido Rondon, concorrem para a cultura das terras virgens que poderão constituir grandes fontes de riqueza.

Poderíamos estender as considerações sobre o ensino da geographia, lembrando um ou outro ponto, um ou outro assumpto, cujo conhecimento traz grandes vantagens em qualquer epoca, mormente na actualidade em que as grandes potencias alliadas dictam regras ao mundo, em que os povos da raça branca, reconhecendo a grande importancia do povo mongolico, deram a prova cabal desta deferencia, na escolha do Japão para, unido ás nações dirigentes — Inglaterra, França, Estados Unidos da America do Norte e Italia — preponderar, formar o supremo poder executivo das grandes questões mundiaes.

A escassez do tempo, porém, não permite a realizacão deste intuito. Creio ter demonstrado que o estudo de geographia na escola primaria deve ser mais recreativo que scientifico; cumpre tratar desta disciplina conversando, dissertando, observando os mapps, comparando as populações, medindo approximadamente as superficies, lendo as curiosas noticias sobre os diversos povos de hoje, porque os compendios ainda não podem accentuar muitas transformações, acompanhando, pela imprensa, os telegrammas procedentes das grandes potencias.

A ambição, o orgulho, o amor proprio não permitirão, talvez, que uma calma duradoura venha pairar sobre a Terra, após o quatriennio sangrento que avermelhou mares e rios, aniquillou campos e colheitas.

Assignada a paz com a Alemanha, ainda fermentarão os despeitos, ainda a intriga, a inveja e a ambição hão de continuar a corroer a tranquillidade das nações que se vão entregar ao trabalho, á actividade, para restaurar a sua industria, levantar o seu commercio.

Acompanhemos com interesse as transformações que se vão operar no mundo, para que o nosso estudo seja proficuo, para que conheçamos o mappa do mundo, conforme ultteriores deliberações.

“As diferentes e principaes faces do bem, são: o util, o justo, o bello, o verdadeiro e o infinito.” Este pensamento de Beraud serviu-me para apresentar-me ante vós e dizer-vos o que constituiu o assumpto da minha conferencia.

Julgo ter praticado o bem, em algumas das suas faces.

As minhas palavras talvez sejam uteis aos que labutam no magisterio, aos que se dedicam á educação da infancia; fazem justiça ás bellezas da nossa Patria e de outros pontos do Universo; indicam o que de verdadeiro se origina dos grandes empreendimentos, das enormes transformações universaes. Assim, pratiquei o bem e posso sinceramente repetir o que Bilac, o nosso saudoso poeta, ensinava ás creanças nesta quadrinha:

Hoje pratiquei o bem;
Não tive um dia vazio,
Trabalhei, não fui vadio,
E não fiz mal a ninguém.

ESMERALDA MASSON DE AZEVEDO

Rio, 21—5—1919.

A LINGUAGEM E A GRAMMATICA

(Conferencia pedagogica da serie promovida pelos Inspectores Escolares do Rio de Janeiro, em 1919).

1. — A LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL

A maior surpresa de quem estuda a historia do Brasil deve ser como o pequeno Povo Português, distraído aliás por interesses maiores nas Indias, conseguiu, contra Franceses, Flamengos, Ingleses e Espanhoes, manter por tres seculos a continuidade da posse e a unidade territorial de um dominio extendido por 39 grãos de latitude e outros tantos de longitude, grande de oito milhões de kilometros quadrados e exposto em oito mil kilometros de costas ás invasões maritimas! A Espanha não o soube, e não o ponde, com o seu imperio colonial, quebrado e repartido na duzia e meia de nações que delle resultaram. Nem o caso dos Estados Unidos, hoje tão extensos como nós, é ao nosso comparavel: cresceram por juxtaposição, de compra e de conquista; as treze colonias inglesas da independencia somavam menos de um terço de todo o territorio actual: a Luislania, a California, o Oregon, o Alasca, o Novo-Mexico, o Texas... vieram depois.

Nós fomos assim, desde 1500, achados possuidos, principalmente conservados, como somos, pelos Portugueses. Se o maior merito de José Bonifacio e Pedro I, nos dias da Independencia, foi de nos manter coesos, se o de Caxias foi de nos combater, contra nós mesmos, nas tentativas de desagregação, não faltamos com a justiça e o louvor áquelles que por tres seculos antes nos defenderam das ambições forasteiras soltas no mundo, e que nos deram desde os primeiros tempos coloniaes um espirito nacional com o qual os lográmos ajudar e podemos emfim sobreviver.

Outra surpresa, quasi igual, é a nossa ingratição, por vezes a estes e outros beneficios recebidos, tanto mais grave, quanto ella é não raro illogica e até ridicula. Quando foi da Independencia, a reacção nativista se exerceu renegando não só a verdade historica como a propria voz do sangue, que assim trahiamos. Eramos fi-

lhos de Portugueses: tinhamos pois uma illustre prosápia, de glorioso povo antigo que, depois de bater os infieis, repellidos para Africa, onde continuaram a ser rechassados, se lançara ao mar tenebroso, contornara o continente negro, tocara a America, alcançara as Indias, attingira o Japão, devassara a Oceania e não havendo mais mundo, porque se "houvera lá chegara", tirou-o em prova, dando a volta ao mesmo mundo.

Pois bem, quando a validade dos civilizados, ricos e nobres, pretende procurar parentes entre os Cruzados, nós que os temos, de facto, entre os da Terra Santa e os da Terra inteira, nós renegavamos os paes que tinhamos e, não ousando nos gloriar dos negros africanos, invocavamos os selvagens brasileiros. Portugueses é que não queriamos ser. E' symbolico aquelle caso, entre tantissimos, de delirio nativista, de um Francisco Gomes Brandão, que passou a ser Francisco Gé Acaiaba de Montezuma, até que a Corôa lhe corrigiu a paternidade, ingratamente repudiada, dando-lhe ficticia nobreza, no titulo de Visconde de Jequitinhonha, gratificação merecida dos talentos e serviços de patriota e estadista.

Não sabiamos, e talvez ainda não o sabemos todos, que este selvagem brasileiro é dos povos infimos da Terra, na escala mais baixa da civilização, que tem estudado a Sociologia, mais atrasados e barbaros que os feios Africanos, a quem demos maior desdem e tamanha ingratição.

Mais ainda. Estes Portugueses fizeram uma formosa lingua, irmã das linguas romances, derivadas do latim, trabalhada e polida pelo maior E'pico dos tempos modernos, por uma legião de prosadores que se contrastam com os mais considerados da Europa inteira. Com effeito, uma autoridade, porque é de estrangeiro, o Sr. Edgard Prestage, da Universidade de Manchester, onde ensina literatura portuguesa, o affirma: "Não ha país, por mais rico que seja o seu peculio literario, que não se ufanasse de contar entre os seus filhos chronistas como Fernão Lopes, historiadores como João de Barros e Diogo do Couto, *raconteurs* como Fernão Mendes Pires, biographos como Frei Luiz de Souza, escriptores asceticos como padre Manoel Bernardes, moralistas como Frei Heitor Pinto, oradores sagrados como o padre Antonio Vieira, homens inspirados de Deus como Frei Thomé de Jesus, que no cativeiro de Marrocos compoz a obra de devoção inegalavel: os "Trabalhos de Jesus". E cita-os todos, para reservar o maior louvor a esse incomparavel D. Francisco Manoel de Mello.

Pois bem, deu-nos Portugal esta casta e sonora, forte e polida lingua portuguesa, para a honrarmos e accrescentarmos na divulgação do grande povo que havemos de ser, e apparecem por ahí umas vozes, graças a Deus, discordantes, felizmente sem alcance e sem eco, a reclamar em nome do nativismo os abusos de prosodia, os erros de syntaxe, os solecismos intencionaes, os desleixos de estilo porque com isso, dizem elles, ou o pensam consigo, faremos uma lingua brasileira, tristissimo dialecto começado assim no erro, não do povo, o que seria de se excusar, mas de letrados, o que apenas é de sorrir. A lingua brasileira seria como a parentela brasileira, que alcançou o nosso desvario.

Felizmente, assim como a gente não escolhe os seus parentes e, mercê de Deus, os nossos foram

2. — DISCIPLINA DA LINGUAGEM

Essa disciplina de educação e instrucção da lingua, que não seria preciso encarecer, é a "Grammatica".

Sei que o nome caiu em descredito, mas não o objecto, e como elle é o proprio para designar o objecto, creio que não devemos vacillar em usar o nome. Veiu certamente do abuso das grammaticas, da impertinencia dos grammaticos, abusos ás vezes justificados, impertinencias sempre necessarias.

Do Brasil pôde dizer-se que foi e é terra de grammaticos. Se fizermos uma estatistica bibliographica, e compararmos os Lusitanos e os Brasileiros, na producção literaria, — que ainda agora é de um livro aqui editado para tres publicados além-mar —, veremos que está invertida a proporção, que a cada grammatica portuguesa correspondem tres outras brasileiras. Este abuso se justifica entretanto, considerado que, longe das nascentes da lingua, onde a caudal é pura, havia aqui necessidade de quem nos corrigisse e rectificasse a corrente, já cinco vezes mais abundante, nesse curso americano da lingua, que hoje falam vinte e cinco milhões de Brasileiros.

Tal excesso, que não o é, deu nisto: cuida-se agora, apura-se mais a maneira de falar no Brasil do que mesmo em Portugal. Não sem subtil ironia confessava-o, não ha muito, um grande escriptor português. Tratámos ainda muito — de bem falar; acabaremos, depois disso, — por falar bem. Os desrespeitos á lingua materna não se perdoam a filhos, que somos, ainda que se relevem, com pesar, a paes, que elles são. Para mostrar com um só exemplo o progresso que neste caso vamos fazendo, basta dizer que ha algumas decadas não havia grande escriptor, fosse Alencar, — grande tribuno, fosse José Bonifacio, — grande publicista, fosse Tavares Bastos, — grande jornalista, fosse Joaquim Serra, que bem collocasse os pronomes, aliás collocando bem as idéas: hoje em dia, até os que falam e escrevem sem idéas por collocar, todos sabem dispor os taes pronomes.

Eis o que justifica talvez a abundancia das nossas grammaticas.

Quanto ás impertinencias dos grammaticos, embora bem impertinentes de facto que ellas são, não deixam entretanto de ser necessarias. Não importa que se diga delles que, sabendo tanto, não são bons escriptores. Será talvez exacta a regra, porque tem excepções em Portugal e no Brasil, por exemplo os dois Joões, o de Barros e o Ribeiro, ainda mais preclaros escriptores que sabidissimos grammaticos. Não importa que se diga com acerto, como Paulo Stapfer (1), notavel critico e sabio grammatico: "é possivel ser grande escriptor e mal instruido nas pequenas curiosidades da grammatica", e até "a correcção sem jaça brilha apenas em alguns escriptores de segunda ordem".

E' verdade, mas os grammaticos devem continuar impertinentes para que se não demasiem, dando maus exemplos, os bons escriptores, invocados talvez mais tarde como modelos de bem dizer. Havemos, portanto, de perdoar as queixas dos cen-

(1) PAUL STAPFER. — *Recréations grammaticales et littéraires*. — Paris, 1900, pags. 75 e 205.

illustres, tambem não escolhe a linguagem que balbucia no berço, e, bem aventurados os Brasileiros, porque essa é a illustre lingua portuguesa. Deixae a esses poucos tresloucados o seu nativismo tardio, de adultos ingratos e velhos sem tento; nós teremos por nós, o melhor, tudo, como diz na sua maravilhosa candura, João de Barros: "os mininos: os quaes, quando começam formar nossas palavras, em menos de dois annos sabem toda a linguagem, que mammaram no leite".

Só resta encaminhar essa loquella vacillante pelos caminhos do uso, para que se aprume e pise decidida, corrigir, ao que é, o excesso de logica que as creanças põem na conjugação dos verbos, que ellas fazem perfeitamente regulares, dotal-as do vocabulario numeroso e variado que exigem os trocos miudos do pensamento, em uma palavra, educar e instruir na linguagem.

E' estulticia cuidar em fazer uma lingua, se quer um dialecto, obra difficil e longa de um povo inteiro, em muitos seculos, e não decisão politica de alguns patriotas descontentes.

Depois, para os consolar, basta que tenham paciencia e o tempo lhes dára insensivelmente a variação que desejam, tanto em Portugal como no Brasil, a que a vida impõe, a vida de que a linguagem é a expressão pensada e manifesta. Não faz muito um sabio mandado pela Academia Francesa ao Canadá, para assistir a festas seculares, de lá vultava maravilhado, por ter ouvido falar, os ouvidos não queriam crer, o francês do grande seculo, lingua de Pascal e de Racine, que já não tem curso em França, e conservara a fidelidade da antiga colonia. No Maranhão, como na Bahia, estão conservados vocabulos e locuções, ainda em uso no Minho ou em Traz-os-Montes, e que Lisboa e o Rio de Janeiro desaprenderam.

O tempo faz isso, fará felizmente cada vez menos isso, graças a essa incessante comunicação humana, que é a vantagem do nosso tempo. Outr'ora num cantinho de terra, numa Suissa, havia logar para tres linguas e trintá dialectos, insoados nos villarejos, ninhos alpestres de gente, no regaço dos vallados e povoações lacustres, os quaes, proximos pela distancia, identicos de raça, entretanto, se não entendiam. Hoje, em immensos países, como os Estados Unidos ou o Brasil, de um recanto longinquo ao outro extremo do territorio, a mesma lingua é falada e comprehendida por todos os seus milhões de habitantes. Pequenas variações prosodicas, que o clima e o meio social sollicitam, vocabulario e expressões pittorescas, que a vida regional differente intenta e propaga, disseminam-se por todo o país, na diffusão prompta da imprensa, do correio, do telegrapho, das gentes que incessantemente se communicam.

A lingua varia assim insensivelmente, mas continuamente, e só a disciplina da educação e da instrucção da linguagem lhe põe empeços aos desmandos e degeneração, para a gloria de sua manutença e perfeição. Não faz o lavrador uma arvore, mas, plantada a tempo, adubado e regado o terrão, protegida por tutor quando ainda vergontea, podada mais tarde de ladrões, esgalhos e demasias de folhagem, dará bella arvore, então sombria, florida e frutuosa.

surados, sejam elles o castigado classico ou o joven exuberante, que a todos corrigem os grammaticos. Para desabafo dos opprimidos lembremos apenas dois. Um é esse Fagundes Varella, a quem Camillo reprochou um solecismo, e, por vingança, Carlos de Laet defendeu, mostrando varios eguaes, na obra do critico; desabafava o poeta, sangrando-se talvez em saude:

*"Censor austero, rigido analysta
Guarda zeloso de banaes regrinhas,
Alma que sente, que suspira e canta,
Não conhece compendios..."*

Outro é o caso de um dos mais puros e elegantes prosadores vernaculos, que, nem esse foi respeitado: "Grammaticos... dizia D. Francisco Manoel... he uma praga de gente bem escusada no mundo: são como os cães das boas letras; não servem senão de roer ossos e espinhas até que as põem na espinha".

Soffram os escriptores mediocres, e ainda os grandes, mas consolem-se estes, que alguma vez não de levar a melhor. Rufus, um grammatico contemporaneo, tratava Cicero de "allobroge", isto é, barbaro gaulês, que conspurcava a classica latinidade; tal lhe foi porém a forçado genio, que defeitos e qualidades se impuseram em tanto prestigio, que os posterios só lhe viram bellezas e perfeições: ainda no Renascimento, um principe da Igreja, o cardeal Bembo, o amigo de Leão X, recusava-se a ler as Epistolas de S. Paulo, para não offender o seu casto latim ciceroniano. Por isso, entretanto, Rufus não deixaria de ter razão, nem menos prestimo o seu ministerio.

Ha certos rios que no mais do tempo do curso, sem muitas aguas, obrigam a esclusas, de espaço em espaço, e a molhes, ao longo das margens, para que se não alaguem, sem proveito da navegação; nessa disciplina andam bem o transito e a industria. Mas um dia lá vem a cheia diluviana e arrombam-se as comportas, demolem-se as muralhas, e até de leito muda a torrente, pois que saindo não entra ás vezes mais no antigo e outro procura mais direito, um melhor perfil de equilibrio, como dizem os hydrographos. Neste alveo serão, quando as aguas minguaem, repostas as represas e ladeados os cães, para nova disciplina, necessaria ao trivial constante do trafego e do commercio. O grande homem, como Cicero, não está nas previsões humanas e, quando sobrem, como a enchente, leva tudo de roldão e, depois, no seu rastro, impõe a todos que o sigam; os homens uteis, como Rufus, corrigem, no que podem, os grandes, e disciplinam os pequenos, pelo caminho novo, agora mudado, e, graças a elles, é que o trato perfeito da industria do pensamento, do commercio das letras consegue refazer-se com as leis e as regras da boa linguagem.

3. — REHABILITAÇÃO DA GRAMMATICA

Grammaticas e grammaticos nos são pois necessarios, e indispensaveis, obrigando-nos á tradição respeitavel dos nossos maiores, conformando-nos a uma identidade de dizer que dá semelhança e caracter a alma toda da raça, na expressão accorde dos sentimentos e das idéas communs. Será preciso mesmo rehabilitar nos seus antigos fóros a grammatica, e os grammaticos dar-lhes a con-

fiança no seu ministerio, que vão perdendo. Tão mofinos e desconfiados andam elles que até o orgulho de sua docencia parece que esqueceram.

Desde as primeiras grammaticas latinas ou, para não ir tão longe, a de Fernão d'Oliveira, que em 1536 publicou a primeira grammatica portuguesa "sem ter outro exemplo antes", como elle mesmo diz, até a recentissima de Candido de Figueiredo, que as conseguiu juntar todas em synthese, que a grammatica vem definida a arte de ensinar a falar e escrever correctamente, o que João de Barros diz, com mais sabor: "*Grammatica he hu modo certo e iusto de falar e escrever, colheito do uso dos barões doutos*".

Isto é assim em toda a parte, menos no Brasil. Aqui os grammaticos renegaram o officio, esquecidos e envergonhados dos foraes da sua gerarchia, de educadores da linguagem. Se os consultarmos, a todos ou quasi todos (1), os mais qualificados ou de maior divulgação, saberemos, com pequenas variantes, que, para elles, grammatica é apenas "a exposição methodica dos factos da linguagem".

E não é; isto deve ser outra coisa, que elles não pretendem versar: este seria o objecto, senão a definição da Philologia. Como é possivel então, a homens tão doutos, tão provetos pedagogos, e em tamanha unanimidade, tal desvio, sobre o endereço mesmo do assumpto que a um tempo ensinam e illustram

E' phenomeno psychologico curiosissimo. Estava a grammatica portuguesa, malquerida senão desacreditada por velharias treslidas e repetidas subsequentemente, de uns por outros grammaticos, quando um delles, filho de americano, e que sabia inglês, e podia portanto buscar nas fontes peregrinas, mudou o ambiente confinado em que viviamos, abrindo nas muralhas da velha grammatica as brechas e surtidas, que iam dar na moderna philologia. Foi Julio Ribeiro, que invocando nas suas credenciaes a Diez, Littré, Lefèvre, Bréal, Bain, Adolpho Coelho, achou-se rico para dotar de uma definição de Whitney. Passaria o caso sem reparo, se Ruy Barbosa no seu mirifico "Parecer e projecto da Comissão de Instrucção Publica, á Camara dos Deputados", em 1882, não tivesse escripto estas poucas linhas: "Louvores ao nosso dis-

(1) "A grammatica pôde e deve ser considerada a sciencia que tem por objecto os factos da linguagem". JOÃO RIBEIRO. — *Diccionario Grammatical*, Rio, 1889, pag. 177, etc.; "G. geral é o estudo, em toda a sua extensão dos factos e das leis da linguagem"... PACHECO DA SILVA JUNIOR e LAMEIRA ANDRADE. — *Grammatica*, 3.^a ed., Rio, 1907, pag. 65; HEMETERIO JOSÉ, dos SANTOS. — *Grammatica*, 3.^a ed., Rio, 1913, não dá definição; "A grammatica... estuda os factos, as leis reguladoras de linguagem"... ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO, — *Servões grammaticos*, — Bahia, 1915, 2.^a ed., pag. 3; "G. é a sciencia dos factos da linguagem"... ALFREDO GOMES. — *Grammatica*, 16.^a ed., Rio, 1916, pag. 7; "A exposição methodica e o estudo dos factos de uma lingua constituem o objecto da Grammatica". VERISSIMO VIEIRA. — *Grammatica*. Nova ed., Rio, 1917, pag. 16; "G. é a systematização logica dos factos e normas de uma lingua"... MAXIMINO MACIEL. — *Grammatica descriptiva*, 7.^a ed., Rio, 1918, pag. 1; "G. é a systematização dos factos da linguagem". EDUARDO CARLOS PEREIRA. — *Grammatica expositiva*, — 8.^a ed., S. Paulo, 1918, pag. 3.

Tornou-se esta palavra — "factos" — tão obsidente em assumptos grammaticos, que um velho sabedor da lingua, HERACLITO GRAÇA, pôz por titulo a um livro de controversias philologicas: *Factos da linguagem*, Rio, 1904.

tincto philologo Sr. Julio Ribeiro, pela intelligencia com que comprehendeu e traduziu esta nova direcção dos estudos grammaticos. Grammatica, diz elle, é a exposição methodica dos factos da linguagem".

Ninguem reflectiu mais, ninguem quiz deixar de seguir a "nova direcção"... E entretanto, Whitney, Julio Ribeiro e Ruy Barbosa não tinham razão. A definição está certa, mas não deve pertencer á grammatica. Naturalmente me falta qualquer autoridade neste assumpto, mas vós me conheceis bem para acreditardeis seja capaz de me oppor a taes nomes se não tivesse commigo, e em nome delles falo, dos grammaticos francezes, ingleses, americanos, allemães, espanhoes, italianos, portugueses, todos quantos pude consultar, e para os quaes a grammatica não é isso que veiu a ser entre nós, para os grammaticos brasileiros, por força de uma suggestão collectiva.

Mas não será a poder de citações que falarei, pois que seria indigno do respeito que vos devo, a vossa esclarecida razão. E' para ella que eu apello. Conheceis, no methodo sociologico, o que vae da sciencia á arte, isto é, do conhecimento abstracto e systematico, sem finalidade immediata, pesquiza desinteressada da verdade, que a si mesma se basta, que é a sciencia, ao conhecimento applicado e proficuo, com destino necessario, utilizado nas vantagens humanas, realização pratica do ideal, que é a arte. A cada sciencia corresponde, pois, uma arte. A Botanica estuda as plantas, a Agronomia as cultiva, as de utilidade; cria a Zootechnica os animaes uteis que a Zoologia indistinctamente estudou; pela Physiologia sabemos do homem, com a Hygiene o servimos; conhecido o espirito humano pela Psychologia, é permittido educar-o com a Pedagogia. A Philologia é a sciencia da linguagem: pesquisa os factos, reune-os, estuda-os dâ-lhes systema e delles, methodicamente expostos e interpretados, deduz as leis geraes da linguagem, a Grammatica é outra coisa, é a arte da linguagem, pretende apenas, conhecidas as leis da Philologia, a sua sciencia, que é o estudo natural da formação e evolução das linguas, disciplinar num tempo dado a actividade mental, para que a gente se exprima, falando ou escrevendo correctamente, isto é, com perfeição.

São objectos diversos, por diversa finalidade: Whitney deu á Grammatica a definição da Philologia. E como nos grammaticos ha ás vezes philologos e como nas grammaticas nem sempre se eximem noções elevadas de philologia, succede que pela mistura destes heceteroclitos conhecimentos, e, sobretudo, divergentes endereços, veiu a confusão, que entretanto não pôde e não deve subsistir.

Dê-se nova direcção aos estudos grammaticos: que a arte aprenda com a sciencia a ser elevada, liberal, progressista; que os grammaticos sejam antes philologos, mas não lhes esqueça que são principalmente grammaticos, isto é, artistas, educadores da linguagem, que é necessario ensinar, transmittir e propagar, elegante, pura e perfeita, para gloria das idéas e das letras.

O assumpto apenas me interessa para dizer aos nossos conspicios grammaticos, tão sabios tantos delles: se quereis ficar philologos, continuando a expôr methodicamente factos da linguagem, muito que bem, se vos apraz; ha porém necessidade de quem exerça a arte de ensinar a falar e escrever

correctamente a lingua portuguesa, e não hão de ser outros, se não vós mesmos grammaticos, mas não vos deveis envergonhar do officio, que é dignissimo, e de indispensavel exercicio na policia litteraria.

4. — GRAMMATICA EDUCATIVA E INSTRUCTIVA

Com effeito, é a grammatica a arte de ensinar a falar e escrever certo, e ella felizmente se exerce, com ou sem os grammaticos, antes ou depois das grammaticas. Começa para as creanças com o ensino da linguagem "que mammaram no leite", para dizer como João de Barros. De facto, as mães, as amas, os irmãos maiores, os socios dos brincos, os nossos primeiros educadores, são tambem os nossos primeiros mestres de grammatica, muito antes da hora de aprender a ler e escrever. Tem esta grammatica implicita e educativa a maior e mais decisiva importância na vida. Um grande escriptor, a quem o genio desabrochou mais tarde na idade adulta, não se emancipa nunca e conserva esse vinco originario, de primeira educação grammatical: observou Pollião que na sublimidade de Tito Livio perdurava a "patavinidade", vicios ou desaires regionaes, que de Padua trouxera a Roma, e nunca lograra corrigir; mais tarde essa mesma sentença: "*patavitatem* quandam...", ratificava Quintiliano.

Depois, é principalmente na escola primaria que se aprende, com a leitura e a escripta, ainda implicitamente, educativamente, a grammatica. Sobre o assumpto do ensino de grammatica na aula primaria ha discussões interessantissimas, que ainda não findaram, entre os pedagogos, mas das quaes se pôde colher a inferencia geral que a grammatica fórmal só deve ser permittida em ultimos annos escolares, mesmo na ultima classe dos estudos primarios.

Notae bem, a "grammatica formal", como chamam os americanos, a grammatica instructiva, compendiada, applicada, poderíamos dizer, não a grammatica educativa, que essa não cessará, começada que foi no lar com as primeiras palavras aprendidas, e que vae ter o seu melhor desenvolvimento na escola, com a leitura e a escripta, conhecimentos fundamentaes a todos os outros, e de que ella é a disciplina indispensavel.

Quando se fala em grammatica toda a gente imagina um livro, quando isso é apenas um incidente final dos estudos grammaticos, como que a synthese escripta ou a noção reflectida, e então consciente das razões da linguagem, correctea e perfeita, falada ou escripta. Dessa grammatica educativa se poderá dizer o mesmo que da prosa de Mr. Jourdain: ella é exercida sem o nome, na vida quotidiana do lar ou da escola, com a rectificação dos erros, a correcção dos solecismos, dos barbarismos, dos vicios de linguagem, com a imitação instructiva das boas maneiras de falar e escrever, colhidas no trato de paes e mestres, sobretudo dos livros de leitura, das poesias e scenas decoradas e repetidas dos bons autores.

Se este ensino fór feito cuidadosamente, a grammatica formal ou livresca pôde até nem ser necessaria, a educação completa da linguagem prescindirá da instrucção grammatical. E' exactamente neste sentido que se pôde subscrever aquella sen-

tença da "Commissão dos Dez", na America do Norte, quando affirma "que se pôde falar e escrever bem sem especial instrucção grammatical". E' ainda elle que esclarece os dois admiraveis postulados da pedagogia sobre a grammatica: o de Herder — "a grammatica deve ser aprendida pela lingua, e não a lingua pela grammatica" —, e o de Spencer — "a grammatica, feita após a lingua, deve ser ensinada depois da lingua". Sem paradoxo poder-se-ia mesmo acrescentar, que a perfeita instrucção grammatical é um empeco á boa oração ou boa escripta, pois que o permanente cuidado de bem dizer tolhe a liberdade e a sinceridade de dizer bem o que se quer e o que se deve. Isto explicaria porque os bons grammaticos não são em geral bons escriptores; porque escriptores grammaticalmente perfeitos são de segunda ordem. Para ser Homero e ter-lhe os divinos assomos, é preciso ás vezes cochilar, "*dormitat Homerus*". Zoilo, capaz de o corrigir, entre outras causas, mas tambem por isso, não poderia escrever a "*Illiada*".

A grammatica instructiva e formal não deixa, por isso, de ser tambem educativa. Para muitos, os educados por paes e mestres de boas maneiras e linguagem polida, ella continuará a educação, dando-lhes a consciencia dessa perfeição, no systema das regras, no computo das excepções; para outros, o maior numero das classes deleixadas, que apenas na escola logram receber a boa educação da linguagem, a grammatica instructiva vem a supprir a originária insufficiencia, vem a ser aquella educação pela instrucção, do programma herbarthiano.

Entretanto, o maior merito da grammatica não me parece este de codificar as boas maneiras de dizer e escrever, pelo exemplo autorizado dos grandes autores, para uso de toda a gente. A função educadora da grammatica excede este ambito acanhado. Os proprios grammaticos não a comprehendem; foi preciso um philosopho, para indica-la, e a mór parte delles o desconhecem, porque nem sequer o invocam, para demonstração da inapreciavel vantagem deste estudo.

Ouvi Stuart-Mill: "A grammatica é a parte mais elementar da logica. E' o inicio da analyse do processo mental. Principios e regras de grammatica são meios que fazem corresponder as formas de linguagem com as formas universaes do pensamento. As distincções entre as varias partes do discurso, entre os casos dos substantivos, os modos e tempos dos verbos, as funções dos participios, são distincções de idéa e não apenas de palavras. Simples nomes e verbos exprimem objectos e acontecimentos, muitos dos quaes podem ser conhecidos pelo pensamento e cada differente modo corresponde a uma differente relação. A estrutura de cada sentença é uma lição de logica".

Está assim, pelo mestre da Logica contemporanea, nobilitada a Grammatica. Em vez de ser apenas "o conhecimento experimental dos usos de linguagem, correntes entre poetas e prosadores", como queria a primeira grammatica que se conheceu, a de Dionysio Thracio, de Alexandria, escripta em grego, 80 annos A. C., ou a systematização, a exposição methodica dos factos da linguagem, como quiz recentemente William Dwigth Whitney com os seus discipulos brasileiros, a grammatica já não será apenas a arte de ensinar "a bem ler e falar", na definição de Fernão d'Oliveira, ou de

"falar e escrever", na de João de Barros, mas, principalmente, o primeiro rudimento de logica, ensinado na escola.

Disciplina do pensamento, pela disciplina da linguagem, eis a nova definição da grammatica. Ensinando a bem falar e a bem escrever, a grammatica ensina a bem pensar e quem pensa bem por força se ha de exprimir correctamente e talvez perfeitamente.

5. — A GRAMMATICA NA ESCOLA PRIMARIA

Já de outra feita resumi o debate pedagogico sobre o ensino formal da grammatica na aula primaria. Seriam extremistas — Alexandre Bain, que della baniu a disciplina, "onde não tem proveito", — o proprio Whitney, que lhe situou o ensino no curso secundario, porque "é preciso primeiro saber reflectir para corrigir um erro, applicando regras de grammaticas, a não se exercitar nesse habito de reflexão", — Emerson E. White, que excede o limite, dizendo que a noção das vantagens obtidas no estudo da grammatica só apparece na idade adulta.

Serão exageros e opiniões isoladas; a maior parte dos pedagogos convém que será estudo util, ainda na escola primaria, embora nas ultimas classes. Laura Brackenbury, que escreveu um livro sobre "o ensino da grammatica", chega mesmo a precisar a idade de doze annos, aquem dos quaes não seria efficaz a disciplina grammatical, reservada para os dois ultimos annos do curso primario, além daquelle prazo.

Transpostos os dados para os nossos habitos e regulamentos escolares, tanto valeria dizer — nos dois ultimos annos do curso primario, talvez apenas no sexto anno escolar.

A razão do atraso é dada por Charles B. Gilbert, no seu formoso livro "*What Children Study and Why*", — a grammatica é necessariamente um estudo abstracto. As creanças não têm idéa do que se lhes ensina, muito menos da vantagem da nova e complicada materia que vão aprender.

Concorda Brackenbury: as crianças aprendem facilmente a dispor o espirito numa classe de geographia ou de sciencias naturaes, porque adquirem logo idéa da categoria de factos que entram em jogo. Poderão dizer que a Geographia trata da terra, a Botanica das plantas, mas de que trata a Grammatica? Não percebem logo, falta-lhes interesse, dissipa-se a attenção. Dahi a difficuldade, senão impossibilidade do tal ensino em idade mais temporã; ainda nessa, de começo não são pequenas as difficuldades para vencer á inercia ou a repulsa do espirito.

Parece a razão mesma. Entretanto, um exame acurado da questão mostra que nem a grammatica é estudo "necessariamente" abstracto, nem será escasso de interesse utilitário para as creanças, se todavia o methodo de ensino, se o compendio grammatical, corresponderem ás determinações pedagogicas. Não tenho receio de affirmar que as criticas feitas á grammatica vêm de que ella não é bem ensinada nas escolas e que certos livros grammaticos offendem a Pedagogia.

Porque a um cerebro de dez, doze annos não será sensível o objecto de grammatica, se, como vimos, a educação grammatical, sem os nomes, mas a essencia das coisas, começa do berço? Porque nessa idade e mais tarde haverá difficuldades de percepção e apprehensão, quando as creanças bem edu-

cadas falam ás vezes irreprensivelmente e este habito revela a grammatica implicita e educativa? A culpa vem dos maus methodos de ensino da grammatica formal ou instructiva. Maus methodos de muitos professores, maus compendios de alguns autores.

E' facil demonstrar que a Grammatica tem um objectivo concreto, como a Geographia e a Botanica. Não com definições abstractas e absurdas, numa nomenclatura geroglifica e esoterica, mas com senso e habilidade. Tomemos uma phrase qualquer, intencionalmente errada, sujeito no plural, verbo no singular, dois attributos, mas de genero e numero disparatados, e não haverá alumno de uma classe media qualquer que não rectifique, immediatamente. Está a porta aberta. Ficarão sabendo, e facilmente, como já sabem, mas não sabiam, as regras de concordancia, o que é sujeito, o que é attributo, o que é sentença ou oração, as varias classes de palavras, umas que designam substancias, outras qualidades, outras determinações, finalmente os verbos, as palavras essenciaes que já sabem e aprenderão melhor a conjugar. Por ahi irão longe e chegarão ás minucias grammaticas. Desde ahi comprehendirão o que é grammatica, não mais conhecimento abstracto, porém, já concreto, util, applicado, que ensina a falar melhor e escrever melhor, certo, correcto e, portanto, a falar e escrever bem.

O ensino feito nas classes por meio de definições absurdas, de compendios ainda mais absurdos, é a causa do descredito da disciplina grammatical, que vem sendo victima de certos grammaticos e de semelhantes mestres de grammatica.

Com justissima razão se insurge Gilbert, contra estas definições que precedem os capitulos dos livros. Aquillo que é uma conclusão do adulto, cerebro perfeito e exercitado, é dado á creança como premissa, necessariamente incomprehendida e então inassimilavel. A consequencia fatal é não saber e, quando muito, decorar, pois que a forçam a essa incrível tortura.

Entretanto seguindo vulgarissimos preceitos de pedagogia, seria possivel obter de qualquer menino de dez annos a formula de perfeitas regras de grammatica. Duvido que uma creança qualquer a quem se faça ver uma pedra e algumas pedras, um banco e muitos bancos, um livro e varios livros, uma carteira e numerosas carteiras, a quem se tenha dito que um, é singular e, mais de um, plural, que não formule immediatamente a regra de formação do plural dos nomes, com augmento de um s final á palavra. Sendo exemplos "animal", "flor", "barril", "lapis", etc., acharão logo as excepções á regra. Regra induzida da experiencia e excepções achadas no uso não serão jamais esquecidas: como as regras as definições. O processo inverso, absurdo, illogico, antipedagogico, que é o de quasi todas as grammaticas elementares daqui e mesmo fóra daqui, esse desacredita a Grammatica e depõe da competencia dos pedagogos, que assim desrespeitam os principios elementares de sua arte.

Talvez que as definições devessem ser omitidas, tão difficil nellas seria lograr e exactidão e a clareza, ao alcance de cerebros infantis. A maior parte das coisas que conhecemos, conhecemo-las antes de as saber ou poder definir; não haverá mal que se reserve para mais tarde a definição, sempre im-

perfeita, das categorias ou funções grammaticas; as creanças falarão e escreverão certo, ainda quando não souberem definir um adjectivo determinativo, ou um verbo transitivo.

O mesmo processo inductivo será empregado na analyse, antes do pensamento, na comprehensão perfeita delle, do que da complicada e convencional relação das palavras e partes do discurso, que se expressa da maneira mais abstrusa e escura, na maior parte das grammaticas. Ha cerebros de adultos que se recusam penetrar nas sybillinas decifrações da analyse logica, hoje em dia expostas a pobres creanças. Se ajuntarmos que a nomenclatura em uso na maior parte das grammaticas e é verdadeiramente incomprehensivel, tanto os radicaes gregos lhes dão um aspecto inabordable, teremos tocado no maior defeito do nosso actual ensino da linguagem pela grammatica!

Ha livros, aliás eruditos e profundos, sobre este assumpto de grammatica portuguesa, mas que, por isso mesmo, só lidos por humanistas. A gente tem vontade de parodiar o Padre Vieira: é possivel que somos brasileiros e havemos de ler um livro brasileiro, sem entender o que diz, porque haveriamos primeiro de aprender grego e latim? Não pensem que exagero: de Julio Ribeiro para cá, contados serão os nossos grammaticos que tenham escapado ao máo séstro de uma nomenclatura, além de complicada, eruditissima. Tudo são "aoristos", "gerundivos", "proparoxitonos", "factitivos", "anacholutias"... de pasmar e metter medo. Delles ficará o leitor apavorado, embora com uma transcendente idéa da capacidade philologica, assim revelada com tamanha eloquencia heleno-latina, em assumpto de grammatica portuguesa... Mas que diriam, se pudessem ou soubessem dizer, as creanças, que esta vaidade martyrizava tão sem piedade?

6. — A REFORMA NECESSARIA

Comprehendo o horror a essa grammatica, e não creio que haja alguém com um pouco de humanidade, que se não condôa da tyrannia a que sujeita os cerebros infantis, essas pequenas e frágeis cabeças, quebradas na decifração dos enigmas e logogriphos, em que se comprazem e as entretêm tantas almas boas, sabias, e, não devemos negar, bem intencionadas.

Será possivel que os deixemos, porém, mal fazer, máo grado delles, e com a nossa cumplicidade? Onde estão os Poderes Publicos, que punem os delictos do Codigo Penal, e que se esquecem os do Codigo Pedagogico? Pois a conservação da saúde do corpo vale mais que a da alma?

Quem ha de defender as pobres creanças dessa tortura nova, senão o proprio Estado, que promove a educação e a instrucção nas escolas, e que assim como impede o máo trato physico, não deve consentir as sevicias mentaes dos livros menos bons e dos máos processos de ensino?

E aqui chegamos á razão e ao fim desta conferencia, que é este appello aos eminentes mestres que são, em boa hora, o presidente do Conselho Superior de Ensino, que entende sobre a instrucção secundaria, e o director geral da Instrucção Publica, que inspeciona o ensino primario. Trata-se da rehabilitação dos estudos grammaticos, grammatica e redimento de logica, disciplina do pensamento e da linguagem, que deve ser reposta nos fóros de sua hierarchia pedagogica, de onde a

afastam zelos excessivos dos proprios que a servem, que a conseguiram talvez malquistar no animo publico.

Trata-se tambem, principalmente, de a obrigar a repor-se nas normas pedagogicas que não devêra jámais abandonar, e com as quaes inductivamente, e só depois deductivamente, conseguirá a excellencia dos seus intuitos; e a obrigar, finalmente, a ser simples, clara, perfeita, a entrar pela cabeça a dentro dos alumnos antes de as quebrar, como faz hoje em dia, com a sua complicadissima nomenclatura, até chrismada de termos gregos e latinos.

Não é desprezível essa função do Estado, que legisla e entende sobre a instrucção publica. Aqui está um exemplo, de paiz culto e occupado com gigantescas causas publicas, a quem por igual importam estes problemas de educação. E' a França. Apresento-vos a circular ministerial de 28 de Setembro de 1910, o aviso ministerial de 25 de Julho do mesmo anno, assignados pelo ministro Gaston Doumergue; aqui tendes outros avisos e circulares, de 26 de Fevereiro de 1901, assignados pelo ministro Georges Leygues. Tratam uns de nomenclatura grammatical, simplificada e uniformemente imposta a grammaticos e professores em toda a França, tratam outros da simplificação do ensino da syntaxe francesa, para utilidade geral de todos os interessados nestes assumptos de educação, de exames, de concursos, etc. Não estaremos, pois, sosinhos numa decisão dessa natureza.

Está nos poderes do Conselho Superior de Ensino e da Directoria Geral de Instrucção Publica tornar pedagogicas as grammaticas elementares e nestas, como nas grammaticas secundarias, simplificar a nomenclatura e a syntaxe convencionadas.

Para evitar prejuizos de livros impressos e edições feitas, um prazo razoavel de dois a tres annos seria concedido pela reforma, antes de entrar em execução. Para fazel-a, para instruir o poder publico, necessariamente devem ser evitados os grammaticos, autores de grammaticas, talvez sem isenção para julgamento dos proprios systemas, que teriam indulgencia de crer superiores aos dos outros confrades.

Aqui, entre nós, a commissão está nomeada, e pela competencia e pela conformidade a essas condições: ella seria composta dos professores Carlos de Laet, Silva Ramos e Mario Barreto, philologos, e sabios da lingua, que honram por igual o magisterio e a literatura nacional. Bastaria ao poder publico a ratificação dessa escolha, feita e imposta apenas pelo merito, e a obra estaria realizada.

A reforma grammatical talvez fosse o começo, por iniciativa do Estado, ouvidos os entendidos, da reforma pedagogica, tão necessaria, e de tanto alcance social e patriótico, do ensino superior, do ensino secundario, do ensino primario, da Republica.

Os velhos paizes da Europa, depois de se entrematarem, o primeiro recurso que encontram, para pensar as feridas da guerra, é reformar e refazer, para as necessidadess novas, do novo mundo que alvorece para a humanidade, a sua mesma educação. Os proprios Estados Unidos da America, que se acreditavam, e toda a gente os suppunha, num fastigio de cultura, acabam por se convencer que tudo está a ser refeito e perfeito. Resolutamente, uns e outros lançam-se á obra, á grande obra da Paz, que começa, que é primordialmente a obra da educação.

E nós? A nós, nos cumpre fazer alguma coisa, do muito, do tudo que ha por fazer. Não se dirá que somos immodestos, começando por ahi. No principio de toda educação e toda instrucção está pensar e dizer. Está ahi tambem a reabilitação da grammatica, assim justificada, arte nobilissima que ensina a falar e escrever bem a lingua materna, patrimonio historico que herdamos dos nossos maiores e que nos cumpre herdar aos nossos filhos, pura e perfeita, gloriosa lingua com que se descobriu o mundo á Civilização, e com a qual lhe descobriremos, bem presto, todas as capacidades da civilização brasileira.

AFRANIO PEIXOTO.

O ENSINO

A Liga dos Professores, de accordo com o Cap. VII de seus Estatutos, approvados em Assembléa Geral, realizada a 26 de Junho do anno de 1918, acaba de publicar o 1.º numero d' "O Ensino", revista mensal de Pedagogia e Didactica.

E' seu director o illustre Sr. Dr. Manoel Bomfim, nosso collaborador.

Referindo-se aos intuito da Liga diz o seu artigo programma:

"... a nossa revista será, principalmente, a realização do programma — synthetizado em seu titulo e se dedicará especialmente á causa da instrucção primaria.

Não esqueceremos os nossos direitos immediatos; temos de affirmal-os e pugnar por elles sempre que a occasião se apresente; mas a nossa acção continua se desenvolverá como esforçada em prol do progresso e da diffusão do ensino."

Os nossos votos para que com brilho cumpra as promessas esboçadas.

III. — LIÇÕES E EXERCICIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

DEVERES DO BOM CIDADÃO

Amo este ceu, esta terra, este mar. Contemplo com prazer aquella mancha triangular sobre a qual, no mappa, estão escriptas as seis letras da palavra *Brazil*. Apraz-me ouvir o idioma suave em que minha mãe me ensinou as primeiras palavras e em que meus professores me têm revelado quanto sei. Commovo-me se vejo desfilar a tropa, que leva o pavilhão auri-verde; se, barra fóra, saem os navios da esquadra; se estrugem as notas marciaes daquelle hymno que cantamos na escola; se vejo trapejar a bandeira nos mastros. Sinto uma terrivel indignação quando alguém fala mal do Brazil e do seu povo. E tudo isto porque?

um bom homem. E' possuir um conjuncto de predicados taes, que nos recommendam aos nossos semelhantes e que nos ennobrecem aos nossos proprios olhos. Se eu me concentro e examino a minha consciencia, sei perfeitamente distinguir quando fui bom e quando fui mau, quando cumpri o meu dever e quando a elle faltei.

Ninguem poderá ser um bom cidadão se não fôr, na maior extensão da palavra, um bom homem, isto é, um individuo justo, e mais do que justo-amigo, irmão, de seu semelhante.

A patria exige, porém, para me conferir o honroso titulo de bom cidadão, que além de ser justo e amigo dos outros homens, eu empregue em favor della os meus esforços; que collabore na sua grandeza; que a defenda a

A patria não é um systema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo: é o céo, o solo, o povo, a tradição, a consciencia, o lar, o berço dos filhos e o tumulto dos antepassados, a communhão da lei, da lingua e da liberdade. Os que a servem são os que não invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não se acovardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo.

Ruy Barbosa.

Porque sou brasileiro! Assim como faço parte da familia, cujo sobrenome uso, de que me orgulho, e que não admitto que alguém menospreze, sou membro desta grande familia que é a patria brasileira. Membro dessa sociedade fraternal, unidade desse todo a que se chama a nação, meu nome é — *cidadão brasileiro*.

Mas assim como a qualidade de membro de minha familia me impõe obrigações a que não posso faltar, tenho tambem gravissimas responsabilidades inherentes á gloria de ser cidadão brasileiro e a que não posso, sem grande vergonha, deixar de satisfazer. Hei de ser um *bom cidadão*. Mas que é um bom cidadão? Que deveres tenho a cumprir para merecer tão nobre denominação?

Antes de tudo, hei de ser um *bom homem*. Sabem todos perfeitamente o que significa ser

todos os momentos e que, quando fôr preciso, dê por ella todo o vigor de meu corpo e de minha intelligencia e lhe sacrifique a propria vida.

Não serei um cidadão digno de minha patria, se não satisfizer a todos os deveres da vida individual e da vida social; se não fôr justo, leal e bom para com os outros; se não respeitar os antepassados que construíram, fortaleceram e honraram esta patria; e se, além de tudo isto, não estiver prompto a morrer contente para salvá-la.

Devo estar prompto a me sacrificar por ella, e, enquanto não chega a hora desse sacrificio, trabalhar incessantemente pelo seu engrandecimento. Assim serei, incontestavelmente, um bom cidadão, e minha patria terá motivos de se orgulhar de mim, como eu me orgulho della agora e sempre.

O. S. R.

A Patria. O cidadão, seus deveres.

Ideia de Patria: o paiz em que nascemos, nos criamos e vivemos, mas não só o lugar, como todas as cousas que nelle existem e todas as pessoas que nelle vivem. Patria é o nosso paiz com suas immensas florestas e rios colossaes, com suas cidades populosas e suas cidadesinhas modestas, e villas, e logarejos, com as suas estradas de ferro, suas produções, do solo ou das industrias, com a sua historia e as suas tradições, com a sua gente emfim. O amor da Patria, sentimento instinctivo, que todo bom coração abriga, como abriga o amor de pae e de mãe. Que mais natural que amarmos o que é nosso, tudo que temos bom e bello? Se é um sentimento natural e espontaneo é de todo ponto louvavel, torna-se verdadeiro dever, pois concretisa todo reconhecimento que sentimos pela terra em que vivemos, pelos bens que nos tem proporcionado, por tudo que possuímos, que somos, que valem, pois tudo isso d'ella nos vem. Amar a Patria trabalhar por ella é mostrar a gratidão que lhe tributamos. E porque tal gratidão? Porque o que comemos e o que vestimos e os mil objectos de que nos servimos é a Patria quem nol-os dá pela fertilidade do seu solo, pelo trabalho de sua industria, pela actividade do seu commercio.

Porque a instrucção que recebemos ella nol-a ministra nas suas escolas. Porque — creanças, nossos paes nos podem criar e educar e instruir. graças aos recursos que encontram nella, — adultos é ella que nos offerece meios de trabalho para nossa subsistencia.

Patria é, em geral, o lugar onde nascemos, crescemos e ficamos homens. Mas ha muita gente que abandona sua terra e vem buscar em outra os meios de vida que lá não encontrou. Diariamente o Brasil acolhe individuos que deixam seu paiz de origem e aqui se vêm estabelecer. É nesta terra hospitaleira, onde ha sempre lugar para quem quer trabalhar, esses emigrantes se estabelecem, prosperam e ficam vivendo. Ora, para esses a verdadeira Patria é a terra que os recebeu lhes deu felicidade e bens.

Os individuos que habitam um paiz são cidadãos deses paiz. Todo cidadão tem deveres sagrados para a sua Patria. E porque esses

deveres? Porque tudo nos vem da Patria e de algum modo havemos de retribuir tantos beneficios. Porque tudo quanto um paiz possui, as suas cidades com tudo que contem, as suas estradas de ferro, os seus navios, de commercio ou de guerra, as suas industrias, a agricultura e o commercio, tudo emfim, é trabalho colectivo dos homens. E' graças ao trabalho de todos os cidadãos de um paiz, que tanta cousa bôa se faz. Cada homem trabalha um pouco, a seu modo, no seu officio, na sua profissão, e esse trabalho, que a elle aproveita porque lhe dá os meios de subsistencia, o seu ordenado, o seu ganho, aproveita tambem a todos os outros homens seus compatriotas, e até aos habitantes de outros paizes.

Assim, o sapateiro fez calçado para muitas pessoas, e d'ellas compra os objectos de que precisa, e que ellas por sua vez produzem. O medico trata dos doentes, e com esse trabalho para os outros, obtem os meios para viver. Se o sapateiro não quizesse fazer sapatos senão para si, ninguem teria calçado, mas tambem ninguem lhe pagaria cousa alguma e elle ficaria sem meios de subsistencia. E' por isso que todos os homens, todos os cidadãos de um paiz tem o dever imprescriptivel de trabalhar, para que esse esforço aproveite á Patria, isto é, aos outros homens, de cujo trabalho elle se aproveita. Esta exposição, em estylo chão, com diversos outros exemplos, dará á creança a idéa da vida em sociedade, com seus beneficios é os deveres, decorrentes da reciprocidade de dadivas que é o seu fundo.

O dever de trabalhar para seus semelhantes, não é de trabalhar simplesmente, seja lá como fôr. Não: todo individuo deve empregar os melhores esforços de que seja capaz, afim de que seu trabalho dê o maior rendimento possivel. Por isso o homem de espirito elevado, o homem recto, dedica-se aos seus affazeres, procurando executal-os do melhor modo. E a creança, que não trabalha ainda?

Esta, que se prepara para ser cidadão, tem a sua occupação o estudo. Quanto mais estudar e applicar-se, tanto mais bem preparado ficará para, quando homem, trabalhar pela Patria. Ahí está, pois, o seu dever: estudar bastante, preparar da melhor maneira as suas lições.

Outro dever importantissimo do cidadão: o respeito á lei. As leis de um paiz estabelecem o que os cidadãos podem ou não fazer; são elaboradas para o bem geral, para que uns individuos não prejudiquem os outros, e sim o trabalho de cada um reverta com mais facilidade para o beneficio de todos. A vida de uma nação é uma complicada engrenagem onde tudo se move, tudo trabalha regulado pelas leis.

D'ahi a importancia destas, e a desorganisação que traz ao paiz o seu não cumprimento. Se todos os cidadãos fossem fieis executores da lei, tudo marcharia bem, harmonicamente, e o paiz viveria em completa felicidade.

Essa obrigação de respeitar a lei, que é obrigação de todos os cidadãos, ainda é maior para os que exercem cargos publicos, para os membros do governo, incumbidos de os executar, e que tantas vezes, infelizmente, deixam-nas

de lado, por descuido, ou se julgam superiores a ellas, entendendo que tudo podem fazer, e trazendo á Patria, que os elevou, que lhes conferiu funcções, importantes, males, ás vezes grandes e duradouros.

Entre os deveres do cidadão avulta ainda o do serviço militar, para defender a Patria ameaçada. Todo homem valido deve preparar-se como militar. E' verdade que temos horror á guerra, que a achamos cruel e devemos empregar todos os esforços para evital-a. Mas não ha remedio senão nos prepararmos, uma vez que nos podemos vêr impellidos a ella quando menos esperarmos. Por isso, cumpre estarmos alerta, para no momento opportuno, sabermos defender nossos direitos, a vida, e os bens, e segurança, e a felicidade de nossos amigos, nossa familia, de todos emfim que, comnosco, constituem a nossa Patria.

M. R. C.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

6.º ANNO

(Revisão do 5.º ANNO)

Imperio de Carlos Magno

FEUDALISMO

Orientação. — Ao entrar em materia deste ponto, é indispensavel fazer com que o alumno se recorde dos principaes reinos fundados pelos barbaros e no mappa determine o territorio occupado pelos Francos, isto e, a região que os Romanos denominaram — Gallia.

Passando a estudar mais especialmente o reino franco, dará o professor a razão de tal preferencia.

Na formação da monarchia franca, não deixará de considerar de grande importancia a conversão de Clovis ao Christianismo, trazendo para o reino o concurso de toda a população christã da Gallia e, mais tarde, a aliança do papado, cujo poder se torna preponderante na Idade Média.

Não é necessario tratar de cada reinado separadamente: basta dizer que durante muito tempo os reis francos, ao morrer dividiam o territorio entre os seus descendentes e que estes luctavam entre si até um conseguir enfeixar nas mãos todo o poder.

Dirá como pouco a pouco os representantes

da primeira dymnastia foram abandonando o governo aos *prefeitos do paço*, a ponto de um delles depôr o monarcha, dando inicio á segunda dymnastia franca. A proposito da denominação que esta recebeu, citará o nome de Carlos Magno, cujo grandioso vulto merece um lugar de destaque na Historia Universal.

Apresental-o-á, pois, como guerreiro, administrador e protector das letras, qualidades com que conseguiu restaurar o Imperio Romano do Occidente.

Tratando do Feudalismo mostrará ser este uma organização dos Germanos e fará com que o alumno não se admire de tal origem.

Dada as características do regimen e as causas do seu triumpho, mencionará a grande instituição a que elle deu lugar — a Cavallaria.

Finalmente, serão expostas as vantagens e desvantagens que o Feudalismo trouxe á civilização mundial.

Desenvolvimento. — Dos reinos barbaros estabelecidos no Imperio Romano do Occidente, foi a *monarchia franca* que veio a alcançar maior importancia historica, pois deu inicio ao Imperio de Carlos Magno, o maior estado da Idade Média, donde surgiram as tres grandes nações modernas — *França, Italia e Alemanha*.

Os francos que eram uma confederação de tribus germanicas, conseguiriam no V seculo se fixar ao N. da Gallia, região occupada ao S. pelos Burguinhões, ao S. pelos Wisigodos e entre o Somme e o Loire pelos Romanos que, aliás, existiam um pouco em todas as regiões.

Clovis, chefe de uma das tribus francas, foi o verdadeiro fundador da monarchia, pois, vencendo os outros povos da Gallia, e unificando os Francos, ficou unico senhor dessa região.

A conselho de sua esposa Clotilde abraçou, então, o Christianismo, exemplo seguido por grande parte dos soldados e de grande vantagem para o reino.

A primeira dynastia franca recebeu o nome Meroveu.

de Merovingia por ser Clovis descendente de Durante muito tempo os reis, considerando o territorio nacional como propriedade sua, ao morrer dividiam-no em partes eguaes entre os descendentes varões.

Estes luctavam entre si até que um conseguia enfeixar em suas mãos todo o poder. Assim esteve por varias vezes o reino fragmentado e de novo se fez a sua unificação.

Os ultimos reis da primeira dynastia entregavam os cuidados do governo a funcionarios chamados *prefeitos do paço* que acabavam usurpando o poder.

Um delles, *Carlos Martel*, deteve em Poitiers a invasão arabe, que ameaçava se estender até a Gallia.

Foi um filho de Carlos Martel — *Pepino, o Brevo*, que depois de governar nove annos como prefeito depoz o ultimo merovingio e tomou o titulo de rei dos francos.

Começa, assim, a segunda dynastia, que recebeu o nome *Carlovingia* por ser o mais illustre representante — *Carlos Magno*.

Foi este o maior dos monarchas, dos estados fundados pelos barbaros.

Tinha chegado ao apogeu do seu poderio, quando correu em auxilio do Papa, livrando-o de poderosos inimigos.

Para recompensal-o, quando Carlos Magno assistia em Roma á missa de Natal, o Papa collocou-lhe á cabeça a corôa imperial, conferindo-lhe o titulo de *grande e legitimo imperador do Occidente* (800).

O Imperio de Carlos Magno si tinha menos que o Imperio Romano do Occidente o N. da Africa e a Grã-Bretanha, abrangia em compensação a maior parte da Hespanha e toda a Allemanha que os Romanos não puderam conquistar.

Esse illustre guerreiro foi tambem um habil administrador, redigindo com o concurso dos grandes da côrte e do clero a famosa collecção de leis conhecidas por *Capitulares*. Foi ainda desvelado protector das letras e restaurou no Occidente a cultura litteraria, attrahindo á côrte os sabios mais distinctos e fundando muitas escolas, entre as quaes a *escola palaciana*, destinada a ensinar os filhos dos nobres.

Era tão grande o prestigio de que gozava este príncipe, que os maiores soberanos da época

mantinham com elle relações de amizade de que se orgulhavam. O Kalifa de Bagdad chegou a presentear-o com um elephante, um relogio e as chaves do Santo sepulchro!

Seus successores porém, não souberam manter a unidade deste vasto imperio, que pelo *tratado de Verdun* foi repartido em tres porções, donde surgiram os grandes estados modernos — *França, Italia e Allemanha*.

Foram os francos que da Germania trouxeram para a Gallia o regimen politico característico da Idade Média — o *Feudalismo*.

Não é para admirar que tenha partido dos barbaros tal organização, uma vez que delles provieram todas as transformações por que passou a humanidade nesse periodo.

Passemos a estudal-o.

Depois das invasões, os reis que dispunham de vastos territorios, compensavam os mais illustres guerreiros dando-lhes grandes extensões de terra, denominadas *feudos*, a principio de posse pessoal.

O Feudalismo triumphou definitivamente, porém, quando se estabeleceu a hereditariedade dos *feudos*, pois a partir de então os reis ficaram privados para sempre de seus domínios e da autoridade, ficando apenas com uma sombra de poder.

Da Allemanha e França estendeu-se para a Inglaterra e si na Italia e peninsula hispanica não teve organização regular, creou uma nobreza poderosa, privilegiada cujos costumes se assemelharam aos da sociedade medieval.

Havia no Feudalismo uma serie de dependencias; o rei era o *suzerano* de todos os senhores do paiz; abaixo delle ficavam os *senhores* da corôa que eram suzeranos de outros menos qualificados (barões, viscondes, etc.), estes por sua vez tinham seus *vassallos* e assim se formavam uma *hierarchia*.

O clero pertencia á classe mais elevada.

Trabalhando nas terras, mas gozando já de certas liberdades, havia os *servos*.

Entre suzeranos e vassallos existia um certo numero de direitos e deveres. Assim, o vassallo era obrigado ao *serviço militar* que consentia em acompanhar o senhor á guerra; cabia-lhe tambem o *serviço judiciario*, pelo qual tinha de tomar parte no tribunal de justiça; devia prestar *soccorros pecuniarios* sempre que o senhor solicitasse e além, disso, tinham os deveres de ordem moral: fidelidade, bom conselho, defesa da honra, etc.

Os deveres do suzerano consistiam em manter o vassallo no feudo e protegê-lo.

A entrega dos *beneficios* era feita mediante uma cerimonia dividida em tres partes: na primeira — a *homenagem*, o vassallo ajoelhava-se

diante do senhor e tomava o compromisso de defender a sua vida e a sua honra, reconhecendo-o como suzerano; na segunda parte — o *juramento*, jurava sobre os evangelhos o cumprimento dos novos deveres; finalmente seguia-se a *investidura*, cerimonia que consistia em entrar de posse do feudo acompanhando o senhor ás terras, ou delle recebendo qualquer producto da propriedade.

Destinada á mocidade nobre foi instituida a *Cavallaria* que se tornou um culto á bravura, á lealdade e á honra, elevando a dignidade humana e tornou a guerra menos rude.

Antes de aprender o manejo das armas, isto é, de ser *escudeiro*, o nobre, na qualidade de *pagem*, recebia uma primorosa educação dada pelas damas e só depois de passar por esses dois periodos e mediante um grande feito lhe cabia o honroso titulo de *cavalleiro*.

O Feudalismo trouxe grandes vantagens á civilização medieval, pois acabou com os escravos da antiguidade, estreitando os laços de familia elevou a mulher e a sua influencia ainda hoje se manifesta em muitos sentimentos generosos das sociedades modernas.

Muitas, porém, foram as desvantagens de tal regimen, porque creou privilegios entre as classes, estabelecendo direito vexatorios para o povo e foi a origem das guerras privadas que continuamente os senhores moviam uns aos outros.

Desappareceu, pois, quando tinha prestado o seu papel na historia e os abusos e exaggeros annunciaram o fim de sua missão.

6.º ANNO

(Revisão do 5.º anno)

MONARCHIAS ABSOLUTAS RESULTADOS DA REVOLUÇÃO FRANCEZA

Orientação. — Antes de tratarmos das monarchias absolutas que triumpharam definitivamente a partir do seculo XVII, quando atingiram o maximo esplendor, necessario se torna narrarmos os factos importantissimos que se succederem ao desmembramento do Imperio de Carlos Magno.

Seria grande lacuna silenciar sobre essa larga phase da historia da humanidade, justamente aquella em que se constituíram as nações modernas e onde vamos encontrar as causas determinantes da queda do Feudalismo e do restabelecimento da autoridade real.

Uma vez conhecido o terreno em que floresceu o absolutismo, procuremos dar a nossos alumnos uma idéa clara sobre tal regimen, mostrando-lhes o estado de oppressão da sociedade, emquanto a vontade real era a unica e suprema lei:

Assim preparado, poderá o espirito da criança reconhecer as injustiças praticadas durante tão calamitosa época e aceitar a Revolução Franceza, como uma necessidade, uma reacção natural das camadas opprimidas, contra aquelles que, duramente, lhes cerceavam os direitos devidos aos membros de uma mesma sociedade.

A divisa da Revolução — “Liberdade, igualdade e fraternidade”—citaremos como a synthese dos grandiosos resultados que trouxe á humanidade o grito heroico da França de 1789.

Desenvolvimento — Foi reunindo os mais heterogeneos elementos — as instituições romanas com as dos barbaros e do Christianismo—que a Idade Média ponde realizar o grandioso trabalho da formação das nações modernas.

Para tão gigantesca obra, mister lhe foi fragmentar primeiro o corpo basico dessa composição — o Imperio Romano, sem o que fôra impossível fundil-o com os novos elementos — os barbaros.

Desse modo assistimos, no inicio do periodo de dez seculos que precederam a Idade Moderna, ás maiores convulsões assignaladas na historia da humanidade. Tudo foi retalhado, subdividido, não sobrevivendo a propria unidade politica: a autoridade real foi absorvida pelo poder dos senhores, imperando a organização caracteristica da época medieval — o Feudalismo.

A essa primeira phase já nos referimos em ponto anteriormente estudado.

Procuremos, agora, em rapida synthese, falar sobre a phase constructora, lembrando que a esta presidiu, porém, um poder bem centralizado e preponderante, sem o qual todo o trabalho é improductivo; esse poder foi a Igreja.

Do reino dos Francos, depois transformado no vastissimo Imperio de Carlos Magno, tres grandes nações resultaram — a França, a Allemanha e a Italia.

Na Allemanha, desapparecido o ultimo representante Carlovingio, a monarchia tornou-se electiva, sendo o throno disputado entre os duques, senhores de grandes feudos.

O mais notavel desses monarchas foi Othão I, o Grande, que depois de livrar a Allemanha do ataque dos Hungaros, annexou a Italia aos seus vastos dominios, recebendo em Roma, das mãos do Papa, a corôa imperial, fundando o Imperio Germanico.

A Allemanha sustentou com o papado a maior questão politica da Idade Média — a lucta entre o poder temporal e o poder espiritual.

Temos assim a guerra das investiduras e as rivalidades entre Guelfos e Gibelinos, os primeiros constituindo a facção favoravel ao papado e á independencia da Italia e os segundos os partidarios do imperador.

Terminou a lucta pela queda do predomínio allemão, ficando assegurada a independencia da Italia.

O Papa, para terminar a anarchia que então reinava na Allemanha, patrocinou a eleição

de um representante da casa d'Austria, inaugurando-se assim essa brilhante dymnastia

Foi nesse periodo que o territorio da Suissa, constituido por feudos de pequenos senhores, sujeitos quasi todos á suzerania do imperador da Allemanha, conseguiu-se tornar independente (seculo XIV).

A Italia, depois da lucta entre Guelfos e Gibelinos, fragmentou-se em pequenos estados — principados, republicas democraticas e republicas aristocraticas. Corresponde tal periodo, entretanto, ao grande desenvolvimento commercial e industrial das cidades italianas de Genova e Veneza.

Em França, a posteridade de Carlos Magno tambem pouco tempo reinou.

Os senhores, cujo poder se tornou preponderante, entregaram a corôa de França, a Hugo (Capeto, que inaugurou a 3.ª dymnastia franceza.

Na Inglaterra os sete reinos, fundados pelos Anglo-Saxões, foram reunidos em um só por Egberto.

A Inglaterra soffreu a invasão dos Normandos e dos Dinamarquezes, nascendo da união dos Normandos com os Saxões o povo inglez.

A península Iberica, invadida pelos Arabes que destruíram a monarchia Wisigotica, foi reconquistada pelos christãos que nella fundaram varios reinos — Navarra, Castella, Aragão, Leão etc.

A Hespanha resultou da união dos reinos de Castella e Aragão, pelo consorcio dos respectivos reis — Isabel e Fernando, que receberam o titulo de Reis Catholicos, quando conseguiram expulsar os mouros do ultimo reducto — Granada.

Portugal teve por origem o condado portucalese, dado pelo rei de Leão e Castella a Henrique de Borgonha, cavalleiro francez, que se bateu pela reconquista christã.

Em 1140, Affonso Henrique conseguiu a independencia desse territorio.

Ao terminar a Idade Média, já se haviam, pois, constituido a França, Allemanha, Italia, Inglaterra, Suissa, Portugal e Hespanha.

Foi nesses paizes, fraccionados em um grande numero de senhorios quasi independentes durante a época medieval, que a partir do seculo XIV, se foi tornando effectiva a existencia de um poder central, governando com autoridade sobre todo o territorio.

Entre as causas apontadas como determinantes do enfraquecimento do Feudalismo, apresentam-se as Cruzadas.

Foram estas expedições militares que os christãos dos seculos XII e XIII, fizeram ao Oriente, para livrarem a Terra Santa do perigo dos infieis e cuja denominação provém das pessoas que nellas tomaram parte usarem uma cruz vermelha no hombro direito e nas bandeiras.

Não conseguiram, é verdade, o fim visado, mas sob o ponto de vista politico enfraqueceram o Feudalismo, pela morte de muitos dos seus membros, ao mesmo tempo que augmentaram o prestigio dos reis que os diversos povos se habituaram a vêr á testa do commando.

No seculo XVI, os reis tinham conseguido

restabelecer a sua autoridade e principiaram a governar sem consultar o povo e sem permitir a minima opposição á sua vontade, isto é, tornou-se o poder — absoluto.

As assembléas representativas (estados geraes em França, côrtes na Hespanha e em Portugal) deixaram de ser permanentes, para serem apenas convocadas pelos reis nas grandes crises.

Sómente na Inglaterra o parlamento se conservou uma instituição regular.

Com o estudo do direito romano, os legisladores applicaram aos reis o que o antigo código dizia dos imperadores, vulgarizando-se a maxima: "Aquillo que o principe ordena tem força de lei".

O mais alto representante do absolutismo foi Luiz XIV, de França, de quem se tornou celebre a phrase: "O Estado sou eu!"

Na Hespanha com Felippe II, em Portugal com D. João II, e em cada um dos pequenos ou grandes estados em que se dividiam a Allemanha e a Italia, se firmou o regimen absoluto.

Os reis passaram a residir em palacios opulentos, cercaram-se de uma côrte numerosa e brilhante, adoptaram um ceremonial (etiqueta), que punha todos os subditos á distancia e, adoptando a formula "pela graça de Deus", baseada na theoria do direito divino que delegava os seus poderes aos monarchas, conseguiram o apoio da religião ao despotismo monarchico.

Como era impossivel aos reis tomar conhecimento dos multiplos negocios do estado, delegavam este encargo em ministros que dirigiam todo o conjunto da administração com uma autoridade tão absoluta como a dos proprios reis.

Sustentavam o prestigio de um tal regimen as tropas permanentes, pagas pelo rei e constituidas a principio por bandos estrangeiros e mais tarde por corpos regulares, cujos officiaes eram nomeados pelo rei.

No seculo XVIII, porém, a sociedade principiou a se agitar, preparando a queda das instituições politicas e o advento duma nova ordem de cousas. E nem outro poderia ser o resultado dos abusos inqualificaveis do absolutismo: as despezas enormes da realza esgotavam o thesouro do estado e impostos eram lançados sobre o povo a quem tiravam todos os direitos e sobrecarregavam de deveres.

Havia se estabelecido o privilegio das classes e a mais favorecida — a nobreza, eram concedidos todos os altos cargos, da igreja, da magistratura e do exercito, sem que lhe fossem exigidos impostos, apesar de ser formada pelos mais ricos cidadãos.

E para aquelles que ousassem protestar, um simples gesto real bastava: num calabôço iam pagar, para sempre, o crime de pugnar pela justiça!

O symbolo do despotismo era em França a Bastilha, a um tempo prisão e fortaleza, e por isso a queda desta praça a 14 de Julho de 1789, marca a conquista da liberdade dos povos.

A Revolução Franceza triumphante assignalou o dia 20 com a declaração dos direitos do

homem e do cidadão, votados pela assembléa Nacional Constituinte.

Eis os principaes artigos dessa celebre declaração:

"Os homens nascem e ficam sendo livres e eguaes em direitos."

"Estes direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistencia á oppressão."

"A lei é a expressão da vontade geral. Todos os cidadãos têm o direito de concorrer, pessoalmente ou por intermedio dos seus representantes, para a formação das leis. Estas devem ser iguaes para todos, quer protejam, quer castiguem."

Em uma palavra, a divisa da Revolução ficou sendo: "Liberdade, igualdade e fraternidade".

Taes foram os resultados da Revolução Franceza que marca uma nova phase da humanidade — a Idade Contemporanea.

GEOGRAPHIA

QUARTO ANNO

Principaes palzes da Europa, Asia, Africa e Oceania, capitaes

EUROPA — é a menor das cinco partes do mundo e das divisões do Antigo Continente.

DIVISÃO POLITICA

Ao Norte — *Dinamarca*, cap. Copenhague; *Suecia*, cap. Stockolmo; *Noruega*, cap. Christiania.

A Leste — *Russia*, cap. S. Petersburgo.

A Oeste — *França*, cap. Paris; *Ilhas Britannicas*, ou *Reino da Grã-Bretanha ou Inglaterra*, cap. Londres; *Belgica*, cap. Bruxellas; *Hollanda*, cap. Haya.

Ao Centro — *Allemanha*, cap. Berlim; *Austria-Hungria*, cap. Vienna; *Suissa*, cap. Berne.

Ao Sul — *Portugal*, cap. Lisboa; *Hespanha*, cap. Madrid; *Italia*, cap. Roma; *Turquia Europea*, cap. Constantinopla; *Rumania*, cap. Bukharest; *Servia*, cap. Belgrado; *Montenegro*, cap. Cettinhe; *Bulgaria*, cap. Sophia; *Grecia*, cap. Athenas.

ASIA — é o mais vasto continente do mundo. Representa um terço das terras do globo.

DIVISÃO POLITICA

Ao Norte — *Russia Asiatica*, que comprehende a *Siberia*, cidades principaes Tobolsk e Irkutsk; o *Turkestan Russo* e a *Transcaucasia*, cidade principal Tiflis.

A Oeste — *Turquia Asiatica*, cidades principaes Smyrna, Damasco e Jerusalem; *Arabia*, cidades principaes Meca, Mascate, Moka e Medina; *Persia*, cap. Teheran.

Ao Sul — *Belutchistan*, cap. Kelat; *Hindostão ou India*, cidades principaes Calcuttá, Bom-

baim e Madrasta; *Indo-China*, que comprehende, além das possessões europeas, o reino de *Sião*, cap. Bankok.

A Leste — *China*, cap. Pekin; *Japão*, cap. Tokio; *Coréa*, cap. Seril.

AFRICA — depois que foi cortado o isthmo de Suez, que a ligava á Asia, transformou-se em um continente.

DIVISÃO POLITICA

Ao Norte — *Egypto*, cap. Cairo; *Tripolitania*, cap. Tripoli; *Tunisia*, cap. Tunis; *Argelia*, cap. Argel; *Marrocos*, cap. Fez. O Egypto é tributario da Turquia, a Tripolitania é uma provincia turca, a Argelia é uma possessão franceza. A Tripolitania, a Tunisia, a Argelia e o imperio de Marrocos chamam-se *Estados da Barbaria*.

A Oeste — O grande deserto do *Sahara*, a *Senegambia*, pertencente parte á França e parte á Inglaterra, cidades principaes S. Luiz e Bathurst; *Guiné Septentrional* ou *Superior*, cidades principaes Cumassia, Abomey e Benin; *Guiné Meridional* ou *Inferior*, que comprehende o Congo Francez, o Estado Livre do Congo e as possessões portuguezas de Angola e Benguela, cap. Loanda; *Africa Sudoeste Allemã*, em cujo littoral está encravado o pequeno territorio inglez de Walfish-Bay, cap. Windheck.

Ao Sul — *Africa Austral Ingleza*, comprehendendo as provincias do Cabo, Transvaal e o Estado Livre de Orange, e varias colonias.

A Leste — *Moçambique*, cap. Moçambique; *Africa Oriental Allemã*; *Africa Oriental Ingleza*; *Somal*, dividido entre a Italia, a Inglaterra e a França; e a ilha de *Madagascar*, colonia franceza, cap. Tananarivo; *Erythréa*, cap. Asmara, colonia italiana; *Nubia*, cap. Kartum, e a Abyssinia.

Ao Centro — O *Sudan*, dividido entre a França, Inglaterra, Allemanha e Egypto, cidades principaes Tombocú, Sakatú e Kano e a Nigricia, pertencente á Inglaterra, á Allemanha e ao Estado Livre do Congo.

OCEANIA — compõe-se de um pequeno continente — a Australia — e de uma infinidade de ilhas e de archipelagos.

DIVISÃO POLITICA

Malasia — comprehendendo o archipelago de *Sonda*, cujas ilhas principaes são: Sumatra e Java; a grande ilha de Bornéo; as ilhas Celesbes; as Molucas e as Philippinas.

Melanesia — compreendendo a *Australia*, ou *Nova-Hollanda*; *Tasmania* ou *Terra de Van-Diemen*; *Nova Guiné* ou *Papuasias*; os archipelagos da Nova Bretanha, Novas Hebridas, Nova Caledonio, Santa Cruz e Viti ou Fidji.

Polynesia — compreendendo o archipelago de Magalhães; as ilhas Mariannas; as Carolinas, Sandwich ou Hawaii, Samoa ou dos Navagantes; Tonga ou dos Amigos; Taiti ou Sociedade, etc.

4.º ANNO

Brasil — posição, limites, superfície, população, aspectos physicos, climas.

Posição — O Brasil occupa na America do Sul, a porção mais oriental.

A serra de Rourima, ao norte, o arroyo Chuy ao sul, a ponta das Pedras, em Pernambuco, a leste, e o rio Javary, a oeste, marcam os pontos extremos do nosso paiz.

Limites. — Ao N. as Guyanas Franceza, Hollandeza e Ingleza, separadas pelo rio Oyapock, serras de Tumucumaque, e Acarary e Esary e rios Takatú e Mahú; a Venezuela, separada pelas serras Parima e Paracaima; e com a Colombia, pela serra de Araracoára e rios Tarahyras e Apaporis.

Ao Oeste — com o Perú separado pelos rios Yapuíá e Javary; com a Bolivia separada pelos rios Acre, Abunan, Madeira, Mamoré, Guaporé, Verde e Paraguay; com a Republica do Paraguay, separado pelo rio Apá, serra de Maracajú e Amambahy e rio Paraná; e com a confederação Argentina, separada pelos rios Iguassú, Sto. Antonio-Guassú, Pereri-Guassú e Uruguay.

Ao Sul — com a republica do Uruguay, separada pelo rio Quarahim, cochilla de Sta. An-

na, é o Rio Jaguarão, lagôa Mirim e arroio Chuy.

O oceano Atlantico é o limite Leste do Brasil.

Superfície — E' um dos maiores paizes do mundo; sua superfície corresponde a 1/15 da superfície terrestre do Globo, a 1/5 de toda a America e a pouco menos de metade da America Meridional. Occupa o quinto lugar no mundo em relação á superfície.

População — Calcula-se actualmente em 22 milhões de habitantes.

A maior parte da população é catholica.

Aspectos physicos. — Podemos dividir o Brasil em tres regiões distinctas;

Amazonica, Platina e Oriental.

A primeira abrange a vasta planicie formada pela bacia do Amazonas, que se estende desde o Atlantico ás republicas do Equador e do Perú, os extensos valles formados pelas bacias do Tocantins e Araguaya, e pelas terras regadas pelo Parahyba e seus afluentes.

A região Amazonica é a maior, a menos povoada e, talvez, a mais rica no reino vegetal.

A região Platina é limitada pela cadeia das vertentes ao N. e pelas serras: Canastra, Mantigueira e Mar, a Leste. Compreende a parte septentrional da bacia do Prata.

A região Oriental apresenta grande extensão ao N. onde contém a bacia do S. Francisco, é muito estreita no Rio de Janeiro, S. Paulo e Sta. Catharina, e alarga-se no Rio G. do Sul onde abrange as bacias do Jacuhy e de outros rios que desaguam nas lagôas aPtos e Mirim. Fica situada a Leste das primeiras.

Clima — O Brasil está situado quasi todo, na zona torrida. O seu clima é, em geral, quente e saudavel. Nos Estados do S. o clima é temperado e brando. Ao N. é quente e no interior do sertão, chega a ser ardente.

LINGUA MATERNA

1.º ANNO

I — O moleiro (recitação)

Que alegria tinha dantes,
Que tristeza agora tem!...
Era alegre como o moinho
Quando o vento lhe dá bem.

Morreu o filho ao moleiro,
Morreu-lhe o filho, coitado!
Por isso anda agora triste
Qual moinho desarmado.

ANNA C. OSORIO.

Palavras e expressões que devem ser explicadas

moleiro — moageiro.

moleiro — dono ou operario do moinho.

alegria — satisfação, contentamento.

tristeza — dôr, magoa, aborrecimento, desgosto, melancolia.

alegre como o moinho — sempre em movimento, sem cansaço.

quando o vento lhe dá bem — quando o vento, a viração agitam as suas pás.

pás dos moinhos — são os seus elementos de acção.

coitado! — infortunado, desgraçado.

triste — pezaroso, sem alegria.

moinho desarmado — moinho desprovido de pás, sem se poder mover ou trabalhar, portanto, triste como o moinho, quando está parado.

QUESTIONARIO

Por que está triste o moleiro?

Já vistes alguma vez um moinho? Para que servem os moinhos? Como se movem elles? Por que fica triste um moinho desarmado?

EXPLICAÇÃO

Alegre como o moinho quando agitado pelo vento, vivia o pobre moleiro, que passava a vida a cuidar do seu moinho. Um dia morreu-lhe o filho, e o infeliz moleiro, coitado! tornou-se triste, como o proprio moinho quando não o fazem trabalhar, quando lhe tiram as pás, o desarmam...

II — Um anjinho enfermeiro

(*Historieta para ser contada aos alumnos*)

Está melhor, dizia o Dr. Silva á sua doente Laura, está...

Agora, o que é preciso, é tomar alguns raios deste bello sol...

Verá como fica forte.

Pedrinho ouvira a recommendação que o medico fizera á sua mãe.

Pedrinho era uma interessante criança de tres annos de idade, filho de Laura.

Logo que o medico sahiu, elle foi á cosinha, agarrou um boião bem limpo e correu ao quintal.

O tempo estava esplendido!

Pedrinho collocou o boião de modo que os raios do sol caissem-lhe dentro.

Esperou um pouco, e depois, tapando cuidadosamente o boião com a fralda da camisinha, foi correndo leval-o á sua mãe.

— Toma, toma, minha mãesinha, diz elle, o doutor mandou... Não tem máo gosto, não... E' para ficar bôa, prova um bocadinho... E' o sol.

D. Laura, enternecida, abraçou o pequenino, e por entre lagrimas e sorrisos lhe disse:

— "Bem vês, filhinho, que não podemos guardar o sol... O boião está vasio, nada tem..."

Mas, filho da minh'alma, melhor do que os raios do sol foram para mim esses raios de teu amor."

"Como sou feliz!"

DR. MENEZES VIEIRA.

OBSERVAÇÃO — Aproveitará o professor a historieta para tirar bôas conclusões moraes sobre os sentimentos que os filhos devem demonstrar para com os paes.

Aos nossos paes tudo devemos: a vida, a subsistencia.

Somos portanto obrigados moralmente a agradecer-lhes, retribuindo-lhes os muitos sacrificios que por nós fazem. A nossos paes devemos amor, amizade, respeito, obediencia, carinho. Deve o professor louvar o procedimento da criança, ainda de tão tenra idade, mas intelligente bastante para comprehender o carinho e a assistencia que devemos a nossos paes, quando enfermos.

COPIA — O mais feliz dos homens é aquelle que sabe ser bom filho.

III — Exercícios oraes

Elocução — Como se chama o pequenito? Onde estava elle quando o medico chegou? Que foi ali fazer o medico? Que foi que recommendou? Por que? Que fez o menino? Por que se sentiu feliz a mamãe? Que devemos pensar do menino? Como devem proceder os filhos em relação aos paes?

VOCABULARIO — *enfermeiro* — aquelle que cuida dos doentes, dá-lhes os remedios.

Qualidades de um bom enfermeiro — ser carinhoso, diligente, rigoroso nas observações e recommendações do medico; dar o remedio a horas certas, ter somno leve para despertar ao menor movimento do enfermo; ser cuidadoso, asseiado, observar os preceitos de hygiene; ser meigo com o doente, mas severo nas prescrições medicas.

doente — aquelle que tem algum soffrimento, que soffre alguma dôr.

recommendação — conselho, ordem.

interessante — encantadora, gracil.

engraçada — intelligente, viva.

esplendido — bom, agradável, bonito, cheio de sol.

cuidadosamente — com cuidado, cautelosamente, geitosamente.

enternecida — sensibilizada, cheia de ternura.

filho de minh'alma — filho do meu coração.

raios de teu amor — o carinho, a meiguice, a ternura do filho.

IV — Exercícios escriptos

I — *Dictado* — anjinho — enfermeiro — mãe — raios — Pedrinho — medico — criança — idade — boião — camisinha — máo — Laura — não — guardar.

II — Separar as syllabas das palavras dictadas.

III — Destacar as palavras em que ha diphthongos.

IV — Diferençar os nomes proprios dos communs.

NOTA — Todos estes exercicios devem ser feitos no quadro negro pelos alumnos com auxilio do professor.

2.º ANNO

I — Recitação — O Gil

O Gil, criança estragada pelo maternal carinho, é um féro despotasinho de natureza indomada.

Já matou um passarinho, rasgou uma obra illustrada, furou um olho ao gatinho, quebrou um braço na escada.

Si a mãe o perde de vista, a conversar com os parentes, o Gil percorre as alcovas,

— Que barbeiro e que dentista! —
Tirando os dentes dos pentes, fazendo a barba ás escovas.

ANTONIO SALLES.

Palavras e expressões que devem ser explicadas:

maternal carinho — caricias, afagos, vontades da mamã.

féro despotasinho — é muito voluntarioso, cheio de vontades, faz o que quer, é um soberanosinho no lar.

natureza indomada — genio travesso, irrequeito, difficil de domar ou dominar; caprichoso, rebelde.

obra illustrada — adornada com estampas ou gravuras.

alcovas — quartos; geralmente chamam-se alcovas os compartimentos da casa ou quartos onde não existem janellas. Não servem para dormitorio, não são bastante hygienicos, não têm luz e ar sufficientes.

QUESTIONARIO

Que faz o Gil quando a mamã o perde de vista?

Por que é o pequenito assim tão voluntarioso?

Procedem bem as mamãs que satisfazem todos os caprichos dos filhos? Que acontece ás crianças cheias de vontades? Quem mais sofreu com as maldades do Gil?

Mereceu elle o castigo recebido? Por que?

RESUMO

O Gil, criança de genio caprichoso, muito amimado pela mamãe, é um despotasinho.

Quando a mamãe se esquece delle por momentos, a conversar, o Gil invade os quartos á procura das escovas e dos pentes, e, qual barbeiro diligente, habil no seu officio, num

apice arranca o pello ás escovas, não poupando os pentes, que deixa sem dentes... Na sua inconsciencia já praticou uma serie de pequeninas maldades, bem merecedoras de uma reprimenda.

Mas foi bem castigado, porque de uma feita quando praticava uma diabrura, partiu um braço na escada.

NOTA — Aproveite o professor o ensejo, para explicar a necessidade que ha de se contrariar muitas vezes os desejos irreflectidos das crianças. A criança, por natureza voluntariosa, precisa ser reprimida nos seus gestos ás vezes inconvenientes e de consequencias más. Os papás, os mestres, aquelles que educam ou preparam a criança para o futuro, para a vida de todos os dias, carecem de agir com energia, e por isso, são em innumeradas occasiões forçados a se mostrarem muito severos ou muito máos.

Consentir que a criança satisfaça todos os seus desejos, é acostumar-a a ser caprichosa, a não saber lutar, é tornal-a incapaz de sacrificios futuros, é prejudicar a formação de seu character, que se torna imperfeito. Faça o mestre sentir aos alumnos que, nas palavras do pae ou do professor, ha sempre o desejo profundo, sincero, de tornar-lhes mais feliz a existencia, menores os dissabores, mais faceis os meios de conquistar sem subordinação ou altivez. Demonstre-lhes que aquelles que sabem conter os seus impetos, que são dotados de força de vontade, tudo ou quasi tudo conseguem na vida, vencem mais depressa os obstaculos.

E, para chegar á comprehensão perfeita de tudo isso, é necessario que desde a mais tenra idade seja a criança contrariada nas suas tendencias más.

II — Que desastre!

— Mamãe, mamãe, — gritava Nélia a correr muito afflicta — o Negrinho foi preso na carrocinha, coitadinho, mamãe, que desastre!

Foi um reboiço em casa: o papae, o Sr. Moreira em frente ao espelho, a concertar o laço da gravata, voltou-se ligeiro a saber do occorrido.

A mamãe, a bôa D. Zita, toda consternada, procurava acalmar os filhinhos que em volta da mais velhita, a Nélia, choravam a bom chorar.

O Sr. Moreira zangou-se com os criados por terem deixado a porta aberta; não fosse isso e o cãosinho não teria fugido.

O copeiro affirmava que o Negrinho fôra apanhado mesmo no portão; que um laçador o havia attrahido do lado de fóra da rua, emquanto outro lhe passava o laço pelo pescoço, ao saltar para a calçada, que elle quando vira, não tivera tempo de salvar o animalzinho.

O almoço esfriara, ninguem mais se lembrava de se sentar á mesa. Que alvoroço!

O Sr. Moreira não podia perder o ponto da repartição, pará ir buscar ao deposito o cachorrinho, mas as crianças, nervosas, não ces-

savam de lastimar o seu companheirinho; nem almoçar queriam enquanto não o vissem novamente em casa.

D. Zita, tambem impaciente e aborrecida, resolveu-se fazer-se acompanhar de uma empregada e da Nélia e ir retirar o cãosinho.

Só assim socegou a petizada.

Que alegria quando o Negrinho chegou: a todos fazia festas, lambia as mãos, com lagrimas nos olhos, lagrimas puras de gratidão!

Como se sentia satisfeito e feliz o coração da bôa mamãe em ter attendido ao pedido tão justo dos filhos!

Aquelles cinco rostinhos tão rosados, com vestigios de lagrimas recentes, como a recompensava do sacrificio que fizera! Sim, naquelle mez privar-se-iam de algumas necessidades, pois o ordenado modesto do marido não permittia despesas extraordinarias, mas não se arrependia de ter praticado aquelle acto de humanidade para com o cãosito, tão amigo dos filhos e que se mostrava tão agradecido.

OBSERVAÇÃO — Commentando a historia, o professor deverá louvar o procedimento da senhora em libertar o cão.

Uma vez preso e levado para o deposito, se não o fossem buscar, seria sacrificado.

Constituiria uma deshumanidade permittir que tal acontecesse.

Aproveite o professor a oportunidade para incutir no espirito das crianças os sentimentos de bondade, que devem ser extensivos aos animaes. Inferiores por natureza, carecem de muito mais protecção e carinho do que os nossos eguaes, a quem amparamos instinctivamente.

Os laçadores quando apanham os cães na rua, estão cumprindo uma lei, que obriga a quem quer possuir estes animaes a matricular-los, pagando uma licença. Aquelle que não satisfaz ás exigencias da lei tem de pagar uma multa, pois incorre em uma penalidade.

Quem possui um animal, ou porque o estima, ou porque lhe seja util, deve cercal-o de conforto e defendel-o quando necessario.

III — Grammatica

Collocar as letras que faltam, para completar as palavras:

O ar, visto de p—rto, é per—ei—amente tran—pare—te.

O rico avar—to é máo; mas o pobr— soberbo é p—or. A m—tira é um vi—o. O habito faz o m—ge. Páo que t—to nasce t—de ou nunca se end—ta. Quem tudo qu—r tudo p—de.

IV — Construcção da phrase:

Aquelle que não gosta de trabalhar, que nome tem?

Quem comprehende facilmente as cousas que é? Que se deve fazer quando se recebe uma or-

dem? Que se diz do alumno que cumpre seus deveres? Por que não pôde inspirar confiança a pessoa que falta á verdade?

3. ANNO

I — Recitação — Bosquejo

Repica o sino da matriz da villa,
Como um dia de gala...
São dez horas, sómente; o sol rutila,
Faisca o espelho de crystal da sala.

A pendula palpita,
Compassada e monotona; singelo...
Numa gaiola, electrico saltita
Um passarinho amarello...

São dez horas; erguidas
As persianas deixam vêr distantes,
Das arvores floridas
As frondes vicejantes...

Subtil essencia de magnolia e rosa
Repassa o ambiente... e a mãe a ler ensina,
Sorrindo carinhosa,
A loura filha ingenua e pequenina...

RAYMUNDO CORREIA.

Palavras que devem ser explicadas:

Bosquejo — esboço, primeiros traços.

repica o sino — vibra o sino, tange, toca.

dia de gala — dia de festa,

o sol rutila — o rei dos astros ou o astro-rei brilha.

faisca — scintilla, brilha.

a pendula palpita — a pendula bate, pulsa, agita-se.

monotona — sem variações, com um mesmo movimento, uniforme, enfadonha, fastidiosa.

saltita — dá pequenos saltos ou pulos.

persianas — venezianas que se collocam fóra das janellas ou portas para deixar penetrar o ar sem passar o sol.

arvores floridas — arvores cobertas de flôres.

frondes vicejantes — folhagem ou ramaria das palmeiras, verdejantes, novas, viçosas.

subtil essencia — perfume leve, odor delicado, suave.

ambiente — ar, atmosphaera.

ingenua — innocente, candida, pura.

RESUMO DA POESIA

São dez horas; o sino da igreja da aldeia vibra, como num dia de festa. O rei dos astros brilha com esplendido vigor; e das janellas, de persianas levantadas, avistam-se as arvores cobertas de flôres, as palmeiras de ramaria verdejante. O espelho da sala scintilla, enquanto o relógio, no seu movimento uniforme agita-se em pulsações mais violentas. Um canario, dourado como os raios do sol, dá pequenos pulos na gaiola, que o encerra, anciosos para respirar o ar embalsamado do campo, mixto de suaves perfumes de magnolias e rosas...

Para completar a bella suavidade e candura deste quadro, a mamãe ensina as primeiras noções á filhinha innocente e pequenina...

II — Exercício de narração

Carlos era o al-Jesus da familia; por isso, crescido cheio de vontades, voluntarioso e ás vezes máo. Os paes achavam graça nas maldades do menino; julgavam-no um prodígio, uma criança intelligente, viva; e, dominados pelo grande amor que devotavam ao Carlito, não tinham coragem para censural-o, não permittindo que outros o admoeastassem. Nunca fôra á escola; temiam que os mestres o reprehendessem ou mesmo o castigassem. Educado em casa, por uma velha professora, dotada de pouca sciencia, mas de muita paciencia, não encontrava quem reprimisse os seus actos violentos ou modificasse com energia e doçura, o seu instincto perverso.

Os animaes soffriam com o Carlito; fazia-lhes toda sorte de atrocidades, rindo-se das torturas que lhes infligia.

Uma vez, amarrou á cauda de um gatinho, o lindo *Mignon*, um cordel, e apertou-o com quantas forças tinha. O pobre animalzinho forcejava por se livrar daquelle supplicio, emquanto Carlito apertava mais o cordão.

Cheio de dor, num movimento instinctivo de defesa, o bichano enroscouse-lhe numa perna deixando nella marcados os dentinhos agudos.

Só assim, com a dôr, comprehendeu Carlito a maldade que estava praticando e olhando a cauda em sangue do desditoso *Mignon*, pela primeira vez experimentou o aguilhão do remorso, esquecendo-se da propria dôr.

A mamãe, afflicta com o grito de Carlito, correu a soccorrel-o, e, ao vê-lhe a mão gottejante, avançou para o gatinho afim de castigal-o, sem querer saber que elle tambem soffria. Mas Carlito, arrependido e emendado, defendeu o animal entre os braços, dizendo á mamãe, que o escutava perplexa: — “Esta lição valeu-me de muito, mamãe; de hoje em diante serei bom não só para os animaes como principalmente para todos aquelles para quem tenho sido máo. Só o soffrimento nos ensina e corrige os nossos defeitos.

Abraçe o seu filho e não se esqueça que foi o pobre *Mignon* que conseguiu cural-o.”

Por uma extraordinaria força de vontade corrigiu-se o Carlito, não mais aborrecendo as pessoas que com elle tratavam, com as suas impertinentes travessuras e a pieguice e toleima de seus paes.

III — Dictado e substituição de trecho por expressões equivalentes

Amor de familia

O amor de mãe é o ralo mais ardente que se irradia daquelle foco de amor de familia. Ao

seu calor levedam-se no coração do filho sentimentos brandos, que não soubera a meiguice de um pae lá germinal-os.

A palavra — familia — symbolisa a suprema das venturas mundanas, o sacrario mysterioso onde se divinizam as grandes virtudes, que depois se apresentam á luz da publicidade, no commercio do mundo, para serem admiradas.

C. CASTELLO BRANCO.

IV — Exercício — Antonyms

Completar as phrases com palavras antonyms das que estiverem gryphadas.

Não ha *gosto* sem... Quem o *feito* ama... lhe parece.

O trabalho *enriquece* o homem e a preguiça... A *riqueza* é o contrario da... A *melhor* e a... cousa que ha no mundo é o conselho. Quem não é *economico* soffre por... Quem poupa os *mãos* offende os... O *vicio* e a... se afastam. As andorinhas emigram das regiões *frias* para os logares...

O *dia* foi feito para o *trabalho*; a... para o... Uma cousa por muito *barata* que seja sempre é... quando não tem utilidade pratica.

4.º ANNO

I — Recitação — Chromo

Amanhecera. O tropeiro
Passa, cantando, na estrada;
No seu casebre o roceiro
Prepara as foices e a enxada.

Ao rumor a luz casada
Enche de vida o terreiro;
Parece bruma cerrada
As flores, lá! do espinheiro...

Aspira-se o olor suave
Do bom café... Alto e grave
Bate o pilão nas cozinhas.

Ha junto á horta um barranco
Onde a mulher, de tamancos,
Distribue milho ás gallinhas.

B. LOPES.

EXPLICAÇÃO

tropeiro — aquelle que pastoreia o gado, o vigia, o guarda; *tropeiro* — tambem é aquelle que transporta uma tropa de animaes com carga, para o mercado.

casebre — habitação rustica; choupana.
ao rumor a luz casada — o barulho harmonisado com a luz; o conjuncto do som e da claridade.

enche de vida o terreiro — dá vigor, vida, imprime alegria ao campo.

roceiro — homem que vive na roça ou se emprega nos trabalhos das roças; rustico, campesino.

bruma cerrada — nevoeiro denso, fechado; pôde ainda significar: sombra, obscuridade ou incerteza; ex.: Nada está resolvido; está tudo em brumas, isto é, em incerteza, ou incerto. Brumas do futuro — isto é, as sombras a incerteza do futuro.

aspira-se o olôr suave — respira, haure-se, sente-se o perfume brando.

alto e grave — forte e compassado, com um movimento rhytmado.

barrancos — covas formadas pelas grandes enxurradas ou córtes feitos nas montanhas.

Os barrancos da vida — são os grandes erros, os precipícios, os tropeços que encontramos na existencia.

A expressão: A trancos e a barrancos — quer dizer: com trabalhos e riscos.

Barrancos — pôde ainda ser empregado na accepção de estorvo ou impedimento.

RESUMO

Despontara o dia. O tropeiro pela estrada passa, entoando cantos, enquanto na sua humilde choça o roceiro prepara as foices e a enxada para as luctas diarias. A luz do sol em harmonia com o despertar da natureza enche de brilho e dá novo vigor ao campo.

As flores do espinheiro brancas qual denso nevoeiro, avistam-se ao longe... O cheiro brando do café, puro, socado nas cozinhas ao som cadenciado do pilão, espalha-se pelo ar.

Na horta, proximo a um barranco uma campomania em tamancos, attrae as gallinhas distribuindo-lhes a ração da manhã.

II — Exercício de redacção

O ninho

Por entre a ramaria de um verde laranjal, na folhagem mais densa, mais cerrada, construiu o ninho ideal, mimoso e bello, um gentil casal de jurityts.

Os dois lindos passaritos, no cestinho entrelaçado de verde e delicada trepadeira, atapeado de folhas de rosa e pennugens de algodão sedoso, embalavam docemente tres avesinhas implumes, frageis ainda, nos seus primeiros dias de vida.

Um vento máo soprou rijo, balançando o verde ninho de branca plumagem tapetado!

Sob as azas da mãe que os vigiava afflicta, os pobresinhos gemiam de fome, enquanto o papae diligente partiu em busca de alimento para os filhotinhos!

Nisso uma rajada mais forte atirou o berço gracioso ao chão, e um grito doloroso, um gemer que cortava o coração, partiu do peito angustioso da pobre mãe que viu, com que dôr! desfeito o bello sonho de seu porvir, mortos os filhinhos estremecidos, no ninho architectado

com tanto amor! Pobre pae! ao chegar, não mais encontraria a morada encantadora! Jazem por terra os filhos pequeninos e os dois, muito unidos e muito resignados na dôr immensa, partem para regiões menos ingratas, onde o vento seja menos devastador e os ninhos mais protegidos.

Juntos, muito juntos, vão curtir o seu soffrimento em plagas mais consoladoras!

III — Dictado e substituição

Manhã na roça

E' pleno inverno.

Aqui e além, gallos acordam cantando á aproximação do dia.

Uma tenue mancha de claridade argentea recorta em lacca a linha ondulada das collinas verdes. Pouco a pouco, uma poeira de ouro transparente, que se esbate para o alto, cobre todo o horizonte, e o sol aponta, deslumbradamente, como uma gemma de ouro flammante.

Vapores diaphanos diluem-se lentamente, em meio dos listrões vivos que purpuream o nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa; e eleva-se da floresta uma orchestração triumphal.

VIRGILIO VARZEA

IV — Exercício — Paronyms

Determinar os paronyms das palavras em grypho, formando phrases:

Devemos *prover* ás necessidas da vida. Não se deve *propôr* um negocio cujo resultado se desconheça. A aguia elevou-se nos ares até se *librar* na immensa vastidão. O criminoso vae *expiar* no carcere as suas culpas. O credor mandou *cobrar* a importancia da divida. Os segredos não se *revelam* a ninguem. Deve-se *preferir* o util ao agradável. O vento fazia *girar* as rodas do moinho. Vão *annullar* as provas do concurso, por insufficientes. A colera concorre para *afear* os rostos.

5.º ANNO

I — Recitação

Manhã de inverno

Adelgaça-se a frigida neblina,
E uma faixa de luz larga se escôa;
Fulge o crystal das aguas da lagôa
Sob o flanco virente da collina.

Daqui, dalli, de toda parte vôa,
Doudeja um bando de azas; pela crina
Do bambual, murmúro se inclina,
Cantam as aves; a floresta echôa.

O rouco, rude baque do machado
Brame longe, na serra, compassado.
De uns aromas subteis sopram lufadas...

Do rebanho o lençol branco se estende
Num alto, enquanto em baixo, tine, esplende
Tremula, ao sol, a fila das enxadas.

ALBERTO SILVA.

BIOGRAPHIA DO AUTOR — Alberto Silva, nascido na cidade de Nictheroy, no Estado do Rio, é um poeta que seduz pela sonoridade de seus versos meigos e singelos. Dos seus versos, alguns ainda esparsos, destacam-se: "Matinaes", deliciosa collecção que encanta pela doçura da forma, e o "Naufragio da Barca Terceira", poemeto que recorda o doloroso acontecimento que se desenrolou na bahia de Guanabara, proximo á cidade de Nictheroy.

EXPLICACÃO

adelgaça-se — torna-se fino, agudo.

adelgaçar — pôde significar ainda: tornar menos denso, rarefazer, como no exemplo: — "Quando a temperatura augmenta, adelgaça-se o ar".

Ha accepção de diminuir, como em: "Para economisar é preciso adelgaçar as despesas".

De *adelgaçar* derivam-se *adelgado* — aguçado, estreito, delgado ou rarefeito; *adelgamento* — acção de adelgaçar; *adelgador* — que adelgaça.

escôa — esvae, passa, escorre, corre, decorre, desaparece, some.

Ex.: "Os annos escôam lentamente"; isto é, passam, correm, se esvaem.

"Aqui ou lá pouco me importa onde é que tem de escôar-se (decorrer), o resto dos meus dias."

"A luz da lua escôou-se por entre as nuvens". isto é, desapareceu, sumiu-se.

Quando alguém se retira de algum lugar sem se despedir dos presentes, furtivamente, costuma-se dizer:

— "F... escôou-se sem que ninguem o visse."

flanço — lado, encosto. A expressão "dar flanço", significa: dar a conhecer o seu fraco, a corda sensível, o ponto ou o meio pelo qual se pôde chegar a obter o que se deseja.

doudeja ou *doideja*, deriva-se de: *doidejar* (doido+ejar).

Significa: fazer doidices, loucuras, commetter desatinos, leviandades, imprudencias, disparates.

Pôde ainda ser empregada esta palavra na accepção de alegria exaggerada, enthusiasmo violento.

Doido — é aquelle que perde a razão, o juizo. A pessoa destituida de juizo, falto de razão, é um louco, um alienado.

Quando uma pessoa demonstra muita satisfação, alegria, por algum successo obtido diz-se que "está doido de alegria". De alguém que está vaidoso, cheio de si, ufano com a consideração ou amizade que lhe dispensam, diz-se: "F... anda doido, mal cabe em si de alegria".

Daquelle que commette um acto leviano, afirma-se: — "Que doido!"

— "Ser doido" por alguma cousa, é andar apaixonado, ter grande enthusiasmo.

Escrever á "doida" é escrever sem correccão, de qualquer fórma, sem burilar a idéa ou precisar o sentido.

Doido e doído — são palavras homonymas (homographas ou aculares); doído significa: magoado, offendido, sensibilizado, dorido, machucado.

Da palavra doido, derivam: doidice, doidamente, doidivas; (extravagante, aquelle que só pratica desacertos).

crina do bambual — são as folhas que ficam no apice do bambú, as mais fininhas, na parte mais flexivel do caule.

murmúro — som confuso da viração por entre as folhas das arvores; *múrmuro* — que murmura; rumoroso ou murmuroso.

baque — estrondo produzido por um corpo pesado quando cae sobre outro.

Tambem pôde significar: palpitações muito fortes—"os baques do coração"; chôque, desastre, ruina: exs.: — "A morte do filho, produziu o *baque* daquela pobre gente"; *baquear* — é cahir de chofre, repentinamente.

A's vezes, as grandes fortunas, quando mal dirigidas, *baqueiam* sem se saber por que."

brame — vem de bramir. Está empregada na accepção de resôar, fazer barulho.

Bramido significa: — rugido, gritos fortes: "o bramido das fêras". Na accepção de estrondo: "o bramido do trovão". *Bramidor* — é aquelle que costuma bramir.

lufadas — rajada de vento violento. Deriva-se de lufa.

Lufa — pôde significar vento, qu em sentido figurado: afan, pressa, como na expressão: — "lufa-lufa".

tine — quer dizer, na poesia: vibra; o resto é *tinir*, que significa: soar agudamente.

De alguém que não possui dinheiro nenhum, diz o povo que "está a tinir".

esplende — resplandece, brilha; *esplendecer* é resplandecer; *esplendente* é brilhante, luzente, resplandecente; *esplendencia* — significa a qualidade daquillo que é esplendente, portanto, que tem brilho.

RESUMO DA POESIA

Manhã de inverno. O véo finissimo das nuvens frias, vae pouco a pouco desaparecendo, e, uma larga restea de luz, que se esvae por entre as brumas, empresta fulgurações de espelho ás aguas quietas da lagôa, na encosta verdejante da montanha.

As aves, annunciando o alvorecer, vôm em bandos, ébrias de alegria, entoando hymnos deliciosos que vão echoar muito ao longe, na floresta. A natureza toda desperta: os bambús, vergando os caules flexiveis, parecem falar com doce murmúrio. Lufadas de essencias subteis se espalham pelo ar, enquanto o baque surdo do machado vae reboar pelas collinas, onde as ovelhinhas brancas se estendem qual vasto tapete de neve...

E, cá em baixo, aos raios rutilantes do sol,

as enxadas tinem, manejadas pelos rusticos camponios.

II — Dictado e substituição

Salto de Itu'

A natureza parece haver concentrado toda a sua pujança na catadupa tremenda. Grandes moles de granito ali sobrepostas umas ás outras por braços titanicos de alguma tribu de gigantes, negros montilhos entremeiados ás moles, dão ás muralhas do canal um aspecto ameaçador e torvo.

De dia a quêda da torrente parece ir arrançar das entranhas do solo os mais ricos mineraes, mil gemmas preciosas, para atiral-as, espadanando, de encontro ás fragas, alas de reis velhos contemplando o abysmo, corçados com as esmeraldas da vegetação e envoltas no arminho das espumas: barathro e assembléa, ira e conselho, sitio de pavor e meditação.

SALVADOR DE MENDONÇA.

III — Redacção — A caridade

A caridade, uma das mais bellas virtudes da alma, consiste no devotamento desinteressado ao nosso proximo.

Inspirada no amor de Deus, que nos deu os mais sublimes exemplos de caridade, tem por base: "Fazer aos outros o que desejamos que nos façam". A caridade é companheira inseparavel da bondade; e, para bem exercel-a, é necessário que nos sintamos fortes para o sacrificio, promptos a ceder aos que soffrem alguma cousa de nós mesmos.

Respeitar os direitos alheios, não prejudicar a quem quer que seja, causando desgostos, mostrar-se honesto em todos os actos da vida, é ser justo. Auxiliar ao opprimido; socorrer o fraco, esclarecer o ignorante, cuidar dos enfermos, é ser caridoso. A caridade não consiste unicamente na protecção que dispensamos ao primeiro pobre que encontramos, na esmola que deixamos cahir insensivelmente no regaço de um infeliz.

Ser caridoso não é abrir os cordões da bolsa aos que pedem esmolas; é sobretudo mostrar indulgencia pelas faltas de outrem, dar bons conselhos, dissipar os erros, prevenir os nossos amigos ou inimigos dos perigos que os esperam, defendel-os contra as injurias ou calumnias, acompanhando-os nas dôres que os atinjam.

Fornecer trabalho áquelles que carecem de meios de subsistencia, é tambem praticar a caridade, assim como renunciar dos beneficios a que tenhamos direito e dos prazeres da vida em favor dos outros.

Reconciliar os genios oppostos, perdoar os inimigos, dar a esmola sem ostentação, sem esperar recompensa, agir sempre desinteressadamente, pelo coração, é fazer o bem, é saber praticar a caridade.

IV — Exercício — Homonymos

Substituir os traços pelo termo correspondente que está entre parenthesis.

A — deste terreno é vastissima. A cantora deliciou-nos com uma bella — (aria, area). A — das madeiras faz-se com machinas apropriadas. Tudo estava envolto em — (cerração, serração). A assembléa abriu a —. Na hora da morte elle fez — de todos os seus bens (cessão, sessão).

O artista — a sala. O alumno não — a lição. A onda é uma —. Vagatura é o mesmo que —. A... é uma medida antiga. A... é um animal feroz.

O professor de uma escola superior chama-se —. A — augmenta os objectos (decorou, vaga, onça, lente).

O — é uma ordem de pagamento. Os jornaes puzeram o ministerio em — (cheque, xeque). A delicadeza dos sentimentos é um esteio de —. Corôa — era a que os romanos davam aos soldados, que primeiro subiam ao assalto; (moral e mural.)

6.º ANNO

I — Recitação — Fragmento

O mundo é uma mentira, a gloria — fumo. A morte — um beijo, — e esta vida — um sonho, Pesado ou doce, que se esvae na campa! O homem nasce, cresce, alegre e crente, Entra no mundo co'o sorrir nos labios, Traz o perfume que lhe déra o berço Veste-se bello de illusões douradas, Canta, suspira, crê, sente esperanças, E um dia o vendaval do desengano Varre-lhe as flores do jardim da vida E, nú das vestes que lhe déra o berço, Treme de frio ao vento do infortunio. Depois — louco sublime — elle se engana. Tenta enganar-se p'ra curar as maguas, Cria phantasmas na cabeça em fogo, De novo atira o seu batel nas ondas, Trabalha, lucha e se afadiga embalde, Até que a morte lhe desmancha os sonhos! Pobre insensato — quer achar por força Perola fina em lodaçal immundo! — Menino louro que se cança e mata Atraz da borboleta, que travessa Nas moitas do mangal vôa e se perde!...

CASEMIRO DE ABREU.

BIOGRAPHIA DO AUTOR — Natural do Estado do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1837, na Barra de S. João, Casemiro de Abreu, primou sempre pelo estylo romantico, mavioso, melancolico e sentimental. Morreu muito moço, aos 23 annos, desgostoso, contrariado na sua voca-

ção e aspirações naturais pelo pae, que desejava vel-o no commercio, enviando-o para Lisboa, de onde voltou minado pela terrível tuberculose, que o matou prematuramente. Nas suas poesias vaporosas, sentimentaes, ás vezes aereas, observa-se a nota predominante de seu caracter: a pureza e a sinceridade.

Singelo na fórma, teria sido um poeta perfeito se algumas vezes não se tornasse vulgar.

O "Fragmento" que reproduzimos é uma de suas melhores produções, extrahido das "Primaveras", publicadas aos 22 annos de idade.

Casemiro José Marques de Abreu falleceu em 1860.

EXPLICAÇÃO

fragmento — pedaço, pequena parte ou porção de um todo; partes que restam de uma obra literaria ou poetica, de um objecto ou de uma preciosidade.

gloria — significa honras, brilho, esplendor. Póde ainda significar fausto, magnificencia, grandeza; ex.: "As glorias da nobreza"...

Na accepção da vaidade, orgulho desarrazoado; ex.: "Elle tem gloria em não proceder bem".

A palavra gloria póde ainda exprimir: celebridade adquirida pela pratica de actos heroicos, satisfação, regosijo, homenagem, preito, bemaventurança, resplendor, aureola, apothese. "Gloria a Deus", significa, honra a Deus, ao Senhor.

O "Gloria Patri" é uma pequena oração com que se completam outras orações.

Tambem dá-se o nome de *gloria* a um jogo de salão, numerado, que se faz por meio de sortes.

Gloriar — é encher alguém ou alguma acção de glorias. "Não é bonito gloriar-se alguém de alguma cousa", isto é, ufanar-se, jactar-se, rejubilar-se.

Glorioso — diz-se daquelle que conseguiu glorias, victorias. De alguém que se tornou notavel pelos seus actos bons ou máos, diz-se que foi de "*gloriosa memoria*".

Glorificar — é dar gloria a alguma pessoa; tambem exprime: beatificar, canonisar; ex.: "A gloria de Nossa Senhora"; o "dia da Gloria".

Gloriosamente — quer dizer: de modo glorioso: "O soldado morreu *gloriosamente* no combate", isto é, com heroismo, coberto de glorias, de honras.

campa — sepulchro; tumulo, cova; *campana* — na accepção de campanha — significa sino pequeno para signaes; póde ser movida a electricidade ou a mão.

Chama-se *campanha* ou *campanula* (fórma latina), a uma flôr amarellada ou branca, especie de lyrio.

Antigamente chamava-se *campanha* a um instrumento de musica, do formato de um triangulo, que se tocava nas bandas militares.

Tambem se dá o nome de *campanula* a um vaso de vidro em fórma de sino.

A' torre de sinos chama-se *campanario*. "O *campanario* da aldeia".

Campainheiro — é daquelle que nas procissões leva a *campanha*.

Campal — é tudo quanto pertence ao campo. Ao acto religioso ou á missa rezada em pleno campo, ao ar livre, diz-se: — "missa *campal*".

vendaval — vento forte, tempestuoso, do sul. *vendaval do desengano* — a desillusão de todas as esperanças, o desmoronar das chiméras.

desengno — póde significar fraqueza, desillusão, experiencia, como no exemplo: "Os annos são desenganos".

desenganar a alguém é tirar-o do engano, esclarecel-o; *desenganar* é desillusir, despersuadir, convencer do engano.

Quando um doente está muito mal e não ha esperanças de salvá-lo, diz-se que "está *desengano*".

Falar desenganadamente, é dizer as cousas com clareza, sem subterfugios, com franqueza.

infortunio — sorte adversa, desgraça, infelicidade, desventura.

A um facto luctuoso, a um accidente, a um acontecimento funesto, chama-se *infortunio*.

"Já tive na vida horas *infortunadas*", isto é, infaustas, funestas. "F... é um *infortunado*", um infeliz, um desgraçado, não bafejado pela fortuna.

"Não devemos infortunar os outros com as nossas culpas, os nossos erros", ou trazer, provocar a desventura de alguém, que é a mesma cousa.

Infortunoso — diz-se daquelle que soffre ou que é victima de muitos infortunios.

batel — canôa ou barquinho; daquelle que governa o batel é o *bateleiro*; a um grande batel chama-se *batelão* e á carga que elle póde transportar denomina-se *batelada*.

insensato — louco, phantasia; ao falto de senso ou de razão, chama-se *insensato*; *insensatez* significa demencia, inconveniencia, descabida ou mais propriamente loucura.

moitas — plantas rasteiras, formando uma especie de esconderijo, ramaria densa.

A expressão: "A alumna durante o exame ficou *moita*", quer dizer: não disse uma unica palavra, conservou-se calada.

Ha um proverbio que diz: "Desta *moita* não sae coelho", isto é, daqui nada se espera; é uso applical-o em relação ás pessoas pouco generosas ou intelligentes.

Interpretação do fragmento

No mundo nada existe de duradouro e eterno.

Os sonhos de gloria, as ambições, os devaneios, desfazem-se como flócos de espuma ou nuvens de fumo que se adelgaçam pelo ar, para logo após desaparecer.

Bafejadas pelo sopro da desgraça estiolam-se as alegrias da vida pesada ou doce, transformam-se os prazeres em infortunios e o sorriso que acompanha o homem quando nasce, a fé que o torna crente, os perfumes que lhe dão o berço, as illusões douradas que o alentam, desfazem-se ao vendaval do desengano.

Então, não mais crê, não mais canta, não mais sente esperanças, fenecem as flôres do jardim da vida, e, sem o calor das illusões

do berço, sente o frio da desventura a enregelar-lhe os ossos.

Mas... um novo alento o faz estremecer, o coração vibra ainda, o desejo de vencer as dôres, de cicatrizar-as, desperta outras phantasias e, em doudo afan lucta, trabalha e se anniquila na esperança embaladora de maiores conquistas...

Qual criança infatigavel, por moitas e valles em perseguição ás borboletas multicôres, assim o homem corre celere em busca de novos idéaes, aos barrancos pelas estradas sinuosas da vida, na ancia de vencer, até que a morte o transforma em pó...

II — Dictado e substituição

Prenuncios

O sol, despenhando-se para o oceano, parecia descer reclinado em coxim immenso de nuvens negras, que se dilatavam no horizonte, orladas de fimbria d'ouro, arroxeadas. A lua, erguendo-se entretanto para as alturas do céu, ia velando o fulgor de milhares de estrellas com o pallido sendal de luz frouxa e melancolica. A rainha da noite subia ao seu throno para dali assoberbar a terra; mas a procella, semelhante a povo indocil, rugia cá em baixo nos mares.

ALEXANDRE HERCULANO.

III — Descrição — O inverno

E' o inverno a estação mais fria do anno. Os dias são menores, as noites mais longas, o aspecto da natureza mais triste. As arvores despidas da bella ramaria verde, não mais abrigam as feiticieras andorinhas, que emigram para as regiões mais quentes. As borboletas não mais volteiam, aligeras, pelos prados e jardins; as aves emmudecem, e o nevoeiro denso, o céu pardacento, as chuvas torrencias, os caminhos intransitaveis, o entorpecimento dos animaes, tudo infunde um aspecto de serena tristeza, á natureza despida de galas.

Pelas cidades, sob mantos e pelles, enrolados em capas, se agitam as pessoas que se divertem, á procura de theatros, em demanda dos bailes e festas, enchendo as ruas de movimento e os salões de alegria.

Passam rapidos os automoveis bem illuminados; pelos passeios caminham fileiras de gente apressada, mãos nos bolsos, casaco abotoado, para se resguardar do frio.

E' a estação das festas, dos concertos, das danças. Procura-se desse modo, emprestar uma vida artificial á natureza morta, despertando-a ao som das musicas e ao calor das luzes.

IV — Exercício

Sublinhar os verbos transitivos, intransitivos, reflexivos, defectivos, determinando as

vozes méda, passiva e activa, nos seguintes exemplos:

O céu se coloriu de vermelho; com o perpassar do vento buliu a folhagem. O pirata do mar não rouba aos da sua republica; os da terra roubam os vassallos do mesmo rei, em cujas mãos juram homenagem. As tempestades fazem naufragar os navios, arrancam arvores e fazem desmoronar muitas casas.

Duas propriedades têm o sal, diz Santo Hilario; conserva e mais tempera: é o antidoto da corrupção, é a lisonja do gosto; é o preservativo dos preservativos, é o sabor dos sabores.

Quando Josias começou a reinar, todo o reino, que era o de Jerusalém e Judá, não só privada, mas publicamente, professava a idolatria. Tambem os cadaveres debaixo da terra, tambem os ossos nas sepulturas acompanham os cursos dos tempos, e ninguem dirá que vivem.

Os homens devem amar-se, não odiar-se. O raio fulmina. O Brasil aboliu a escravidão em 1888. As rosas florião. E' necessario precaver-se.

I — Leitura e recitação

SORRIR

Sorrir é bom quando se tem ventura, ou quando, ao menos, feiticera esperança, arfa a existencia em mares de bonança, rompe a alvorada sempre amena e pura.

Nuvens, se ha nuvens, são de tanta alvura, alli a mente pouca e alli descança, como em berço d'arminhos a creança! e vaga e voga pelo azul da altura.

Mas, quando o coração se traz desfeito, apparentar serenas alegrias na mascara d'um rosto satisfeito,

mas rir nas mais acerbas agonias é matar, parricida, os dias no peito! Tu não podes chorar?! pois bem! não rias!

THOMAZ RIBEIRO.

Palavras e expressões que devem ser explicadas: feiticera esperança — risonha, fascinadora illusão.

arfa — offega, palpita, Mas quando se traz o coração desfeito — Quando se tem a esperança perdida, quando se traz o coração anniquilado, combalido.

apparentar — fingir, affectar, exteriorisar. parricida — daquelle que extermina seus ascendentes — (paes ou avós).

é matar, parricida, os ais no peito! — E' abafar as manifestações do proprio sentir.

Diversas accepções em que podem ser tomadas as palavras:

esperança — vem de esperar.

A palavra esperar póde ser tomada em varios sentidos: esperar — é ter como possivel ou pro-

vavel a obtenção de um desejo, significa também aguardar, estar á espera. Ainda pôde significar conjecturar, supôr, estar na expectativa.

Esperar em alguém — quer dizer, confiar no seu valor, na sua protecção, no seu amparo.

A expressão esperar em Deus — significa ter confiança no seu poder infinito para a realização de algum bem ou para a salvação de uma alma.

Esperança — significa a espera de um bem que se deseja.

A esperança — é uma das virtudes theologaes, a que inspira ao crente a firme confiança em Deus de esperar a sua graça.

Dar esperanças a alguém — é alimentar-lhe as ambições, os sonhos.

Perder a esperança — é desesperar.

Esperançoso é aquelle que tem esperanças e esperavel é tudo aquillo por que se pôde esperar.

Quem espera, sempre alcança e quem espera desespera — são dois adagios muito communs; um — mandando esperar, impõe a paciencia; o outro é uma expressão de desalento, propria dos fracos, daquelles que não são dotados de uma vontade firme, dos que não conhecem a tenacidade.

Vaga — está empregada no sentido de errar, vaguear, andar errante, sem destino.

Vaga — é uma onda grande em mar agitado. Pode também significar vacancia, vacatura.

A palavra voga — está empregada no sentido de deslizar.

Voga — pôde indicar acção de remar, movimento de remos.

Estar em voga — é estar em moda, na actualidade.

Pôr alguma cousa em voga — é vulgarisar, propalar, tornar aceitavel.

INTERPRETAÇÃO DA POESIA

O sorrir é a fórma mais expressiva da alegria. Sorriem os venturosos, aquelles a quem nada falta, aquelles que só encontram flores na vida.

Quando a existencia é calma, sem agitações, sem contrariedades, quando a esperança embala-nossos sonhos, doura-nos as illusões, sorrir é bom.

Ha risos que são puros, crystallinos como a alma das crianças; são os risos daquelles cujos pensamentos vagueiam, deslizam pelas alturas.

Quando, porém, se tem toda a esperança perdida, quando o coração está aniquilado, combatido, affectar num sorriso cheio de alegria um bem que não existe, uma felicidade que se não desfructa, rir em meio das mais cruéis e torturantes dôres moraê, é abafar o proprio sentimento, é fingir a nós mesmos, é illudir a propria alma.

II — Orthographia

A palavra

De todas as artes a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil, é sem duvida a arte da

palavra. De todas as mais se entretece e se compõe. São as outras como ancillas e ministras; ella soberana universal.

Da estatuaría toma as fórmas; da architectura imita a regra da estructura de suas fibras; da pintura copia a côr e o debuxo de seus quadros; da musica aprende a variada successão de seus compassos e melodias; e sobre todos estes prediicados tem mais do que as outras artes, a vida que anima os seus paineis, a paixão, que dá novo esplendor ás suas tintas, o movimento, que intimo aos que a executam e admiram o entusiasmo e a persuasão.

J. M. LATINO COELHO.

Palavras a explicar:
entretece — entrelaça,
ancillas — escravas, servas,
debuxo — esboço, bosquejo, risco,
persuasão — acto ou effeito de persuadir, de convencer.

III — As diversas expressões da mesma idéa

Variar as phrases abaixo, por meio das expressões entre parenthesis.

A vida do avarento é uma comedia que só se applaude na *scena final* (que lhe põe termo, que a termina, do fim).

Não devemos confiar segredos, senão aos *discretos* (a quem os não divulga, a quem os sabe guardar).

O tempo é o peor inimigo dos *preguiçosos* (daquelles que nada fazem, dos ociosos, dos vadios, de quem não gosta de trabalhar). A terra não se cança de distribuir os seus bens por *aquelles que a cultivam* (pelos agricultores, lavradores, pelos que a tratam e a amanham com carinhos). O professor louva os alumnos *estudiosos* (aquelles que estudam, que se distinguem, pelos caprichos, pelos bons alumnos).

IV — Synonymia

Substituir o travessão por um dos termos synonymos: integro, justo, imparcial, justiceiro, recto e outros que conheça.

— O principio de todo o governo — é a vontade nacional.

O historiador — não sacrifica a verdade e a justiça, a considerações particulares. O homem — propende nos seus julgamentos para o rigor e até ás vezes para a crueldade. Um magistrado — procede e julga segundo os dictames de sua consciencia. O — não tem partido por ninguem, não favorece mais a um do que a outro. O — só pensa em fazer justiça, não attendendo aos impulsos do coração.

V — O anniversario de Renato

Era o dia do anniversario de Renato. Entretanto, naquella casa outr'ora tão cheia

QUESTIONARIO

Onde constrôe o passarinho o fofo ninho? Já vistes alguma vez um passarinho fazer o ninho? Porque procura elle os logares altos? De que se alimentam? Como se chamam os passarinhos muitos pequeninos que ainda não têm pennas?

II — Recitação — Raios de sol

Ruth é meiga e encantadora. Um dia brincava no jardim com os maninhos.

— Vamos brincar de raios de sol? — propoz o menorsinho.

— De raios de sol? — interrogou o travesso Nestor.

— Sim, Nestor; está bem, brinquemos de raios de sol, sustentou Ruth.

Cada um de nós será portador de alegrias, calor, e luz.

— Eu irei alegrar o passarinho no ninho.

— Eu, a criança no berço.

— Aquecerei a flor escondida na escuridão. — E Ruth, que irá fazer?

— Irei beijar a mamãesinha, recompensando-a numa caricia, do muito que faz por todos nós.

III — Leitura

Milton tem um cãesinho muito intelligente. Uma manhã Milton sahiu a passeio, levando em sua companhia o inseparavel Néro.

Néro ia na frente, sacudindo a cauda, satisfeito, embrenhando-se de quando em vez pelas moitas da vegetação que encontrava no caminho.

Numa dessas occasiões, parou repentinamente e poz-se a ladrar.

— “Que ha de novo Nero”? perguntou Milton; anda dahi, porque estás a latir?

Mas Néro não attendeu, e continuou a ladrar, como se estivesse a vêr alguma cousa. Milton approximou-se e vio um cão menor ainda que Néro, estirado sobre o capim, ganindo, coitadinho, que fazia pena. Levantou-o para fazel-o andar, verificando que o animalsinho coxeava. Tomou-o ao collo e examinando-lhe a patinha disse: “Tem um espinho na pata; tem paciencia que eu t'o tirarei.”

E, com cuidado retirou-lhe o espinho, levando-o com carinho para casa. Néro saltava e ladrava de contente, agradecendo o auxilio prestado ao seu pobre companheiro.

— Crianças, deveis ser como o Milton; bom para os animaes, que sabem ser gratos e amigos não só do homem como dos da sua especie.

2.º ANNO

I — Recitação — A camelia e a rosa

— Num jardim, falando á rosa,
Uma camelia vaidosa,
Ostentando a rubra côr
Dizia com ligeireza:
— Ao pé da minha belleza
O que és tu no mundo, flôr?”
Disse-lhe a rosa singela:
— “Sou humilde e tu és bella;
“Porém eu, pallida flôr,

de alegrias festivas e de encantos, reinava a a mais profunda tristeza, evocada pelas recordações saudosas do passado.

E Renato, a loura criancinha de cabellos dourados como os raios do sol, de olhos azues tão puros quanto o azul diaphano no firmamento, no dia em que completava as suas duas primaveras, não encontrava nos beijos da vovó o mesmo carinho dos outros dias.

Naquella casa que deveria ser tão feliz para o meigo anjinho, uma sombra de melancolia pairava sobre aquelle velho casarão, onde não se ouviam as risadinhas crystallinas de Renato, que, pela manhã muito cedo, fôra, a mandado da vovósinha materna, passar o dia com os avós paternos que também muito o estremeciam.

E, por que via assim o pequenito passar o dia do seu natal?

—Fôra num dia de sol, de luz e de calor, em que Renato veio ao mundo, que morrera a sua doce mamãesinha...

Elle, tão puro, tão innocente, ficara como uma recordação viva á doce avósinha constituindo-lhe o seu consolo, o seu thesouro unico, a imagem suavissima da filha querida que o destino implacavelmente lhe roubara.

Em meio de lagrimas, de desalentos, escoava a infancia de Renato, que crescia em encanto e meiguice.

Muito vivo, muito amigo da vovó, a quem preferia a todos os brincos e até mesmo ao querido papae, por vezes agarrado ao seu pescoço, entrelaçava os dedinhos delicados nos alvos fios dos cabellos da santa velhinha, que o cingia ao peito com amor, com frenesi, cobrindo-o loucamente de beijos.

Naquelle dia, porém, em que mais se accentuavam as saudades da filha extincta era doloroso á boa vovó, ouvir as garridices de Renato. Entregue inteiramente á sua dôr, a um abatimento profundo, o pequenito nas suas graças, fazia-lhe mal.

Por esse motivo, pela manhã muito cedo o papae o levava para a casa dos outros vovós, que o esperavam com bonecas, doces e beijos.

No emtanto, Renato repellindo os doces, os brinquedos e as festas, soluçando nervoso, esquivava-se aos carinhos dos avós, aos beijos das tias, e, agarrando-se ao papae, pedia-lhe para ver a “mamãesinha que estava no céu”.

O louro cherubim, na innocencia dos seus dois annos, comprehendia já a immensa tristeza daquelle dia e a razão das lagrimas da sua amada vovósinha.

PRIMEIRO ANNO

I — Leitura e recitação

O ninho do passarinho

Naquella verde avelleira,
Que se eleva sobranceira
Por sobre um mar de verdura,
Vem á tarde o passarinho
Procurar o fofo ninho,
Entre a frondosa espessura.

"De ti não tenho ciúme;
"E's o brilho — eu o perfume;
"E's a alegria — eu o amor."

Do livro de Arnold e Gibert.)

Explicação da poesia — Uma camélia vaidosa, ufana de sua beleza, toda vestida de rubra côr, perguntava com altivez a uma rosa modesta, que papel representava a seu lado.

A rosa singela, respondeu-lhe com humildade que não invejava a sua sorte, possuía o perfume que lhe faltava, e symbolisava o amor."

Como a camélia orgulhosa, existem muitas pessoas que se julgam sempre collocadas num plano superior, com o direito de humilhar aquellas que não foram tão bem aquinhoadas pela sorte. No entanto, não se lembram que o mundo é vario, que tudo nelle se transforma, e que o opulento de hoje pôde ser onecessitado de anhãma.

Só pelo coração, pela pratica de actos bons, pelo cumprimento rigoroso dos deveres moraes e religiosos, os individuos se pôdem differenciar um dos outros, e não pelos encantos physicos, que rapidamente fenecem.

Procuremos elevar-nos pelas nossas boas acções, pela educação, pela intelligencia e não nos deixemos arrastar pelas vaidades e pelo orgulho.

II — Leitura — E' preciso reflectir para bem poder agir.

Judith era muito animada; por isso, voluntariosa, ás vezes colerica e irreflectida.

Uma linda boneca que o padrinho lhe dera era o seu enlevo, a um canto da escada que ia para os dormitorios da mamãe, passava horas esquecidas a brincar com a sua graciosa "Heleninha".

Um dia, em que a mamãe a reprehendeu por uma travessura que fizera, de raiva, toda enfurecida deu um safanão na boneca de tal fórma, que quasi a fez em pedaços; os braços, as pernas, espalharam-se pelo chão e Judith, contemplando o producto da sua colera, poz-se então a chorar. Depois resolveu pedir á mamãe que lhe concertasse a Heleninha. Todas as tentativas foram inuteis; como recompor-lhe os membros desconjunctados, reduzidos a pó?

E assim ficou Judith sem a sua filhinha adorada, sem poder valel-a, num lancinante soffrer!

III — Exercício de redacção. — Com perseverança tudo se alcança

— Sylvio e Mauricio ha muito desejavam uma bicycleta. O papae prometteu satisfazel-os com a condição de que, para a obterem, deveriam plantar um pedaço de terra, de onde pudesse colher o necessario para o consumo da casa.

Mauricio metteu mãos a obra, e, tudo quanto apanhava, plantava com cuidado. Desvelara-se no

amanho e preparo da terra, no cultivo das sementes; pela manhã muito cedo, lá estava elle, de enxada em pyunho na sua faina, revolvendo os canteiros para depois regal-os.

Sylvio, ao contrario, ficava horas esquecidas o collegio.

Mauricio censurava-o, embora mais moço; Sylvio retorquia-lhe com escarneo, dizendo-lhe "que não tinha nascido para aquelles trabalhos grosseiros".

Passaram-se alguns mezes, e o papae, muito propositalmente não fazia a menor referencia do compromisso firmado, aguardando os acontecimentos. Fingia mesmo não vêr o abandono em que Sylvio deixara a sua tarefa e o esmero com que Mauricio tratava dos canteirinhos.

Finalmente, um dia, o Mauricio todo ufano, diante da vegetação viçosa que ostentavam os seus canteiros, participou ao papae que estava cumprida a sua missão: daquelle dia em diante, não faltariam á mesa os legumes e hortaliças saborosa da sua hortasinha. Sylvio emmurcheceu e um desejo de triumphar veio-lhe então á idéa, mórmente quando á tarde viu chegar a ambicionada bicycleta, que Mauricio pelo trabalho, pela força de vontade e actividade, lograra conquistar.

Compreender assim que é com perseverança que tudo se alcança.

Nota — A professora fará com que os alumnos reproduzam oralmente esta historieta e em seguida que a escrevam nas lousas.

I — Recitação — O vento e a poeira

O vento, sem ter medo,
Levanta em turbilhão
O pó que estava quedo
No seu canto dormindo em feio chão.

E lá pelas alturas
O pó julga-se um rei;
Fazendo diabruras
Governa o todos com austera lei.

O vento porém, cessa,
O pó na terra lisa
Cahiu muito depressa;
O rico, o pobre, tudo nelle pisa.

"Pensei ser grande cousa,
Diz elle tristemente;
Agora assim repouso,
Quem nos ares andou garbosamente!

Aquelle que se eleva
Sem merito real
Muitas horas não leva
Na bella posição que exerce mal;

Pois logo que lhe falta
A protectora mão,
De posição bem alta
Vem, como deve, rastejar no chão!

A. LUIZ DO BOMSUCCESSO.

RESUMO DA POESIA

Um vento muito forte, levantou na sua passagem o pó que jazia humilde no chão:

Vendo-se nas alturas, o pó julga-se um rei; pensa que tem muito poder e valor e por isso faz mil diabruras, a todos aborrece, qual soberano despotico nas suas leis.

Mas, passa o vento e o pó volta á terra lisa de onde sahiu, sem maior poder, por todos pisado, sem honras e sem nobreza.

Reconhece pois, que, de nada valeu as pompas de um momento e que só os que se elevam pelo proprio esforço, pela forçada vontade ou poder de intelligencia, podem galgar situações definidas, sem o risco de voltar ao desconhecido de onde saíram.

Aquelle que se eleva sem merito real, que abandona e protectora mão, exercendo mal o seu dever, vem, como deve, rastejar no chão!

II — Distado — Entre ruínas

Sobre os rosaes sylvestres, abertos em flores, nas faixas de ouro dos ultimos raios do sol, dança o vôo das abelhas e apenas o seu sussurro povôa a solidão destes sitios ermos.

As gameleiras — as amigas de todas as ruínas — estão quietas e mudas, sem uma só palpação de folha, como romaria dura, irrompendo dos escombros desta rua phantastica e deserta, como uma rua de sonho, cujo calçamento antigo, de grandes lageas avermelhadas, quasi desaparece sob um tapete espesso de matto curto.

OLAVO BILAC.

BIOGRAPHIA DO AUTOR

Poeta da geração actual, ha pouco fallecido. Pela correcção da fórma, espontaneidade do estro, cultura da lingua, tornou-se o primeiro poeta brasileiro. Publicou varios livros de poesias, de versos puros, limpidos e bem acabados.

Dedicou-se tambem á prosa, deixando grande numero de contos magnificos, historias e viagens. Escreveu em jornaes e revista, fez a propaganda do serviço militar, quando em S. Paulo, em magistral discurso lembrou á mocidade a conveniencia e a vantagem para o Brasil, desse serviço.

Publicou um livro didactico juntamente com o Dr. Manoel Bomfim, adoptado nas escolas primarias. Fez parte da Academia de Letras onde sempre appareceu com extraordinario brilho.

CLASSE COMPLEMENTAR

5.º ANNO

Anotecendo

E' quasi noite. Crepuscúla o dia.
Na mortalha da treva se enrolando.
Da aragem vespertina leve e fria,
Passa o queixume vaporoso e brando.

Traços d'azas no céu... Na serrania
Troncos mirrados erguem-se, estacando:
Os galhos nús semelham a sombria
Posição de quem clama deprecando...

Arma-se a eça funebre e suspensa
Do dia morto... A multidão immensa
Das estrellas recama o enorme espaço...

Sobem dos negros as canções magoadas...
Mal se distingue ao longe, nas boiadas,
Lentos, os lentos bois marchando a passo...

MEDEIROS e ALBUQUERQUE.

BIOGRAPHIA DO AUTOR

Medeiros e Albuquerque é uma das mais bellas e brilhantes organizações literarias dos nossos dias.

Como poeta e prosador é gracioso, claro e preciso na fórma.

Narrador de excepcional talento tem uma primorosa collecção de contos, através dos quaes se percebe a sua grande intelligencia e espirito de observação.

Conferencista notavel, possui a faculdade de dizer bem e de prender o auditorio durante longas horas sem o fatigar.

Tem collaborado em varios jornaes, redigido alguns e publicado trabalhos de grande valor.

E' natural do estado de Pernambuco. foi deputado federal e faz parte da Academia de Letras.

INTERPRETAÇÃO DO SONETO

O dia faz as suas despedidas...
Sente-se o prepassar da brisa da tarde, fria,
leve e subtil, que precede o anoitecer...

E' a hora em que os passaros regressam aos pousos. Uma sombra de tristeza envolve a serrania, onde se avistam os troncos resequidos, os galhos nús, que se erguem num gesto de desalento e de amargura, clamando a protecção do céu.

E, como a prestar uma derradeira homenagem ao dia que se finda, surgem as estrellas brilhantes, que ardem quaes luminosas velas no eterno manto que envolve a terra.

De mistura com os canticos melancolicos dos negros, ouve-se, ao longe, o ruido monotono e desagradavel das boiadas que passam.

EXPLICAÇÕES: I — Crepuscúla o dia a luz do sol vae desaparecendo.

Crepuscúlo — claridade que persiste algum tempo depois que o sol desaparece, morre, cae no occaso.

O crepuscúlo da manhã — é a luz que precede o nascer do grande astro, o sol; o crepuscúlo da vida — é a velhice.

A's primeiras manifestações da razão chama-se o crepusculo do entendimento, da razão.

Circulo crepuscular é o circulo paralelo do horizonte que passa pelo ponto em que termina o crepusculo; *tuz crepuscular* — é a que precede ou pertence ao crepusculo.

* Insectos crepusculares que só apparecem ao anoitecer: mariposas nocturnas, vagalumes ou pyrilampos.

II — mortalha — vestimenta com que se envolvem os cadáveres para serem enterrados.

Mortalha — significa tambem uma pequena tira de papel com que se enrola o fumo para formar os cigarros; "mortalha da treva" — é o manto da noite.

III — aragem vespertina — vento muito brando, da tarde; aragem da fortuna — fortuna favoravel.

IV — queixume — lamento, lastima, queixa; queixume vaporoso e brando — lamento leve, subtil, suave.

V. — serraia — cordilheira ou aglomeração de morros, montes, montanhas.

VI — deprecando — pedindo, supplicando. Carta deprecatoria — é a que encerra uma supplica, um rogo, deprecada — é o documento pelo qual um juiz pede a outro que lhe cumpra algum mandado ou ordene alguma diligencia judicial.

II — EXERCICIO

Conjugação periphrastica

A lua quando chega á plenitude, (ir) insensivelmente (perder) a claridade. O trahidor (vir) muitas vezes a (cair) nas mesmas ciladas que arma. Prodigos somos da vida, pois por tantas partes (andar buscar) a morte. Guardado está o bocado para quem o (haver de comer). Não contes a tua pobreza a quem te não (haver de dar) de sua fazenda. A ruim ovelha (deitar a perder) o rebanho.

A todo o momento (entra a presenciar) os beneficios concedidos pelo senhor. A natureza (entrar a sorrir), quando (someçar a nascer) o sol.

— Empregar os verbos entre parentheses, periphrasticamente.

Ex.: — A lua quando chega á plenitude vae perdendo insensivelmente a claridade. A natureza entra a sorrir quando começa a nascer o sol.

III — Redacção

A primavera

Estamos em fins de Setembro e o vento já não sopra com violencia.

O tempo começa a aquecer; o céu torna-se mais azul, o ar tepido e sereno. As plantas reverdecem, as flores desabrocham, os campos e os jardins cobrem-se de galas.

As aves, aligeras, sacudindo as pennas, cantam por entre a ramagem e constróem os ninhos. Os prados vestem as suas lindas alcatifas; vicejam as rosas, as violetas, os amores-perfeitos, as papoulas rubras e os lyrios immaculados estendem um manto de purissima alvura sobre os montes, os prados e os bosques.

Surgem os bellos dias de sol, desperta a natureza rejuvenescida, cheia de calor, e vida. Recomeça a actividade nos campos, apparecem os vestidos claros, de rendas e fitas, vistosos, de fazendas leves.

A alma como que desperta para uma nova vida de encantos e o coração pulsa com mais violencia, mais actividade, sentindo-se mais moço, abençoando a primavera — a feiticeira das estações do amor.

II — EXERCICIO

Prefixos e suffixos

Completar as phrases que se seguem, juntando as palavras entre parentheses os affixos convenientes.

O que escuta riso do vulgo, causa (admirar) ao philosopho. Não devemos (desejo) o que não posso obter.

As (lembrar) e as recordações, são productos da memoria. Reduzindo os nossos desejos, limitando as nossas despesas não invejaremos as (rico). O homem (cautela) age com cuidado. Para dar (preço) a um bem é preciso perde-o.

Os bons livros são sempre (proveito). Os governos não prosperam quando as leis que os regem caem (esquecer).

III — Fazer a substituição do seguinte trecho

O não

Terrível palavra é um *non*.

Não tem direito nem avesso; por qualquer lado que o torneis, sempre sóa e diz o mesmo.

Lêde-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre *non*.

O *non* por qualquer parte que o torneis, sempre é serpente, sempre morde, sempre fére, sempre leva o veneno consigo. Mata a esperança, que é o unico remedio que deixou a natureza a todos os modos, não ha correctivos que o modere, nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que computeis um *não* sempre amarga; por mais que o enfeiteis, sempre é feio; por mais que o doireis, sempre é de ferro.

VIEIRA.

BIOGRAPHIA DO AUTOR

Padre Antonio Vieira.

Exímio pregador e notavel epistolographo. Fazia parte da Companhia de Jesus. Portuguez de origem, tornou-se universalmente conhecido como orador sacro. Viveu muitos annos no Brasil, tornando-se um dos maiores defensores da liberdade dos indios e adversario a invasão hollandeza.

Grande cultor do vernaculo, offerece até hoje vasto campo de estudo aos que se dedicam ao conhecimento profundo da lingua portugueza.

Carta a uma amiga agradecendo um presente de anniversario, que lhe despertou recordações do passado.

DESENVOLVIMENTO

Minha boa Nilza.

Lindo o estojo de costura que bondosamente me enviastes hontem! senti tão sómente que não tivesses sido a portadora de tão preciosa dadiwa.

De todos os presentes das minhas amigas, foi o teu o que mais me agradou.

Quantas recordações do passado veio elle despertar! Que saudades dos dias felizes que passavamos na escola, sem que a menor desintelligencia turbasse a nossa boa amisade.

Das tuas palavras de conforto, das innumeradas provas de desinteressada affeição que sempre manifestaste por mim, jamais me esquecerei.

Lembro-me vivamente dos sacrificios a que te impunhas, arcando com a responsabilidade das minhas faltas para tornar menos severa a reprimenda da professora.

Tontinha que eu era; deixar que soffresses por minha causa! como me arrependo disso.

As aulas de trabalhos de agulhas, de desenho, como seriam penosas para mim sem o teu auxilio! Todas estas idéas assaltaram-me o espirito, quando recebi a tua linda prenda.

Muito em breve, minha Nilza, irei levar-te em beijos os meus agradecimentos.

Cumprimenta a teus queridos paes e acceta affectuosissimo abraço da tua verdadeira amiga.

Edith.

CLASSE COMPLEMENTAR

6.º ANNO

I. — Leitura e recitação

Dôr

Por mais vivo que seja a dôr que em nós demora, Nunca dos outros parece dôr mais inclemente Sómente quem abriga o mal que nos devora, Medir pôde a extensão do seu soffrer. Sómente.

E' grande a nossa angustia? O nosso peito chora? Que importa isso a quem traz o coração contente? Quantas vezes se vê por esse mundo em fóra O prazer pela dôr passar indifferente!

Por isso, ó minha dôr! ancia que não se acalma, Nunca serás por mim, dos outros conhecida; Pois que a ninguem confio os meus segredos d'alma.

Dentro em meu coração, assim, quasi incontida, Aguardarás, ignota, a eterna noite calma, Dos dias que me resta atravessar na vida.

NUNES DA SILVA.

INTERPRETAÇÃO DA POESIA. — Por muito intensa, por muito viva que seja a dôr que nos tortura, passa indifferente áquelles que trazem o coração contente.

Que importam as nossas lagrimas, soffrimentos e angustias a quem ainda desconhece a dôr.

Entretanto, raramente experimentamos alegrias duradouras; desde o berço irritam-nos as dôres physicas e não muito tarde assoberbam-nos as profundas maguas causadas pelas dôres moraes.

A vida, tão fugaz, nada mais é do que um mixto de suaves alegrias e dôres atrozes, cruciantes, quasi sempre em maior numero.

Se collocassemos numa balança risos e lagrimas, venturas e desgostos, certamente o fiel pendaria para o lado das penas, pois, pois, a cada instante de sorrisos, correspondem annos de angustias, de agonias lentas.

Aquelles que muito soffrem, acabam por se habituar ás dôres e a sentil-as com menos intensidade; pois, as dôres successivas, como o trabalho grosseiro, quando constantes, calejam os individuos e os revestem de verdadeira coragem.

Nos palacios sumptuosos dos ricos, ou nas mansardas humildes dos pobres, nenetra, tem guarida a dôr: se a um abate, anniquilla, mata a esperança, endurece o coração, a outros torna mais piedosos, mais constrictos e sobretudo mais resignados.

Para bem comprehender a extensão da dôr moral, é preciso ter encontrado alguns dissabores na vida, experimentado o frio dos dias de desgraça.

Ha dôres que vivem latentes no mais recondito do coração e á mais pequenina lembrança se revigoram, tornando maior o desalento.

As grandes dôres, porém, são mudas; por isso, mais verdadeiras, mais fortes e as que mais facilmente nos conduzem á noite calma, eterna, do tumulo...

EXPLICAÇÕES: I — viva — significa intensa; pôde ainda exprimir applauso, alegria ou ser empregado em signal de felicitação; ex.: Viva a V. Magestade!; "... ergamos vivas calorosos ao governo". Gritos de "vivas" resavam pelo amplo salão da escola, quanto os alumnos premiados se approximavam da mesa do director.

A palavra "viva" pôde tambem ser empregada na accepção de viver, existir; nesses casos é um verbo; ex.: "Deus queira que a encontremos viva!"

"Viva a gallinha com a sua pevide."

Viver é um verbo intransitivo; significa estar com vida existir.

Vivertem varios sentidos; exprime *morar*, como na phrase: "Não sei como se possa viver numa casa tão desconfortavel."

Viver de industria — quer dizer: lançando mão de meios não muito honestos.

Na phrase "os grandes homens e os feitos historicos, *vivem* na memoria dos povos", *vivem* — está na accepção de "persistem na lembrança, ser festejado, amado."

Viver a larga — é passar bem, sem preocupações, gastando excessivamente.

Viver em familia — não frequentar a sociedade, não apreciar-a, preferir o socego de sua casa.

Viver em apuros — luctar com a sorte, ser provido de recursos escassos.

Viver pelo amor de Deus — valendo-se da caridade do proximo.

Viver dos olhos de alguém — ser dominado, viver sob a influencia de outrem.

Viver das proprias mãos — do seu trabalho, sustentando-se com o producto do seu labor.

Viver com economia — sem luxos, sem vaidades, com modestia, gastando só o necessario.

Viver em paz — em calma, em socego, sem tribulações.

Viver a seu modo — como entende, sem dar satisfação a ninguém.

Viver como Deus é servido — soffrendo privações com resignação, sem blasphemar contra a vontade divina.

Viver á sós — concentrado, não externando os seus pensamentos, acções ou desejos.

Viver na tradição — ser conhecido de geração em geração.

— Quando nos perguntam como vamos de saúde, respondemos: — “vive-se” — o que quer dizer que passamos regularmente, sem grandes desgostos mas sem maiores felicidades.

— Todos os seres que têm vida, chamam-se seres vivos.

— Vivo, diz-se daquelle que é intelligente, esperto ou ladino.

Um gesto vivo — significa: cheio de vivacidade, animação, calor.

O perfume que se desprende da angelica, é vivo; isto é, activo, forte, penetrante.

“Ha pessoas que se sacrificam com vivo desvelo por outras”, quer dizer: com dedicação, de modo decisivo ou diligente.

“A artilheria fez fogo vivo sobre o inimigo” — fogo incessante.

Olhos vivos — expressivos, animados, cheios de brilho.

Quadros vivos — reprodução de scenas historicas, populares, episodios ou allegorias, que se executam de accordo com o facto ou época a que nos desejamos reportar.

Representar ao vivo — sem ficção, realmente.

Daquillo que não pôde ser bem descripto ou representado, diz-se: “Vae grande differença do vivo ao pintado, uma cousa é vel-o, outra diz-o.”

De uma pessoa ou de alguém muito vivo, extraordinariamente perscipaz, diz-se que é “vivo como o azogue”.

II — demora — está empregada na accepção de existir, viver.

Demora — pôde ser tomado no sentido de atrazo, de longa tardança, pausa, espera.

Na expressão: “Vinde sem demora” — quer dizer com brevidade, em poucos minutos, immediatamente.

Facto ou acto demorado — tardio, moroso.

“A minha casa demora a cavalleiro da fazenda” — está situada no lugar mais elevado da fazenda.

Na accepção de atrazo — Com que demora passará o prestito por aqui?

III — dôr inclemente — cruel, rigorosa, aspera, dura.

Inclemencia — falta de piedade; pôde significar dureza, rigor; ex.: “Deixaram-n’o abandonado á inclemencia da sorte.”

Na accepção de crueldade — “Não posso deixar que se pratique tal inclemencia”.

IV — abriga — resguarda, protege, ampara, auxilia.

V — angustia — anciedade, afflicção, agonia.

Derivam-se de angustia: angustioso (cheio de angustia, angustiado, (afflicto, agoniado, atribulado); e ainda: angustura, angusto, angustiadamente.

V. — incontento — que não se pôde conter ou reprimir.

VII — ignota — incognita, desconhecida, tambem pôde significar: — obscuro, humilde, ex.: “O autor deste livro não passou do ignoto (da obscuridade).”

Ainda pôde ser empregada na accepção de — cousa vaga, desconhecida.

“Estê escriptor sempre foi ignoto (desconhecido).”

PROVA MENSAL

6.º ANNO

PORTUGUEZ

Desenvolver num conto o sentido da quadra:

Resposta branda e suave,
Quebra da ira o furor,
Palavras duras excitam
Resentimento e rancor.

A tarde chegava tranquilla e bella como a nova resolução que, Maria, menina até então um tanto geniosa, havia tomado.

Pela manhã tivera uma fortissima discussão com a colleguinha querida e por mais que esta fizesse, não lhe conseguia o desejado porque *impunha-lhe* condições e contrariava-a exaltando-a. Eis que a maninha de minha amiga, approximando-se-lhes, viu que já estavam muito excitadas, por não *terem* chegado a um accordo e perguntou-lhes qual o motivo de tal discórdia. Dadas as devidas informações, verificou que a irmãzinha não havia comprehendido as razões que a companheira lhe explicava, e, meigamente, fez-lhe ver que deveria ceder e, que, de resto, não devia se exaltar tanto; precisava ter calma para analysar os factos, fôra um excesso de genio, que, tinha certeza, passaria em breve, felizmente, porque além de duas amiguinhas não *terem* o direito de se *contrariarem*, a outra tinha razão.

Maria, accetando os bons conselhos da irmã bondosa, pediu desculpa á amiguinha e acalmou-se, contente por ver que a satisfizera, prometendo nunca mais tornar a proceder de tal maneira.

E, como a sua alma era boa, dedicou-se desde então a meditar, durante aquelle dia, no facto que, agora, não podia conceber, pensando nos males que fizera.

Fôra assistir o crepusculo que o dia, muito azul, annunciava e já que a noite chegava, retirava-se do lindo caramanchão garridamente florido para mais uma vez agradecer á sua maninha adorada o bem que lhe fizera com um carinhoso beijo.

Apreciei immenso essa scena, porque no dia immediato, tive conhecimento de uma bem triste, completamente diversa.

Discutia, Amalia, com a irmã sobre assumptos futeis, as opiniões não se combinavam *de maneira*; quanto mais falavam mais as idéas se afastavam e a discussão proseguia com forte augmento de animos mais calorosa. Até, que, appareceu, de repente, do velho tio austero, a figura, que ao *ver* o que se passava entre as sobrinhas exaltou-se, tambem, e cahiu em erro ainda mais grave, reprehendendo-as asperamente.

Esse aborrecimento de nada adiantou porque uma semana após Amalia repetia, insensivelmente a mesma scena de dias atraz.

Não tivera a mesma felicidade da boa Maria e em lugar de ser tornar boa, condescendente, enraivece-se ainda mais á medida que o tempo passa.

Alumna LUIZA DE ARAUJO.

CORRECÇÕES

Apenas um erro de concordancia e 1 de collocação de pronomes.

Precisa caprichar na pontuação, que é quasi certa. Muito bem encaminhada sem erro de graphia, sem erro de crase.

Muito melhor na segunda parte: a phrase é graciosa e bem torneada.

N. C.

— porque lhe impunha
...não terem o direito de se contrariar...
...assistir ao...
...de maneira alguma
...vêr.

O verbo assistir pede objecto indirecto: *assistir á festa, assistir ao espectáculo.*

N. C.

PROVA MENSAL

6.º ANNO

PORTUGUEZ

Desenvolver num conto o sentido da quadra:

Resposta branda e suave,
Quebra da ira o furor,
Palavras duras excitam
Resentimento e rancor.

Não fôra o forte genio de Celeste, tornar-se-ia ella uma menina exemplar. No emtanto,

como se corrigir dos defeitos si nunca acceltava conselhos, si sempre tinha uma réplica, uma resposta ás justissimas admoestações de sua Mamãe?

Nessas modificações ha necessidade de uma vontade firme, uma humildade grande, e, mais ainda, enorme pericia do educador.

Mas, porque, com tão boa indole e tendencia mesmo invejavel, se tornára a pobre menina por tal modo geniosa?

O máo genio lhe abafava as qualidades nobres, que pareciam adormecer...

E' que Celeste, por *circunstancias* imperiosas, fôra creada, durante os primeiros annos da infancia por uma tia.

Comquanto boa senhora, de coração affectuoso e sincero, não possuia ella o dom da elevada e difficil missão de educar.

Tratando a sobrinha com mimo exagerado, viu-se depois na contingencia de livral-a dos defeitos que, em *coraçãosinho* tão tenro, germinavam possantes.

Para isso empregava meios condemnados por todos os educadores.

Ralhava constantemente com a menina, exasperava-se; mas, como não tivesse a menor força moral e bem comprehendida energia, via baldados seus esforços.

As palavras que dirigia á sobrinha, em vez de *fazela* emendar-se e de *conduzila* á vereda do bem e da virtude, mais a excitavam, proporcionando-lhe menos desejos de se corrigir.

E, fazia dó a pobre Celeste que poderia ser tão boa, atirada ao abysmo da maldade em tenebroso cháos...

Morreu-lhe a tia.

Celeste foi residir em casa dos paes, cujo methodo de educação contrastava com o da saudosa Titia.

Com doçura, brandamente, procuraram cortar pela raiz os defeitos da filha.

Sómente em caso de necessidade empregavam energia; mas, nem ahí deixavam transparecer aspereza e irritação.

O trabalho foi penoso e difficil, pois os máos habitos já estavam inveterados.

Mas, tenazes, depois de lucta continua, eil-os victoriosos!

Celeste está outra, completamente mudada!

Todos observam com surpresa...

Passaram-se os annos...

Celeste casou-se muito bem e nos dous anninhos que Deus lhe confiou, procura, desde cedo, cultivar as qualidades mais nobres, *afim*

de formar-lhes um caracter correcto e viril, num coração bom e justo, uma alma delicada e caridosa.

Que o seu trabalho fructifique...

Alumna MARIA DE LOURDES BRAUNE.

Um erro de graphia. Dous erros de concordancia, mas, perdoaveis, pois é difficil a phrase, e só a quem conhece *perfeitamente* analyse logica não passou despercebidos.

Optima pontuação, optimo vocabulario, optima divisão de syllabas, nenhum erro de collocação de pronomes, ou de crase, esmerado emprego de qualificativos.

N. C.

- Escreva o diminutivo com z: é preferivel.
- Escreva de preferencia a fim.

Na phrase: — "ralhava constantemente com

a menina", V. encontrará nos melhores escriptores — ralhava constantemente á menina.

Na phrase: — "o máo genio lhe abafava as qualidades nobres que pareciam adormecer..." ficaria em portuguez finissimo, "o máo genio lhe abafava as qualidades nobres que parecia adormecerem..."

CANDIDO FIGUEREDO.

Lições Praticas,

- ... fôra
- ... circumstancia
- ... coraçãozinho
- ... fazerem-n'a
- ... conduzirem-n'a
- ... a fim.

N. C.

ENSINO SCIENTIFICO

ARITHMETICA

PROBLEMAS

CLASSE ELEMENTAR

I

Um caixeiro duma loja de fazendas vendeu 35 metros de uma fazenda por 112\$000, 17 metros de outra fazenda por 30\$600 e finalmente 9 metros de outra fazenda por 22\$500.

Quantos metros de fazenda vendeu e que quantia recebeu?

Solução

$$35^m + 17^m + 9^m = 61 \text{ metros.}$$

$$112\$000 + 30\$600 + 22\$500 = 165\$100$$

Operações

35	112\$000
17	30\$600
9	22\$500
—	—
61	165\$100

Raciocinio

Para saber quantos metros vendeu, é preciso reunir em um só numero os diversos numeros que representam metros, isto se consegue por meio da addição, isto é,

$$35^m + 17^m + 9^m = 61 \text{ metros.}$$

Para calcular a quantia que recebeu, effectua-se tambem uma addição cujas parcelas são as diferentes importancias recebidas, isto é,

$$112\$000 + 30\$600 + 22\$500 = 165\$100$$

Resposta

Esse caixeiro vendeu 61 metros de fazenda, pelos quaes recebeu 165\$100.

II

Uma fazendeira tem 238 gallinhas valendo 595\$ e 94 frangos valendo 141\$000. Quantas aves são e qual o seu valor total?

Solução raciocinada

Numero das aves:

$$238 + 94 = 332$$

Valor total das aves:

$$595\$ + 141\$ = 736\$000$$

Operações

238	595\$000
94	141\$000
—	—
332	736\$000

Resposta

A fazendeira tem 332 aves valendo 736\$000.

III

Um operario recebeu uma occasião 84\$ por 14 dias de trabalho, em outra occasião 126\$ por 21 dias e por ultimo 54\$ por 9 dias. Quanto recebeu ao todo e por quantos dias de trabalho?

Solução raciocinada

Quantia recebida:

$$84\$ + 126\$ + 54\$ = 264\$$$

Numero de dias de trabalho:

$$14 + 21 + 9 = 44$$

Operações

84\$	14
126\$	21
54\$	9
—	—
264\$	44

Resposta

O operario recebeu 264\$ por 44 dias de trabalho.

IV

No anno proximo passado tivemos 170 dias de aula; quantos foram os dias feriados? — R.: 195.

Raciocinio

O anno consta de 365 dias, quando não é bissexto. Si deste numero tirarmos os dias em que houve aula, o resto nos ha de indicar o numero de dias feriados. Façamos, pois, a subtracção:

$$365^d - 170^d = 195 \text{ dias.}$$

V

Na escola ha 382 alumnos matriculados. A frequencia hoje registada foi de 293 alumnos. Quantos alumnos faltaram hoje á escola? — R.: 89.

Raciocinio

Subtrahindo do numero de alumnos matriculados (382) o numero de alumnos presentes (293), o resultado será o numero de alumnos ausentes; ou:

$$382 - 293 = 89.$$

VI

Numa familia, o pae ganha 2:580\$000 por anno e a mãe 1:080\$000. Sabendo que economizam juntos 456\$000 por anno, quanto gastam por mez?

1ª Solução

$$2:580\$ + 1:080\$ = 3:660\$$$

$$3:660\$ - 456\$ = 3:204\$$$

$$3:204\$ \div 12 = 267\$$$

2ª Solução

$$2:580\$ \div 12 = 215\$$$

$$1:080\$ \div 12 = 90\$$$

$$456\$ \div 12 = 38\$$$

$$215\$ + 90\$ = 305\$$$

$$305\$ - 38\$ = 267\$$$

Raciocinio, segundo a 1ª solução

Sommando as quantias ganhas respectivamente por pae e mãe, saberemos a receita annual do casal:

$$2:580\$ + 1:080\$ = 3:660\$$$

Subtrahindo desta receita as economias annuaes, obteremos a despeza annual da familia:

$$3:660\$ - 456\$ = 3:204\$$$

Dividindo a despeza annual em doze partes eguaes, porquanto 12 é o numero de mezes em um anno, conheceremos o gasto mensal, que constitue a resposta do problema:

$$3:204\$ \div 12 = 267\$$$

Raciocinio, de accôrdo com a 2ª solução

Dividindo por 12 as tres quantias dadas, que são referentes ao anno, determinamos quanto ganha cada um por mez e qual a economia mensal de ambos:

$$2:580\$ \div 12 = 215\$ \text{ (Ordenado mensal do pae).}$$

$$1:080\$ \div 12 = 90\$ \text{ (Ordenado mensal da mãe).}$$

$$456\$ \div 12 = 38\$ \text{ (Economia mensal do casal).}$$

Sommando os ordenados mensaes de pae e mãe, achamos quanto ganha o casal por mez:

$$215\$ + 90\$ = 305\$$$

Subtrahindo desta quantia a economia mensal, encontramos o gasto de um mez:

$$305\$ - 38\$ = 267\$$$

Resposta

Nesta familia, pae e mãe gastam por mez 267\$000.

VII

Um marceneiro ganha 6\$500 por dia e trabalha 290 dias em um anno. Si pretender economizar annualmente 206\$, quanto poderá gastar por dia?

Solução raciocinada

Eis quanto o operario ganha em um anno:

$$6\$500 \times 290 = 1:885\$000$$

Eis o que gasta em um anno:

$$1:885\$ - 206\$ = 1:679\$$$

Despeza diaria:

$$1:679\$ \div 365\$ = 4\$600$$

Operações

6500
290
—

585
130
—

$$1:885\$000$$

$$206\$000$$

$$1:679\$000$$

1679000	365
2190	—
..0	4\$600

Resposta

O marceneiro poderá gastar por dia 4\$600.

VIII

Uma professora recebe mensalmente 530\$ e gasta diariamente 10\$; quaes as suas economias no fim do anno? — R.: 2:710\$000.

Solução

Vencimentos annuaes:

$$530\$ \times 12 = 6:360\$$$

Gastos em um anno:

$$10\$ \times 365\$ = 3:650\$$$

Economias no fim do anno:

$$6:360\$ - 3:650\$ = 2:710\$.$$

IX

Com a quantia recebida na venda de 3 bois a 520\$, cada um, compra um fazendeiro 39 porcos. Qual o preço de um porco? — R.: 40\$.

Solução

Quantia recebida na venda dos bois:

$$520\$ \times 3 = 1:560\$$$

Preço de um porco:

$$1:560\$ \div 39 = 40\$.$$

X

Tenho lapis que valem 4\$500 a duzia; meu vizinho tem canetas que valem 36\$400 a grossa. Si eu lhe ceder 3 duzias de lapis, quantas canetas me dará em troca?

Solução

Valor de 3 duzias de lapis:

$$4\$500 \times 3 = 13\$500$$

Valor de 1 caneta:

$$36\$400 \div 144 = \$250$$

Numero de canetas dadas em troca dos lapis:

$$13\$500 \div \$250 = 54.$$

Resposta

O vizinho dará 54 canetas.

CLASSE MEDIA

I

Comprei 44 metros de casimira por 1:025\$200. Tendo vendido a quarta parte com prejuizo de 17\$500, por que preço hei de vender o metro do que resta para ter 65\$000 de lucro total?

1ª Solução

$$\begin{aligned} 1:025\$200 \div 4 &= 256\$300 \\ 256\$300 - 17\$500 &= 238\$800 \\ 1:025\$200 + 65\$000 &= 1:090\$200 \\ 1:090\$200 - 238\$800 &= 851\$400 \\ 44^m \div 4 &= 11 \text{ metros} \\ 44^m - 11^m &= 33 \text{ metros} \\ 851\$400 \div 33 &= 25\$800. \end{aligned}$$

2ª Solução

$$1:025\$200 \div 44 = 23\$300$$

$$\frac{3}{4} \text{ de } 44^m = 33 \text{ metros}$$

$$\begin{aligned} 65\$000 + 17\$500 &= 82\$500 \\ 82\$500 \div 33 &= 2\$500 \\ 23\$300 + 2\$500 &= 25\$800. \end{aligned}$$

Raciocinio, conforme a 1ª solução

Si a compra toda importou em 1:025\$200, o valor da quarta parte vem a ser:

$$1:025\$200 \div 4 = 256\$300$$

Si vendi com prejuizo de 17\$500, recebi apenas:

$$256\$300 - 17\$500 = 238\$800$$

Si pretendo ter 65\$ de lucro total, a venda de toda a casimira importará em:

$$1:025\$200 + 65\$000 = 1:090\$200$$

Tendo recebido 238\$800, falta-me ainda receber:

$$1:090\$200 - 238\$800 = 851\$400$$

Esta quantia indica o preço de venda dos metros restantes, cujo numero é preciso determinar. O numero de metros da quarta parte vem a ser:

$$44^m \div 4 = 11 \text{ metros}$$

O numero de metros restantes é, pois:

$$44^m - 11^m = 33 \text{ metros}$$

Tenho que dividir a quantia, a receber, em tantas partes eguaes quantos são os metros, a serem vendidos, ou:

$$851\$400 \div 33 = 25\$800$$

Raciocinio, conforme a 2ª solução

Procuro o preço de compra de 1 metro de casimira, dividindo a importancia total pelo numero de metros comprados, ou:

$$1:025\$200 \div 44 = 23\$300$$

Ao lucro que pretendo ter (65\$000) devo juntar o prejuizo já realizado (17\$500), afim de saber qual o acrescimo que hei de fazer ao preço de compra, ou:

$$65\$000 + 17\$500 = 82\$500$$

Este acrescimo (82\$500) deve ser distribuido pelos diversos metros restantes, cujo numero ainda não foi determinado, isto é:

$$\frac{3}{4} \text{ de } 44^m = 33 \text{ metros.}$$

Donde:

$$82\$500 \div 33 = 2\$500$$

Logo, o preço de venda de 1 metro da parte restante será igual ao preço de compra (23\$300) augmentado deste valor (2\$500), ou:

$$23\$300 + 2\$500 = 25\$800.$$

Resposta

Venderei o resto da casimira á razão de 25\$800 o metro.

II

Um negociante compra 65 metros de linho por 624\$000; vende a metade sem prejuizo nem lucro; por quanto venderá o metro do que ficou, si pretende ter 19\$500 de lucro? — R.: 10\$200.

1ª Solução

Quantia já recebida:

$$624\$ \div 2 = 312\$$$

Quantia a receber:

$$312\$ + 19\$500 = 331\$500$$

Numero de metros que ainda não foram vendidos, ou a outra metade:

$$65^m \div 2 = 32^m,5$$

Preço de 1 metro na venda a effectuar-se:

$$331\$500 \div 32,5 = 10\$200.$$

2ª Solução

Preço de compra de 1 metro:

$$624\$000 \div 65 = 9\$600.$$

Metade da porção de linho:

$$65^m \div 2 = 32^m,5$$

Lucro em cada metro restante:

$$19\$500 \div 32,5 = \$600$$

Preço de venda de 1 metro da porção que ficou:

$$9\$600 + \$600 = 10\$200.$$

III

Uma senhora compra numa loja um chapéo e 4^m,30 de velludo a 28\$ o metro. Ella dá uma cedula de 200\$ e recebe de troco 24\$600. Calcular o preço do chapéo.
R.: 55\$000.

Solução

Importancia da compra effectuada na loja:

$$200\$000 - 24\$600 = 175\$400$$

Valor do velludo:

$$28\$000 \times 4,30 = 120\$400$$

Preço do chapéo:

$$175\$400 - 120\$400 = 55\$000.$$

IV

Uma vendedora de ovos despendeu 149\$760 na compra de ovos á razão de 15\$600 o cento. Quantas duzias comprou e por que preço venderá a duzia para ganhar 26\$240?

1ª Solução

Preço de compra de um ovo:

$$15\$600 \div 100\$ = \$156$$

Preço de compra de uma duzia:

$$\$156 \times 12 = 1\$872$$

Numero de duzias:

$$149\$760 \div 1\$872 = 80$$

Lucro em uma duzia:

$$26\$240 \div 80 = \$328$$

Preço de venda de uma duzia:

$$1\$872 + \$328 = 2\$200.$$

2ª Solução

Quantos centos de ovos:

$$149\$760 \div 15\$600 = 9,6$$

Este resultado significa 9 centenas e 6 decimos, ou, melhor, 9 centenas e 6 dezenas, isto é, 960 unidades ou 960 ovos.

Numero de duzias:

$$960 \div 12 = 80$$

Preço de venda de todos os ovos:

$$149\$760 + 26\$240 = 176\$000$$

Preço de venda de uma duzia:

$$176\$000 \div 80 = 2\$200.$$

Resposta

A vendedora de ovos comprou 80 duzias de ovos e os venderá á razão de 2\$200 a duzia.

V

Um fruteiro comprou figos a 21\$000 o cento e vende-os a 4 por 1\$000. Tendo ganho 8\$640, quantas duzias de figos já vendeu? — R.: 18 duzias.

Solução

$$21\$000 \div 100 = \$210$$

$$1\$000 \div 4 = \$250$$

$$\$250 - \$210 = \$40$$

$$8\$640 \div \$40 = 216 \text{ figos}$$

$$216 \div 12 = 18 \text{ duzias.}$$

VI

Um negociante compra copos a 40\$ o cento e vende-os a 6\$000 a duzia. Quantos copos tem que vender para ganhar 5\$500? — R.: 55 copos.

Solução

$$40\$000 \div 100 = \$400$$

$$6\$000 \div 12 = \$500$$

$$\$500 - \$400 = \$100$$

$$5\$500 \div \$100 = 55 \text{ copos.}$$

VII

Um louceiro compra 270 pratos a 40\$000 a duzia. No transporte quebram-se 22 pratos. Querendo obter um beneficio de 154\$000, qual será o preço de venda de um quarto de duzia? — R.: 12\$750.

Solução

$$270 \div 12 = 22,5$$

$$40\$ \times 22,5 = 900\$$$

$$900\$ + 154\$ = 1:054\$$$

$$270\$ - 22 = 248$$

$$1:054\$ \div 248 = 4\$250$$

$$\frac{1}{4} \text{ de } 12 = 3$$

$$4\$250 \times 3 = 12\$750.$$

VIII

Uma mãe de familia dispõe de 200\$ para a compra de linho e brim. Compra 28^m,20 de linho de 4\$600 o metro e emprega o resto da quantia em brim de 3\$500 o metro. Calcular, em metros, a porção de brim que comprou.

Solução racionada

Valor do linho:

$$4\$600 \times 28,20 = 129\$720$$

Quantia destinada á compra do brim:

$$200\$000 - 129\$720 = 70\$280$$

Numero de metros de brim:

$$70\$280 \div 3\$500 = 20,08$$

Resposta

A porção de brim mede 20^m,08.

IX

Um negociante quer trocar flanela de 10\$800 o metro por setineta de 2\$700 o metro. Quantos metros de setineta receberá em troca de 75^m,80 de flanela? — R.: 303^m,20.

Solução racionada

Importancia de 75^m,80 de flanela:

$$10\$800 \times 75,80 = 818\$640$$

Numero de metros de setineta:

$$818\$640 \div 2\$700 = 303,20.$$

X

Uma dona de casa, observando que o consumo de café é demasiado, faz a seguinte redução: em vez de 250 grs. de dous em dous dias, passa a comprar meio kilogramma de cinco em cinco dias. Que economia fará por anno, si paga o café á razão de 2\$200 o kilogramma? — R.: 20\$075.

Solução racionada

Antes da redução, era este o consumo de café em 1 dia:

$$250 \text{ grs.} \div 2 = 125 \text{ grs.}$$

Feita a redução, é este o consumo de café em 1 dia:

$$500 \text{ grs.} \div 5 = 100 \text{ grs.}$$

Peso economizado em 1 dia:

$$125 \text{ grs.} - 100 \text{ grs.} = 25 \text{ grs.}$$

Peso economizado em 365 dias ou 1 anno:

$$25 \text{ grs.} \times 365 = 9125 \text{ grs.} = 9\text{kg},125$$

Economia annual proveniente da redução no consumo do café:

$$2\$200 \times 9,125 = 20\$075.$$

CLASSE COMPLEMENTAR

I

Tres pedreiros receberam 135\$000 pela construcção de um muro, do qual fez o primeiro $\frac{2}{5}$, o segundo $\frac{4}{9}$ e o terceiro o resto. Quanto toca a cada um? — R.: 54\$; 60\$; 21\$000.

Solução

1º Pedreiro receberá:

$$\frac{2}{5} \text{ de } 135\$ = \frac{135\$ \times 2}{5} = 27 \times 2 = 54$$

2º Pedreiro receberá:

$$\frac{4}{9} \text{ de } 135\$ = \frac{135\$ \times 4}{9} = 15\$ \times 4 = 60\$.$$

3º Pedreiro receberá:

$$135\$ - (54\$ + 60) = 135\$ - 114\$ = 21\$.$$

A parte que toca ao 3º pedreiro tambem pôde ser determinada, calculando-se primeiramente a fracção do muro por elle feita. Assim:

$$1 - \left[\frac{2}{5} + \frac{4}{9} \right] = 1 - \left[\frac{18}{45} + \frac{20}{45} \right] = 1 - \frac{38}{45} = \frac{7}{45}$$

Donde:

$$\frac{7}{45} \text{ de } 135\$ = \frac{135\$ \times 7}{45} = 3\$ \times 7 = 21\$.$$

II

Um negociante compra 33 metros de fazenda a 7\$600 o metro. Vende $\frac{1}{3}$ a 9\$000 o metro, $\frac{3}{5}$ a 8\$400 o metro e o resto a 8\$000. Qual o seu beneficio? — R.: 24\$750.

Solução racionada

Importancia total da compra:

$$7\$600 \times 33 = 250\$800$$

Fracção correspondente ao resto:

$$1 - \left[\frac{1}{3} + \frac{3}{5} \right] = 1 - \left[\frac{8}{15} + \frac{9}{15} \right] = 1 - \frac{17}{15} = \frac{23}{40}$$

Quantidade de metros em relação ás diversas fracções:

$$\frac{1}{5} \text{ de } 33^m = \frac{33^m}{5} = 6^m,6$$

$$\frac{3}{8} \text{ de } 33^m = \frac{33^m \times 3}{8} = \frac{99^m}{8} = 12^m,375$$

$$\frac{17}{40} \text{ de } 33^m = \frac{33^m \times 17}{40} = \frac{561^m}{40} = 14^m,025$$

Quantias recebidas, conforme o preço de um metro e o respectivo numero de metros:

$$9\$000 \times 6,6 = 59\$400$$

$$8\$400 \times 12,375 = 103\$950$$

$$8\$000 \times 14,025 = 112\$200$$

Valor total da venda:

$$59\$400 + 103\$950 + 112\$200 = 275\$550$$

Lucro resultante deste negocio:

$$275\$550 - 250\$800 = 24\$750.$$

A parte final da solução seria mais simples si determinassemos o lucro em um metro afim de multiplicar-o pelo numero de metros; assim:

$$9\$000 - 7\$600 = 1\$400$$

$$1\$400 \times 6,6 = 9\$240$$

$$8\$400 - 7\$600 = 800$$

$$800 \times 12,375 = 9\$900$$

$$8\$000 - 7\$600 = 400$$

$$400 \times 14,025 = 5\$610$$

$$9\$240 + 9\$900 + 5\$610 = 24\$750.$$

III

Um viajante tinha que percorrer 108 kilometros. No primeiro dia, anda a quarta parte; no segundo dia, $\frac{2}{3}$ do que caminhou no primeiro dia; no terceiro dia, $\frac{1}{16}$ de todo o trajecto e no quarto dia o resto.

Quantos kilometros e durante quantas horas caminhou em cada dia, si gasta uma hora para seis kilometros?

Solução

$$1^\circ \text{ dia } \dots \frac{1}{4} \text{ de } 108^{\text{km}} = \frac{108^{\text{km}}}{4} = 27^{\text{km}}$$

$$2^\circ \text{ dia } \dots \frac{2}{3} \text{ de } 27^{\text{km}} = \frac{27^{\text{km}} \times 2}{3} = 18^{\text{km}}$$

$$3^\circ \text{ dia } \dots \frac{5}{16} \text{ de } 108^{\text{km}} = \frac{108^{\text{km}} \times 5}{16} = \frac{540^{\text{km}}}{16} = 33^{\text{km}},750.$$

$$4^\circ \text{ dia } \dots 108^{\text{km}} - (27^{\text{km}} + 18^{\text{km}} + 33^{\text{km}},750) = 108^{\text{km}} - 78^{\text{km}},750 = 29^{\text{km}},250.$$

Calculo do tempo:

6^{km} 1 hora

$$1^{\text{km}} \dots \frac{1^{\text{h}}}{6} = \frac{60^{\text{m}}}{6} = 10 \text{ minutos.}$$

$$1^\circ \text{ dia } \dots 10^{\text{m}} \times 27 + 270^{\text{m}} = 4^{\text{h}} 30^{\text{m}}$$

$$2^\circ \text{ dia } \dots 10^{\text{m}} \times 18 = 180^{\text{m}} = 3 \text{ horas.}$$

$$3^\circ \text{ dia } \dots 10^{\text{m}} \times 33,750 = 337^{\text{m}},5 = 5^{\text{h}} 37^{\text{m}} 30^{\text{s}}$$

$$4^\circ \text{ dia } \dots 10^{\text{m}} \times 29,250 = 292^{\text{m}},5 = 4^{\text{h}} 52^{\text{m}} 30^{\text{s}}$$

IV

O leite dá $\frac{1}{10}$ de seu peso de nata e esta dá $\frac{4}{7}$ de seu peso de manteiga. A 7\$000 o kilogramma de manteiga, quanto rendem em uma semana 3 vaccas, fornecendo cada uma em média 10 litros por dia e pesando o litro de leite 1030 grs.?

Solução

1 vacca: 10 litros.
 3 vaccas: 10^l × 3 = 30 litros.
 1 dia: 30 litros.
 7 dias: 30^l × 7 = 210 litros.
 1 litro: 1030 grammas.
 210 litros: 1030^{gr} × 210 = 216300^{gr} = 216^{kg},300.

Peso da nata: $\frac{1}{10}$ de 216^{kg},3 = 21^{kg},630.

Peso da manteiga: $\frac{4}{7}$ de 21^{kg},630 =

$$\frac{21^{\text{kg}},630 \times 4}{7} = 3^{\text{kg}},090 \times 4 = 12^{\text{kg}},360.$$

1^{kg} (manteiga): 7\$000.
 12^{kg},360 (manteiga): 7\$ × 12,360 = 8\$520.

Resposta

Tres vaccas em uma semana rendem 86\$520.

V

Uma casa foi vendida por 9:800\$. O beneficio corresponde a $\frac{3}{25}$ do preço da compra. Calcular: 1º, o preço de compra; 2º, o beneficio %.

Raciocinio

A quantia por que foi vendida a casa (9:800\$) representa a somma do preço da compra (a unidade) e do beneficio $\left[\frac{3}{25} \right]$, isto é,

$$9:800\$ = 1 + \frac{3}{25} = \frac{28}{25}$$

Para saber o preço da compra, ou, por outra, a quantia correspondente á unidade, representaremos esta por uma fracção de termos eguaes, seja $\frac{25}{25}$ e resolveremos a regra de tres que dali resulta; eil-a:

$$\begin{array}{r} \frac{28}{25} \dots\dots 9:800\$ \\ \frac{1}{25} \dots\dots \frac{9:800\$}{28} \\ \frac{25}{25} \dots\dots \frac{9:800\$ \times 25}{28} \\ 1 \text{ ou } \frac{25}{25} \dots\dots \frac{28}{28} \end{array}$$

Logo o preço de compra vem a ser:

$$\frac{9:800\$ \times 25}{28} = \frac{245:000\$}{28} = 8:750\$$$

Determinemos o valor do beneficio, o qual será egual á differença entre o valor da venda e o da compra; isto é,

$$9:800\$ - 8:750\$ = 1:050\$$$

ou, conforme o enunciado do problema, o beneficio será:

$$\frac{3}{25} \text{ de } 8:750\$ = \frac{8:750\$ \times 3}{25} = 350\$ \times 3 = 1:050\$$$

Para calcular quantos por cento do preço de compra representa o beneficio, temos que resolver a seguinte regra de tres:

$$8:750\$ \dots\dots 1:050\$$$

$$100\$ \dots\dots x$$

Donde:

$$x = \frac{1:050\$ \times 100}{8750} = \frac{10:500\$}{875} = 12\%$$

ou 12 %.

Resposta

A casa tinha sido comprada por 8:750\$ e foi vendida com lucro de 12%.

VI

Uma caldeira a vapor que trabalha 12 horas por dia, consome 165 toneladas de carvão em 80 dias. Depois de passar por grandes melhoramentos, consome 850 kilogrammas em 10

horas. O carvão custa 40\$ a tonelada e a machina funciona 320 dias no anno. Calcular a economia annual, motivada pelo aperfeiçoamento executado na caldeira.—R.: 13:691\$500.

Solução

1 dia: 12 horas.
80 dias: 12^h × 80 = 960 horas.
960 horas: 165 toneladas.

$$1 \text{ hora: } \frac{165^t}{960} = 171^{kg},875.$$

10 horas: 850 kilogrammas.
1 hora: 85 kilogrammas.

Economia em 1 hora:

$$171^{kg},875 - 85^{kg} = 86^{kg},875$$

Numero de horas de trabalho em um anno:

$$12^h \times 320 = 3940 \text{ horas.}$$

Economia em um anno:

$$86^{kg},875 \times 3940 = 342287^{kg},500 = 342^t,2875.$$

1 tonelada: 40\$000.

$$342^t,2875 : 40 \times 342,2875 = 13:691\$500.$$

VII

Em certa occasião foram vendidos 30 metros de metim e 20 metros de setineta por 86\$000; em outra occasião, 25 metros do mesmo metim e 28 metros da mesma setineta por 100\$000. Qual o preço do metro de metim e qual o preço do metro de setineta?

Solução

Estabelecem-se as egualdades que traduzem o enunciado do problema.
Eil-as:

$$\begin{array}{l} 30^m \text{ (metim)} + 28^m \text{ (setineta)} = 100\$ \\ 25^m \text{ (metim)} + 28^m \text{ (setineta)} = 100\$ \end{array}$$

Cumpre reduzir ao mesmo numero de metros o metim ou a setineta; seja o metim. Procura-se o m. m. c. de 30 e 25, que é 150. Multiplica-se a primeira egualdade pelo quociente de 150 por 30 e a segunda egualdade pelo quociente de 150 por 25. Donde:

$$\begin{array}{l} 150^m \text{ (metim)} + 100^m \text{ (setineta)} = 430\$ \\ 150^m \text{ (metim)} + 168^m \text{ (setineta)} = 600\$ \end{array}$$

Observando-se estas egualdades, reconhece-se que a differença entre as quantias é correspondente á differença entre os numeros de metros de setineta, isto é:

$$68^m \text{ (setineta)} = 170\$$$

Logo:

$$1^m \text{ (setineta)} = \frac{170\$}{68} = 2\$500.$$

Quanto ao preço do metro do metim, calcula-se substituindo em qualquer egualdade os metros de setineta pelo seu respectivo valor. Assim, seja na primeira egualdade:

$$30^m \text{ (metim)} + 2\$500 \times 20 = 86\$$$

Effectuando as operações necessarias:

$$\begin{array}{l} 30^m \text{ (metim)} + 50\$000 = 86\$ \\ 30^m \text{ (metim)} = 86\$ - 50\$ = 36\$ \end{array}$$

Donde:

$$1^m \text{ (metim)} = \frac{36\$}{30} = 1\$200.$$

Resposta

O metro de metim custa 1\$200 e o metro de setineta 2\$500.

VIII

Um freguez compra 12 metros de linho e 7 metros de brim por 102\$800; outro compra 8 metros deste linho e 15 metros deste brim por 101\$600. Pergunta-se quanto pagará um terceiro freguez que compre 5 metros de cada um destes tecidos.

Solução analogá á do problema precedente.

$$\begin{array}{l} 12^m \text{ (linho)} + 7^m \text{ (brim)} = 102\$800 \\ 8^m \text{ (linho)} + 15^m \text{ (brim)} = 101\$600 \end{array}$$

$$\begin{array}{l} 24^m \text{ (linho)} + 14^m \text{ (brim)} = 205\$600 \\ 24^m \text{ (linho)} + 45^m \text{ (brim)} = 304\$800 \end{array}$$

$$31^m \text{ (brim)} = 99\$200$$

$$1^m \text{ (brim)} = \frac{99\$200}{31} = 3\$200$$

$$12^m \text{ (linho)} = 102\$800 - 3\$200 \times 7 = 102\$800 - 22\$400 = 80\$400$$

$$1^m \text{ (linho)} = \frac{80\$400}{12} = 6\$700.$$

IX

Num cafezal fizeram-se tres colheitas. A terceira, que deu 480 kg., corresponde a $\frac{4}{7}$ da segunda, e esta foi $\frac{9}{7}$ da primeira. Qual o peso de café colhido e qual o seu valor á razão de 76\$000 o quintal metrico? — R.: 24Qm.; 1:824\$000.

Solução

$$3^a \text{ colheita: } 480 \text{ kg.}$$

Si a terceira corresponde a $\frac{4}{7}$ da segunda, a segunda corresponderá a $\frac{7}{4}$ da terceira, porquanto:

$$\frac{4}{7} \text{ da Segunda} = \text{Terceira}$$

$$\frac{1}{7} \text{ da Segunda} = \frac{\text{Terceira}}{4}$$

$$\frac{7}{7} \text{ ou a Segunda} = \frac{\text{Terceira} \times 7}{4} \text{ ou } \frac{7}{4} \text{ da Terceira}$$

$$\begin{array}{l} 2^a \text{ colheita} = \frac{7}{4} \text{ de } 480^{kg} = \frac{480^{kg} \times 7}{4} = \\ = 120^{kg} \times 7 = 840^{kg}. \end{array}$$

Si a segunda corresponde a $\frac{9}{7}$ da primeira, a primeira corresponderá a $\frac{7}{9}$ da segunda

porquanto:

$$\frac{7}{9} \text{ da Primeira} = \text{Segunda}$$

$$\frac{1}{9} \text{ da Primeira} = \frac{\text{Segunda}}{7}$$

$$\frac{9}{9} \text{ ou a Primeira} = \frac{\text{Segunda} \times 9}{7} = \frac{9}{7} \text{ da Segunda}$$

$$\begin{array}{l} 1^a \text{ colheita} = \frac{9}{7} \text{ de } 840^{kg} = \frac{840^{kg} \times 9}{7} = \\ = 120^{kg} \times 9 = 1080^{kg}. \end{array}$$

Peso total das tres colheitas:

$$480^{kg} + 840^{kg} + 1080^{kg} + 2400^{kg} = 24Qm.$$

$$1 \text{ Qm.: } 76\$000.$$

$$24 \text{ Qm.: } 76\$ \times 24 = 1:824\$000.$$

X

Accrescentando 84^m,98 aos $\frac{5}{8}$ de uma extensão, obtêm-se os $\frac{5}{8}$ da mesma. Calcular esta extensão. — R.: 485^m,60.

Solução

$$84^m,98 + \frac{5}{8} = \frac{5}{8}$$

$$84^m,98 = \frac{4}{5} - \frac{5}{8} = \frac{32}{40} - \frac{25}{40} = \frac{7}{40}$$

$$\frac{7}{40} = 84^m,98$$

$$\frac{1}{40} = \frac{84^m,98}{7}$$

$$1 \text{ ou } \frac{40}{40} = \frac{84^m,98 \times 40}{7} = 12^m,14 \times 40 =$$

$$= 485^m,60.$$

QUINTO ANNO

Problemas

1) Quinze soldados em 9 dias gastam tanto quanto 6 officiaes em 5 dias. Quanto gastarão 13 officiaes em 8 dias, sabendo que 9 soldados gastaram 126\$ em 7 dias?

Solução

Este problema é uma combinação de duas regras de tres compostas.

A primeira regra de tres determina os gastos de 15 soldados em 9 dias, valendo-se dos gastos correspondentes a 9 soldados em 7 dias. Eil-a:

$$\begin{array}{r} 9 \text{ soldados} - 7 \text{ dias} - 126\$ \\ 15 \text{ " } - 9 \text{ " } - x \end{array}$$

Tem-se, pois:

$$x = \frac{126\$ \times 15 \times 9}{9 \times 7} = 18\$ \times 15 = 270\$$$

Esta quantia representa tambem os gastos de 6 officiaes em 5 dias.

A segunda regra de tres aproveita estes dados para achar o que se pede. Eil-a:

$$\begin{array}{r} 6 \text{ officiaes} - 5 \text{ dias} - 270\$ \\ 13 \text{ " } - 8 \text{ " } - x' \end{array}$$

Donde:

$$x' = \frac{270\$ \times 13 \times 8}{6 \times 5} = 9\$ \times 13 \times 8 = 936\$$$

Resposta — Treze officiaes em oito dias gastarão 936\$.

II) As dimensões de uma sala são: comprimento 15^m,20; largura 10^m,60; altura 5^m,30. Qual o peso de ar contido nesta sala, sabendo que 1 litro de ar pesa 1g,3?

Solução racionada

Volume da sala:

$$1^m \times 15,2 \times 10,6 \times 5,3 = 853^m,936$$

Capacidade da sala:

$$853^m,936 = 853936^dms = 853936 \text{ litros}$$

Peso do ar contido na sala:

$$\begin{array}{l} 1^l \text{ (ar)} - 1^g,3 \\ 853936^l \text{ (")} - 1^g,3 \times 853936 = \\ = 1110116,8 \text{ grammas} = 1110^kg,1168 \end{array}$$

Resposta

O ar contido nesta sala pesa 1110^{kg},1168.

III) Uma folha de chumbo tem 0^m,006 de espessura, 2^m,15 de comprimento e outro tanto de largura. Calcular o seu peso, sabendo que a densidade do chumbo é 11,35.

Solução racionada

Volume da folha de chumbo:

$$\begin{array}{l} 1^m \times 0,006 \times 2,15 \times 2,15 = 0^m,027735 = \\ = 27735 \text{ centimetros cubicos} \end{array}$$

Peso da folha de chumbo:

$$\begin{array}{l} 1^cm \text{ (chumbo)} - 11^g,35 \\ 27735^cm \text{ (")} - 11^g,35 \times 27735 = \\ = 314792^g,25 = 314^kg,79225 \end{array}$$

Resposta

Esta folha de chumbo pesa 314 kilogrammas, 792 grammas e 25 centigrammas.

IV) Uma senhora compra uma fazenda de 17\$ o metro; pretendendo ganhar 15 %, por que preço há de vender um córte de 8^m,50?

Solução racionada

Preço de compra do córte de fazenda:

$$17\$ \times 8,50 = 144\$500$$

Lucro:

$$15 \% \text{ de } 144\$500 = \frac{15}{100} \text{ de } 144\$500 =$$

$$\frac{144\$500 \times 15}{100} = 1\$445 \times 15 = 21\$675$$

Preço de venda:

$$144\$500 + 21\$675 = 166\$175$$

Resposta

A senhora venderá o córte de fazenda por 166\$175, ou, 166\$180.

V) Um negociante comprou uma peça de casimira de 56^m,40 por 1:206\$960. Vendeu a peça a 25\$000 o metro. Por quanto venderá o metro da parte restante, para ganhar 30 % sobre o preço de compra?

Solução racionada

Numero de metros vendidos:

$$\frac{2}{3} \text{ de } 56^m,40 = \frac{56^m,40 \times 2}{3} = 18^m,8 \times 237^m,6$$

Quantia recebida na venda destes metros de casimira:

$$25\$ \times 37,6 = 940\$$$

Lucro:

$$30 \% \text{ de } 1:206\$960 = \frac{30}{100} \text{ de } 1:206\$960 =$$

$$\frac{1:206\$960 \times 30}{100} = 362\$088$$

Preço de venda de toda a peça:

$$1:206\$ + 362\$088 = 1:569\$048$$

Quantia correspondente ao preço de venda da parte restante:

$$1:569\$048 - 940\$ = 629\$048$$

Numero de metros da parte restante:

$$56^m,40 - 37^m,6 = 18^m,80$$

Preço de venda de um metro:

$$629\$048 : 18,80 = 33\$460$$

Resposta

O negociante venderá o resto da peça de casimira a 33\$460 o metro.

VI) Um operario encarregado de um trabalho fez primeiramente os $\frac{2}{7}$, em seguida fez 0,7 do resto e finalmente concluiu a encomenda, recebendo por esta ultima parte 16\$200. Quanto lhe rendeu o trabalho?

Solução

$$1 - \frac{2}{7} = \frac{5}{7}$$

$$0,7 \text{ de } \frac{5}{7} = \frac{3,5}{7} = 0,5 = \frac{1}{2}$$

$$\frac{2}{7} + \frac{1}{4} + \frac{7}{14} + \frac{11}{14} =$$

$$1 - \frac{11}{14} = \frac{3}{14}$$

$$\frac{3}{14} \times 16\$200 =$$

$$\frac{1}{14} \times 16\$200 =$$

$$\frac{1}{3}$$

$$1 \text{ ou } \frac{14}{14} - \frac{16\$200 \times 14}{3} = 5\$400 \times 14 = 75\$600$$

Raciocinio

Vejamus que fracção da obra ficou por fazer, depois que o operario fez os $\frac{2}{7}$. Para isto, consideraremos o trabalho como um todo unico e represental-o-emos pela unidade. Assim:

$$1 - \frac{2}{7} = \frac{5}{7}$$

Determinemos a fracção da obra que o operario fez na segunda vez. Ora, 0,7 do resto vem a ser:

$$\frac{7}{10} \text{ de } \frac{5}{7} = \frac{1}{2}$$

Sommaremos as duas quantidades que estão feitas; assim saberemos qual a fracção da obra que se acha prompta. Assim:

$$\frac{2}{7} + \frac{1}{4} = \frac{4}{14} + \frac{7}{14} = \frac{11}{14}$$

Indiquemos a parte ainda não concluida:

$$1 - \frac{11}{14} = \frac{3}{14}$$

Quanto ao valor do trabalho, racionemos deste modo: Si para esta ultima parte $\left(\frac{3}{14}\right)$ o operario recebeu 16\$200, para uma parte

que fosse representada pela fracção $\frac{1}{14}$ o operario teria recebido uma quantia tres vezes menor, ou, $\frac{16\$200}{3}$; e, por consequencia, para

o trabalho todo que se compõe de $\frac{14}{14}$ o operario receberá uma quantia quatorze vezes maior, ou, $\frac{16\$200 \times 14}{3}$.

Effectuadas estas operações, encontramos para resultado final 75\$000.

Resposta

O trabalho rendeu ao operario 75\$600.

VII) Quero comprar metim para forrar um

tapete de $6^m \frac{3}{4}$ por $2^m \frac{2}{5}$. Quantos metros de metim devo comprar, si a largura é de $0^m,80$?

Raciocinio

Este problema pode ser resolvido por dous processos bem differentes um do outro.

1.º — Avalia-se a superficie do tapete, multiplicando entre si as duas dimensões dadas. Determina-se o comprimento, ou melhor, o numero de metros de metim, dividindo a área obtida pela largura do metim. Assim:

Superficie, ou melhor, área do tapete é igual

$$a \ 1^m \times 6 \frac{3}{4} \times 2 \frac{2}{5} = 1^m \times \frac{27}{4} \times \frac{12}{5} = \frac{81^m}{5} = 16^m,2.$$

Comprimento ou n.º de metros de metim é igual a $\frac{16^m,2}{0^m,80} = 20^m,25$ ou $20^m \frac{1}{4}$.

2.º — Considera-se como regra de tres, simples e inversa, e applica-se-lhe qualquer dos methodos conhecidos, afim de achar o valor de x. Assim:

$$\begin{array}{ccc} 2 & & 2 \\ 2^m & \dots & 6^m \\ 5 & & 4 \end{array}$$

$$0^m,80 \text{ ou } \frac{4^m}{5} \dots x$$

$$x = \frac{6^m \times 2 \frac{2}{5}}{4 \frac{5}{4}} = \frac{27^m \times 12}{4 \times 5} = \frac{81^m}{5} = 20^m,25.$$

Resposta

Comprei $20^m,25$ de metim.

VIII) Em 40 dias fez-se uma casa. A principio trabalharam 15 operarios; 4 dias depois, foram contratados mais 7 operarios e no antepenultimo dia foram chamados mais 3 operarios. Concluida a casa, a verba para pagamento de todos os operarios foi calculada em $5:424\$300$. Qual a diaria de cada operario, suppondo que seja a mesma para todos?

Raciocinio

Este problema consiste apenas em saber calcular o numero total de diarias, afim de dividir a verba em tantas partes eguaes quantas forem as diarias.

Calculemos, pois, o numero de diarias. Para os 15 operarios que trabalharam desde o começo da construcção, isto é, durante os 40 dias da mesma, temos:

$$40^d \times 15 = 600 \text{ diarias}$$

Quanto aos 7 operarios contratados 4 dias depois, entendemos que tenham trabalhado quatro dias menos que os primeiros, isto é, $40^d - 4^d = 36$ dias; assim temos:

$$36^d \times 7 = 252 \text{ diarias}$$

Finalmente os 3 operarios, chamados no antepenultimo dia, trabalharam 3 dias (antepenultimo, penultimo e ultimo dia); temos pois:

$$3^d \times 3 = 9 \text{ diarias}$$

Resta agora reunirmos em um só numero estes resultados achados; assim:

$$600^d + 252^d + 9^d = 861 \text{ diarias}$$

Donde o valor da diaria de cada operario vem a ser:

$$5:424\$300 : 861 = 6\$300$$

Resposta

Os operarios que trabalharam na construcção desta casa, ganharam $6\$300$ por dia.

IX) Um fumante consome em 8 dias 2,40 hectogrammas de fumo cujo preço é $18\$000$ o kilogramma. Pergunta-se quanto lhe custa por anno este vicio e quantos kilogrammas de assucar poderia comprar com esse dinheiro, si um kilogramma de assucar custa $\$900$.

Solução racionada

Determinar o consumo de fumo em 1 anno ou 365 dias pela seguinte regra de tres, simples e directa:

$$\begin{array}{ccc} 8 \text{ dias} & \dots & 2^h,40 \\ 365 \text{ dias} & \dots & x \end{array}$$

Donde:

$$x = \frac{2^h,40 \times 365}{8} = 109^h,5 = 10^k,95$$

Preço de 10,95 kilogrammas de fumo:

$$18\$ \times 10,95 = 197\$100$$

Numero de kilogrammas de assucar comprados com esta quantia:

$$197\$100 : \$900 = 219^k,5$$

Resposta

O fumante gasta por anno em fumo, $197\$100$; com esta quantia poderia comprar 219 kilogrammas de assucar.

SEXTO ANNO

Problemas

I) Um tear pôde tecer uma peça de linho de 65 metros, em 3 dias, trabalhando 4 horas por dia, ao passo que outro tear faz o mesmo trabalho em 5 dias de 3 horas. Pergunta-se quanto tempo levarão os dous teares, trabalhando simultaneamente durante 6 horas por dia, para tecer 234 metros do mesmo linho.

Raciocinio

O primeiro tear, fazendo 65 metros em 12 horas (3 dias de 4 horas correspondem a 12 horas), em 1 hora fará uma extensão 12 vezes menor, ou:

$$\begin{array}{c} 65^m \\ - \\ 12 \end{array}$$

O segundo tear que leva 15 horas (5 dias de 3 horas equivalem a 15 horas) para fazer 65 metros, fará em 1 hora uma quantidade 15 vezes menor, ou:

$$\begin{array}{c} 65^m \\ - \\ 15 \end{array}$$

Donde os dous teares, trabalhando juntos, tecerão em 1 hora uma porção igual á somma destas fracções, ou:

$$\frac{65^m}{12} + \frac{65^m}{15} = \frac{325^m}{60} + \frac{260^m}{60} = \frac{585^m}{60} = 9^m,75$$

E, trabalhando ambos 6 horas por dia, farão no espaço de um dia um numero de metros seis vezes maior, isto é,

$$9^m,75 \times 6 = 58^m,50$$

Ora, quantas vezes o trabalho de um dia ($58^m,50$) se contiver na extensão pedida (234^m), tanto serão os dias; assim:

$$234^m : 58^m,50 = 4 \text{ dias}$$

Resposta

Os dous teares levarão 4 dias de 6 horas para tecer 234 metros de linho.

II) Um tanque tem $3^m,08$ de comprimento, $2^m,07$ de largura e $1^m,10$ de profundidade. Estando completamente cheio d'agua, abre-se uma valvula que o esvasia em 1 hora e 17 minutos. Quantos litros d'agua deixa esta valvula passar por minuto?

R. 91,08 litros.

Solução racionada

Volume do tanque:

$$1^m \times 3,08 \times 2,07 \times 1,10 = 7^m,013160$$

Capacidade do tanque:

$$7013,16 \text{ litros}$$

Conversão da hora em minutos:

$$1^h,17^m = 60^m + 17^m = 77 \text{ minutos}$$

Quantidade d'agua que passa pela valvula em um minuto:

$$7013,16 : 77 = 91,08$$

III) Quantos saccos de arroz, pesando cada um 65 kg., deve vender um negociante, á razão de $\$860$ o kilogramma, para que a importancia resultante dessa venda, ao juro de $4 \frac{1}{2} \%$ ao anno, lhe possa produzir em 2 mezes e 16 dias $212\$420$?

Raciocinio

Em primeiro lugar temos que achar qual o capital que, a $4 \frac{1}{2} \%$, rende em 2 mezes e 16 dias, ou 76 dias, $212\$420$. Eis ahi uma regra de juros cuja incognita é o capital.

$$\begin{array}{ccc} 4\$500 & - & 360 \text{ dias} & - & 100\$ \\ 212\$420 & - & 76 \text{ dias} & - & C \end{array}$$

Donde:

$$C = \frac{100\$ \times 212,42 \times 360}{4,5 \times 76} = \frac{21:242\$ \times 40}{0,5 \times 76} = \frac{21:242\$ \times 8}{0,1 \times 76} = \frac{42:484\$}{1,9} = 22:360\$000$$

Calculemos agora quanto recebe o negociante na venda de um sacco de arroz; para isso, temos que multiplicar o preço de 1 kilogramma de arroz pelo numero de kilos em um sacco; assim:

$$\$860 \times 65 = 55\$900$$

Ora, quantas vezes o preço de venda de um sacco de arroz ($55\$900$) se contiver no valor do capital achado ($22:360\$$), tantos serão os saccos de arroz que o negociante deve vender; assim:

$$22:360\$000 : 55\$900 = 400$$

Resposta

O negociante precisa vender 400 saccos de arroz.

IV) Comprei um sitio de 14 aros e 8 centiarios por 3:000\$. Gastei com o preparo do terreno \$720 por metro quadrado e com estrume 2\$500 por decametro quadrado. Vendi-o depois á razão de 42:000\$ o hectaro. Quanto ganhei ou perdi?

Solução racionada

Conversão de aros em metros quadrados:
— Aro corresponde a decametro quadro; e centiario equivale a metro quadrado.

$$14^a,08 = 1408 \text{ metros quadrados}$$

Quantia gasta com o preparo do terreno:

$$\$720 \times 1408 = 1.013\$760$$

Conversão de aros em decametros quadrados:

$$14^a,08 = 14^{dm^2},08$$

Quantia gasta com estrume:

$$2\$500 \times 14,08 = 35\$200$$

Somma de todas as despezas, inclusive o valor da compra:

$$3:000\$ + 1.013\$760 + 35\$200 = 4:048\$960$$

Conversão de aros em hectares:

$$14^a,08 = 0^ha,1408$$

Importancia recebida na venda do sitio:

$$42:000\$ \times 0,1408 = 5:913\$600$$

Valor do lucro:

$$5:913\$600 - 4:048\$960 = 1:864\$640$$

Resposta

Ganhei 1:864\$640.

V) Uma pessoa dividiu sua fortuna em duas partes: Collocou $\frac{2}{5}$ a 6 % e esta parte de seu capital lhe rende annualmente 1:500\$; quanto ao resto, que lhe dá de juros semestres 1:500\$, pede-nos o obsequio de lhe calcularmos a taxa.

Raciocinio

Este problema encerra duas regras de juros; na 1.ª determina-se o capital, na 2.ª determina-se a taxa.

1.ª — Qual o capital que a 6 % rende 1:500\$ por anno?

$$\begin{array}{r} 6\$ \text{ — } 100\$ \\ 1:500\$ \text{ — } C \end{array}$$

Donde:

$$C = \frac{100\$ \times 1500}{6} = 100\$ \times 250 = 25:000\$$$

O resultado achado (25:000\$) representa $\frac{2}{5}$ da fortuna. Com estes dados, facil é deduzir-se o valor do resto da fortuna, isto é, os $\frac{3}{5}$

Assim:

$$\frac{2}{5} \dots 25:000\$$$

$$\frac{1}{5} \dots \frac{25:000\$}{2}$$

$$\frac{3}{5} \dots \frac{25:000\$ \times 3}{2} = \frac{75:000\$}{2} = 37:500\$$$

2.ª — Qual a taxa em que está collocado o capital 37:500\$, sabendo que rende 1:500\$ em 6 mezes?

$$\begin{array}{r} 37:500\$ \text{ — } 6 \text{ mezes — } 1:500\$ \\ 100\$ \text{ — } 12 \text{ mezes — } i \end{array}$$

Donde:

$$i = \frac{1:500\$ \times 100 \times 12}{37500 \times 6} = \frac{1:500\$ \times 2}{375}$$

$$\frac{3:000\$}{375} = 8\$ \text{ óu } 8 \%$$

Resposta — O resto da fortuna está collocado ao juro ou taxa de 8 % ao anno.

VI) Em um tonel cuja capacidade é de 480 litros, despejou-se vinho de 100\$ o hectolitro, até os $\frac{5}{8}$ da sua capacidade; em seguida, poz

se vinho de 82\$ o hectolitro, até os $\frac{2}{3}$ do

resto e finalmente acabou-se de encher o tonel com agua. Por que preço se ha de vender o duplo decalidro da mistura para ter-se um beneficio de 25 % sobre o preço de compra?

Raciocinio

Calculemos o numero de litros correspondentes a $\frac{5}{8}$ da capacidade do tonel ou:

$$\frac{5}{8} \text{ de } 480^l = \frac{480^l \times 5}{8} = 300^l$$

Determinemos a fracção equivalente a $\frac{2}{3}$ do resto, ou:

$$\frac{2}{3} \text{ de } \left(1 - \frac{5}{8} \right) = \frac{2}{3} \text{ de } \frac{3}{8} = \frac{1}{4}$$

Calculemos o numero de litros correspondentes a $\frac{1}{4}$ da capacidade do tonel, ou:

$$\frac{1}{4} \text{ de } 480^l = \frac{480^l}{4} = 120 \text{ litros}$$

Convertamos esses dous numeros, que representam litros de vinho, em hectolitros, visto terem sido dados os preços para hectolitro; assim:

$$\begin{array}{l} 300 \text{ litros} = 3 \text{ hectolitros} \\ 120 \text{ litros} = 1,2 \text{ hectolitro} \end{array}$$

Multipliquemos os preços de 1 hectolitro de vinho pelos respectivos numeros de hectolitros; assim:

$$\begin{array}{l} 100\$ \times 3 = 300\$000 \\ 82\$ \times 1,2 = 98\$400 \end{array}$$

Sommemos estas duas importancias, afim de conhecer o valor de todo o vinho, ou:

$$300\$ + 98\$400 = 398\$400$$

Este resultado representa o preço de compra do vinho. Vejamos qual será o preço de venda, com lucro de 25 %. Seja por meio desta regra de tres, simples e directa:

$$\begin{array}{r} 100\$000 \text{ — } 125\$ \\ 398\$400 \text{ — } x \end{array}$$

Donde:

$$x = \frac{125\$ \times 398,4}{100} = \frac{125\$ \times 3984}{1000} = \frac{3:984\$}{8} = 498\$$$

O tonel contém 480 litros de mistura, porquanto se acrescentou agua até encher-o; si dividirmos, pois, o preço de venda (498\$) pelo numero de litros (480), saberemos o preço de venda de um litro. Assim:

$$498\$000 : 480 = 1\$037,5$$

Quanto ao preço do duplo decalidro, que é vinte vezes maior que o litro, será:

$$1\$037,5 \times 20 = 20\$750$$

Resposta — A mistura será vendida á razão de 20\$750 o duplo decalidro.

VII) Para capinar um terreno, pagou-se 140\$. Quanto se ha de pagar para um terreno 2 vezes menos largo e 3 vezes mais comprido?

Raciocinio

A área de um rectangulo representa um producto de dous factores: comprimento e largura. Si esta se torna duas vezes menor e aquelle, tres vezes maior, a área, que é o producto, ha de variar na razão directa de qualquer dos seus factores, isto é, virá multiplicada por tres por parte do comprimento e dividida por 2 por parte da largura; logo a area do segundo terreno será:

$$\frac{A \times 3}{2} \text{ ou } \frac{3}{2} \text{ da área do primeiro terreno}$$

Donde o preço tambem deve ser $\frac{3}{2}$ do primitivo, ou:

$$\frac{3}{2} \text{ de } 140\$ = \frac{140\$ \times 3}{2} = 210\$$$

Resposta — Paga-se 210\$ para capinar o segundo terreno.

VIII) Paguei 81\$ para 7^m,80 de uma fazenda cuja largura mede 0^m,36. Quanto hei de pagar 9^m,30 de outra fazenda da mesma qualidade, tendo porém 0^m,52 de largura?

Solução racionada

Este problema é uma regra de tres composta em que os termos relativos variam na razão directa dos termos principaes.

Eis a disposição dos dados:

$$\begin{array}{r} 7^m,80 \text{ — } 0^m,36 \text{ — } 81\$ \\ 9^m,30 \text{ — } 0^m,52 \text{ — } x \end{array}$$

Tirando o valor da incognita, vem:

$$x = \frac{81\$ \times 9,30 \times 0,52}{7,80 \times 0,36} = \frac{81\$ \times 93 \times 52}{78 \times 36}$$

$$= \frac{9\$ \times 31 \times 52}{26 \times 4} = \frac{9\$ \times 31 \times 13}{26 \times 1} = \frac{9\$ \times 31}{2}$$

$$\frac{279\$}{2} = 139\$500$$

Resposta — Pagarei 139\$500.

IX) Em uma caixa de zinco, de forma cubica e de um metro de aresta, ha $7^{h1},028$ dagua distillada. Qual será o peso da quantidade dagua necessaria para acabar de enchela?

Solução raciocinada

Volume e capacidade da caixa:

1 metro cubico; 1000 litros

Quantidade ou volume da agua necessaria para acabar de encher a caixa:

$$1000^1 - 7^{h1},028 = 1000^1 - 702^1,8 =$$

$$= 297^1,2 \text{ ou } 297^{dm^3},2 \text{ ou } 297200^{cm^3}$$

Peso deste volume dagua, suppondo que esta satisfaça as condições para que 1 centimetro cubico pese um gramma:

$$\begin{aligned} 1^{cm^3} &= 1g \\ 297200^{cm^3} &= 1g \times 297200 = \\ &= 297200g = 297^{kg},200 \end{aligned}$$

Resposta

A agua necessaria para se acabar de encher a caixa pesará 297,200 kilogrammas.

LEONIE DE F. ANGLADA.

LIÇÕES DE COISAS

PALESTRAS SOBRE AS PLANTAS

O professor chamará a atenção do alumno para as plantinhas communs e muito conhecidas de todos elles, apresentando-as, si possível fôr, numa estampa num livro colorido, na propria natureza.

Passará então a dizer algo sobre os vegetaes de maiores proporções, gradativamente, conversando de um modo interessante relativamente á plantação, á vida, á producção e ao bom meio de conservação.

A palestra preleção deverá durar no maximo de quinze a vinte minutos para que a fadiga não se apodere dos alumnos, desviando-lhes a atenção.

E' indispensavel ao *mestre*, como exemplos, plantas communs e facéis de serem exhibidas.

Desenvolvimento — Dissertará em linguagem facil sobre um jardim, começando pela grama, de variadas cores: verde, amarella, *rosa forte*, a delicada *myosotis*, rasteira, cuja flôr azul é muito apreciada. Aproveitará para en-

sinar que as plantas assim atapetando o solo, chamam-se relvas.

Mandarâ que os meninos citem nomes de vegetaes relvosos. Passará a tratar da vegetação que se eleva pouco mais que essas, despedaçando o talo ao menor esforço como o amor-perfeito, cuja belleza a criança admira, a singela violeta de suave perfume e de modesto encanto; a bocca de leão: amarella, branca, rosa, roxa, semelhando uma bocca de labios descerrados; o cravo, de inebriante aroma, trabalhado em seus caprichosos recortes pela habil mão da sábia Natureza; a saudade, bellamente arranjada em sua disposição; os flocos modernamente empregados como adornos de jardim, simples, elegantes em pequeninas petalas, e que têm como notoriedade, flori-rem abundantemente causando á vista, agradavel impressã.

Quando brancos, observados de longe, parecem um longo lençol, tão alvo quanto a neve!

Palestrará sobre outras flores conhecidas, si o tempo permittir.

Aproveitará para explicar que essas plantas se chamam arbustos.

Descreverá em ligeiras e singelas palavras, os grandes vegetaes: frondosa jaqueira, cujos fructos—seguros ao tronco—“corpo dessas gigantes plantas”, têm o feitio, approximado, de um enorme ovo e são tão bem esculpidos, que a mão do homem, difficilmente poderia imitar; a manga, de graciosa fórma, casca lisa, sabor e perfume deliciosos, tambem se origina de majestoso vegetal; o tamarino ou tamarin-do, sem belleza, porém, appetitoso e de uma côr escura.

Ahi o professor se deterá fazendo com que as crianças observem a lição da Natureza.

Os grandes fructos como a abobora a melancia, etc., provêm de vegetaes rasteiros ou então se desenvolvem nas altas plantas, proximos ao solo como a jaca, etc.

Quando se produzem na cópa têm a sustel-os uma especie de corda possante como vêm no côco da Bahia.

Esses altaneiros vegetaes são denominados arvores — e o lugar em que são cultivados — pomar. — Ha tambem arvores que não dão fructos. Ex.: o *eucalyptus*.

Ainda temos outros fructos além desses, muito saboreados pelas crianças; a laranja, a banana, a fructa de conde, encantadoramente modelada, a romã, o abacaxi, que uma vez amadurecido parece envernizado em seus recortes encimados por linda e soberda corôa verde. Além desses nossa amado Brazil ainda possui muitos outros fructos sem rival no mundo.

Dirá finalmente que os arbustos duram pouco e passada a época de florir, precisam ser replantados, para na primavera vindoura, alegrarem-nos com a variedade de feitios e a diversidade de aromas. Narrará que as arvores devem ser plantadas no outomno para se desenvolverem com as chuvas do inverno.

Deve-se plantar uma arvore, nunca junto de um muro, no minimo a uma distancia de quinze ou vinte centimetros delle, afim de que as raizes possam se desdobrar.

PHYSICA

SEXTO ANNO

Aplicações da hydrostatica — Prensa hydraulica

MATERIAL DA LIÇÃO — Um bastão de giz e bôa vontade.

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA — Encaminhe o professor o espirito dos alumnos de modo que lhes pareça este capitulo não uma lição nova, mas, tão sómente, uma continuação, uma consequencia muito natural, muito logica, dos conhecimentos adquiridos anteriormente nas lições sobre Vasos communicantes, mostrando-lhes que estes são, por assim dizer, o “esqueleto”, formam a estrutura desse aparelho, tão util e de tanto emprego industrial, que é a Prensa hydraulica.

Lembre-se de mostrar porque a Prensa hydraulica é de tanta utilidade, fazendo-lhes comprehendder a economia de esforço muscular, que resulta, do seu emprego.

DESENVOLVIMENTO — Aqui temos no quadro negro uma figura (fig. 1) que representa dois tubos, *a* e *b*, verticaes, exactamente do mesmo tamanho e forma, communicando-se entre si por meio de um outro tubo horizontal *t*.

Já em lições anteriores tivemos occasião de ver apparatus, que eram assim compostos de dois ou mais tubos, ou vasos, communicando-se entre si...

— ... lembra-lhe, Julio, como se chamavam taes apparatus?

— Chamavam-se vasos communicantes.

— Muito bem. E que succedia quando se vava uma certa quantidade dagua, ou de um liquido qualquer, num dos tubos do apparatus, Mario?

— O liquido subia em todos os tubos.

— Perfeitamente. E em qual delles subia mais, Heitor?

— Subia á mesma altura em todos...

— Pois bem. Imaginem então que a figura que está desenhada no quadro-negro é um desses apparatus que vocês conhecem sob o nome de vasos communicantes.

Sendo assim, que veriamos acontecer, Francisco, se eu vasasse uma certa quantidade dagua no tubo *a*?

— A agua subiria tambem no outro tubo.

— Até que altura, Claudio?

— Até a altura a que chegasse no tubo *a*.

— Pois bem: supponham que chegou em ambos os tubos até o ponto *p* (fig. 2).

O apparatus está assim como uma balança em equilibrio, não é, Paulo?

— Sim, senhora.

— Mas, se você collocasse um peso de 1 kilogramma, por exemplo, num dos pratos de uma balança em equilibrio ella permaneceria equilibrada, Octavio?

— Não, senhora. O prato em que eu collocasse o peso descia....

— ...E o outro...

— ...subia.

— E seu quizesse equilibrar novamente a balança sem retirar o peso collocado, que precisava fazer, João?

— Precisava collocar um peso igual no outro prato.

— Pois então, imaginem que com um pistão (fig. 3), isto é, uma haste de ferro, tendo numa das extremidades um disco perfeitamente capaz de se ajustar e escorregar pelo interior do tubo *a*, eu apertasse a agua nelle contida, com a força de 1 kg.: que succederia á agua do tubo *b*, que é o outro prato da nossa balança?

Todos — Subia.

— Bem; mas eu queria que me dissessem com que força essa agua subia, isto é, que peso, que pressão seria preciso exercer sobre ella, para que voltassem a ficar os dois tubos com a agua á mesma altura. Será capaz de dizer-me, Oswaldo?

— Sou, sim, senhora. A agua subiria com a força de 1 kg.

— Então, quer dizer que subia de um lado com a mesma força com que tinha calcado do outro, não é?

A pressão que exercemos sobre a agua do tubo *a*, de cima para baixo, transmittia-se e vinha influir na agua do tubo *b*, com a mesma força, porque os dois tubos são perfeitamente do mesmo tamanho e forma; apenas, num sentido inverso, isto é, de baixo para cima, não é assim?

Todos — Sim, senhora.

Ora, supponham que este apparatus, em vez de ter um só tubo á esquerda, tivesse muitos mais: um, dois, tres, quatro, cinco... dez, todos perfeitamente eguaes ao tubo *a* (fig. 4).

Se eu vasasse mais agua neste tubo até vel-a subir em todos os outros até o ponto *p* e fizesse a pressão de 1 kg. sobre a agua contida no tubo *a*, que aconteceria á contida no tubo *b*, Cesar?

— Subiria.

— Sim, receberia de baixo para cima um impulso, que a faria subir.

— E esse impulso que força teria, Antonio?

— A força de 1 kg.

— Bem. A agua do tubo *b* subia. E a do tubo *c*, Mario, ficaria immovel?

— Não, senhora, subiria tambem.

— E com que força?

— Com a mesma força de 1 kg.

— E a do tubo *d*, Carlos?

— Subiria tambem, com a mesma força...

— Então a agua subiria em todos os tubos?

— Subia, sim, senhora.

— E com que força em cada um delles, Lauro?

— Com a força de 1 kg.

— Então se ella subia em cada um delles com a força de 1 kg., nos dez tubos reunidos vinha a subir com uma força maior ou menor, José?

— Maior.

— Quantas vezes maior, Julio?

— Dez vezes maior.

— Logo, com uma força de quantos kgs., Paulo?

— Com uma força de 10 kgs.
— Muito bem.

Ora, se eu, no lugar dos dez tubos iguaes ao tubo *a* collocasse apenas um tubo que tivesse a capacidade dos dez, quero dizer, se substituisse os tubos *b*, *c*, *d*, *e*, *f*, etc., por um tubo grande, *T*, que tivesse a mesma fórma cylindrica dos primeiros, (fig. 5), obteria o mesmo resultado; isto é, fazendo uma pressão de cima para baixo na agua contida no tubo *a*, determinaria na agua do tubo *T* uma pressão em sentido contrario, isto é, de baixo para cima e 10 vezes maior do que a primeira, não é assim?

Todos — Sim, senhora.

— E se o tubo *T* em vez de 10 vezes maior que *a* fosse, por exemplo, 100 vezes maior, exercendo a mesma pressão de 1 kg. sobre a agua contida no tubo *a*, que impulso receberia a do tubo *T*?

— Um impulso 100 vezes maior.

— Pois foi fazendo o raciocinio que fizemos e chegando á conclusão que chegámos, que se imaginou fazer um aparelho denominado *Prensa hydraulica*, que não é mais que um tubo estreito, como o tubo *a*, communicando-se com outro tubo 50, 100 ou mais vezes maior.

Em ambos os tubos existe um pistão como aquelle de que já lhes falei (fig. 6).

Apenas o que escorra pelo interior do tubo *T* sustenta na parte superior um prato *P*, destinado a receber os objectos que vão ser comprimidos.

Acima desse prato passa uma barra fixa, *B*, sustentada por duas columnas, *JK* e *LM*.

Se eu quizesse comprimir, por exemplo, um maço de papeis, bastava collocar-o sobre o prato *P* e exercer uma pressão sufficiente no pistão do tubo *a*.

A agua do tubo *T*, com um impulso tantas vezes maior que o tubo *a*, fosse o tubo *T*, levantaria o pistão deste, *R*, e, com elle, o respectivo prato e o papel nelle collocado.

Como a pouca distancia se encontra a barra de ferro *B*, o papel iria de encontro a ella e seria apertado, comprimido, enquanto durasse a pressão no tubo *a*.

Numa prensa das dimensões da que temos falado, se eu exercesse uma pressão de 10 kgs. no pistão do tubo *a*, com que força seria comprimido o objecto collocado no prato *P*?

— Com uma força de 100 kgs.

— Sim. Por que?

— Porque o tubo *T* é 10 vezes maior que o tubo *a*.

— Ora, sem o recurso da Prensa hydraulica para obter o mesmo resultado, eu precisaria empregar uma força muscular de quantos kgs.?

— De 100 kgs.

— E com o auxilio da Prensa, Mario, que força me basta exercer?

— A força de 10 kgs.

— Faça, portanto, uma grande economia de

energia muscular, não é assim? Portanto, que vantagem acham vocês nesse aparelho?

— A vantagem de obter muito trabalho com pequeno esforço.

— Perfeitamente. E, dahi, a grande utilidade da Prensa hydraulica, muito usada na industria, já na fabricacão do papel, da polvora, já para a extracção do succo da beterraba, já para a compressão de tecidos, etc. — sempre, emfim, que é necessario o emprego de uma grande força, que seria, sem esse aparelho, um penoso, difficil, muita vez impossivel trabalho muscular.

Poços artesianos

MATERIAL DA LIÇÃO — Gravuras ou desenhos feitos no quadro negro pela mestra.

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA — Explicado succintamente o phenomeno da infiltração das aguas pelo sólo, atravez as camadas permeaveis, até se estabelecer em lenções dagua subterraneos, mostrará a mestra que o declive dos terrenos faz com que essa agua se mantenha nas condições de equilibrio em que se manteria, depositada em grandes vasos communicantes.

Lembrará que a agua subirá a um nivel commum em todos os vasos communicantes, independente da fórma destes.

Final, mostrará o que succede sempre que ha uma differença de altura dos vasos communicantes e, portanto, o que succederá se captarmos, numa baixada, a agua depositada nas camadas impermeaveis que se estendem atravez um terreno montanhoso.

DESENVOLVIMENTO — Como se chama esta bonita flor, que tenho aqui na jarra, Claudio?

— E' uma rosa.

— Você que m'a trouxe, Paulo, vae dizer-me que fez á sua roseira para que ella dê flores tão bonitas.

— Rego-a todas as noites.

— Se a não regasse, que aconteceria á pobre planta, Julio?

— Seccaria...

— Sim; vocês sabem muito bem que as plantas se alimentam de agua, em que vão dissolvidas muitas substancias mineraes encontradas no sólo em que se lhes prendem as raizes.

Só o que eu queria que vocês me dissessem muito direitinho é como a agua que o jardineiro faz esguichar da bomba ou chover do regador, vae encontrar essas raizes, que estão sempre tão bem escondidinhas na terra...

...Ora, pensemos um pouco: que aconteceria se eu sahisse á rua sob um aguaceiro, sem a minha capa impermeavel?

— Ficaria toda molhada...

— Sim, a agua da chuva chegaria até o meu corpo... Mas por onde passaria ella?

— ...Pelas roupas...

— Mas olhem bem que as minhas roupas não estavam rotas... Será que assim mesmo teriam algum furinho, algum orificio por onde a agua penetrasse, Octavio?

— Tinham, sim, senhora, os póros.

— Muito bem. Você conhece muitos corpos porosos, Pedro?

— Todos o são.

— Ah!... então de nada me valeria vestir a minha capa, para sahir sob o aguaceiro, porque me molharia da mesma fórma, não acha, Cesar?

...Pedro me disse que todos os corpos são porosos...

— Mas é que uns o são mais do que outros.

— Ah! bem. Então a substancia de que é feita a minha capa tambem é porosa; mas os seus póros são de tal modo invisiveis, imperceptiveis e tão impossiveis de penetrar por qualquer liquido, que é como se essa substancia fosse desprovida de póros, fosse absolutamente impermeavel.

Ora, a terra, que o jardineiro de vez em quando revolve, será impermeavel, Carlos?

— Não, senhora; é muito porosa.

— Então, que faz a agua que cáe sobre ella, Mario?

— Atravessa-a...

— Perfeitamente. Atravessa-a tão bem como a agua que se põe nas talhas atravessa a pedra de filtro.

Infiltra-se, não é assim?, pela terra e é desse modo que alcança as raizes das plantas.

Se, porém, em vez da agua de um regador, fosse da agua abundante da chuva, que se tratasse, observar-se-hia o mesmo phenomeno, André?

— Sim, senhora.

— Mas veja bem: uns dez ou doze litros dagua, que o jardineiro despeja ao pé de uma planta, infiltra-se pelo sólo até alcançar-lhe, mais ou menos, as raizes. As centenas de litros dagua de uma chuva caudalosa, infiltrando-se em parte pelo mesmo sólo, penetrariam mais ou menos que isso?

— Muito mais.

— Quem me saberá dizer até onde iria essa agua?

— Até...

— Vamos ver aqui num desenho as diversas camadas mineraes que constituem o sólo.

Primeiro temos a areia, os cascalhos... que são muito porosos, muito permeaveis; portanto, a agua os atravessa com facilidade. Mas o sólo não é só constituído de areias e cascasas altas.

Se o penetrarmos muito, encontraremos sob todas essas camadas movediças, uma impermeavel, constituída de argila ou de rocha firme.

Assim, a agua depois de atravessar todas as camadas superficiaes do sólo vae tambem encontrar essa camada, que lhe é impossivel atravessar.

E que succede então, Heitor?

— A agua fórma um deposito subterraneo.

— Muito bem.

Ora, num terreno cuja camada impermeavel de argila obedecer a um grande declive, teremos que o lençol dagua que sobre ella descansa, ficará nas mesmas condições em que ficaria se estivesse depositado em grandes vasos communicantes.

Todos vocês já sabem que nos vasos com-

municantes, sejam quaes forem as suas dimensões e fórmas, a agua sobe sempre em todos á mesma altura.

Sendo assim, se cavarmos um poço, na baixada e da figura, até encontrarmos o lençol dagua depositado na camada de argila, estabeleceremos um terceiro braço nos vasos communicantes do nosso caso, não é assim?

E a agua, que na parte mais alta do terreno tem o seu nivel em *a*, até que altura tenderá a subir no lugar em que a captarmos?

— Até á mesma altura *a*.

— E, mesmo sem o auxilio de nenhum tubo, da mesma fórma que quando se rompe o chumbo de um encanamento — o que vocês todos, com certeza, já observaram — veriamos a agua esguichar, jorrar para cima, tendendo a alcançar o nivel commum *a* e *b*.

Aos jactos dagua obtidos por esse processo, dá-se o nome de "Poços artesianos", nome derivado de Artois, antiga provincia de França, onde foram construidos os primeiros desses poços.

De igual maneira se constróem esses bonitos repuxos que vemos em jardins publicos ou não.

E é ainda attendendo ao principio de equilibrio dos liquidos em vasos communicantes que vocês vêem as caixas dagua collocadas num lugar muito elevado, para que desse modo possa circular até os ultimos andares das ca-

CHIMICA

3.º ANNO

Corpos simples

Material da lição — Pedacos de ferro, zinco, chumbo, enxofre, madeira, giz, gesso, sal de cozinha, bolas de naphalina, pedra-hume, tinta cal, vasos com agua, benzina, etc.

Direcção pedagogica. — Por meio de simples conversação, deve o mestre levar as crianças á conclusão de que ha na natureza muita cousa que nos impressiona os sentidos — é a materia. Lembre ainda que outras ha que, embora impressionando os sentidos, não são materia; são sim meios desta manifestar a sua existencia, como a sombra, o calor, etc. Explique que a porção limitada de qualquer materia se chama *corpo*, e mostre que ha corpos constituídos por uma só materia e corpos formados por duas ou mais materias. Classifique-os em corpos simples e compostos, e dê a divisão destes em binarios, ternarios e quaternarios, tudo isso por meio de exemplos bastante conhecidos das crianças.

Desenvolvimento — De que será feita, Paulo, a medalha de Nair?

— Parece ser de ouro.

— E esta caneta tambem será de ouro?

— Não, senhor. E' de prata.

— Perfeitamente. Como conheceu você que uma é de ouro e outra de prata?

— Pela côr, brilho, etc.

— Muito bem. Então, o ouro, a prata, a ma-

deira, o zinco, etc., impressionam os nossos sentidos, não é assim?

Tudo aquillo que nos impressiona os sentidos é materia. Logc. o ouro, a prata, o zinco, a madeira são...

— Materias.

— Dê-me exemplo de uma materia, Jcrge?

— O chumbo, a agua, o estanho.

— A sombra nos impressiona a vista, a voz nos impressiona o ouvido. Serão tambem materias? Não! São meios, modos da materia manifestar a sua existencia.

— Nesta caneta, Dario, está empregada toda a prata que existe?

— Não, senhor. Ha apenas um pouco de prata.

— Sim. Aqui está uma porção limitada da materia e não toda a materia.

A' porção limitada da materia chama-se *corpo*. Então, a caneta e um...

— Corpo.

— Dê-me exemplos de outros corpos.

— Um anel de ouro, uma tesoura, etc.

— Que será isto, Henrique?

— São bagos de chumbo.

— Perfeitamente. Si examinarmos bem estes bagos, não encontraremos aqui outra substancia, outra materia, a não ser o proprio chumbo, mas, si por meio de processos, examinássemos este corpo — o giz, ou est'outro — a madeira, acharíamos diversas especies de materia ou substancias.

Ha então corpos constituídos por uma só especie de materia e corpos constituídos por mais de uma substancia. Os corpos constituídos por uma só materia chamam-se *simples* e os outros *compostos*.

Os bagos de chumbo são então corpos...

— Simples.

— E o giz, a madeira?

— São corpos compostos.

Além do chumbo são tambem corpos simples o ouro, a prata, o ferro, o zinco, o cobre, o enxofre, o hydrogeno, o oxygeno, que encontramos na composição da agua, o azoto, que existe no ar atmosferico, o bromo, o iodo, o phosphoro, o carbono, o sodio, o potassio, o mercurio, que é liquido, empregado nos thermometros e barometros, o alluminio, etc.

Os corpos compostos que resultam da combinação dos simples são em numero extraordinariamente grande: a agua que vocês tanto conhecem, é constituída por oxygeno e hydrogeno; o sal de cozinha tambem chamado chlorureto de sodio, composto de chloro e sodio; a benzina, empregada para tirar nodoas de gordura, é composta de carbono e hydrogeno; o giz compõe-se de carbono, oxygeno e calcio; a madeira é constituída por carbono, oxygeno e hydrogeno; a carne, que é um alimento, compõe-se de carbono, oxygeno, hydrogeno e azoto. Vêem então que dos corpos compostos uns são constituídos por dous corpos simples, outros por tres e ainda outros por quatro.

Os corpos formados por dous corpos simples, como a agua, o sal de cozinha, etc. são chamados *compostos binarios*; os constituídos por tres, *compostos ternarios*, e aquelles em cuja

composição entram quatro, *compostos quaternarios*.

— O iodo será um corpo simples ou composto?

— E' simples.

— Porque?

— Porque é constituído por uma só materia.

— Dê-me exemplos de corpos simples, Pedro.

— O ouro, o ferro, o cobre, o azoto, etc.

— E a agua tambem será um corpo simples?

— Não, senhor. E' um corpo composto.

— De quantas substancias se compõe a agua?

— De duas: oxygeno e hydrogeno.

Muito bem. Diga-me, agora, Oswaldo, como se chamam os corpos constituídos por dous corpos simples.

— Compostos binarios.

— Conhece mais algum composto binario?

— A benzina, o sal de cozinha.

— Este bastão de giz tambem será um composto binario?

— Não, senhor. E' um composto ternario, porque nelle entram tres corpos simples.

— Cite, Mario, um composto quaternario.

— A carne.

— O quinino, a morphina, lembrará ainda o professor.

Recapitule o mestre muitas vezes estas noções, para que fiquem bem gravadas, e não se esqueça de, á medida que as fôr ministrando, ir fazendo na pedra o quadro synoptico que, além de facilitar o ensino, prenderá ainda mais a attenção das crianças.

HYGIENE

ACCIDENTES

Os primeiros curativos nos accidentes precedem, em geral, os cuidados medicos, pela urgencia de soccorros. Assim, é de toda a vantagem o conhecimento de alguns recursos praticos, muito efficazes, e que atalham consequencias graves, na maioria dos casos.

Tratando-se de contusões, entorses, luxações, abrandam-se as dôres applicando sobre a parte offendida, compressas embebidas em agua vegetal mineral ou agua fria. A fractura de um osso é accidente mais grave, requer intervenção cirurgica immediata. Mas, si na occasião não ha o recurso medico, deita-se o enfermo sobre uma cama, procurando manter o membro fracturado em posição natural e immovel. Para acalmar as dôres applicam-se compressas de agua fria.

Nos casos de ferimentos profundos, seguidos de hemorragia, comprime-se fortemente a arteria ou a veia, por meio de ataduras, afim de fazer cessar a perda de sangue.

Para limpar o ferimento pode-se usar agua fervida misturada com uma porção de chloro de sodio, o que constitue a chamada agua physiologica, — ou então o liquido de Dakin. A vasilha que contiver a agua fervida ou o liquido, será previamente flambada.

Para tratar o ferimento é preciso lavar muito bem as mãos com agua e sabão, escovar as unhas e passar alcool, tendo o cuidado de as não enchugar. Uma vez limpa a ferida, cobre-se com algodão hydrophilo ou envolve-se a par-

te doente com uma atadura de gaze antiseptica, aberta na occasião de servir. Usa-se tambem passar sobre o ferimento uma ligeira camada de tintura de iodo, recente, porquanto o iodo concentrado não é conveniente.

Nas hemorragias nasaes pôde ser empregado o perchloreto de ferro na dosagem de uma ou duas gottas em um copo de agua que se faz sorver pelo nariz. Outros meios tambem se empregam para fazer cessar a epitaxe, tão cominum e tão facil de se combater. A's vezes, é sufficiente molhar as fontes e a testa com agua sedativa ou agua e vinagre.

As queimaduras tratam-se cobrindo a parte queimada com uma parte de linimento de oleo-calcareo, ou mesmo azeite, vaselina borica, emfim, qualquer substancia oleosa ou gordurosa, sobre a qual se põe algodão cardado e se fixa por meio de uma atadura. Quando se trata de queimaduras por liquidos corrosivos, acidos, potassa ou soda caustica, deve-se secar a chaga com algodão hydrophilo antes de fazer o tratamento.

As vertigens e as syncopes são provocadas pelo calor, falta de ar, aromas fortes, incommodos digestivos, anemia, emoções fortes, etc. Desapertam-se as vestes do doente, que deve ser deitado em logar arejado; friccionam-se os pulsos e as fontes com vinagre ou agua de Colonia, e dá-se a respirar ether ou saes inglezes.

Os casos de envenenamento são muito variados. Qualquer, porém, que seja a causa, o primeiro cuidado é excitar os vomitos fazendo o doente beber agua morna ou agua albuminosa, que se prepara com claras de ovos batidas e misturadas com agua.

Na asphyxia por submersão tiram-se as roupas do afogado, fricciona-se fortemente o corpo com um panno de lã para restabelecer a circulação do sangue, e trata-se de provocar a respiração fazendo tracções rythmadas na lingua e movimentos ordenados e continuos nos braços do paciente. Aos asphyxiados por estrangulação ou respiração de gazes deleterios, prodigaliam-se os mesmos cuidados.

As picadas de insectos tornam-se inoffensivas por meio da cauterisação com uma gotta de ammoniaco puro. Usam-se tambem as soluções antisepticas boricadas ou phenicadas. Quando as picadas são de vespa ou de abelha deve-se ter o cuidado de tirar o agulhão, caso tenha ficado na ferida.

As dentadas de cães e as picadas de cobras exigem cuidados immediatos e especiaes que se ministram, no primeiro caso, no Instituto Pasteur, e para o segundo ha a injeção de serum contra o envenenamnto decorrente.

HISTORIA NATURAL

6.º ANNO

(Revisão de materia do 5.º anno)

INVERTEBRADOS

ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA

O alumno de escola primaria, em geral, vê e observa mal.

Duas são as causas principaes desse gran-

de defeito. A primeira é que nas classes elementares o professor não procura educar sómente, dá as noções sem a observação directa e minuciosa dos seres donde provêm, ministra abstracções a quem não as pôde elaborar e o cerebro infantil fica com um arsenal completo de palavras que para elle não têm o menor sentido. E no entanto as lições de cousas apparecerem no programma do 1.º anno para lembrar justamente que é pelas sciencias physicas e naturaes que se ensina a observar, a distinguir e até a deduzir. Ellas educam a intelligencia, tornando-a apta a comprehender mais tarde os factos naturaes que não comportam uma observação directa.

Assim, si é possivel dar concretamente uma lição de cousas no 1.º anno, não o será para a digestão no 4.º anno.

Para isto, porém, é que o professor deve desde aquelle anno juntar ao objecto, a estampa.

Mostrando uma flôr, um fructo, uma planta ou um animal e as estampas correspondentes, ensina o alumno a apanhar logo as relações entre a realidade e o que é apenas a reprodução da realidade e mais tarde não encontrará difficuldade, com esta educação da imaginação, em comprehender os phenomenos que não são dados observar directamente. Educar, educar e sempre educar tal deve ser o ideal da escola primaria, principalmente nas classes elementares. Que nos importa que se percam muitas das noções que damos, si a intelligencia com ellas se tornou mais apta á comprehensão de factos posteriores?

O segundo mal é que nas classes adiantadas o professor tem a preoccupação do exame. O essencial ahi é que o alumno saiba para o exame e não para que fique educado mentalmente. Dahi o fracasso do ensino das diversas disciplinas, que dependem de observação.

E' que isso arma o effeito para o exame e é muitissimo mais facil para o professor. Por exemplo, no ponto que vamos tratar é mais commodo dar uma simples classificação de invertebrados, dando nominalmente exemplos de cada classe, que levar alguns desses animaes, estampas de outros, fazer com que os alumnos descubram as differenças essenciaes que ha entre ellés e encaminhal-os, chamando-lhes a attenção para certas particularidades conforme o ponto de vista que queremos classificar-os, a fazerem elles mesmos a classificação necessaria. Daríamos então o nome peculiar a cada classe de invertebrados e fariamos com que procurassem os animaes semelhantes ao typo que serviu para a classificação. Mas, dirão, que trabalho enorme terá o professor! Será, porém, um trabalho que não mais se perderá. Difficilmente o alumno esquece as descobertas que faz.

Esta classificação dos invertebrados ficará na memoria da criança por muito mais tempo que a que dêmos sem este trabalho de observação. E' preferivel que o alumno tenha menor numero de noções, porém firmes, que innumerous conhecimentos que se irão ao primeiro descanso de férias.

Estas classificações devem ter a vantagem

de dar ordem ao trabalho intellectual e procurar interessar a criança para que faça suas observações no reino animal e como os insectos se prestam melhor a este trabalho, o professor, depois de feito o estudo geral, procurará fazer com que os alumnos, com os conhecimentos adquiridos, consigam detalhar a classificação desse ramo dos invertebrados.

Material para a lição: estampas da collecção, E. Steiger Comp., da collecção Deyrolle e o maior numero de animaes vivos ou mortos que o professor puder conseguir.

Livros de consulta: *H. Natural*, de Pizou — Le Volume — Nelson's Encyclopaedia.

Desenvolvimento. — Leve-se a criança á observação de semelhança entre certos animaes (forma, fixidez), e algumas plantas para dahi partir a classificação.

Mostrar a differença essencial no reino animal — protozoarios e metazoarios, os segundos sendo por alguns considerados agrupamentos dos primeiros. Nos protozoarios a reprodução se faz segmentando-se qualquer parte do animal. Dividem-se: Rhizopodes (rhiza — raiz — podes — pés), são desprovidos de membranas e consideram os seres mais elementares de escola animal, moneras e amebas.

Dizer que destas ultimas ha uma especie que vive no tubo digestivo provocando a dysenteria e a diarrhéa.

Infusorios — assim chamados por se desenvolverem nas infusões de hervas. O corpo já apresenta cilios vibráteis e órgãos excretorios. Algumas especies têm um rudimento de tubo digestivo e outras já vivem em colonias.

Nos metazoarios a multiplicação se faz por uma cellula unica que se destaca de outro animal da mesma especie. São considerados como colonias de protozoarios. Os elementos associados se encarregam de differentes funcções para assegurarem reciprocamente a vida. Esta differenciação que apenas é assignalada nas esponjas vaé ter o seu maximo na classe dos vertebrados.

A grande divisão é a de animaes fixos como plantas, sem symetria bi-lateral e a de animaes que se locomovem e têm a symetria bi-lateral. Dahi os:

Phytozoarios — (Phytou — planta — zoon — animal) também chamados zoophytos. Não têm symetria ou a tem em a um eixo ou é radiada. Dividem-se em esponjas, polypos e echinodermas. As esponjas apresentam a nutrição e a respiração por meio dos póros. Podem ser consideradas associações de infusorios.

Os polypos já possuem um tubo digestivo rudimentar e vivem em colonias e se reproduzem destas formas, apresentando combinações bizarras como o coral.

Os echinodermas, assim chamados por apresentarem espinhos calcareos na sua superficie, apresentam aparelho circulatorio e o tubo digestivo já tem abertura de entrada e saída.

A symetria é radiada. Estrella do mar.

O segundo ramo dos metazoarios é o do

artiozoarios (artios — par) que tem a symetria bi-lateral.

Todos os animaes deste ramo se locomovem, o tubo digestivo se apresenta com duas aberturas. Compreendem cinco classes: vermes; arthropodes, molluscos, brachiopodes e vertebrados que já estão estudados.

I. — Os vermes não têm membros articulados, formam-se de anneis e não têm formação calcarea revestindo-lhes o corpo. Têm rudimentos de systema nervoso e as outras funcções estão todas representadas. Nos vermes parasitas ha profundas modificações destas funcções.

II. — Arthropodes (arthron—articulação; podes—pés). Têm o corpo recoberto de um envoltorio protector e é formado de anneis ou segmentos successivos; têm membros que servem á locomoção, á prehensão e á mastigação.

Este envoltorio protector é formado por uma substancia calcarea que se oppõe ao crescimento do animal e em diversas phases da vida elle cae para que se opere a mudança ou o crescimento. E' o phenomeno das metamorphoses.

Podemos classificar os arthropodes pelo numero de patas ou pelo meio em que vivem. Dividem-se em Insectos (3 pares de patas), Arachnideos (4 pares), Crustaceos (5 pares) e Myriapodes (muitos pares).

Os insectos têm o corpo formado de tres partes: cabeças com uma só peça apresentando bocca, olhos e cinco pares de appendices; thorax formado de tres anneis tendo cada, um par de patas locomotrices, articuladas, podendo ser azas ou não os dois ultimos; abdomen formado de 8 a 10 anneis desprovidos de membros e moveis.

As azas não têm sempre a mesma forma; são elytros como nos bezouros, membranosos ou diaphanas como nas libellulas e nas moscas e escamosas como nas borboletas.

Quanto aos appendices da cabeça têm funcções e formas diversas, assim nuus são duros, noutros flexiveis, noutros rigidos conforme a que se destinam.

Todos os insectos soffrem metamorphoses, uns completas, outros incompletas.

Os arachnideos têm 4 pares de patas articuladas, não têm azas. O corpo é dividido em duas regiões. As aranhas secretam um liquido viscoso que forma a teia.

Os crustaceos com 5 pares de patas são arthropodes aquaticos. O corpo é dividido em 3 partes e os appendices da cabeça podem ter diversas formas adaptadas a uma funcção especial. Assim, ha as antenas para o tacto e olfacção, as mandibulas para a mastigação. A respiração se faz por branchias que merguham n'agua.

Os myriapodes têm muitos pares de patas, duas antenas e o corpo é dividido em duas partes.

III. — Molluscos. — Não apresentam segmentação no corpo e são desprovidos de appendices.

O corpo é revestido de uma substancia calcarea. Dividem-se em lamellibranchias que não têm envoltorio ao nascerem; formando-se de-

pois uma concha bivalva; gasteropodes que se movem dentro do envoltorio calcareo e cephalopodes que se caracterizam por terem tentaculos ao redor da bocca.

IV. — Brachiopodes — animaes hoje pouco communs apresentam o envoltorio com duas aberturas.

THEATRO INFANTIL

Corramos á Escola

Personagens: 3 meninas

A — 9 annos
B — 11 "
C — 15 "

A scena se passa nas proximidades do relogio da Gloria.

A e B se apresentam pobremmente vestidas.

A — Então, si sabes tanto, dize: (apontando para o relogio) que horas são?

B — Ah!... isso não sei, só perguntando a alguem. Pergunta-me outras cousas.

A — Que casa é aquella grande, d'alli, da esquina?

B — E' o palacio do Cardeal.

A — Cardeal?... Cardeal é um passaro.

B — Mas esse é gente.

A — Cardeal? Cardeal? que é?

B — Ora, Cardeal, você não sabe? O Cardeal é o Cardeal.

A — Então dize aquella outra casa que tem uma figuras, umas estatuas nas paredes, que é?

B — E'... a casa do Elixir de Nogueira.

A — Ah... não entendo. E aquella outra grande, bonita, que tem um mastro de bandeira, umas letras em cima?

B — Ah!... aquella eu sei muito! E' uma casa onde as crianças vão brincar.

A — Está ahi! Era isso mesmo que eu queria! Tu não sabes!

B — Não sei?

A — Não sabes! Eu sei muito mais! Aquella casa não é onde vão as crianças brincar, não senhora, lá não se brinca, lá se soffre porque (á parte) lembro-me bem, ha um anno mais ou menos, por este tempo, (alto) muitas vezes alli passando ouvi gemidos e... (aproxima-se de B e levando a mão á bocca como para dizer um segredo), muitas vezes vi sahirem caixões de defuntos!... (benzendo-se), Cruz, credo, que medo!

B (rindo) — Que tolice!...

A (zangada) — Tolice? Não senhora! é verdade!... Tolice é essa que alli as crianças vão para brincar, Pois sim!... Eu é que não quero dessas brincadeiras.

B — Vão para brincar, sim, senhora!

A — Não, senhora!

B — Sim, senhora!

A — Não, senhora!

(Empurram-se quando chega uma collegial trazendo livros. Collocando-se entre as duas primeiras)

C — Que é isso?

B — Essa pequena quer saber mais do que eu.

A — Pequena? isso não! sabes. Tu é que és pequena, porque dizes que sabes muito e não sabes nada.

C — Mas que é afinal?

B — Eu disse que aquella casa é onde as crianças vão brincar, disse porque eu vi.

A — E não é. Aquella casa é... não sei o que é, mas lá dentro ha doentes e de lá saem (Benzendo-se) cruz, credo, que medo!... lá eu vi sahirem caixões de mortos.

B (dirigindo a C) — Quem está falando a verdade?

A (dirigindo-se a C) — Quem tem razão? Quem sabe mais?

C — Ambas e nenhuma.

A e B — Como?!

C — Aquella casa? Olhem bem!... A'quella casa vão as crianças e lá brincam, sim; cantam, riem, mas não vão alli sómente para brincar, Aquella casa é uma Escola.

A e B — Uma Escola?

C — Sim, uma Escola, Não vêem o que está escripto?

A e B — Nós não sabemos ler

C (lendo) — Escola Deodoro.

(Continuando)

E sabem o que é uma Escola? E' como o sol, fonte de luz, fonte de vida!...

E' alli, que sob a influencia das luzes da instrucção formam-se os caracteres, nobilitam-se os corações!

A — Mas então...

C (interrompendo-a) — E foi também um hospital.

A e B — Um hospital?

C — Sim. Ha um anno, (voltando-se para A) como tu te lembras, uma triste epidemia que então parecia avassalar o mundo, invadindo a nossa cidade, prostrou tão consideravel numero de pessoas, que se tornou necessario fecharem-se as escolas para abrirem-se os hospitaes. E aquella casa, e aquellas paredes, não mais testemunharam os risos infantis mas as tristes expressões do soffrimento, da dôr!...

E naquellas salas em vez dos vultos queridos das mestras, movimentavam-se preoccupados medicos e sollicitas enfermeiras.

.....

A — E depois?

C — Depois? Exterminada a epidemia foi fechado o hospital e reabriu-se a Escola...

E hoje, alli, nessa nobre casa, os echos não mais repetem os gemidos dos doentes mas os risos felizes das crianças gentis.

B — Como é bonito uma escola!...

C — E sendo triste é também bonito um hospital.

A — Eu quero ir par a Escola.

B — E eu também.

C — Sim, vamos, corramos á Escola porque a escola é como o sol.

B — Fonte de luz.

A — Fonte de vida.

B — E formem-se professoras!

A — E abram muitas escolas!

C (abraçando A e B) — E preparem enfermeiras e melhorem os hospitaes.

(Inclinam-se as tres — Panno)

MARIA MERCEDES MENDES TEIXEIRA.

AS NOSSAS CRIANÇAS

(A' DISTINCTA MESTRA E AMIGA D. FLORIPES ANGLADA LUCAS).

Personagens:

Sylvia — 6 annos
Sinhá — mãe de Sylvia
Dr. Patricio — irmão de Sinhá
Ormindá — criada
Crianças convidadas.

A scena representa uma sala com uma mesa de estudos, cadeiras, etc.

Sentado, junto á mesa, o Dr. Patricio estuda.

Pouco afastado, junto a uma mesinha, Sinhá abre a correspondencia e lê.

Entre os dois e sentada no chão Sylvia brinca com uma boneca.

Sinhá (voltando-se para a filha) — Sylvinha, papae manda dizer-te que o seu maior prazer seria passar o dia de hoje, teu anniversario, contigo, mas que foi completamente impossivel. Que o seu presente será uma bella boneca que comprou em São Paulo e que trará quando vier.

Sylvia (ainda sentada batendo as mãos) — Que bom! que bom! Ficarei com duas bonecas novas — esta que titio me deu, e a que papae vae trazer (choramigando). Só mamãe é que ainda não me deu presente.

Sinhá — Vem cá, meu amor! (Sylvia aproxima-se, acariciando-a). Quero dar-te um presente, sim. Escolhe. Que queres?

(Sylvia pensa e indecisa não responde)

Sinhá — Queres uma boneca?

Sylvia — Não. Já tenho duas.

Sinhá — Queres fructas?

Sylvia — Não. (Com alegria) Ah! Sabes o que é que eu quero?

Sinhá — Que é?

Sylvia — Quero que faças uma festa grande para eu convidar as minhas amigas.

Convidareis todas pelo telephone.

Sinhá (dirigindo-se ao irmão) — Estás ouvindo, mano?

Patricio (levantando a cabeça) — Hein?

Sinhá — Ouviste o que a tua sobrinha escolheu com presente no dia de hoje?

Patricio — Eu estava tão absorto no estudo das molestias que mais nos dão o que fazer, que nada ouvi. Que foi?

Sinhá — Quer que eu lhe dê uma grande festa.

Patricio — Muito bem, muito bem! (Sylvia corre para o tio).

Patricio (beijando-a) — Quem vai organizar a festa, sou eu.

Sylvia — Que vai você fazer?

Patricio — Brinquedos ao ar livre, um jantar sadio, sobre mesas variadas e refrescos.

Sylvia — Só?

Patricio — Ainda mais — mando vir uma banda de musica e assim, no nosso jardim, de aqui a pouco se encontrará tudo o que ha de mais agradável: crianças, musicas e flores.

Sylvia (afastando-se do tio, batendo com os pés e chorando) — Não quero, não quero! Eu quero uma festa como a do dia do anniversario da mamãe.

Patricio — Uma festa de gente grande?

Sylvia — A festa de gente grande, mas os convidados crianças.

Sinhá — Como, minha filha?

Sylvia — Não quero jantar, Quero uma mesa só de doces e bebidas de todas as qualidades. Quero receber as visitas na sala. Quero ir com ellas á mesa e servir-as como foram servidas as tuas amigas e depois quero que haja um grande baile.

Patricio (admirado) — Estás vendo?!...

Sinhá — Coitadinha! Pois sim, minha filha, eu farei. Podes ir ao telephone chamar as tuas amiguinhas.

(Sylvia abraça a mãe e sae correndo)

Patricio — Fazes muito mal em concordar sempre com os caprichos da Sylvia

Sinhá — Ora, isso que é que tem?

Patricio — Que é que tem?... E' o grande defeito da educação dada ás nossas crianças.

Ellas são crianças sómente na idade e na falta de experiencia, quanto ao mais: vestuario, alimentação e até festas, como os maiores, como adultos.

Isto é de consequencias desastrosas. Disso não póde deixar de resentir-se o physico e o moral dessas creaturinhas.

Sinhá — Ora, eu não gosto de contrariar numa cousa tão a toa.

Patricio — A' toa a seu vêr e ao de muitas mães que criam os filhos assim, sem procurar instruir-se do que é necessario para bem educal-os. Desconhecem as mais rudimentares regras higienicas e não medem o alcance e as consequencias de tudo aquillo que póde tão maleficamente influir no moral.

Sinhá — Chega, mano. Já disse que não contrario a pobrezinha

Patricio — Conhecerás um dia como andaste mal.

(Sinhá retira-se)

Patricio (só) — E' isto. Fico tão aborrecido que nem posso continuar estudando. Por mais que se queira fazer vêr a essas mães, não se consegue. Não procuram lêr o que precisam saber para bem educar os filhos e não querem comprehender e attender áquelles que se dão ao trabalho de estudar.

Alimentam as crianças como se fossem adultos. A alimentação é a mesma, accrescendo que as deixam comer a todas as horas.

No vestuario é a mesma cousa. Roupas apertadas que impedem a liberdade dos movimentos.

O calçado é uma lastima!

Pontas finas, saltos altos que produzem danos até nos adultos.

Si é menina, aos doze annos atarracham-na num maldito espartilho. Não raras vezes lhes consentem que, quasi sempre por espirito de

imitação, besuntem as faces com drogas carmins, e não sei mais que, nocivos á pelle e pouco recommendaveis á moral e ao bom senso.

Quem si illude com pinturas?

Sómente os pintados.

E' a mesma cousa quanto ao somno. Em qualquer cinema ou theatro em que se entre á noite, o espectáculo da platéa é o mesmo. Muitas crianças perdendo as melhores horas de somno, respirando um ar viciado, nada recommendavel á saude. Assistindo, muitas vezes, a representações nada proprias. E' triste! E' muito triste contemplar esses quadros que aos olhos do hygienista mostram claramente o aniquilamento das gerações vindouras. Em vez do aphorismo antigo "Mens sana in corpore sano", ocorre como sentença fatal para esses pobrezinhos: um espirito mesquinho e aniquilado num corpo doente e atrophiado.

(Pega o chapéu e tóca a campanhia. Aparece uma criada)

Patricio — Si vier algum cliente procurar-me, diga-lhe que estou dando consultas na pharmacia da esquina.

Criada (curvando-se) — Sim, Senhor.

(Patricio sai e a criada tambem. Entram por outra porta Sinhá e Sylvia Sinhá toca a campanhia. Aparece a criada.)

Sinhá — Ormindá, ponha a mesa tal como a poz para o meu anniversario. Colloque depois sobre ella todos os doces e as bebidas que chegaram da confeitaria.

(Ormindá se curva)

Sinhá (dirigindo-se a Sylvia) — Vai recebendo os teus convidados e conversando enquanto não chega o momento de serem servidos.

Sylvia — Sim, eu sei: Assim como fizeste no dia de teu anniversario. (Sinhá sorri e sai).

(Começam a chegar crianças de todos os tamanhos. Sentam-se umas, outras mexem em tudo. Sinhá apparece na sala e comprimenta a todas.)

(Fazem todas um barulho enorme.)

Sinhá (tapando os ouvidos e dirigindo-se á criada) — Ormindá, acaba de servir depressa. (A Sylvia). Faz as honras da mesa que eu estou com dôr de cabeça, não posso ficar aqui.

Sylvia — Sim, sim, mamãe; depois dos doces é o baile. (Sinhá sae).

Criada — A mesa está prompta.

Sylvia — Vamos, podem tormar seus logares.

(Ha brigas por causa de logares; sentam-se, comem ora com talheres, ora com as mãos.)

Sylvia (para a criada) — Ormindá, sirva licor. (Pouco depois). Sirva cerveja e vinho. (Todos bebem e misturam. Sylvia dirigindo-se aos pequenos). Agora é o baile. Todos têm que dançar, porque a nossa festa é festa de gente grande. (A criada tirando os pratos sae).

Lulú (o menor, quasi chorando) — Eu não sei dançar.

Sylvia (tirando um pequeno e dando algumas voltas) — E' assim, Lulú.

Lulú — Ah! já sei. (Tira uma criança).

Todos — Eu sei, Eu, com você.

Sylvia. — Esperem. No dia do anniversario

da mamãe havia uma pianista, mas hoje não ha, vou dar corda ao gramophone (Da corda, começa a musica, todos volteiam, vão se fingindo tontos, ficando vagarosos e cahindo todos inclusive Sylvia. Entra Ormindá. Deante das crianças dá um grito, sae e volta com Sinhá.

Sinhá corre para um e para outro. Sacode-os, chama-os. Não respondem, Estão quasi todos desacordados. Alguns apenas levantam a cabeça.)

Sinhá — Ormindá, corra, vá chamar o mano. (Ormindá sai).

(Fica Sinhá tentando acordal-os e sem conseguir começa a chorar. Entra Patricio acompanhado da criada.)

Sinhá — Meu querido irmão! Acode-me. Morreram todos!

(Patricio ajoelha-se perto de cada um, vai desapertando as roupas, auscultal-os, e põe um a um nos braços da criada que os leva para dentro. Patricio leva alguns. Sinhá continúa de joelhos, chorando. Depois de ter levado o ultimo, volta Patricio.)

Sinhá (pondo as mãos). — Meu irmão, sou eu a culpada.

Patricio — Até ahi concordo.

Sinhá — Que achas?

Patricio — Posso constatar abuso de bebidas alcoolicas, indigestões e duas congestões, sendo uma em tua filha, criança sanguinea que...

Sinhá (afflicta) — Ha remedio?

Patricio — Por enquanto que se trata de uma congestão physica dou remedio, mas quando se tratar de uma congestão moral...

Sinhá — Meu irmão, perdoa-me. Prometto-te seguir os teus sabios conselhos.

Patricio — e eu te prometto a offerta de uma bella colleccão de livros de hygiene que lerás, em lugar desses romances tolos com os quaes perdes o tempo.

Sinhá (levantando-se) — Eu te prometto, meu querido irmãozinho, que com o maior carinho lerei esses livros, procurando seguir o que elles aconselham.

Patricio (abraçando-a) — Ainda bem.

(Panno)

MARIA MERCEDES MENDES TEIXEIRA.

A ESCOLHA DE UMA PROFISSÃO

Monologo para menino

Eu ando tão preocupado!
Mas creiam, é com razão:
Indeciso, atarefado,
Escolho uma profissão.

Meu pensamento primeiro
Foi ainda, além da nautica:
Seria um bom engenheiro
Si não fosse a mathematica.

Si eu desse um bom literato,
Cultivaria a poesia;
Mas poeta não sou, de facto,
Por isso nada faria.

Das carreiras pesei tudo,
Estou de pensar cançado...
Si não fosse forte o estudo,
Seria um advogado.

Professor? Nem um momento,
Deus me livre! Que supplicio!
Em reter tal pensamento,
Acabaria na hospicio.

Pharmaceutico, pintor,
Toda arte, toda sciencia,
Requereria labor,
E ainda mais — paciencia.

Ser um bravo militar
Já me veio a pensamento,
Mas, pôde o Brasil guerrear...
Desisto. Nem um momento.

E' preciso interpretar
O meu ponto de partida:
Quero, com pouco estudar,
Garantir a minha vida.

E depois, bem descansado,
E' este artigo primeiro,
Muito bem accommodado,
Ganhar o meu bom dinheiro.

E' vontade de meu pae,
Que estude a medicina;
Mas o seu filho não cae,
E' difficil e amofina.

Inda mais, commigo insiste.
Quer que eu seja especialista.
E nessa ideia persiste,
— Que eu seja, quer, oculista.

(Pausa)

Uma ideia! resolvi:
Eu não serei oculista,
Vou direitinho d'aquí,
Dizer-lhe: serei dentista.

Eis emfim, ouvintes nobres,
Que me destes agasalho;
Garharei muito bons cobres,
E terei pouco trabalho.

Para meu pae consolar,
Direi: os olhos são dous,
Com dentes mais vou ganhar.
Pois elles são trinta e dous.

E si alguém entre os Senhores
Foi por acaso dentista,
Não zangue que estou brincando.
Passem bem. Até á vista.

MARIA MERCEDES MENDES TEIXEIRA.

DEZ TOSTÕES EM PRATA!

(MONOLOGO)

(Entra com uma prata de mil réis na mão e diz:)

— Dez tostões, por eu ser boa,
Deu-me agora o meu papae!
Que linda prata!

(Batendo a moeda)

— E resôa!

Das minhas mãos já não sae!
Não! Que por esta cidade,
Ha tanto gatuno agora,
Que, se a visse, a claridade,
Lhe roubára sem demora!
Mas antes que lhe aconteça
Desventura tão sombria,
Eu vou já, compro depressa,
Dez laranjas da Bahia!
Pois, compradas, eu então,
Como-as, mesmo que por isso
Possa ter indigestão!

(Pausa)

Mas, ah!... recordo-me de uma
Que quasi me leva á morte!
Não! Gulodice nenhuma,
Que nos cause mal tão forte!
E quem por guloso pecca,
Da magoa cae nos abrolhos...
Ora! Compro uma boneca,
De abrir e fechar os olhos,
Que seja grande, bem grande,
Que diga: "Mamãe, Papae!",
Faça tudo o que eu lhe mande,
Rindo — "oh! oh!"—chorando, "ai, ai!"
Mas cousa melhor...

(Pausa)

Ah! sim!

Uma fita, um laço mesmo,
Posso comprar, carmezim,
Côr de rosa... ou de torresmo:
E nestes cabellos posto,
Depois de os pentear com arte,
Ficarei de um bello gosto...
Sim, ficarei toda smart...
Porém, muito bem vestida,
As mães que me virem, creio,
Que falarão: — "Presumida!"
— "Querer ser bonita é feio!"
(Ou, ironicas, dirão:
— "Lindo!" — com falsa lisonja,
Pois não pensam, com razão,
Que sou menina, e não monja!

(Outra pausa)

Mas, bom emprego preciso.
Dar aos meus dez tostões!
Reflectimos, pois, com juizo,
Pesando as reflexões...

(Depois de reflectir)

Gosto muito de um vestido...
Mas, tenho melhor miragem:
Ha viver mais divertido,
Do que viver sempre em viagem?
Vêr campos, prados e montes,
Cidades e cafezaes,
E transpôr os horizontes,
No lombo dos animaes?
Vou viajar! Vou, por que não?
Se o progresso nos rodeia,
Sirva-me o progresso então!

(Outro tom)

Para viajar-se lampeiro,

Não ha, fala o nosso povo,
Com o automovel ligeiro,
20 HP., forte e novo...
Compro Benz... Viro o guidon,
E vou logo... toca, toca!
Hoje á Chuia! que bom!
Amanhã á Agua Choca!
E sempre a andar, noite e dia,
(Este meu pensar é egregio!)
Mais se estuda a geographia,
Do que mesmo num collegio,
E assim, vou sem tardança,
Conhecer toda a terra:
Passarei á Italia, á França,
Turquia, Hespanha, Inglaterra!
Verei os lagos que narram,
Haver nas montanhas suissas,
E o paiz onde se amarram
Os cachorros com linguças!
Correrei este astro novel,
Do sol, entre os mais fieis...

(Ao publico)

Bem... quem me vende automovel,
Por este preço: um mil réis?

(Pausa. Fôra se ouve a voz de um pobre)

POBRE

— Menina, esmola para um pobre, me dê pelo
amor de Deus!

(Falando, receiosa)

Um pobre? Escondo depressa,
A prata de que sou dona...

(Mette a prata no bolso do avental)

Dar dez tostões. Menos essa!
E esta gente pendinchona,
Quando recebe uma esmola,
Outros mendigos faz vir,
Lamurientos, de sacola!
Não, não os posso servir,
Pois, tenho falta de cobre!

(Falando para fôra)

Perdõe, meu caro amigo!

(Voltando-se, alegre)

Aos sonhos meus!

(A voz do pobre do lado de fôra, lamurienta):

— Menina, esmola para um pobre, pelo amor
de Deus!

(Enfadada)

— De Deus? Elle a Deus
Invoca, pois, sabe que minh'alma toca.

(Quasi resolvida)

— Mas, se o attendesse?

E depois? Dada esta prata que tenho
Por certo em pezar me afundo...
— E eu que tinha grande empenho,
Em percorrer todo o mundo!
A ter dó dos que soffrem,
Me ensinam nesta casa,
Diariamente, as minhas boas professoras!

(Olhando para fôra — admirada)

— Mas que vejo? E' um coxo, o pobre;
Mal vestido, rôto, velho,
Lembrar o côxo do Evangelho!

(Ao publico)

Ah! meu Deus! O pobresinho,
Teria o desejo fundo,
De tambem pôr-se a caminho
E percorrer todo o mundo!
Entanto, além, na pobreza,
Mal pelas ruas se arrasta...
Da fome talvez é presa.

Presa da sêde nefasta!
Ora, a moeda que, este dia,
Deu-me papae, da gaveta,
Servir-lhe bem poderia,
P'ra comprar uma muleta!
Bastaria, para tanto,
Que eu lh'a desse, feita a esmola,
Que pôde apagar o pranto,
E que os miseros consola!
E Deus dá (que a egreja ensina
Nos sabios dictames seus),
O céu a quem dá proprina,
Pedida em nome de Deus!

(Tira a prata do bolso; com um resto de pena,
mirando-a, revirando-a entre os dedos):

— Mas, perder a minha prata!
Quem me déra o gosto ufano,
Dê vêr as flores da matta
E as ondas altas do oceano!...

(Com resolução)

— Ora, em vez de seguir viagem,
Temendo o mar, o escarcéo,
Vou comprar uma passagem,
Quem um dia leve ao céu!
Quem não vence humanas dôres,
Não será fiel christão!

(Ao publico)

— Fico em casa, meus senhores!

(Indo ao lado onde deve estar o pobre e dando-lhe a moeda)

— Eis a esmola, meu irmão!

(Sae).

B. OCTAVIO.

DIRECTORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PUBLICA

Resumo da matricula e frequencia das escolas diurnas, durante os mezes de Março a Julho de 1919

MEZES	DISTRICTOS ESCOLARES																							TOTAL
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º	13º	14º	15º	16º	17º	18º	19º	20º	21º	22º	23º	
Março	3.548	5.479	4.405	7.564	3.688	3.755	3.222	4.090	3.869	2.939	3.686	2.774	1.627	2.405	1.545	1.704	1.630	1.193	939	879	2.239	1.536	893	65.907
Abril	4.101	6.146	5.144	7.552	4.059	4.199	5.947	4.425	4.435	3.465	4.187	3.078	1.844	3.099	1.815	2.124	1.707	1.310	1.049	1.039	2.679	1.745	1.047	76.256
Maio	4.061	6.265	5.068	7.279	4.336	4.164	5.810	4.803	4.432	3.339	4.186	3.088	1.828	3.061	1.748	2.023	1.826	1.300	1.133	1.004	2.670	1.733	1.066	76.223
Junho	4.037	5.747	5.078	7.120	4.203	4.175	5.734	4.747	3.822	3.204	4.179	3.080	1.934	3.058	1.796		1.808	1.263	1.084	943	2.680	1.731	1.069	
Julho	4.068	5.539	5.065	6.915	4.184	4.113	5.597	4.724	4.357	3.042		3.191	1.956	3.027	1.764		1.813	1.309	1.085	999	2.758	1.732	1.049	

FREQUENCIA

Março	2.320	3.732	2.924	4.699	2.249	2.278	3.614	2.726	2.352	1.693	2.116	1.881	1.033	1.532	778	1.034	915	532	503	320	1.770	849	546	41.362
Abril	2.613	4.095	3.436	5.083	2.860	2.813	4.729	3.141	2.974	2.092	2.778	2.171	1.237	1.852	1.149	1.319	1.186	740	558	453	2.077	1.015	602	51.023
Maio	2.669	4.109	3.300	5.240	2.876	2.894	4.158	3.203	3.071	2.186	2.718	2.347	1.235	1.938	1.188	1.371	1.250	792	612	497	2.131	1.030	576	51.401
Junho	2.497	3.733	3.128	4.603	2.565	2.752	4.033	3.188	2.708	1.701	2.765	2.368	1.190	1.765	1.122		1.223	764	532	433	2.126	957	642	
Julho	2.607	3.794	3.197	4.786	2.557	2.709	4.057	3.014	2.966	1.869		2.337	1.212	1.837	1.141		1.298	808	601	498	2.263	1.013	605	

ESCOLA DE APPLICAÇÃO

MEZES	Mat.	Freq.
Março	612	510
Abril	650	440
Maio	651	494
Junho	651	476
Julho	612	452

326

A ESCOLA PRIMARIA

Indice alphabetico

	PAGS.		PAGS.
A. M. — A revolução social e a falta de instrução	177	Geographia — Esmeralda Masson de Azevedo	258
— — A Paz	241	— Da fadiga escolar — Dr. Leonel Gonzaga	134
— — Autonomia estadual e analfabetismo	209	— Fim da educação. Character e objectivo da instrução primaria. Organizaçã e ensino do 1º anno. — F. Mendes Vianna	6
AFRANIO PEIXOTO — A linguagem e a grammatica. — Conferencia	268	— Fim primordial da educação — Zelia J. de Oliveira Braune	49
ALDA FERREIRA DE SOUZA — O desenho nas classes elementares	71	— Inspeção medico-escolar. Combate á ancylostomiase. — Dr. Barbosa Vianna. — Os dois ultimos annos de arithmetica, na escola primaria, segundo a Commissão dos Quinze — O. de Souza Reis	11 e 41
ALDA P. DA FONSECA — Theatro Infantil — Bons professores	95	CORINTHO DA FONSECA — A Escola Wenceslau Braz	99
Ancylostomiase (Combate á) — Conferencia — Dr. Barbosa Vianna	38	— A musica e o canto na escola primaria. — Educação experimental	16 33
APPELLO DE ANATODE FRANCE AOS PROFESSORES. Aqui e Ali — At.	251 73	— Que é do meu beijo?	36
ARIADNE DOS SANTOS — Lições de Cousas	125	Curiosidades	112
ARITHMETICA — Léonie de F. Anglada — 29, 85, 122, 162, 207, 232 e	300	Derrocada (A) — Sylvio	211
Arithmetica (Adaptação dos problemas de) — Helena	70	Desenho (O) Nas classes elementares — Alda Ferreira de Souza	71
Arithmetica (Os dois ultimos annos de—, na escola primaria, segundo a Commissão dos Quinze) — Conferencia — O. de Souza Reis	11 e 41	DINIZ JUNIOR — O maior problema	242
ARTHUR MAGIOLI — A escola, sua influencia sobre o moral da criança—Conferencia — A reforma da Escola Normal	44 131	— Olavo Bilac	98
— Escola Wenceslau Braz	36	Disciplina — J. F. C.	215
— O ensino da religião nas escolas primarias	213	E. P. M. — A Escola Normal	98
— Reformas e reformas	181	Educação (Fim da) — Conferencia. — F. Mendes Vianna	6
AT. — A idéa central	105	Educação (Fim primordial da) — Conferencia — Zelia J. de Oliveira Braune	49
— — Aqui e Ali	73	Educação do homem e do cidadão. 21, 76, 114, 156, e 199, 219 e	276
Através das Revistas — Helena — 70, 152, 197, 216 e	254	Educação experimental — Coryntho da Fonseca. Ensino primario — Malva	33 4
Autonomia Estadual e Analfabetismo — A. M.	209	Ensino primario (A escola e o) — Conferencia — Esther Pedreira de Mello	58
BARBOSA RODRIGUES—Ruy Barbosa — Apologia. BARBOSA VIANNA — Inspeção medico-escolar. Combate á ancylostomiase — Conferencia	249 38	Ensino primario (O) Clementina da Silva	244
Bibliographia — O. de Souza Reis — Manual de Geographia elemental — J. M.	68	Escola (A) E o ensino primario — Conferencia — Esther Pedreira de Mello	58
C. F. — O estadista do A. B. C.	130	Escola (A) Normal — E. P. M.	98
Camelia (A) — Saldac	149	Escola Normal — Marçal de Campos	212
Canto (A musica e o — na escola primaria) — Coryntho da Fonseca	16	Escola Normal (A reforma da) — Arthur Magioli	131
Cartas Serranas — Maria Stella	34, 151 e 253	Escola Normal (A reforma da) — Esther Pedreira de Mello	210
Chimica	31 e 317	Escola Normal (Exames de admissão A') — Thomaz Delfino	178
Cinema (O) e A Escola — Margarida	106	Escola (A) — Sua influencia sobre o moral da da criança — Conferencia — Arthur Magioli	44
Classe Maternal — Primeiras Noções Geometricas — M. M. Pereira da Fonseca.	69	Escola Wenceslau Braz: Arthur Magioli	36
CLEMENTINA T. DA SILVA — O ensino primario. Composição (A) Nas Escolas — Helena	244 216	Escola (A) Wenceslau Braz — Coryntho da Fonseca	99
Conceitos de um Jéca Tatú — Mozart Lago	245	ESCRAGNOLLE DORIA — Meninas e meninos	242
Conferencias — A escola e o ensino primario — Esther Pedreira de Mello	58	— Out'ora	248
— A escola, sua influencia sobre o moral da criança — Arthur Magioli	44	ESMERALDA MASSON DE AZEVEDO — Breves considerações sobre o ensino da Geographia — Conferencia	258
— A linguagem e a grammatica — Afranio Peixoto	268		
— Breves Considerações sobre o ensino da			

	PAGS.		PAGS.
Esperanto (O) Nas escolas primarias — Sylvio.	133	Mocidade e Velhice — Fabio Luz.....	2
Estadista (O) Do A. B. C. — C. F.	130	MOZART LAGO — Conceitos de um Jéca Tatú.	245
ESTHER PEDREIRA DE MELLO — A escola e o ensino primario — Conferencia...	58	Musica (A) E o canto na escola — Coryntho da Fonseca	16
— A reforma da Escola Normal.....	210		
F. CABRITA — Onze de Outubro de 1881. ...	3	Novo (O) Director — O. S. R.	129
F. MENDES VIANNA — Fim da educação — Conferencia	6	O. DE SOUZA REIS — Os dois ultimos annos de Arithmetica, na escola primaria, segundo a Comissão dos Quinze — Conferencia	11 e 41
FABIO LUZ — Mocidade e velhice.....	2	O. S. R. — A reforma essencial.....	102
Fadiga (Da) Escolar — Conferencia — Dr. Leonel Gonzaga	134	— A proposito de um livro precioso.....	132
Febres eruptivas (Prophylaxia das) — Dr. Leonel Gonzaga	248	— O novo director	129
FROTA PESSOA — Infiltração technica.....	1	— O primeiro problema	97
		OLAVO BILAC — Diniz Junior	98
Geographia — 25, 79, 118, 157, 201, 222 e..	281	Onze de Outubro de 1881 — F. Cabrita.....	3
Geographia (Breves considerações sobre o ensino da) — Conferencia — Esmeralda Masson de Azevedo	258	Outr'ora — Escragnolle Doria.....	248
Geometria	168		
Geometria pratica — M. A.	107	P. DO AMARANTE — Questões de linguagem....	5
Geometricas (Primeiras noções) — M. M. Pedreira da Fonseca	69	P. P. — Questões de linguagem	110
GIRL GUIDES	246	Paz (A) — A. M.	241
HELENA — A composição na escola primaria..	217	Perguntas escriptas e perguntas oraes—Helena.	152
— A proposito das punições.....	153	Physica — 92, 124, 237 e.....	315
— Adaptação dos problemas de Arithmetica	70	Primeiro (O) Problema — O. S. R.	97
— As revisões na escola primaria.....	216	Problema (O melhor) — Diniz Junior.....	242
— Através das revistas—70, 152, 197, 216 e	254	Punições (A proposito das) — Helena.....	153
— Educação attrahente	256		
— Obediencia	254	Que é do meu beijo? — Coryntho da Fonseca.	36
— Perguntas escriptas e oraes.....	152		
— Sinceridade	154	Reforma (A) Do ensino primario.....	182
Historia — 22, 27, 115, 158, 200 220 e.....	277	Reformas e Reformas — Arthur Magioli.....	181
Historia Natural	320	Reforma (A) Essencial — O. S. R.	102
Hygiene — 94, 174 207, 239 e.....	318	Regulamento geral de Instrucção publica do Districto Federal (Projecto para um).	182
		Religião nas escolas primarias (O ensino de) — Arthur Magioli	213
Idéa (A) Central — At.	105	Revisões (As) Na escola primaria — Helena.	216
Infiltração technica — Frota Pessoa.....	1	Revistas (Através das) — Helena, 70, 152, 197, 216 e	254
J. F. C. — Disciplina.....	215	Revolução (A) Social e a falta de instrucção— A. M.	177
J. M. — Bibliographia — O de Souza Reis — Manual de Geographia elementar..	68	RUY BARBOSA — Barbosa Rodrigues.....	249
LEONEL GONZAGA (Dr.) — Da fadiga escolar — Conferencia — Prophylaxia das febres eruptivas	248		
Lições de cousas — Ariadne dos Santos.....	125	SALDADAC — A camelia	149
Lições de cousas	314	Sinceridade — Helena	154
Língua materna — 26, 82, 120, 159, 202, 224 e	282	SYLVIO — A derrocada	211
Linguagem (Questões de) — P. do Amarante.	55	— O Esperanto nas escolas primarias.....	133
Linguagem (Questões de) — P. P.	110		
Linguagem (A) e a grammatica — Conferencia — Afranio Peixoto	268	Theatro infantil	126
Livro precioso (A proposito de um) — O. S. R.	132	— A escolha de uma profissão. — M. Mercedes	326
M. A. — Geometria pratica.....	107	— As nossas crianças — M. Mercedes Mendes Teixeira	324
M. M. PEREIRA DA FONSECA — Classe maternal. Primeiras noções geometricas.....	69	— Bons professores. — Alda P. da Fonseca	95
MALVA — Ensino primario.....	4	— Corramos á escola. — M. M. Mendes Teixeira	327
MARÇAL DE CAMPOS — Escola Normal	212	— Dez tostões em prata. — B. Octaviano.	327
MARGARIDA — O cinema e a escola.....	106	THOMAZ DELFINO — Exames de admissão á Escola normal	178
MARIA STELLA — Cartas Serranas.. 34, 151 e	253		
Meninas e Meninos — Escragnolle Doria.....	242	ZELIA J. DE OLIVEIRA BRAUNE — Fim primordial da educação — Conferencia...	49